FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 104 ★ Nº 35.011 DOMINGO, 9 DE FEVEREIRO DE 2025 R$ 9,90



Eduardo Anizelli/Folhapress

Rodas de samba do Rio vivem fase de ouro, ampliam público e ganham mapeamento oficial

O 'Samba da Volta', que começou em 2021 e se tornou importante movimento cultural; cidade possui cerca de 150 pagodes cadastrados, muitos gratuitos e na rua **Cotidiano A31**

Ganho salarial de servidor do Judiciário ultrapassa reajuste do funcionalismo

Alta acima da inflação chega a 213,6% nos Judiciários estaduais

Funcionários dos Judiciários federal e estaduais lideram nas últimas décadas os ganhos salariais no funcionalismo. Desde 1985, os servidores da Justiça federal obtiveram reajustes de 130,1% acima da inflação, e os dos estados, 213,6%, considerando a mediana dos salários.

A mediana é o valor que está exatamente no meio das remunerações. No caso dos federais do Judiciário, ela é de R$ 15.856, e dos estaduais, R$ 10.197. Os valores dos contracheques desses servidores, no entanto, podem ser maiores se considerados os chamados penduricalhos.

No mesmo período analisado, a mediana de reajuste do conjunto do funcionalismo público do país, considerando Executivos, Legislativos e Judiciários federal, estaduais e municipais, foi de 45,5%, também acima da inflação. Os dados são do governo federal. **Mercado A13**

Pais buscam guardiões para filhos por temor de deportação

Desde a posse de Donald Trump, o pastor Rufo Souza obteve a guarda de mais de 20 crianças pelo medo dos pais brasileiros de serem deportados. O evangélico, que vive legalmente nos EUA, vai quase todos os dias a tribunais no estado de Maryland para participar de audiências que garantem a guarda compartilhada.

Brasileiros que chegaram ao país no segundo voo com 111 deportados nesta sexta (7) falam em alívio após período detidos nos EUA. **Mundo A26 e A27**

Equador tem hoje 3º pleito em 4 anos para presidente

Neste domingo (9), a população do Equador irá às urnas para eleições presidenciais e legislativas em um cenário de violência e apagões. Daniel Noboa, eleito para mandato tampão, é favorito, com Luisa González, herdeira de Rafael Correa, em segundo. **Mundo A29**

Sylvia Colombo

Ante Trump, mexicana mostra pragmatismo

Eis que a presidente Claudia Sheinbaum mostrou-se como uma chefe de Estado digna, firme, dissolvendo dúvidas que existiam a respeito dela antes das eleições. **Mundo A26**

ilustrada



Ilustração Silvis

PARA ONDE VÃO AS NOVELAS BRASILEIRAS

Globo vê audiência cada vez menor, e streamings se apropriam do formato para fisgar público **B4**

MÔNICA BERGAMO

Abdicamos de vaidades, dizem protagonistas de 'Wicked' no Brasil **B2**

esporte

Super Bowl se prepara para receber Trump **A38**

cotidiano

Quem aperta o botão de envio do alerta de temporal? **A30**

Decisões monocráticas do Supremo Tribunal disparam em 15 anos **Política A6**

Produtividade no Brasil se distancia de países com menor carga de trabalho A16

Embate entre Joesley Batista e Carlos Suarez permeia guerra do gás natural

Os empresários Joesley Batista e Carlos Suarez travam disputa judicial envolvendo térmicas no Amazonas. Suarez quer ser ouvido sobre a mudança de contratos das térmicas que a Eletrobras vendeu à Âmbar, dos Batistas. Estes acusam o concorrente de "tentar criar dificuldades para obter vantagens".

O embate é pano de fundo de uma corrida do setor privado para aproveitar o que pode ser a última janela de investimentos em gás natural, em meio à transição energética e à redução da participação estatal. A saída da Petrobras de alguns segmentos abriu espaço para outros competidores. **Mercado A18 e A19**

Plano hidroviário de R$ 8 bi visa novo uso da água em SP

Pela primeira vez, São Paulo terá um plano para orientar a maneira como seus rios, córregos e represas são usados. Sua implementação deve levar 30 anos, ao custo de R$ 8 bilhões. O projeto pretende estimular o transporte de passageiros e de cargas pelos rios. **Cotidiano A29**

EDITORIAIS A2

Reforma política deveria evitar mudanças radicais Sobre rediscussão de regras eleitorais.

No Brasil, prende-se muito e mal A respeito de distorções na população carcerária do país.



Eufrázio

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Reforma política deveria evitar mudanças radicais

Parlamentares voltam a rediscutir normas eleitorais, o que sempre cria riscos de imprudência ou retrocesso; caminho mais seguro é o de melhorias incrementais, como limite para mandatos e voto facultativo

Ano ímpar, no calendário político, é período de tratar das regras das eleições subsequentes. Isso porque a Constituição impõe, nesse tema, o mínimo de 365 dias de carência desde a promulgação para que uma nova lei seja aplicada.

O recém-empossado presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), não perdeu tempo e já anunciou a criação de uma comissão especial para analisar projetos de reforma dos regimentos eleitorais.

A portentosa imaginação dos parlamentares é o limite quando se abre o certame bianual de debates sobre modificações nas regras de acesso ao poder político.

Do ponto de vista do interesse público, há três categorias de intervenção que deveriam ser monitoradas, principalmente para não piorar o que já não é bom e impedir retrocessos em pontos em que houve progressos.

O primeiro risco a evitar é o das reformas radicais, que se propõem a derrubar de chofre pilares do sistema que opera mais ou menos da mesma forma há 40 anos para substituí-los por instituições novíssimas. Representam promessas de maravilhas futuras que, de mais certo mesmo, produzem instabilidade e incertezas.

Nesse gênero de projetos, fala-se novamente em implantar o sistema de eleição distrital misto para vereadores e deputados. Em vez do regime proporcional vigente, em que os partidos têm tantos representantes quanto a sua votação, o distrital misto reserva tipicamente metade das vagas para ser decidida por embates majoritários em circunscrições territoriais. Nesse ponto, de desenhar os distritos, reside um de vários problemas do modelo.

Já o chamado semipresidencialismo, tese que também começa a ser requentada, significaria mudança ainda mais profunda, afetando a divisão dos Poderes. Nada permite cogitar que o eleitorado brasileiro, que rejeitou explicitamente o parlamentarismo em 1993, esteja de acordo com a implantação de uma versão atenuada desse sistema de governo.

O segundo conjunto de intenções a rechaçar são aquelas que fortaleceriam as oligarquias partidárias, já deveras privilegiadas por regras e verbas, dificultando assim a competição eleitoral e a renovação dos representantes.

Do ponto de vista do interesse público, cabe monitorar também propostas que aumentem o já hipertrofiado poder das oligarquias partidárias e assim dificultem a competição e a renovação de quadros na política

Cogita-se restabelecer as doações empresariais para campanhas, o que pode ser positivo se limitado a um valor nominal. Não há, porém, a necessária contrapartida de reduzir o nababesco financiamento público.

Já um terceiro caminho de projetos, os que implicam melhorias pontuais e incrementais no sistema, deveria ser incentivado. Por essa via paulatina o Brasil logrou combater a proliferação de legendas nos últimos anos, processo que não deveria ser ameaçado na atual rodada de reformas.

Adotar o voto facultativo, como o fazem as democracias maduras, e limitar a reeleição no Executivo a duas passagens, sejam elas alternadas ou consecutivas, seriam exemplos de mexidas de sentido focal, evolutivo e seguro.

No Brasil, prende-se muito e mal

Mesmo que o número de vagas no sistema penitenciário tenha quintuplicado entre 2000 e 2023, o déficit subiu 113,5%; é preciso limitar prisões provisórias e rever a lei sobre drogas para evitar superlotação

Segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos divulgados na quinta (6), o número de vagas nas prisões cresceu cinco vezes de 2000 a 2023, chegando a 643.173. Mas, como a população carcerária era de 850.377 pessoas há dois anos, a maior da série histórica, o déficit chegou a 207.204 —alta de 113,5% no período.

A tendência revela que o debate não pode se centrar na expansão da capacidade do sistema. O país ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de população carcerária, atrás de EUA e China. A questão não é que no Brasil deve-se prender mais, e sim que prende-se muito e mal, como indica a taxa de prisões provisórias.

De acordo com o Ministério da Justiça, 27,7% dos detentos aguardavam julgamento no primeiro semestre de 2024. Pela lei, o encarceramento antes de condenação é recurso que deve ser usado com parcimônia, a partir de critérios específicos. Na prática, porém, a exceção tornou-se comum.

Urge, portanto, reduzir as prisões por crimes não violentos e sem decisão judicial definitiva.

Ademais, a falha legislação sobre crimes relacionados a drogas incha as penitenciárias. Nos primeiros seis meses de 2024, 24% dos detentos estavam atrás das grades por tráfico.

Como a lei de 2006 não estipula a diferença entre quem apenas consome e quem vende, negros e pobres sem ligação com facções criminosas tendem a ser enquadrados como traficantes, mesmo se forem só usuários.

Em junho de 2024, o Supremo Tribunal Federal decidiu pelo limite de porte de 40g de maconha para fazer a distinção. Entretanto há outras drogas, e a revisão das penas será gradual, a partir de pedidos dos condenados.

Medidas populistas que visam aumentar ainda mais o encarceramento são, além de ineficazes e desumanas, dispendiosas. O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) estimou o custo anual da lei que impede a chamada "saidinha" de presos, aprovada no ano passado, em cerca de R$ 6 bilhões.

Segundo o Ministério da Justiça, 27,7% dos detentos aguardavam julgamento em 2024. Mas, pela lei, a prisão sem condenação deve ser usada com parcimônia, a partir de critérios específicos

O plano Pena Justa, coordenado pelo CNJ e pelo Ministério da Justiça e apresentado em meados de 2024, é uma iniciativa promissora que busca identificar, a partir de indicadores como personalidade, riscos e necessidades, possibilidades de trabalho e estudo para os detentos e propiciar melhor individualização da pena.

Mas, se o Congresso Nacional não rever sua postura punitivista penal, e se o Judiciário, de forma geral, continuar a encarcerar quando tal medida não for imprescindível, as prisões continuarão abarrotadas de pessoas que nem sequer deveriam estar nelas.

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*), João Cestari (*tecnologia*) e Marcelo Benez (*comercial*)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
860.629 - Fechamento 1º Semestre de 2024
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão







COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

SÃO PAULO

Indignados

Hélio Schwartsman

"Outraged" (Indignados), de Kurt Gray, é um livro adequado a nossos tempos. O autor se propõe a investigar as razões que nos levam a dividir-nos em relação a questões morais e políticas. Basicamente, ele estuda polarização.

A tese central de Gray é que o homem foi, ao longo de sua história evolutiva, muito mais presa do que predador. Isso deixou marcas em nosso psiquismo. A mais notável delas seria um instinto moral baseado na ideia de proteção. Todos os nossos juízos morais seriam uma tentativa de proteger a nós mesmos, nossa família, terceiros ou até valores que visam a manter a coesão social.

O que separa defensores e opositores do aborto não seria uma paleta moral totalmente diversa, mas uma diferença sobre quem é a vítima real da loteria cósmica, a mulher ou o feto.

O alvo principal de Gray é o psicólogo Jonathan Haidt, proponente da teoria dos fundamentos morais. Segundo Haidt, nosso instinto moral é composto por cinco ingredientes. A ideia de proteção é só um deles.

O livro me trouxe um insight valioso. Gray é enfático ao afirmar que, dada nossa história evolutiva, estamos condenados a sempre procurar sinais de perigo. Essa tendência, quando opera num mundo cada vez mais seguro e menos intolerante, faz com que nos preocupemos (e nos dividamos) por questões cada vez menos relevantes.

Isso vale tanto para o mundo físico como para o moral. Crianças da minha geração viajavam no chiqueirinho das Variants e jamais cogitariam de usar capacete para andar de skate ou de bicicleta. Um pai que permitir isso hoje pode ser preso.

De modo análogo, enfrentar o racismo algumas décadas atrás era opor-se a leis que negavam igualdade jurídica a todos os cidadãos; hoje discutimos quais palavras causam desconforto psíquico a quais grupos.

Assustador é pensar que, quanto mais avançarmos, mais obcecados por minudências nos tornaremos. Essa, contudo, é minha visão. Gray é otimista. Acha que há formas de superar os piores aspectos de nossas divisões morais.

helio@uol.com.br

BRASÍLIA

Harmonização artificial

Dora Kramer

Harmonia foi a palavra campeã nas falas dos comandantes dos Três Poderes por ocasião da reabertura dos trabalhos do Legislativo e do Judiciário. Os recados detectados nas entrelinhas ficam na conta livre das interpretações.

A se enxergar o ambiente pelo prisma dos discursos de Luiz Inácio da Silva (PT), Hugo Motta (Republicanos), Davi Alcolumbre (União) e Luís Roberto Barroso, a conclusão seria a de que o perfeito entendimento reinaria sobre a República.

Ocorre que a necessidade de reafirmar afinidades com tanta veemência e insistência já demonstra que suas excelências falaram justamente do que faz falta.

A amizade com os chefes da Câmara e do Senado preconizada por Lula, a promessa de ajudar o governo feita por Motta e Alcolumbre e as loas à convivência entre pessoas "que se querem bem" tecidas pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, contrastam com a realidade dos ruídos e disputas por protagonismo constantes no convívio das instituições.

No chão do Parlamento vimos a guerra de bonés e palavras de ordem entre governistas e oposicionistas num clima que antecipa dificuldades para a construção de consensos em torno de pautas caras ao Planalto.

O presidente da Câmara, Hugo Motta, já avisa: se não mudar o rumo da gastança, Lula não terá apoio no Congresso e pior, tende a se dar mal na eleição de 2026.

Na agenda do STF os temas não falam exatamente a respeito de convergências. No meio dos embates, o Executivo se posiciona de forma hesitante para não desagradar a nenhum dos dois.

A sintonia da teoria não existe na prática. O desequilíbrio entre os Poderes é patente e a tensão permanente. Não se pode falar em normalidade num cenário em que o Planalto escora sua fragilidade no Judiciário que, por sua vez, serve como estuário de contestação a decisões do Legislativo que desagradam o lado perdedor.

Os ditos na reabertura serão testados no decorrer dos trabalhos, a começar pelo enrosco das emendas de cuja solução dependem a reforma ministerial e a aprovação do Orçamento.

RIO DE JANEIRO

A herança da minha mãe

Cleo Guimarães

Dizem que é na separação e na divisão de herança que se conhece o caráter de uma pessoa. Nessa segunda seara, posso dizer que eu e meu irmão passamos com tranquilidade após a recente morte da nossa mãe. Só disputamos (no par ou ímpar) a edição de luxo de uma coletânea da obra infantil do Monteiro Lobato, numa edição de luxo da Brasiliense.

O patrimônio que ela nos deixou veio em livros e discos. Muitos. Nas suas prateleiras tinha de tudo. Todos os clássicos, claro. E o que você imaginar de Clarice Lispector, Rubem Braga, Drummond, Nelson Rodrigues, Katherine Mansfield, Virginia Woolf, Sylvia Plath, Alice Munro.

Livros de fotos belíssimos —de Augusto Malta a Diane Arbus—, uma infinidade de quadrinhos: Maitena, Mafalda, Crumb, Claire Bretécher, cartuns da New Yorker.

Mas o que me pegou mesmo foi "Gente", de Fernando Sabino. São textos publicados nos anos 1970 no Jornal do Brasil, em que o cronista entrevistava personalidades, em longas e deliciosas conversas, repletas de observações e comentários sensíveis.

Roberto Carlos tinha 32 anos e já era o tal quando o recebeu no quarto 607 de um hotel. Ele conta que foi recebido assim: "Senta aí, bicho, quer tomar alguma coisa?". Sabino o descreveu como "um jovem simpático, saudável, quase esportivo", apesar de notar "uma sombra de melancolia em seu olhar".

Já sua percepção acerca de Maria Bethânia foi a de "uma mulher-pássaro, diante do espelho, cabelos presos, roupão amarelo". Ele segue: "O nariz adunco, os olhos voltados para mim: 'Quer um uísque?'". Ele quis. E o papo rolou solto por horas.

No mesmo ano, entrevistou o Rei Pelé, também em um hotel. "Venho encontrá-lo no banheiro, de pijama, fazendo a barba". A foto, tirada por Sabino, eternizou esse momento. Um dos muitos que fazem valer a pena uma vasculhada nos sebos.

"Gente" é uma joia rara.

Cleo Guimarães é editora do F5 na Folha

Ruy Castro
Hoje, excepcionalmente, a coluna não é publicada

Governo de alma sem corpo encara o público

Comunicação pós-analógica não tem nada a ver com lero-lero diplomático nem com informação verdadeira

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Despertando na metade do mandato com a palavra comunicação na cabeça, Lula trocou de secretários, Pimenta por Sidônio. Nome com pedigree latino: Caius Sollis Modestus Apollinaris Sidonius foi genro de imperador, bispo, poeta e diplomata competente. Este último atributo é sugestivo para o recém-chegado, pois qualquer tarefa pública demanda hoje jogo de dentro com as cascavéis do entorno partidário e jogo de fora, estilo Garrincha, para driblar a mentira institucionalizada. Duas manhas familiares à capoeira.

Baiano, Sidônio pode até ser esperto em ambas. Mas a comunicação pós-analógica não tem nada a ver com lero-lero diplomático nem com informação verdadeira. Tem a ver com crença. E o que se transforma em convicção não é a qualidade das proposições, mas a solidez do sistema em que aparecem. A força da convicção pode ser maior que a da verdade.

O primeiro meio-ambiente do indivíduo é a própria mente, mas essa "morada" primeira é condicionada por um comum inerente ao meio vital. Aprende-se por confiança na autoridade das fontes (pais, professores). Só que a rede eletrônica cria hoje um meio (vital?) em que algoritmos autônomos abrem caminho para discursos subterrâneos incontroláveis.

Daí uma realidade separada, com lógica e linguagem próprias, sem referências objetivas e sem compromisso com verdade. Nada impede que o falseamento se converta em objeto de desejo, não tanto como mentira deliberada, mas como "psitacismo" ou fala de papagaio, mera repetição do que se ouve. Isso que neoliberais e adictos de redes sociais confundem com liberdade de expressão.

Voltada para estruturas político-econômicas e velhas utopias, a esquerda jurássica confundiu comunicação com propaganda, desconhecendo sua função

Não erra quem diz que essa é uma visão acadêmica. De fato, se trata de conhecimento familiar a pesquisadores da era pós-analógica. Comunicação sempre foi encontro simbólico de duas partes, portanto, diálogo radical, e não transmissão unilateral de conteúdos de um polo a outro. Voltada para estruturas político-econômicas e velhas utopias, a esquerda jurássica confundiu comunicação com propaganda, desconhecendo sua função, que hoje atende à lógica das sensações, e não dos argumentos. Perdeu o rumo sob o capitalismo financeiro, com a digitalização dos meios vitais. Não que a direita tenha entendido, mas aproveitou: a ignorância torna-se douta à sombra da arrogância dos pretensos donos da verdade.

Assim, dúvidas razoáveis sobre a nova empreitada. O governo tem alma, mas velha, já sem corpo. Sidônio aperfeiçoaria a informação, tirando ministérios da conveniente letargia, falando para além da bolha. Para isso, uma campanha de mobilização democrática nesse instante de realinhamento ou esfacelamento da direita. Com discurso sincero e boa diplomacia, a verdade se mostraria. Analógica, claro. Os epígonos de Caius Sidonius aplaudiriam.

Mas será que a questão é só de bem comunicar? De apenas evitar falhas como a do Pix? Se for, Sidônio, na Idade Média como na Mídia, o que se exige de uma comunicação sensível para as massas é pão, segurança, circo e uma cara (um foco visível), que o governo não tem. E dificilmente terá enquanto refém emparedado pela máquina parasitária de "unidades orçamentárias" (em vez de representantes do povo) chamada centrão, cuja estratégia é a não comunicação, o silêncio da caverna de Ali-Babá.

Eufrázio

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Tribunal de precedentes com números sem precedentes

Abarrotamento do STJ não encontra similar em democracias respeitadas do mundo; chegou a hora de tomar providências e afastar o risco de implosão

Antonio Herman Benjamin
Presidente do Superior Tribunal de Justiça

O Superior Tribunal de Justiça (STJ) encerrou 2024 com cifras que impressionam pelo gigantismo e preocupam pelos impactos negativos no desempenho satisfatório de suas funções. Marco inédito, os seus 33 ministros receberam mais de 500 mil processos e proferiram quase 700 mil decisões, aproximadamente uma em quatro minutos e meio.

Cálculo que computa oito horas de todos os dias úteis e não subtrai a duração de sessões presenciais de julgamento, atendimento a advogados, reuniões e outras atividades institucionais. Uma quantidade que supera a soma dos 11 anos iniciais da corte e mostra-se absolutamente incompatível com a capacidade humana de gestão de demanda recursal.

O abarrotamento do STJ não encontra similar em democracias respeitadas do mundo. Ao compará-lo com organismos análogos, a disparidade anual é gritante. Na França, com uma população de 68 milhões e dois tribunais nacionais que, juntos, correspondem ao STJ, as estatísticas são assaz distintas. A Corte de Cassação e o Conselho de Estado, cada qual com algo em torno de 200 ministros ("conseillers"), decidem, em média, de 10 a 20 mil processos. Na Índia, com 1,4 bilhão de habitantes, a Corte Suprema de 34 ministros prolata em torno de mil decisões.

De pronto, já se diga não ser correto atribuir a explosão de feitos no STJ ao recente reconhecimento de novos direitos, em particular a sujeitos antes preteridos. Muito menos advém de uma certa patologia social de litigiosidade compulsiva da gran de massa. Saliente-se, ademais, que, ao oposto de outros países, não decorre de carência de pessoal ou meios financeiros, atraso tecnológico, deficiência administrativa, apatia ou baixa operosidade dos seus membros.

A fonte principal da avalanche de recursos acha-se em outro lugar: a transmutação da corte em terceira instância universal, aberta à revisão de toda e qualquer decisão dos 27 Tribunais de Justiça e seis Tribunais Regionais Federais do Brasil.

No presente debate, portanto, impõe-se começar pela reafirmação da "raison d'être" precípua do STJ, ou seja, a uniformização da interpretação da legislação federal nos quatro cantos do Brasil. Dele se espera que cumpra o seu ofício pela fixação de teses —precedentes pacificadores de entendimentos divergentes—, com o objetivo de garantir previsibilidade, isonomia e segurança jurídica à população e às empresas, simplificando a atuação do juiz, estimulando o empreendedorismo e reforçando a coerência do ordenamento jurídico nacional.

Um caos numérico de 500 mil novos recursos nunca foi, nem será, caminho para assegurar justiça, pois, não obstante a maior atenção possível dos julgadores, zelo extremado algum conseguirá evitar a morosidade e a discrepância de decisões

Um caos numérico de 500 mil novos recursos nunca foi, nem será, caminho para assegurar justiça, pois, não obstante a maior atenção possível dos julgadores, zelo extremado algum conseguirá evitar a morosidade, imprevisibilidade e discrepância de decisões. E, sabemos, o direito definha em clima de acaso e de jogo de azar. Logo, não fechemos os olhos à inexequibilidade total —pura ficção ou delírio— de ministros do STJ proferirem uma decisão em quatro minutos e meio.

O ato de julgar, por natureza, abomina a precipitação e a superficialidade, exige estudo e ponderação. Numa palavra, oportunidade para pensar. O juiz não é um burocrata a mais, com um carimbo padronizado à mão, nem carrega varinha de condão para, do éter, colher uma decisão adequada.

Que soluções se apresentam para o Superior Tribunal de Justiça? Problemas estruturais reclamam soluções estruturais. Desdenham paliativos, expedientes engenhosos e fórmulas transitórias. Daí que só uma medida vai à raiz da emergência do (anti)sistema recursal do STJ: repor o tribunal às fronteiras de sua gênese, uma instituição destinada a julgar casos de relevância nacional, na linha da emenda constitucional 125/2022.

Confiar em milagres da revolução tecnológica e da automação? Ora, se o ato de julgar resiste ao mecanicismo, nenhuma ferramenta substituirá completamente o julgador. Aumentar o número de ministros? Duplicar? Sairíamos de uma decisão a cada quatro minutos e meio para uma em nove minutos. Decuplicar? Teríamos 333 ministros, com uma decisão a cada 45 minutos.

A crise recursal do STJ prejudica o Brasil. Enfraquece a legitimidade do direito, desampara os cidadãos, afeta a economia e o ambiente dos negócios, corrói as contas públicas. Chegou a hora de acordar e tomar providências imediatas para afastar o risco de implosão do Tribunal da Cidadania.

A geografia serve para fazer a paz

No mundo complexo de hoje, reduzir a carga horária da disciplina, como estabelecido em SP, compromete o desenvolvimento do pensamento crítico

Vanda de Claudino Sales
Presidente da Associação Brasileira de Geografia Física; professora aposentada da Universidade Federal do Ceará e professora visitante da Universidade Federal de Pelotas

A o final de 2024, o Diário Oficial do Estado de São Paulo publicou duas resoluções da Secretaria da Educação, estabelecendo as diretrizes do ensino básico da rede estadual de ensino de São Paulo para 2025. Essas resoluções reduzem a carga horária de geografia, sob alegação de adequação às diretrizes nacionais e estaduais, bem como ao Sistema Nacional de Educação.

Essa alteração suscita questões sobre os impactos na formação de jovens. A geografia fornece uma compreensão crítica das dinâmicas sociais, políticas, culturais e ambientais que permeiam a sociedade. Ela possibilita que os alunos entendam os fenômenos globais, como as mudanças climáticas, as migrações, as desigualdades sociais e as interconexões econômicas. A redução da carga horária pode levar a uma formação superficial, comprometendo a capacidade dos estudantes de desenvolverem pensamento crítico e visão globalizada.

A ideia de que a simplificação do currículo resultará em maior eficiência e desempenho dos alunos ignora a complexidade do conhecimento e a necessidade de uma educação que forme cidadãos conscientes e engajados. A educação não pode ser vista apenas como um meio para se obter uma vaga no mercado de trabalho, mas como uma ferramenta de transformação social. A diminuição do tempo dedicado à geografia pode diminuir a sensibilidade dos alunos em relação às questões sociais e ambientais, essenciais em um mundo cada vez mais interconectado.

A decisão de reduzir a carga horária da disciplina reflete descaso com a diversidade de saberes. O Brasil é um país de dimensões continentais, com uma rica pluralidade cultural e geográfica. O estudo da geografia é vital para que os jovens compreendam a complexidade do seu próprio país e as diferentes realidades que o compõem. A diminuição da carga horária pode perpetuar uma visão distorcida e simplificada das questões regionais, levando a uma falta de empatia e compreensão entre os diferentes grupos sociais.

A diminuição da carga horária pode perpetuar uma visão distorcida e simplificada das questões regionais, levando a uma falta de empatia e compreensão entre os diferentes grupos sociais

As escolas públicas frequentemente enfrentam desafios como recursos limitados, falta de infraestrutura e profissionais qualificados. À medida que conteúdos essenciais são eliminados ou reduzidos, corre-se o risco de que os alunos dessas instituições tenham uma formação ainda menos completa do que a que já enfrentam, o que pode resultar em uma geração de cidadãos sem os conhecimentos necessários para enfrentar desafios.

A opção em pauta representa uma visão estreita do que deve ser a educação, desconsiderando as múltiplas dimensões que envolvem o ensino e a aprendizagem. Em vez de cortes, seria mais produtivo buscar formas de integrar e enriquecer o aprendizado, investindo em uma educação que realmente prepare os jovens para a vida em sociedade.

Nesse sentido, corre nas mídias sociais um abaixo-assinado organizado pela Associação Brasileira de Geografia Física com já mais de 5.000 assinaturas, dirigido ao governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), solicitando revisão dessa decisão. Esperamos que nossas palavras ecoem junto às autoridades paulistas!

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Acidente aéreo

"Avião cai em avenida na Barra Funda, zona oeste de SP, e deixa 2 mortos" (Cotidiano, 7/2). Têm sido frequentes os desastres aéreos com aeronaves de pequeno porte, geralmente são aviões antigos e precisam ser melhor fiscalizados pelas autoridades, com pronta resposta para diagnóstico da causa do acidente. No momento, o Campo de Marte precisa ser desativado e ir para longe do centro e de prédios, verdadeiros espigões na cidade de pedra, e se verificar um distanciamento que não coloque em risco a sociedade, com sérias consequências de catastróficas.
Carlos Henrique Abrao (São Paulo, SP)



Bombeiros trabalham ao lado de partes da aeronave que caiu na Barra Funda, zona oeste de São Paulo Rafaela Araújo - 7.fev.25/Folhapress

*

"Anac apontou inconformidades na vistoria de importação do avião que caiu em SP" (Mônica Bergamo, 7/2). Pássaros no motor, piloto esquecer de dividir o peso do combustível entre as asas, pane elétrica, situações assim derrubaram aviões de pequeno porte antes. Aguardemos. O fato é que avião de pequeno porte é menos seguro do que jatos comerciais. Um risco que os milionários correm por livre e espontânea vontade.
Carlos Eduardo Martins (São Paulo, SP)

Trump 2

"Donald Trump se ocupa demais com a teoria para lidar com os fatos" (Ricardo Araújo Pereira, 8/2). Grande parte do povo adora o sujeito, ele foi eleito duas vezes.
Marina Gutierrez (Sertãozinho, SP)

De volta ao Brasil

"Brasileiros deportados dos EUA falam em alívio de voltar e celebram acolhida" (Mundo, 7/2). Bem-vindos de volta para casa. Nada como o nosso país.
Fatima Marinho (São Paulo, SP)

Hugo Motta

"Motta escorregou na largada e precisa examinar melhor 8/1, diz coordenador do Prerrogativas" (Painel, 8/2). Defender a anistia aos golpistas de 8/1 não é papel do presidente da Câmara; nem tão pouco criticar penas determinadas pelo STF. Minimizar tais atos é atentar contra a estabilidade democrática e respeito à Constituição. Motta agindo assim joga contra sua trajetória política.
Sérgio Spellmann (Campina Grande, PB)

Assunto Prestação de serviço de app de motos

Sou favorável em parte, apenas para trajetos curtos. A cidade necessita de mais transporte público.
Nadyr Bonifacio Junior (São Paulo, SP)

*

Os cidadãos devem ter o direito de escolha do modo de locomoção. Os apps de motos são mais rápidos, encurtam distâncias e tendem a ser opções baratas.
Matheus Rocha de Almeida Ataide (Goiânia, GO)

*

Acho que deve ser regulamentado, mas não permitido na garupa e sim numa espécie de tuk-tuk içado pela motocicleta. Além de trafegar na faixa azul, deve haver um limite de velocidade.
Luiz Carlos Bruscato (São Paulo, SP)

*

Sou contra, pois não estamos aptos educacionalmente para um transporte tão perigoso. As vantagens são mínimas perto do ônus.
Marcos Barbosa (Casa Branca, SP)

Os aplicativos poderiam ser responsabilizados pelos custos gerados ao SUS em caso de acidentes, além de oferecer alguma forma de segurança ao motorista.
Rebeca Rocha de Almeida (Macaé, RJ)

*

Sou a favor desde que existam regras e punições a quem descumprir. Começando pela sinalizações bem visíveis em capacetes e coletes, com número de cadastro para que possamos fazer reclamações.
Paula Colugñatti (São Paulo, SP)

*

Sou motoboy e acho que deveria liberar, pois eu consegui ajudar minha família pelo pouco tempo que consegui trabalhar na plataforma. Acho que se o motorista fizer o certo, pelo bem da vida dele e do passageiro, não vejo riscos. Todo mundo anda de moto hoje em dia.
Marcos Vinicius Araujo Dias (São Paulo, SP)

Neste momento sou contra, a cidade não está preparada, não possui infraestrutura e nem está fazendo investimentos necessários neste sentido.
Gessica Oliveira (São Paulo, SP)

*

Na minha opinião o serviço sendo fiscalizado e bem planejado é bom para todos. Eu já presto esse serviço no ABC Paulista há dois anos, e até aqui correu tudo bem.
José Marcos de Lima (São Paulo, SP)

*

Já tem muito carro de aplicativo e táxis fazendo esse serviço. Moto nunca foi um veículo seguro e nunca vai ser. Como disse o prefeito, vai ser uma carnificina se liberar.
Harmoni Ribeiro (São Paulo, SP)

*

Como tudo na vida, tem risco. Já vi até motorista de ônibus no celular.
Ricardo Tadeu da Silva Bassi (São Paulo, SP)

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA	R$ 29,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM	R$ 49,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA		ASSINATURA MENSAL*
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
SP	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 204,90
MG, PR e RJ	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 209,90
DF e SC	R$ 8,90	R$ 11	R$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 9,90	R$ 12	R$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 14,90	R$ 15,50	R$ 361,90
Outros estados	R$ 15,90	R$ 16,50	R$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

ATMOSFERA



Fonte: www.climatempo.com.br

BLOQUEIO DE RUAS

Vias exclusivas para pedestres em SP hoje, devido ao programa Ruas Abertas no Centro

ONDE
• Avenida Paulista;
• No bairro da Liberdade: rua dos Estudantes (entre a av. da Liberdade e a r. da Glória); rua Américo de Campos (entre a r. Galvão Bueno e a r. da Glória); rua Galvão Bueno (entre a r. dos Estudantes e a r. Américo de Campos); e rua dos Aflitos.

QUANDO Hoje, das 9h às 16h.

MODA SUSTENTÁVEL

O QUÊ A Unibes Cultural recebe a Mostra de Moda e Sustentabilidade Brasil Eco Fashion Week, com looks de marcas que desfilaram no Brasil Eco Fashion Week 2024. A iniciativa busca apoiar o empreendedorismo feminino, o protagonismo indígena e quilombola e o consumo consciente.

ONDE Rua Oscar Freire, nº 2.500, Sumaré (a 80 m da estação Sumaré da linha 2-verde do Metrô).

QUANDO A abertura da mostra ocorre nesta quinta (13), às 17h, ficando aberta até 28/2, das 12h às 19h.

INGRESSOS O evento é gratuito, mas é preciso garantir ingresso em sympla.com.br/evento/mostra-de-moda-e-sustentabilidade-brasil-eco-fashion/2812335/.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 50 ANOS | 9.FEV.1975



FOLHA DE S. PAULO

Em Lisboa, Junta obtém mais poderes

Na avenida, o carnaval de sempre

Nas pistas, 150 acidentes até ontem

Com ou sem mar, Chile e Bolívia reatam

Rivellino estreia pelo Flu, brilha e faz 3 gols contra o Corinthians

Flores, bandeira do Fluminense com um curió no lugar do distintivo do clube, aplausos dos torcedores em pé e um carnaval de pó de arroz nas numeradas do Maracanã. Esse era o cenário do estádio na saída de campo do meia Roberto Rivellino após ter estreado pelo time tricolor carioca. Vestindo a camisa 10, o craque brilhou ao fazer três gols na vitória de 4 a 1 sobre a sua antiga equipe, o Corinthians, neste sábado (8) de Carnaval. Ele atuou por 76 minutos e se impôs como líder e astro do Flu. Com essa grande atuação, Rivellino recuperou a glória e o prestígio de ser apontado como o atual melhor jogador do futebol brasileiro.

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Blitz

Uma delegação da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, que vem ao Brasil nesta semana investigar a situação da liberdade de expressão, agendou encontros com representantes de bolsonaristas que são alvos de inquéritos do STF. Uma das conversas será com os advogados de Filipe Martins, ex-assessor da Presidência sob Jair Bolsonaro, que está com as redes bloqueadas. Também haverá contatos com parlamentares de direita, que pretendem denunciar a "censura" judicial de que são alvo.

PÉRIPLO A delegação será chefiada pelo colombiano Pedro Villarreal, relator para liberdade de expressão da Comissão. Os bolsonaristas apostam na mobilização internacional para fragilizar o ministro Alexandre de Moraes. Nos últimos dias, ele liberou as redes de alguns influenciadores e ativistas, o que foi visto já como um primeiro reflexo da visita.

JEITINHO Contrário a aumentar o teto do consignado do INSS, o ministro Carlos Lupi (Previdência) diz que os bancos sempre vão encontrar justificativa para elevar a taxa e defende que fatores como a queda do dólar sejam considerados na decisão sobre o juro. "O último argumento é que o dólar encarece a tomada de empréstimo. Começou a cair. Como é que a gente fica?", pergunta.

PATÓPOLIS
Deputados têm dito que o trio "Huguinho, Isnaldinho e Luizinho" é quem dá as cartas na nova configuração da Câmara. A referência aos sobrinhos do Pato Donald diz respeito ao presidente da Casa, Hugo Motta (Republicanos-PB), e aos líderes do MDB, Isnaldo Bulhões (AL), e PP, Dr. Luizinho (RJ). O termo foi mencionado em tom de brincadeira em recente jantar da bancada fluminense.

CONTRAMÃO Candidato a presidente do PT, Romênio Pereira, que lidera a segunda maior corrente interna, defende ampliação dos espaços da esquerda na reforma ministerial. "Ganhamos a eleição pela esquerda, mas governamos pelo centro e pela direita. Isso incomoda muito nossa base", diz ele, da ala Movimento PT. O dirigente expôs sua visão durante encontro com Lula há duas semanas, no Planalto. Um dos pontos abordados foi a falta de marcas do terceiro mandato do petista. "A pauta do atual governo é de Lula 1 e Lula 2. Não tem novidade", afirma.

VERMELHOU Ex-presidente do PT, Rui Falcão (SP) poderá ser candidato novamente ao posto com agenda contrária às medidas moderadas ou pró-mercado encampadas pelo governo. No ano passado, ele foi um dos três deputados do partido a votar contra o pacote de cortes de Fernando Haddad (Fazenda).

FAKE A Justiça do Pará determinou que o governador Helder Barbalho (MDB) remova post em que negava que mudaria a educação indígena no estado, de presencial para à distância. Na quarta (5), ele recuou após protestos. A decisão manda ainda que os indígenas tenham direito de resposta nas redes do governo.

TRÊS PODERES

VENCEDORES DA SEMANA
Os **bonés**, alçados a uma posição inédita de destaque no debate político após ação de ministros do governo Lula, prontamente rebatida por bolsonaristas.

PERDEDOR DA SEMANA
O governador do Pará, **Helder Barbalho** (MDB), que teve de recuar de projeto que mudava o ensino indígena, após ocupação da Secretaria da Educação.

FIQUE DE OLHO
Lula intensifica a **agenda de viagens** pelo país, em busca de retomar popularidade; governo leva ao **Congresso** agenda de temas prioritários.

Com Danielle Brant e Carlos Petrocilo

Com picos sob Bolsonaro, decisões monocráticas no STF disparam em 15 anos

Congresso Nacional tenta limitar poderes de ministros expedirem ordens individualmente; tribunal vê problema resolvido desde 2022

Cézar Feitoza

BRASÍLIA Para contornar a falta de espaço na pauta do plenário, os ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) intensificaram a partir de 2009 a concessão de decisões monocráticas em ações de controle de constitucionalidade.

Levantamento feito pela **Folha** mostra que o número de liminares individuais em ADIs (ação direta de inconstitucionalidade) e ADPFs (arguição de descumprimento de preceito fundamental) foi de apenas 6 em 2007 e chegou a um pico de 92 em 2020. No ano passado, foram 71.

As liminares monocráticas nesse tipo de ação são alvo de discussão há anos no Judiciário. O Congresso aproveitou brecha para tentar impor um revés ao Supremo, com o avanço de uma PEC (proposta de emenda à Constituição) que restringe o poder individual dos ministros do STF.

Os novos presidentes da Câmara e do Senado, Hugo Motta (Republicanos-PB) e Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), deram recados ao Supremo em discursos no último dia 1º. Eles não trataram especificamente das decisões monocráticas, mas o tema está em pauta no Congresso.

As leis sobre as ações de controle de constitucionalidade, chamadas de ADI e ADPF, foram aprovadas pelo Congresso em 1999. Elas surgiram como proposta de um grupo de juristas, cujo relator era o professor (e ainda não ministro) Gilmar Mendes.

A legislação define regras para a concessão de medidas cautelares nessas ações —uma espécie de análise provisória e urgente do processo. Pelo texto, as liminares das ADIs só podem ser decididas por maioria absoluta do Supremo (seis ministros) ou individualmente pelo presidente da corte durante o recesso do Judiciário.

Para as ADPFs, a lei define ainda que as liminares podem ser concedidas individualmente pelo relator "em caso de extrema urgência ou perigo de lesão grave ou, ainda, em período de recesso".

No entanto, em 2009, com Gilmar já presidente do Supremo, integrantes do tribunal passaram a reclamar com frequência da dificuldade de levar seus processos ao plenário. Cada um, então, passou a dar suas liminares.

"É uma distorção, a meu ver. Enquanto eu tive a capa sobre os ombros e assento no Supremo, nos 31 anos em que lá estive, eu nunca atuei substituindo o colegiado. Isso é de uma impropriedade marcante: aí vale tudo, é a ótica de cada qual", disse à **Folha** o ministro aposentado Marco Aurélio Mello.

O ministro lembra as reclamações da sobrecarga do plenário. "Mas paga-se um preço —e é módico— de se viver em um Estado de Direito, ou seja, a observância irrestrita ao que está estabelecido."

Marco Aurélio deu 24 decisões monocráticas em ADIs e ADPFs de 2000 a 2021, quando se aposentou.

O problema criado pela profusão de liminares monocráticas e a falta de espaço no plenário para referendo das decisões foi a permanência por longos períodos de decisões provisórias sem aval dos demais ministros.

O cenário criou distorções. Para o advogado e professor Lenio Streck, o caso mais emblemático foi a ADI dos Royalties. A ministra Cármen Lúcia suspendeu, em 2013, trecho de uma lei e acabou alterando as regras sobre quais estados deveriam receber os valores advindos da exploração de petróleo. Até hoje, 12 anos depois, a liminar não foi julgada pelo plenário do Supremo.

Streck, porém, disse que o problema das decisões monocráticas foi solucionado quando o STF alterou seu regimento interno no fim de 2022 para prever que todas as medidas cautelares seriam levadas automaticamente para julgamento no plenário virtual.

Não haveria razão, na visão dele, para o Congresso intervir no tema. "Proibir [as decisões monocráticas], zerar o sistema é um problema porque, de algum modo, o Parlamento está entrando numa seara de jurisdição constitucional", diz o advogado.

Quatro ministros do Supremo ouvidos pela **Folha**, sob reserva, concordam que a mudança no regimento interno de 2022, construída pela hoje ministra aposentada Rosa Weber, resolveu o problema das liminares monocráticas de longa duração. Para eles, não há razão para se discutir novas alterações sobre o tema.

As liminares individuais no Supremo alcançaram os patamares mais altos em 2020 a 2021, mantendo as monocráticas em mais de 80 por ano. O período coincide com o governo Jair Bolsonaro (PL) e a pandemia da Covid-19.

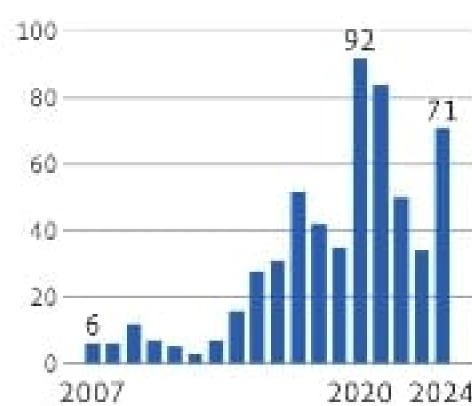
Foi nesse período que o ministro Edson Fachin suspendeu portarias de Bolsonaro sobre armas. Alexandre de Moraes determinou que o governo federal não podia se sobrepor aos governos estaduais e municipais na definição de medidas de restrição de circulação para conter a Covid-19.

Em 2024, os ministros do STF deram 71 liminares monocráticas em ADIs e ADPFs. O recordista é o ministro Flávio Dino, com 21 decisões individuais —das quais 15 foram referendadas pelo plenário e seis aguardam julgamento.

O número inclui decisões sobre as emendas parlamentares. Dino é o relator de três ações que questionam a falta de transparência dos recursos indicados pelos congressistas. Interlocutores de Dino ressaltam que, nos processos, o ministro só decidiu após ouvir a Procuradoria-Geral da República e as demais partes envolvidas.

Das 71 decisões monocráticas de 2024, 38 foram levadas ao plenário do Supremo para referendo. Os demais 33 casos ainda não foram julgados, seja por pedidos de vista (mais tempo para análise) ou destaques para tirar o processo do plenário virtual e levá-lo à discussão no plenário físico.

Liminares monocráticas em ações que questionam a legalidade de leis ou atos normativos
Quantidade de decisões monocráticas por ano



Ministros deram 71 decisões individuais em 2024
Quantidade de decisões monocráticas por ministro



Fonte: STF (Supremo Tribunal Federal)

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman da Folha tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000

E se Steve Bannon tiver alguma razão?

Com sequência de bombas, estratégia trumpista volta a desafiar jornais e organização da informação

Alexandra Moraes

"O partido de oposição é a mídia. E a mídia, porque é burra e preguiçosa, só pode focar em uma coisa por vez. Tudo que precisamos fazer é inundar o terreno. Todo dia nós jogamos três coisas. Eles vão morder uma, e conseguiremos fazer as nossas coisas. Bang, bang, bang. Esses caras nunca, nunca conseguirão se recuperar. Mas precisamos começar com velocidade de saída."

O trecho é de uma fala antiga de Steve Bannon, ideólogo do trumpismo (e de seu primo pobre bolsonarismo). Ezra Klein, colunista do New York Times, recuperou as frases de Bannon para usar como mapa do que está acontecendo sob Trump 2. "Se você quer entender as primeiras semanas do segundo mandato de Trump, deveria ouvir o que Steve Bannon disse em 2019", afirma Klein.

É um bom começo — ou algum começo. Desde a posse de Donald Trump e a sucessão vertiginosa de decretos e propostas, o presidente americano tem colocado em prática mais do que suas promessas de campanha. A ideia do poder total ao "senso comum" tem na mídia seu grande inimigo.

Bannon usa uma metáfora bélica ("velocidade de saída" se refere ao projétil quando deixa o cano de uma arma) bem ao gosto de sua clientela e dos seguidores dela. Continua a operar no trumpismo, embora o papel oficial de amigo do rei tenha sido ameaçado por Elon Musk. Mais importante, continua influente no trumpismo terceiro-mundista.

"A inundação é o objetivo. A sobrecarga é o objetivo. A mensagem não estava em nenhuma ordem executiva ou anúncio específico. Estava no efeito cumulativo", conclui Ezra Klein sobre a atuação de Trump e seu time.



Carvall

O New York Times abriu uma seção em que conta os dias do segundo mandato trumpista e elenca, de forma telegráfica, suas ações. É uma maneira de resumir e tentar dar algum foco ao que importa entre tudo o que está sendo anunciado em cascata.

Para o Brasil, em especial, documentar com clareza esses passos serve mais do que como um mapa: é quase uma bola de cristal. É pouco provável que a história, em alguma medida, não se repita aqui, seja como a farsa enunciada por Marx ou como a versão tropical da "vibe shift" celebrada pela direita na internet.

O movimento de macaqueação aconteceu na última semana com a história do corte de verbas para a Usaid, uma das bombas lançadas por Trump no período que teve até a proposta de transformar Gaza num resort americano.

Enquanto Trump e Musk acusavam o site Politico de ter recebido verba federal pelo programa, o deputado Eduardo Bolsonaro (PL) repetia a cantilena e só mudava os alvos para sites locais.

A **Folha** noticiou a acusação sem provas do filho zero-três de Bolsonaro, próximo de Bannon. O jornal demorou um pouco a mostrar, porém, como a iniciativa repetia a ação nos EUA, mas terminou por fazê-lo. O New York Times chamou a acusação ao Politico de teoria da conspiração.

Desde a posse de Donald Trump e a sucessão vertiginosa de decretos e propostas, o presidente americano tem colocado em prática mais do que suas promessas de campanha. A ideia do poder total ao "senso comum" mira a mídia como seu grande inimigo

Especialistas pedem mais contextualização e menos jornalismo declaratório na guerra da informação e da atenção. É, sem dúvida, o ideal. Mas a receita do trumpismo funciona, entre outras razões, porque não é possível abrir mão por completo de registrar o que dizem os homens do poder, sobretudo quando incorrem no absurdo. (O Huffington Post tentou fazer graça e cobrir Trump, ainda antes de sua eleição, na seção de entretenimento. Na última semana, era o patinho feio na lista da mídia trumpista a ganhar assento na área de imprensa do Pentágono, enquanto New York Times, NBC, NPR e Politico eram expulsos dali.)

Isso que se convencionou chamar de mídia tradicional costuma acessar com maior dificuldade os representantes da direita ideológica. Ficam distantes também de seus representados, e a aversão é recíproca.

Enquanto os jornais corretamente abriam um amplo espaço para mostrar como o mundo se indignava com as declarações de Trump sobre Gaza (incluindo reações de organizações terroristas), os cantinhos e rodapés eram ocupados por gente como David Friedman, ex-embaixador americano em Israel. Ele chamou a ideia do presidente de "brilhante, criativa e, francamente, a única solução que ouvi em 50 anos que tem a chance de realmente mudar a dinâmica" na região.

A criatura ideológica Trump-Musk se alimenta de popularidade e iconoclastia. Ideias relegadas a pés de página na mídia tradicional ajudam a explicar o "senso comum" que agora se proclama vencedor.

É preciso olhar melhor para os pontos que essa retórica massageia e para os alicerces que a sustentam. O absurdo é tal que a cobertura baseada apenas na indignação também acaba servindo ao próprio absurdo — e dando alguma razão a Steve Bannon.

Bolsonaro exalta Hugo Motta e diz que anistia do 8/1 não é política

Guilherme Seto

BRASÍLIA O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) enviou mensagem a seus aliados neste sábado (8) em que defende a anistia para os condenados pelos atos golpistas de 8 de janeiro como uma questão humanitária e exalta o novo presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), que disse na sexta-feira (7) que os ataques não podem ser classificados como uma tentativa de golpe de Estado.

"Que Deus continue iluminando o nosso presidente Hugo Motta, bem como pais e mães voltem a abraçar seus filhos brevemente. Essa anistia não é política, é humanitária", escreveu o ex-presidente.


O ex-presidente Jair Bolsonaro em aeroporto Ueslei Marcelino - 18.jan.2025/Reuters

Agora preocupado com a questão humanitária, Bolsonaro já deu várias declarações em ataque aos direitos humanos.

Em uma dessas situações, em novembro de 2017, o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), filho do ex-presidente, publicou uma foto em que Bolsonaro segura uma camiseta que diz "direitos humanos: esterco da vagabundagem".

O ex-presidente e seus seguidores sempre associaram a pauta dos direitos humanos à esquerda e à impunidade, ao mesmo tempo em que apoiam punições severas. Em contraposição, eles defendem o oferecimento de condições básicas de sobrevivência aos detentos do 8 de janeiro.

Reportagem da **Folha** mostrou que o projeto de lei na Câmara dos Deputados que prevê a anistia aos condenados pelos ataques tramita em conjunto com propostas mais abrangentes que poderiam beneficiar o próprio Bolsonaro, que foi condenado e tornado inelegível por oito anos pela Justiça Eleitoral.

> **Que Deus continue iluminando o nosso presidente Hugo Motta [...]. Essa anistia não é política, é humanitária**
>
> **Jair Bolsonaro**
> Ex-presidente da República

> **Golpe tem que ter um líder, tem que ter pessoa estimulando, apoio de outras instituições [...] e não teve isso**
>
> **Hugo Motta**
> Presidente da Câmara dos Deputados

Em entrevista a uma rádio da Paraíba, Motta disse que os atos do 8 de janeiro foram uma "agressão inimaginável" às instituições, mas não podem ser classificados como uma tentativa de golpe.

"O que aconteceu não pode ser admitido que aconteça novamente. Foi uma agressão às instituições, uma agressão inimaginável, ninguém imaginava que aquilo pudesse acontecer", disse.

"Agora querer dizer que foi um golpe... Golpe tem que ter um líder, tem que ter pessoa estimulando, apoio de outras instituições interessadas, como as Forças Armadas, e não teve isso."

Aliados do presidente Lula (PT) criticaram o posicionamento de Motta, que antes de ser eleito à presidência da Câmara no último dia 1º, com 444 votos dentre 513 integrantes da Casa, evitou conceder entrevistas à imprensa e se comprometer com o projeto de lei da anistia, para não gerar ruídos com o PT e o PL, as duas maiores bancadas da Casa.

Eufrázio

Esquerda mira nacional-populismo de Bolsonaro com marketing do boné

Governo Lula (PT) tenta expor contradição da direita bolsonarista que exalta Donald Trump, enquanto acadêmicos e ativistas discutem aposta no populismo de esquerda

Ana Luiza Albuquerque

SÃO PAULO Primeiro ele foi usado pelo primeiro-ministro de Ontário, província canadense. Na cabeça de Doug Ford, o boné azul levava os dizeres "O Canadá não está à venda". Depois, foi lançado por lideranças do governo Lula. Também azul, o acessório estampava a mensagem "O Brasil é dos brasileiros".

Ambos foram uma resposta à escalada do protecionismo e à retórica expansionista de Donald Trump em seu novo mandato nos Estados Unidos. No Brasil, porém, o acessório também foi direcionado à oposição bolsonarista, em lua de mel com o americano, que já ameaçou aumentar as tarifas sobre os produtos brasileiros.

Pensado pelos ministros Alexandre Padilha (Relações Institucionais) e Sidônio Palmeira (Comunicação), o boné buscava expor a contradição do nacionalismo alardeado por Jair Bolsonaro (PL), que anda de mãos dadas com o populismo adotado por ele.

"Encaixa como uma luva", disse o senador Randolfe Rodrigues (PT) ao canal MyNews. "Acho que não é muito adequado ficar batendo palmas para país estrangeiro e esquecer dos nossos interesses."

Criticado pela oposição, o acessório também foi mal recebido por parte do eleitorado de esquerda, que considerou um erro reforçar uma mensagem nacionalista em meio à ascensão de políticos populistas que posicionam o imigrante como o inimigo —como Trump ou o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán.

Doutor em ciência política e professor da Ufpel (Universidade Federal de Pelotas), Daniel de Mendonça discorda dessa crítica e diz que Lula sempre esteve associado a elementos nacionalistas.

"Não é um nacionalismo que visa agredir outro povo, mas sim defender o Brasil de possíveis agressões. Não há problema em um nacionalismo que vise a integração dos povos, o auxílio aos países africanos ou latino-americanos."

O boné foi lançado pelo governo enquanto ativistas e acadêmicos discutem se a esquerda também deveria apostar no populismo como uma tentativa de derrotar a direita populista.

Para Mendonça, o acessório tem traços populistas e pode representar um primeiro passo nesse sentido. "Tem a marca, talvez, do início de uma guinada de um populismo de esquerda. Não digo tão sincera, mas de uma estratégia política", diz.

Embora o populismo tenha ganhado conotações negativas ao longo do século 20, o conceito é complexo e muito disputado. Uma das conceituações mais referenciadas é a do argentino Ernesto Laclau, que trata o populismo não como uma ideologia, com um conteúdo atrelado, mas como uma forma ou lógica política de construção de um povo que desafia um poder hegemônico.



Parlamentares de esquerda usam bonés idealizados por Sidônio Palmeira Pedro Ladeira - 3.fev.25/Folhapress



Oposição responde com boné que cita Bolsonaro Kayo Magalhães - 3.fev.25/Divulgação Câmara dos Deputados



O presidente Lula exibe, na terça-feira (4), boné com mensagem concebida por Sidônio Palmeira Reprodução

Ao longo da história, à direita e à esquerda, governos populistas foram marcados pela retórica do povo contra as elites e pela presença de um líder carismático que se colocava como representante desse povo.

"O populismo não é um tipo de fascismo, de autoritarismo, nem um tipo de radicalização da democracia. Pode ser tudo isso. Não tem uma ideologia associada. É a construção política de um povo contra seu inimigo", afirma Mendonça, que se dedica ao estudo do tema.

Para Thomás de Barros, doutor em ciência política e coautor do livro "Do Que Falamos Quando Falamos de Populismo", o populismo insere na política setores que estavam à margem ou que se viam à margem, sem voz. "Há formas mais ou menos democráticas de incorporar esses setores", diz.

Lula e Bolsonaro são representantes de dois diferentes populismos. O primeiro segue uma linhagem populista de esquerda latino-americana, que vai de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón a Hugo Chávez e Evo Morales. O segundo integra o populismo de direita contemporâneo, de Trump, Orbán e Nayib Bukele.

Thomás entende que a esquerda brasileira poderia assumir um caráter mais populista que visasse levar para a esfera pública os invisibilizados. Ele afirma que o discurso precisa ser mais confrontativo, transgressor e audacioso —como o da extrema direita tem sido.

"A campanha do Lula em 2022 teve uma dimensão populista, mas, paradoxalmente, é um discurso de conservar, de preservar a democracia. Ninguém é contra isso, mas tem um monte de disfuncionalidades", diz. "O governo talvez tenha se concentrado numa volta à normalidade, o que é o antipopulismo. É não querer transformar o campo político: vamos manter como sempre foi."

Para Mendonça, seria difícil para Lula assumir uma postura verdadeiramente populista agora.

"Hoje o Brasil é um país em que a direita tem uma hegemonia moral. É muito complicado que discursos populistas de esquerda, que privilegiem o coletivo, se homogenizem em um Brasil no qual o que importa é cada um por si e Deus por todos", afirma. "Não sei se o PT enquanto governo está realmente a fim de disputar essa hegemonia."

O populismo de esquerda encontra eco em figuras como as filósofas Chantal Mouffe e Nancy Fraser, mas também enfrenta resistência.

Em entrevista à **Folha**, o cientista político germano-americano Yascha Mounk argumenta que o populismo de direita venceu o de esquerda em praticamente todas as disputas eleitorais. Ele reconhece que, em países com formas extremas de desigualdade, é possível imaginar o cenário oposto —ainda que o resultado, na prática, tenha sido muitas vezes desastroso, como na Venezuela.

"Na maioria dos casos, e acho que eu incluiria o Brasil, neste momento uma sociedade com uma classe média crescente e com crescimento econômico relativamente rápido, a ideia de que um populista de esquerda vá derrotar o de direita é uma forma de pensamento positivo", diz.

Mounk entende o populismo como uma reivindicação de representação exclusiva do povo, que envolve relutância em tolerar a oposição ou em respeitar as instituições independentes. Nesse sentido, ele oferece outro argumento contra essa lógica política no livro "O Povo Contra a Democracia".

O pesquisador escreve que, embora haja um elemento democrático no populismo, ele pode ser também o presságio de um governo autocrático: "Depois que os líderes populistas se livrarem dos obstáculos liberais que impedem a expressão da vontade popular, fica muito fácil para eles dar as costas ao povo, quando as prioridades deste começarem a entrar em conflito com as suas".


O ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), durante entrevista em Brasília Pedro Ladeira - 29.jan.25/Folhapress

Pressão sobre Haddad coloca em dúvida capital político do ministro

Integrantes do governo reconhecem que projeto eleitoral do titular da Fazenda à Presidência hoje estaria inviabilizado, bem como candidatura a governador de SP

Catia Seabra e Adriana Fernandes

BRASÍLIA Após dois meses de abalos, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), esboça uma reação em defesa de sua gestão e de seu capital político, seguindo recomendação do presidente Lula (PT).

Por sugestão de Lula, Haddad vai dar mais entrevistas e viajar pelo país para defender a política econômica.

Em conversas, Haddad admite um período de abatimento após a crise provocada pela disseminação de fake news sobre taxação de operações via Pix. Mas costuma repetir que está de pé.

A esses interlocutores o ministro lembra adversidades enfrentadas em mais de 25 anos de vida pública para afirmar que não "é de entregar os pontos", nem "de baixar a guarda".

Na palavra de aliados, o ministro virou a chave. Além do aconselhamento de Lula, a contraofensiva nasce da constatação de que, sem a defesa enfática da política econômica no PT nem na Esplanada dos Ministérios, só ele poderia proteger sua imagem dos ataques da oposição.

Nessas conversas, Haddad lembra sua difícil candidatura à Prefeitura de São Paulo em 2016, ano do impeachment da presidente Dilma Rousseff, também do PT. Candidato à reeleição em um cenário desfavorável, em que acabou derrotado no primeiro turno, Haddad foi às ruas para em defesa de seu legado.

Hoje, atribui a esse esforço seu desempenho nas eleições ao Governo de São Paulo em 2022, na qual foi o mais votado na capital, ainda que derrotado na disputa.

O ministro pôs a estratégia em prática na sexta-feira (7), quando concedeu entrevista a uma rádio de Caruaru, em Pernambuco, e comparou números aos do governo Jair Bolsonaro.

Ao falar sobre o salário mínimo, ele argumentou que não houve ganho real nos governos Michel Temer e Bolsonaro. Segundo ele, o governo Lula retomou a política de valorização "sob protestos do pessoal da direita". "Você não corrige sete anos de má administração em dois anos", argumentou.

Ainda de acordo com aliados, pesquisas encomendadas pelo Planalto apontam para uma recuperação da avaliação do governo, o que serviu de estímulo para o ministro.

Afastado o risco de taxação do Pix, estaria ganhando forma a versão de que a oposição se valeu de uma instrução normativa para afetar o governo, segundo esses levantamentos.

Em conversas, o próprio Lula teria admitido que não existe antídoto para proliferação de notícias falsas, prova disso seria a divulgação de fake news sobre taxação de pets depois que o governo anunciou um cadastro nacional de animais domésticos.


Fernando Haddad, em novembro passado, durante anúncio na TV que precedeu semanas de turbulência no mercado financeiro Reprodução

Apesar desse esforço de recuperação, ministros do governo reconhecem severo desgaste na reputação do titular da Fazenda, em quem a oposição tenta com êxito colar a imagem de taxador, o Taxadd.

Pesquisa Quaest na última semana aponta alto índice de rejeição do ministro da Fazenda, e seus pares reconhecem que fizeram pouco para preservá-lo —o que acabou atingindo o governo Lula.

Integrantes do governo reconhecem que, hoje, um projeto eleitoral de Haddad para a Presidência estaria inviabilizado, bem como uma candidatura ao Governo de São Paulo.

O ministro tem negado a intenção de concorrer em 2026, com o compromisso de permanecer no governo durante a campanha de Lula à reeleição.

Para preservar o que resta de cacife político dele, aliados de Haddad chegam a sugerir uma troca de ministério, como para a Casa Civil. Mas essa hipótese seria remota neste momento.

Nesses dois anos de governo, Haddad sofreu oposição na cozinha da Presidência, chegando a ter embates com o chefe da Casa Civil, Rui Costa (PT). E, sob o comando de Gleisi Hoffmann, seu partido chamou a política econômica de "austericída".

Foi Gleisi quem puxou o rosário de críticas a Haddad e ajudou no Congresso a desidratar o pacote de medidas fiscais, recebido com desconfiança pelo mercado financeiro, após o anúncio, em novembro, ter sido atrelado ao aumento para R$ 5.000 da isenção do Imposto de Renda combinada com a taxação dos milionários. Ela agora se prepara para ocupar uma cadeira ministerial no Palácio do Planalto.

O desgaste do ministro com o pacote dentro e fora do governo aumentou após Haddad, no dia seguinte ao anúncio, durante almoço público com banqueiros, ter sinalizado medidas adicionais de contenção de gastos antes mesmo de serem aprovadas.

No mercado, a leitura foi a de um ministro vencido pelo time político de Lula e que buscava apoio dos banqueiros para endurecer as medidas nas votações do Congresso.

No Palácio do Planalto, a irritação foi com o fato de ter sido o próprio ministro a alimentar a visão de que o pacote era insuficiente, enquanto o presidente Lula tinha dado sinal verde para medidas consideradas duras, como a mudança na política do salário mínimo e no abono salarial.

Auxiliares do presidente relatam que ele não gostou do que chamam de processo de vitimização que Haddad faz ao mercado financeiro em defesa de mais corte de gastos, colocando o resto do governo como vilão no debate das medidas fiscais. Eles afirmam que o ministro precisa mudar o seu jeito professoral e "estilo USP" e se colocar como um vencedor.

A crítica do presidente do PSD, Gilberto Kassab, chamando Haddad de ministro fraco em um evento econômico, no fim de janeiro, reverberou no Congresso, reforçou a percepção de que há um movimento de enfraquecimento do ministro e que até 2026 ele não terá vida fácil no Congresso para passar as medidas econômicas.

Haddad já sentiu, na quarta-feira (5), a dificuldade que terá pela frente na primeira visita que fez ao novo presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), para apresentar a pauta de 25 medidas da agenda econômica no biênio 2025-2026. O clima foi tenso e a reação não foi a esperada por Haddad. Foi frustrada a expectativa de usar a oportunidade em defesa do governo.

No dia anterior, Motta, considerado pelo ministro um importante aliado da agenda econômica no Congresso, já tinha dado uma entrevista falando que Haddad tinha sido vencido no debate de corte de gastos e que os números da economia eram preocupantes.



Lula disse que não sabe se será candidato

Em reunião com ministros no último mês, o presidente Lula afirmou que ainda não sabe se será candidato no próximo pleito presidencial e citou a necessidade de "eleger um sucessor".

O presidente, que completa 80 anos em outubro, havia afirmado em 2022 que não iria tentar a reeleição, mas posteriormente mudou o tom do discurso. Sem Lula, o ministro Fernando Haddad costuma ser lembrado como um possível candidato do PT à Presidência da República.

Em 2018, o hoje ministro substituiu Lula na eleição presidencial e foi ao segundo turno com Jair Bolsonaro. O petista obteve 44,9% dos votos, ante 55,1% do adversário naquela ocasião.

Celso Rocha de Barros

Excepcionalmente a coluna não é publicada neste domingo

Eufrázio

A bala de prata de Eremildo, o idiota

Sindicato dos Bandidos Autônomos combateria policiais delinquentes

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Eremildo é um idiota e pedirá uma audiência ao governador Tarcísio de Freitas e ao seu secretário de Segurança, o capitão da PM Guilherme Derrite. O cretino levará aos dois a sua ideia de criação do Sindicato dos Bandidos Autônomos do Estado de São Paulo. Seria um projeto-piloto capaz de ser estendido a outros estados.

O Sindicato dos Bandidos Autônomos só aceitaria a filiação de companheiros sem ligação com o crime organizado. De saída, combateria policiais que exercem ilegalmente a profissão de delinquentes, praticando uma flagrante concorrência desleal contra bandidos que trabalham regularmente no estado.

A instituição firmaria convênios para troca de informações com o Ministério Público e as Corregedorias das polícias Civil e Militar, pois a bandidagem tem muito a oferecer.

O cretino está habituado a receber críticas por ter ideias malucas. Ele levará a Tarcísio e Derrite fatos capazes de demonstrar que o idiota não é ele.

Um capitão da PM lotado na Casa Militar de Tarcísio tinha conexões com o Primeiro Comando da Capital.

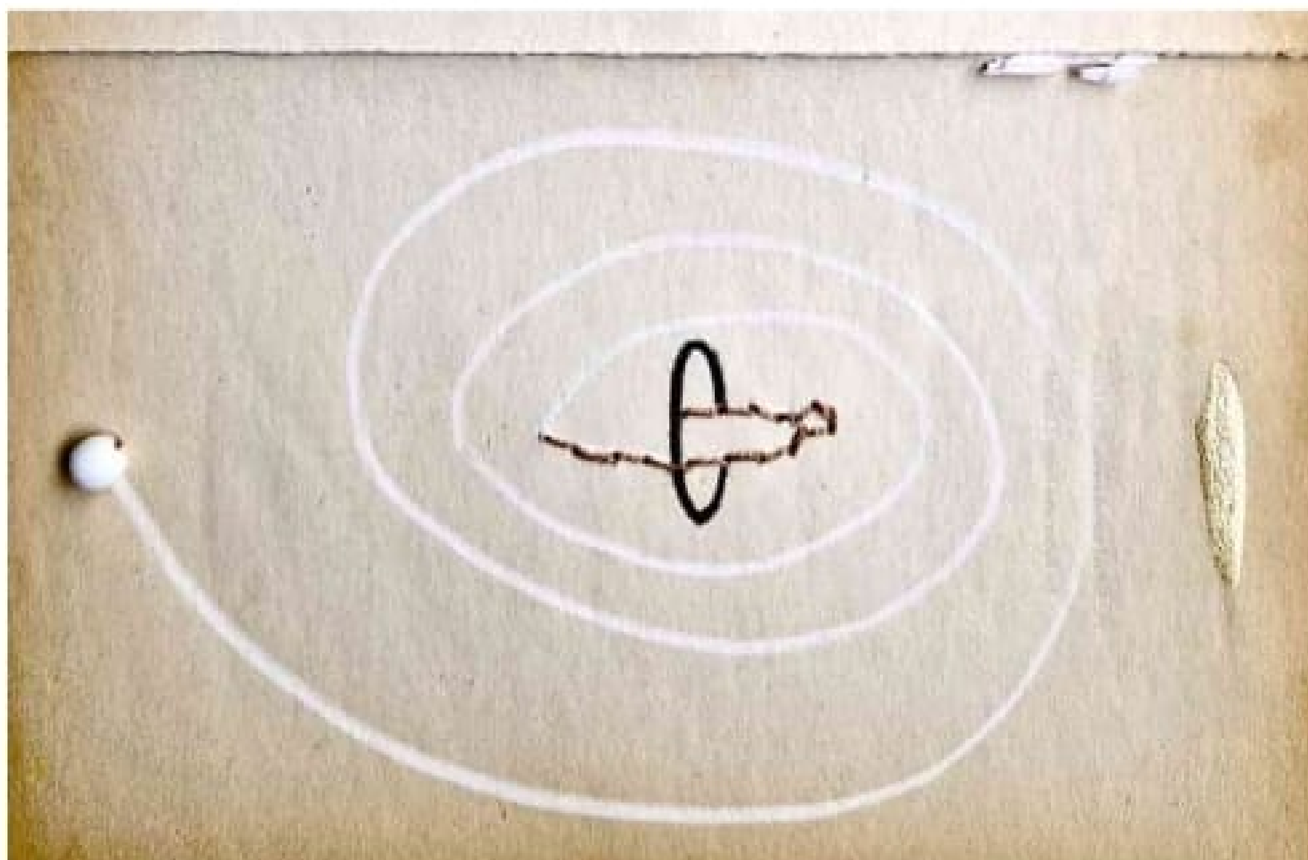
Pelo menos 15 policiais foram apanhados na execução e na escolta do empresário-bandido-delator Vinícius Gritzbach. Os tiros teriam sido disparados por três PMs, e as balas haviam pertencido à corporação. Foi preso também um delegado da Polícia Civil.

Eremildo é um idiota razoável e reconhece que grandes corporações sempre terão maçãs podres, mas os fatos surpreenderam-no.

Na semana passada, o Ministério Público foi ao presídio da Polícia Civil, atrás dos celulares que vinham sendo usados por dois detentos para montar videochamadas, pressionando parceiros. Até aí seria o jogo jogado: dois detentos conseguiram receber celulares numa prisão.

A operação do MP varreu todo o presídio e coletou 23 telefones, 26 fones de ouvido, 11 smartwatches e 14 carregadores.

O Sindicato dos Bandidos Autônomos assumiria o compromisso de assessorar a tropa do capitão Derrite em operações na Baixada Santista para baixar sua taxa de letalidade.



Juliana Freire

Pelo menos 15 policiais foram apanhados na execução e na escolta do delator Vinícius Gritzbach. Eremildo é um idiota razoável e reconhece que grandes corporações sempre terão maçãs podres, mas os fatos surpreenderam

Donald Trump pode ter dito muita besteira. Mesmo assim, ele emplacou uma. Rosnou, e o Panamá desligou-se da Nova Rota da Seda

As contas da Previ

Os companheiros da direção da Previ, o fundo de pensão do Banco do Brasil, estão reclamando porque o Tribunal de Contas resolveu auditar suas transações.

Essas coisas assim acontecem quando um fundo teve R$ 14 bilhões de perdas e o governo entrou na segunda metade do mandato do presidente.

Na primeira metade, quando tudo eram rosas, o companheiro João Vaccari, ex-tesoureiro do PT, foi uma voz poderosa na instituição.

Itaipu Productions

A Itaipu Binacional adquiriu um estranho gosto por eventos. Em novembro passado, torrou R$ 83,4 milhões com iniciativas paralelas à reunião do G20 no Rio. Agora, a repórter Andreza Matais conta que ela abriu uma licitação para contratar, por R$ 13,5 milhões anuais, uma empresa de eventos.

Vá lá que o seu atual presidente, o ex-deputado federal Enio Verri (PT-PR), queira lustrar sua gestão. Contudo o valor do novo contrato será 187% superior ao custo anual do que esteve em vigor. Mais: ele durará cinco anos, indo até a segunda metade do mandato do próximo presidente da República.

Procurando qualificar os concorrentes, o edital exigia, por exemplo, que, em pelo menos um evento, tivesse a presença de chefes de Estado ou autoridades do primeiro escalão de outros países.

Empresas do setor impugnaram o edital. Uma cláusula que exigia experiência em montagem de stands, painéis luminosos e totens foi retirada.

Continua de pé a oferta de uma viagem espacial a quem saiba de outra hidrelétrica que patrocina eventos com esse vigor.

Memória: o coronel da reserva e ex-deputado Costa Cavalcanti construiu Itaipu no século passado sem eventos, e assim a Binacional continuou por anos.

Trump ganhou uma

Donald Trump pode ter dito muita besteira nos últimos dias. A ideia de transformar a Faixa de Gaza numa Riviera foi exemplar.

Mesmo assim, ele emplacou uma. Rosnou, e o Panamá desligou-se do projeto chinês da Nova Rota da Seda.

Fez bem o Brasil que nem entrou.

Lula 3.02

Em uma semana de exposição pública, Lula culpou quem compra comida cara pela carestia e descosturou a tessitura diplomática que sonhava com um astucioso silêncio diante de Donald Trump.

Chefe de Estado, subiu no palanque com a postura de um mestre-escola. O dólar subiu porque Roberto Campos Neto saiu do Banco Central deixando armada uma arapuca.

As próximas pesquisas medirão a eficácia dessa velha marquetagem.

Sem choro nem vela

O PSDB agoniza e caminha para um enterro de indigente. Não se pode dizer que fará falta porque, insepulto, perdeu qualquer relevância.

O partido de Fernando Henrique Cardoso, a quem se deve a restauração do valor da moeda, deu a São Paulo dois grandes governadores, Franco Montoro e Mário Covas.

Quem hoje reclama da polarização política na verdade expressa uma certa saudade do PSDB. Elitistas e moderados, os tucanos foram a oportunidade perdida de uma social-democracia brasileira.

Civilizados, geralmente comprometidos com a moralidade pública, essa geração fugiu nos anos 80 e saiu (ou foi saída) de cena, substituída por variantes de coisa nenhuma.

O CFM teria mais o que fazer

O Conselho Federal de Medicina foi criado em 1951 para "fiscalizar e normatizar a prática médica no Brasil".

Noves fora algumas organizações sociais dirigidas por médicos ao estilo das milícias, proliferam bibocas oferecendo tratamentos milagrosos e convênios municipais para mutirões como os de catarata, que acabam cegando as vítimas.

Na semana passada, um hospital de São Paulo foi apanhado usando furadeiras de pedreiro para perfurações ósseas em pacientes.

Um simples Conselho Federal não poderia ser bedel de 576 mil médicos. Daí o gastar energia processando uma médica e professora universitária por opiniões emitidas numa entrevista vai enorme distância.

Desde agosto do ano passado o CFM processa a professora Ligia Bahia, da UFRJ, porque, entre outras coisas, criticou confraternizações de hierarcas do conselho com o presidente Jair Bolsonaro durante a epidemia a Covid.

A relação de Bolsonaro com a medicina foi excêntrica. A forma como ele obteve seu atestado de vacina tornou-se questão policial e a papelada do caso está na Procuradoria-Geral da República.

Numa etapa preliminar e acessória, a iniciativa do CFM foi barrada pelo juízo com um simples argumento: "As manifestações da ré Lígia Bahia em sua entrevista devem ser compreendidas como abarcadas pela liberdade de expressão e de crítica política, ainda que contundentes. Com efeito, o que se ventilou na mencionada entrevista também foi alvo de críticas à atuação do CFM em outros veículos de imprensa".

O Conselho Federal de Medicina pode não ter percebido, mas teria mais o que fazer.

PODCASTS FOLHA

OS MELHORES PODCASTS ESTÃO NA FOLHA. COMECE O DIA BEM INFORMADO E EXPLORE NOVOS CONTEÚDOS.

FOLHA

Jorginho Mello aumenta aposta no bolsonarismo para pleito de 2026 em SC

Governador faz defesas públicas de ex-mandatário, alfineta governo Lula e mantém pautas conservadoras sob holofotes

Catarina Scortecci

CURITIBA Dois anos após ser eleito governador de Santa Catarina, Jorginho Mello (PL) segue apostando no bolsonarismo, com sanção de leis conservadoras e alfinetadas no governo federal, enquanto passa por desgastes variados —de parcerias milionárias feitas sem licitação a representações por suposto crime de racismo.

Ao contrário do que fizeram outros governadores alinhados com o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) até 2022, Jorginho seguiu fiel ao ex-mandatário, dobrando a aposta para 2026, quando deve sair candidato à reeleição com as mesmas bandeiras bolsonaristas da última campanha.

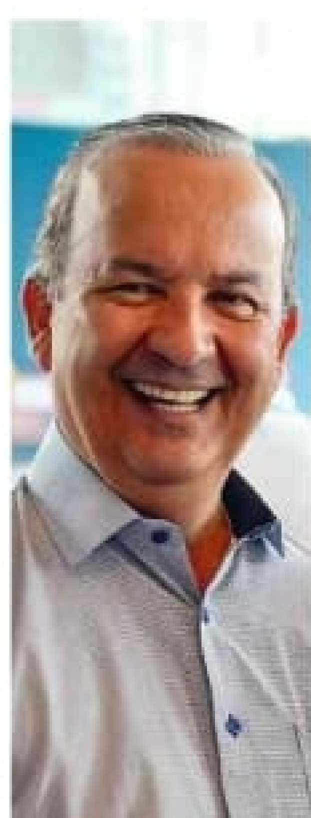
Em entrevistas, Jorginho tem defendido anistia a Bolsonaro, para que ele possa disputar as próximas eleições ao Planalto. Condenado pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Bolsonaro está inelegível até outubro de 2030. Apesar disso, segue se colocando como possível candidato da direita para o pleito de 2026. Para o governador, a condenação é injusta.

No final do ano passado, um dia após o indiciamento de Bolsonaro pela PF no inquérito que apura golpe de Estado em 2022, Jorginho foi às redes sociais dar apoio: "O Brasil reconhece quem lutou pela pátria, família e liberdade. Aqui em Santa Catarina, o compromisso com os valores que nos unem é inabalável", escreveu.

Outros governadores aliados preferiram o silêncio.

Em Santa Catarina, o PL de Bolsonaro tem força e saiu robusto das eleições de 2024. A legenda levou 90 dos 295 municípios.

Aliados acreditam que, na esteira do desempenho eleitoral, o tom do discurso não deve arrefecer na metade final do mandato. Ao longo da gestão, ele tem feito sinalizações ao eleitorado conservador. Disse, por exemplo, ter negado patrocínio estadual à parada LGBT+ de Florianópolis sob argumento de "não financiar pautas ideológicas".


Jorginho Mello, do PL
Eduardo Valente - 23.abr.23/Divulgação Secom

Também tem sancionado leis como a que veda, nas escolas da rede estadual, a "execução de músicas e videoclipes com letras e coreografias que façam apologia ao crime, ao uso de drogas, ou expressem conteúdos verbais e não verbais de cunho sexual e erótico". Jorginho é defensor do modelo de escola cívico-militar, exaltado pelo ex-mandatário.

Foram sancionadas em 2024 também leis para multar consumo de maconha em espaços públicos e anistiar professores que se recusaram a se vacinar na pandemia da Covid-19.

O pacote também inclui alfinetadas no governo Lula (PT). A possibilidade de transferência da Autoridade Portuária de Itajaí (SC) para Santos (SP) foi o conflito mais recente. "Estou indignado com a decisão do governo federal. O PT de Santa Catarina não podia fazer esta sacanagem", disse Jorginho, em dezembro.

Houve outros estremecimentos na relação ao longo do mandato. "Entregamos 100 para Brasília e recebemos 10" é uma das frases mais repetidas por ele, ao falar da necessidade de revisão do pacto federativo.

Mas, desde o final do ano passado, o governador vem enfrentando desgastes no próprio quintal, como as suspeitas de irregularidades em parcerias milionárias com empresas, sem licitação. Ele nega problemas, mas nomes em postos de comando tiveram que deixar os cargos após repercussão.

Além disso, Jorginho também pode se tornar alvo da PGR (Procuradoria-Geral da República), que recebeu representações contra o governador apontando crime de racismo. Em janeiro, quando participava da abertura da 40ª edição da Festa Pomerana, em Pomerode, Jorginho afirmou durante uma entrevista que a cidade "se destaca pela beleza turística que tem, pelas casas enxaimel, pela cor da pele das pessoas, pela mistura".

A cidade, que é vizinha a Blumenau, costuma ser chamada de a "cidade mais alemã do Brasil".

Questionada pela **Folha** sobre o andamento das representações, a PGR afirmou que o caso tramita sob sigilo.

Em suas redes, Jorginho afirmou que é "lamentável a tentativa de distorcer o conteúdo de uma entrevista que concedi". "Racismo é crime, e essa acusação não se aplica a mim", declarou ele.

Procurado por meio de sua assessoria, o governador não quis se manifestar.

VEM AÍ A 69ª EDIÇÃO DO PROGRAMA DE TRAINEE DA FOLHA

FOCO EM JORNALISMO AMBIENTAL

Uma imersão com os melhores jornalistas do Brasil.

Chegou a **69ª edição do Programa de Treinamento em Jornalismo Diário**, com os profissionais mais experientes e com foco em cobertura ambiental. Se você é estudante universitário ou profissional graduado em qualquer área, esta é a sua chance.

DE 24 DE MARÇO A 24 DE JUNHO

20 VAGAS

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 11/2

A **Folha** incentiva a participação de pessoas **negras**, **indígenas** e com **deficiência** em seus processos seletivos.



INSCREVA-SE* AGORA: FOLHA.COM/TRAINEE

*ANTES DE SE INSCREVER, É PRECISO FAZER UM CADASTRO NO SITE DO JORNAL.

PATROCÍNIO





REALIZAÇÃO




Monja Coen durante participação em curso para a CasaFolha Dirceu Neto/Folhapress

A mente tem que ser sua parceira, não sua inimiga, diz Monja Coen na CasaFolha

Curso que está disponível na plataforma de streaming ensina meditação e ainda seus benefícios para a saúde física e mental

Uirá Machado

SÃO PAULO A Monja Coen Roshi se entusiasma quando menciona os benefícios da meditação. Entre os vários que gosta de citar, está a capacidade de lidar melhor com a dor —física e emocional— e de desenvolver uma relação mais saudável com os próprios pensamentos.

"É fascinante conhecer a sua própria mente e perceber como ela funciona. Para quê? Para você usar da melhor maneira. Para ela ser sua parceira, não sua inimiga."

Missionária oficial da tradição zen-budista Soto Shu, com sede no Japão, Monja Coen ensina "O poder da meditação" na CasaFolha, uma plataforma de streaming com cursos exclusivos para assinantes.

Lançada em setembro de 2024, a CasaFolha já conta com 17 cursos de grandes personalidades, como o cineasta José Padilha, que ensina a arte de contar histórias e o ex-ministro Pedro Malan, que explica como analisa a economia. Neste mês, estreia o craque Raí, que fala sobre mentalidade de atleta.

Nas aulas da Monja Coen —disponíveis no site casafolhasp.com.br—, ela relembra sua formação monástica, aborda história e princípios do budismo, ensina técnicas para meditar e explora os benefícios do zazen —a prática da meditação sentada.

De acordo com ela, ao ajudar a identificar com mais clareza os sofrimentos físicos e emocionais, a meditação pode ser uma ferramenta na busca de soluções para determinados problemas. Mas com uma ressalva importante.

"Zen não é cura de depressão, ok? Zen não cura doenças mentais. Muitos terapeutas, psiquiatras e psicólogos têm usado [o zen] no processo de cura de seus pacientes. Ele não substitui remédios e não substitui a conversa com o terapeuta", diz ela. "Mas você vai perceber o mal e você vai perceber quem é que você tem que procurar."

Fundadora da comunidade Zendo Brasil, Monja Coen tem mais de 300 discípulos e publicou mais de 30 livros, entre os quais "Aprenda a Viver O Agora" e "O Sofrimento É Opcional", temas que ela desenvolve na CasaFolha.

"Você precisa estar sofrendo?", ela pergunta. "A dor existe. Você leva um murro. Dói." A questão, segundo a monja, é o que fazer com isso. "Você pode ir ao médico, passar um creme. Agora, ficar se lastimando, se vitimando e reclamando, isso é extra."

Vale o mesmo princípio para o sofrimento emocional. De acordo com ela, não faz sentido ficar se lamentando e dizendo vítima do mundo.

"Não, você não é vítima. Você é vítima e algoz ao mesmo tempo. Não seja o seu algoz. Não fique se vitimando. Não fique se pondo para baixo. Perceba que você tem hábitos que não são saudáveis, [inclusive] hábitos mentais", afirma em seu curso, um dos mais procurados por assinantes da plataforma.

Para a Monja Coen, a meditação é também um processo de libertação. "Primeiro, tem que compreender a si mesmo. Compreender o processo mental, compreender onde você travou, onde você ficou no trauma, na briga, na luta com você e com o mundo. E libertar-se."

Em uma de suas aulas, ela explica que essa nova maneira de encarar os pensamentos não quer dizer controlá-los. "As pessoas acham que tem que controlar a mente. Mas não é controlar. Sabe o que a gente pode fazer? Escolher o que pensa e o que não pensa", afirma.

Assim, diz ela, é possível escolher pensamentos positivos e deixar de lado pensamentos negativos, bem como favorecer uma memória ou um sentimento em detrimento de outros.

A maior mudança, portanto, está no plano das ações. Os pensamentos negativos continuarão aparecendo, mas a meditação ensina a contemplá-los, em vez de se sentir premidos por eles.

"Perceba. Esse pensamento existe, faz parte da natureza humana. Mas como que eu vou agir no mundo? O que eu vou falar para as pessoas?"

Por isso que, para ela, a meditação é uma espécie de musculação dos neurônios. "Eu quero desenvolver a raiva, a vingança, a briga, a guerra? Ou quero desenvolver a paz, a harmonia, o respeito à vida na sua pluralidade? São escolhas que nós fazemos", diz a monja. "E a musculação de neurônios é isso. Eu escolho o que quero desenvolver em mim."


Como assinar a CasaFolha

Para assinar a plataforma, basta entrar em casafolhasp.com.br/assine. A assinatura, com desconto de 67% no lançamento, sai por R$ 19,90 por mês no plano anual (R$ 59,90 sem a promoção) e inclui acesso ilimitado a todas as notícias da **Folha** no site e no app. Quem já é assinante do jornal não precisa de nova assinatura. Basta fazer o upgrade por R$ 10 adicionais no plano do jornal para ter à disposição todo o conteúdo da CasaFolha: casafolhasp.com.br/upgrade.

Ex-procurador da Lava Jato que pagou por outdoor mantém cargo

CURITIBA O processo judicial que contestava a permanência de Diogo Castor de Mattos no cargo de procurador da República no Paraná por causa do outdoor que exaltava a Operação Lava Jato foi encerrado na quinta (6) no Tribunal Regional Federal da 4ª Região, com trânsito em julgado, ou seja, sem possibilidade de recurso.

O arquivamento ocorre porque o procurador regional da República Elton Venturi optou por não recorrer contra a decisão de novembro de 2024 favorável a Castor de Mattos. Elton Venturi havia sido designado para atuar no caso pelo procurador-geral da República, Paulo Gonet, em portaria assinada em 12 de novembro.

O outdoor, instalado em 2019, custou R$ 4.100 e tinha a imagem de nove procuradores da Lava Jato acompanhada do seguinte texto: "Bem-vindo a [sic] República de Curitiba – terra da Operação Lava Jato – a investigação que mudou o país". Ele foi instalado em um terreno da avenida Rocha Pombo, no acesso de saída do Aeroporto Internacional Afonso Pena, na região de Curitiba.

Em 2021, o CNMP (Conselho Nacional do Ministério Público) havia decidido aplicar a pena de demissão a Castor de Mattos.

Questionada pela **Folha** se havia alguma orientação no sentido de apresentar ou não um recurso para insistir na demissão de Castor de Mattos, a PGR (Procuradoria-Geral da República) respondeu que "a atuação neste caso se deu por designação, conforme os limites estabelecidos na portaria que formalizou o procedimento".

Antes do prazo para eventual recurso chegar ao fim, um grupo de advogados ligados ao Coletivo de Advogadas e Advogados pela Democracia apontou suspeição de Venturi, alegando que ele já teria demonstrado apoio à Lava Jato no passado, e pediu que a troca do nome designado para atuar no caso. A Procuradoria rejeitou o pedido. Venturi diz não ter relação de amizade ou inimizade pessoal com Castor de Mattos.

Catarina Scortecci

R$ 4.100

foi o valor pago por outdoor exaltando a Lava Jato que gerou processo contra o procurador Diogo Castor de Mattos

Ganho acima da inflação no Judiciário extrapola várias vezes o do funcionalismo

Nas esferas federal e estadual, reajuste ficou 130% e 214% acima da recomposição de preços desde 1985; média para servidores é de 46%

Fernando Canzian

SÃO PAULO Funcionários do Judiciário federal e dos estados lideraram nas últimas décadas os ganhos salariais entre todas as carreiras do funcionalismo. Considerando a remuneração mediana, os servidores da Justiça federal conseguiram ganhos de 130,1% acima da inflação desde 1985. Nos estados, a alta foi ainda maior: 213,6%.

A mediana é o valor exatamente no meio do conjunto de remunerações. No caso dos federais do Judiciário, ela alcança R$ 15.856 ao mês, mas chega a R$ 27.223 na parcela dos 10% mais bem pagos. Nos estados, são R$ 10.197 e R$ 24.243, respectivamente.

Os valores que a elite do funcionalismo leva para casa, porém, podem ser bem maiores se considerados os chamados penduricalhos —verbas indenizatórias adquiridas por magistrados por meio de atos administrativos dos tribunais, leis aprovadas pelo Legislativo e medidas autorizadas por órgãos como o Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Os dados foram compilados a partir da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), que agrega informações sobre empregos e salários no setor formal, pela equipe do Atlas do Estado Brasileiro, do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), vinculado ao Ministério do Planejamento e Orçamento.

Estudo recente do Tesouro Nacional mostrou que o Brasil gasta 1,6% do PIB (cerca de R$ 160 bilhões) com o Judiciário, valor três vezes superior à média de outros emergentes. Quase 83% da despesa é com salários.

Os aumentos reais de 130,1% e 213,6% na remuneração mediana dos servidores dos judiciários federal e estadual ultrapassam muito o reajuste de 45,5% (também acima da inflação) da mediana dos rendimentos do conjunto do funcionalismo público, considerando os poderes Judiciário, Legislativo e Executivo e as três esferas de governo (União, estados e municípios).

Ou seja, em quase 40 anos, foram os membros do Judiciário os que mais tiveram aumentos superiores à inflação.

Segundo o levantamento, no entanto, no decil mais bem pago do funcionalismo (desconsiderando os penduricalhos) estão os servidores do Poder Legislativo federal, que inclui funcionários da Câmara e do Senado. A remuneração média desses 10% no topo chega a R$ 36.704 —e é de R$ 6.903 na mediana.

Deputados federais e senadores têm salário bruto de R$ 46.336,10, o teto constitucional para 2025 —além de seus gabinetes terem direito a diversos assessores e outras verbas.

Para Felix Lopez, coordenador da plataforma Atlas do Estado Brasileiro, o aumento real de 45,5% na remuneração mediana de todo o funcionalismo público de 1985 para cá não pode ser considerado exagerado, pois muitas carreiras ganhavam relativamente pouco no passado.

No setor público como um todo, a mediana equivalia a R$ 2.255 em 1985 (em valores corrigidos). Hoje, é de R$ 3.281. A recomposição salarial, diz Lopez, produziu efeitos positivos no recrutamento e no atendimento ao público.

No caso dos servidores municipais, os rendimentos ainda são às vezes menores que os de cargos similares na iniciativa privada. Nos estados, com exceções, os salários públicos e privados se equivalem.

Mas são justamente aqueles com menor remuneração (nos estados e municípios) que estão na linha de frente com a sociedade. Segundo pesquisa Datafolha de 2024, só 41% dos brasileiros consideram o atendimento público ótimo/bom; e 80% são favoráveis a demissões no funcionalismo por mau desempenho.

No entanto, 65% dos servidores têm estabilidade no emprego. Chamados estatutários, raramente podem ser dispensados.

Segundo o economista e doutor em direito Bruno Carazza, autor do livro "O País dos Privilégios", uma característica do Judiciário é que a maioria dos servidores tem remuneração elevada —além dos penduricalhos.

Segundo cálculos de Carazza, entre 2018 e 2023, cerca de R$ 40 bilhões foram pagos acima do teto constitucional a membros do Judiciário. "No Poder Legislativo federal houve uma moralização, e são raros os casos de pagamentos acima do teto, embora muitos hoje recebam perto do valor máximo. O problema dos penduricalhos segue concentrado no Judiciário", diz Carazza.

Entre os objetivos do ministro Fernando Haddad (Fazenda) para o biênio 2025-2026 consta a aprovação de projeto de lei para eliminar ou limitar pagamentos acima do teto. Já tramita do Congresso o PL 6.726/2016 neste sentido, mas o governo preferiria reiniciar as discussões, já que exceções permitindo pagamentos maiores têm sido agregadas ao projeto em tramitação.

Procurado para comentar o forte avanço na remuneração de membros do Judiciário, o Conselho Nacional de Justiça não deu retorno à reportagem.

Poderes Judiciário e Legislativo lideram em rendimentos

Judiciário federal

Mediana das remunerações
Em R$
1985: 6.891
2022: 15.856
+130,1%

Remunerações no topo*
Em R$
1985: 19.325
2022: 27.223
+41%

Judiciário estadual

Mediana das remunerações
Em R$
1985: 3.251
2022: 10.197
+213,6%

Remunerações no topo*
Em R$
1985: 14.346
2022: 24.243
+69%

Mas Legislativo federal tem maior remuneração no topo

Mediana das remunerações
Em R$
1985: 13.570
2022: 6.903
-49%

Remunerações no topo*
Em R$
1985: 33.160
2022: 36.704
+10,7%

Legislativos estaduais seguem tendência do federal

Mediana das remunerações
Em R$
1985: 4.370
2022: 5.771
+32%

Remunerações no topo*
Em R$
1985: 13.632
2022: 25.186
+84,7%

Setor público como um todo

Mediana das remunerações
Em R$
1985: 2.255
2022: 3.281
+45,5%

Remunerações no topo*
Em R$
1985: 7.693
2022: 10.034
+30,4%

Judiciário fura teto constitucional em bilhões de reais

Valores pagos acima do limite, em R$ bi**

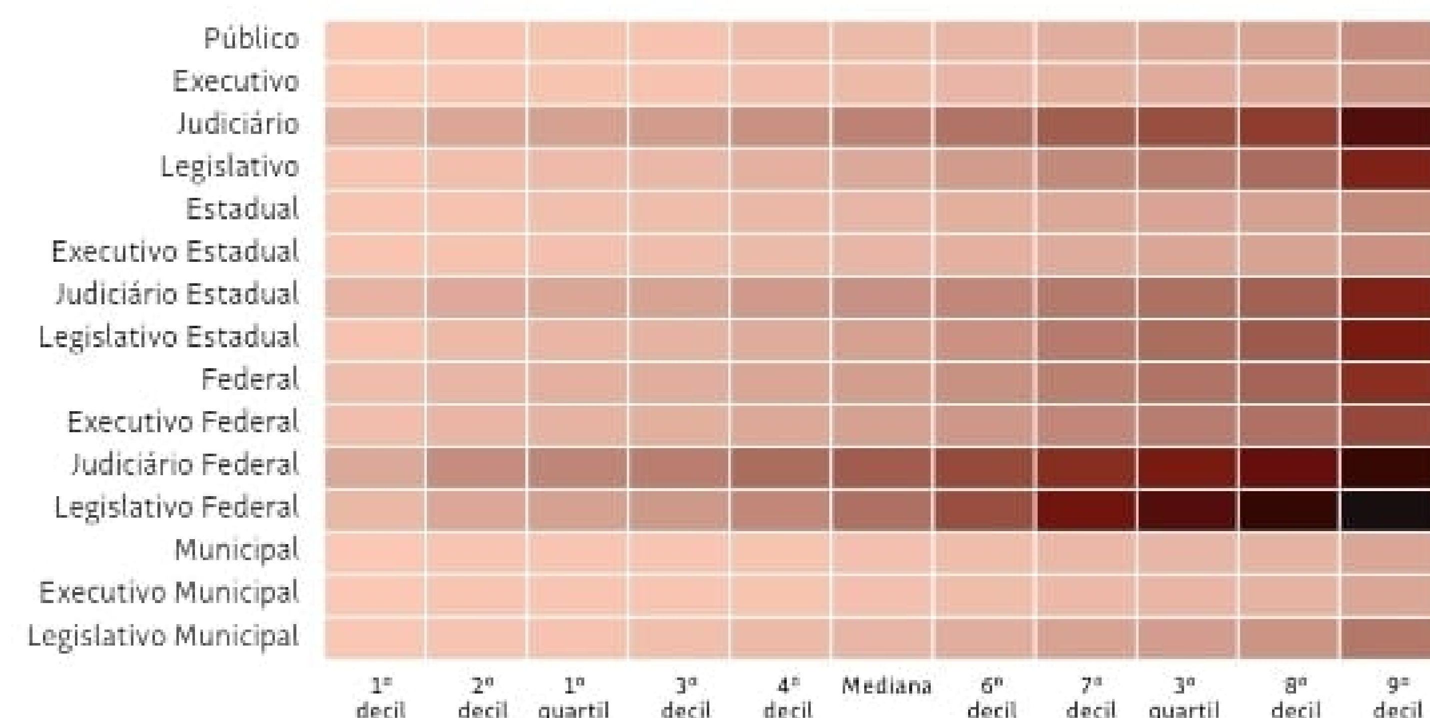
2018	2019	2020	2021	2022	2023
6,7	5,6	5,7	6,2	7,3	8,1

39,6 é o total entre 2018-2023

Decis, quartis e mediana das remunerações públicas em 2022

Por nível federativo e poder, em R$

500 — 35.000



* Não inclui os chamados penduricalhos (verbas indenizatórias adquiridas por magistrados por meio de atos administrativos dos tribunais, leis aprovadas pelo Legislativo e medidas autorizadas pelos órgãos de fiscalização da categoria, como o Conselho Nacional de Justiça; 9º decil de renda mais elevada;Valores corrigidos para out.23 pelo INPC/IBGE
** Total de indenizações e direitos pessoais e eventuais pagos a magistrados ativos e inativos acima do teto do funcionalismo; Valores corrigidos pelo IPCA até jan.24 e já descontada a retenção por teto constitucional ("abate-teto").

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (Rais, 2022) e Atlas do Estado Brasileiro/Ipea. Elaboração do autor a partir de dados do Conselho Nacional de Justiça.

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

SAMUEL COUTO
Diretor editorial do grupo HarperCollins do Brasil

Bíblia evangélica lidera venda de livros no país

Diretor de maior editora cristã afirma que evangélicos compram e leem muito mais do que católicos

Samuel Couto é diretor editorial da HarperCollins no Brasil, que controla a Thomas Nelson, braço cristão que hoje concentra mais de um terço do mercado de publicações religiosas no país. Segundo ele, católicos compram e leem muito menos do que evangélicos. Esse grupo mantém o mercado aquecido em busca das novas traduções da Bíblia que, em alguns casos, têm respaldo em achados arqueológicos. Para eles, a leitura é um exercício da fé, que alimenta um mercado em expansão.

☆

A editora é só para evangélicos? A Thomas Nelson publica livros para o cristão protestante. Dialogar com outras religiões cria barreiras. O evangélico tem preconceito com o produto católico.

Isso também vale para católicos? Não. Tanto que temos múltiplos autores para evangélicos, como Max Lucado e C.S. Lewis, maciçamente lidos por católicos.

Entre católicos e evangélicos, quem compra mais? O evangélico compra muito mais e lê pelo menos duas vezes mais que os católicos. A leitura do livro é a prática da fé protestante. A quebra entre a igreja católica e a protestante se dá justamente nisso: não é preciso padre para chegar a Deus. Basta conseguir ler e interpretar a Bíblia sozinho.

A Bíblia é o que mais vende? A Bíblia protestante é, de longe, o livro mais vendido no mundo e a Thomas Nelson é a maior vendedora do mundo. O Brasil é o segundo maior comprador, com 12 milhões de exemplares no último ano, aproximadamente. Em volume, só perde para os EUA.

A editora tem muitos títulos na lista de best sellers. O mercado cresceu? Os livros religiosos têm mais exposição. Estamos na Amazon, no Google, em locais que antes não eram monitorados [por quem faz o ranking dos mais vendidos]. O termo Thomas Nelson Brasil é mais pesquisado [no Google] do que grandes editoras como a Companhia das Letras.

Essa venda acompanha a expansão dos evangélicos no Brasil? Não necessariamente. Pertence ao nosso grupo a tradução bíblica mais lida do mundo, a New International Version, e também a segunda mais lida, que é a King James Version, uma atualização da anterior. Essa é uma das razões pelas quais o grupo é tão relevante. E, mesmo assim, não somos os líderes de mercado. O maior vendedor [da Bíblia] é a Sociedade Bíblica do Brasil. Eles têm até barco descendo o rio Amazonas [para fazer a venda].

Qual a diferença entre as duas Bíblias? A católica possui mais textos. A evangélica tem 66 livros. Há uma diferença histórica na tradução também. A católica foi canonizada na Idade Média. Todas as traduções são feitas a partir daquele texto. Os evangélicos deram um passo atrás ao traduzir diretamente do aramaico. Enquanto a católica é fixa, a evangélica recebe traduções novas todo ano. Algumas incorporam até descobertas arqueológicas de textos originais.



Samuel Couto
Fez carreira no mercado editorial religioso, em que atua há 17 anos. Passou pela Mundo Cristão antes de chegar à Thomas Nelson Brasil, onde trabalha há 12 anos. É diretor editorial do grupo desde 2023. Foi ele quem negociou os direitos de dois fenômenos da literatura mundial no país: J.R.R. Tolkien, autor de O Senhor dos Anéis, e C.S. Lewis, de As Crônicas de Nárnia

Aí há um trabalho de comparação desses manuscritos.

Eles chegam a divergir? Sim e criam-se leis a partir do novo entendimento.

Por exemplo? O papel da mulher na sociedade, principalmente na ocidental, vem muito a partir da leitura da Bíblia. Temos descobertas de textos agora em que a palavra usada na Bíblia para pautar a [suposta] subordinação é diferente no manuscrito original. A mulher é descrita como serva em um texto [mais antigo] e como sacerdotisa em outro [mais recente]. Martin Luther King, que era reverendo, interpretou o texto para mostrar que a Bíblia não defendia a segregação.

Por isso há tantas igrejas evangélicas diferentes? Exato.

A fé hoje é o que mais move o mercado editorial? De longe é o público infantil. Não tenho dados precisos, mas o público religioso, somando todas as fés, viria na sequência. A HarperCollins é a quarta maior produtora do país e a Thomas Nelson responde por metade do grupo. Segundo a Nielsen, temos 35% do mercado de livros religiosos, o que ocorreu em cinco anos.

Marinha Mercante busca soluções para evitar apagão marítimo até 2030

Com falta de mão de obra, entidades pedem mais cursos de formação; militares dizem que houve alta de matrículas em ciências náuticas



Navio de cabotagem da Aliança em viagem entre os portos de Pecém e Suape Eduardo Knapp-3.set.24/Folhapress

Alex Sabino

SÃO PAULO As empresas envolvidas na navegação de cabotagem acreditaram terem dado um ultimato na Marinha. Após pressão no Congresso Nacional, a LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) incluiu os gastos com o EPM (Ensino Profissional Marítimo) como despesas obrigatórias em 2025. "A Marinha sempre joga a culpa no orçamento. Se o problema era esse, tentamos resolver", afirma Luís Fernando Resano, diretor-executivo da ABAC (Associação Brasileira de Armadores de Cabotagem).

Os investimentos, em teoria, financiariam a formação de mais oficiais e diminuiriam uma defasagem que preocupa a Marinha Mercante nacional. Se nada mudar, em breve, vai faltar mão de obra nas embarcações, acreditam executivos do setor. À **Folha** este risco foi chamado de "apagão marítimo".

O lobby foi em vão. O presidente Lula, sob o argumento de que a obrigatoriedade reduziria a flexibilidade na gestão das despesas orçamentárias, vetou o dispositivo.

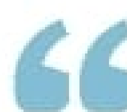
O DPC (Diretoria de Portos e Costas), responsável pelo EPM, diz que se a obrigatoriedade fosse mantida, o orçamento não estaria sujeito a cortes, como em 2024. Mas os resultados do investimento seriam percebidos apenas a médio prazo, com a evolução e a estabilização dos projetos em curso.

Estudo do ano passado atualizado em janeiro, realizado pelo CILIP (Centro de Inovação em Logística e Infraestrutura Portuária) e pela Fundação Vanzolim, estima que, em 2030, haverá um rombo de 335 vagas na Marinha Mercante. Isso pode ser pior, se houver demanda das eólicas offshore.

O documento diz que estes dados são conservadores e há outros problemas em potencial. A taxa de aposentadoria é crescente, com 40% dos profissionais já próximos da faixa etária em que poderão parar de trabalhar. Cerca de 30 embarcações podem ficar sem capacidade operacional até 2030.

"O estudo aponta um déficit crescente de mão de obra para os próximos anos", diz Luiza Bublitz, presidente da Aliança Navegação e Logística, principal empresa de transporte e logística do país. Ela argumenta ser necessário explorar a viabilidade de parcerias público-privadas; modernizar e flexibilizar os processos de novas certificações e revalidações; e buscar soluções para o processo de formação contínua de profissionais, como na transição de oficial júnior para sênior, por exemplo. "Em momentos críticos como este, todas as partes envolvidas devem unir esforços em prol do setor."

Na segunda-feira (3), os aprovados no concurso do ano passado da EFOMM (Escola de Formação de Oficiais de Marinha Mercante) iniciaram as aulas. Os oficiais de náutica e de máquinas que trabalham nos navios de bandeira nacional precisam ser formados por essa instituição. Outra queixa das empresas do setor é que os cursos são demorados e que há capacidade ociosa. São três anos de estudos e mais 12 meses de estágio embarcado. O tempo não é corrido. Valem apenas os dias a bordo.



Com crescimento projetado para o nosso setor e o aumento da frota nacional de navios, entendemos ser essencial investir na ampliação da formação de oficiais nas escolas de Marinha Mercante"

Luiza Bublitz
presidente da Aliança Navegação e Logística

A DPC responde ter havido aumento de cerca de 19% de alunos matriculados no primeiro semestre deste ano, em relação a 2024: "Esta diretoria sempre vai perseguir o propósito de oferecer a maior quantidade de vagas possível, entregando à sociedade cidadãos formados como bacharéis em ciências náuticas", afirma o órgão.

"Solicitamos à Marinha que abra mais cursos entre 2025 e 2026. Há deficiência no número de chefes de máquinas. Um oficial de máquina leva seis anos para virar chefe. É preciso de um plano para virar mais chefes, comandantes... É um mercado que pode se tornar atrativo", afirma Andréa Simões, diretora de gente, cultura e transformação digital da Log-In, empresa de soluções de logística integrada.

A navegação de cabotagem vive contínuo crescimento no Brasil, apesar dos gargalos e problemas de infraestrutura nos portos. Entre 2010 e 2023, o volume de carga subiu 59,3%. Relatório da Antaq (Agência Nacional de Transportes Aquaviários) aponta que este modal movimentou 290,1 milhões de toneladas em 2023, sendo 36,9% em contêineres. A maior parte, 45%, é óleo carregado pela Petrobras. São 58 companhias que atuam no Brasil, sendo 11 operadoras donas de 99 navios capazes de transportar 2,5 milhões de toneladas.

OS MELHORES NOMES ESTÃO AQUI

CASAFOLHA
CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA

Jornada Dinheiro e Carreira

ÁLVARO MACHADO DIAS
Neurocientista, professor e pesquisador. É especialista em inteligência artificial e futurismo.

GEORGE WACHSMANN
Com 30 anos de experiência, é um dos nomes mais respeitados do mercado financeiro.

PEDRO MALAN
Um dos maiores economistas do Brasil, foi ministro da Fazenda e presidente do Banco Central.

NATALIA BEAUTY
Multiempreendedora e fundadora do Natalia Beauty Group.

CANDIDO BRACHER
Ex-CEO do Itaú Unibanco e fundador do banco BBA, tem 40 anos de experiência no setor financeiro.

RACHEL MAIA
Empresária e conselheira, foi a primeira mulher negra CEO de grande empresa no Brasil.

ANA KARINA BORTONI
Especialista em liderança e inovação, foi a primeira mulher CEO de um banco de capital aberto no Brasil.

EDU LYRA
Empreendedor social e fundador da Gerando Falcões, já foi selecionado como um dos 15 jovens que podem mudar o mundo.

Jornada Transformação Pessoal e Bem-Estar

MONJA COEN
Missionária oficial da tradição zen-budista Soto Shu, é fundadora da comunidade Zendo Brasil.

SUZANA HERCULANO-HOUZEL
Bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (Estados Unidos). É a primeira mulher editora-chefe no Journal of Comparative Neurology.

VERA IACONELLI
Psicanalista, mestre e doutora em psicologia, é diretora do Instituto Gerar de Psicanálise e autora de diversos livros.

BRUNO GUALANO
Doutor em educação física e esporte pela USP, é um dos cientistas mais influentes na área.

MONICA ANDERSEN
Doutora em psicobiologia e diretora do Instituto do Sono, é listada como uma das cientistas mais influentes do mundo.

ALEXANDRE KALACHE
Médico gerontólogo e um dos maiores especialistas em longevidade do mundo.

Comunicação e Criatividade



JOSÉ PADILHA
Cineasta premiado, diretor e roteirista de sucessos como "Tropa de Elite" e "Narcos".



GIOVANNI BEGOSSI E MICARLA LINS
Giovanni Begossi e Micarla Lins, campeões de oratória e debates, são os únicos brasileiros a ocuparem o cargo de juízes-chefes no Campeonato Mundial de Debates em Espanhol.

Alta Performance



FERNANDA KELLER
Fernanda Keller é uma lenda do esporte. Única pessoa da América Latina a entrar no Hall da Fama do Ironman mundial, cinco vezes campeã do Ironman Brasil, detém o recorde de pódios no campeonato mundial do esporte.



RAÍ SOUZA VIEIRA DE OLIVEIRA
Raí é um dos maiores ídolos do futebol no Brasil e na França. Foi capitão da seleção brasileira, do São Paulo e do Paris Saint-Germain. Ganhou títulos nos maiores torneios mundiais como a Copa do Mundo, a Libertadores da América, o Campeonato Francês, entre outros.

Uma plataforma completa

Aulas e conteúdos criados para que você possa tirar o máximo proveito.



Novos cursos todos os meses



Acesso ilimitado a todo o conteúdo da Folha



Assine agora e aproveite a oferta exclusiva.

DE ~~R$ 59,90~~*/MÊS POR APENAS 12x de R$ 19,90 /MÊS.

Já é assinante Folha? Acesse: casafolhasp.com.br/upgrade e faça o upgrade de sua assinatura.

*PROMOÇÃO VÁLIDA PARA O PLANO ANUAL.

Produtividade no Brasil trava e se distancia de países com menor carga de trabalho

Baixo desempenho é apontado como entrave para reduzir jornada; para especialista, país pode dar um salto a partir do setor industrial

Douglas Gavras

PORTO ALEGRE Após se reaproximar da média mundial, a produtividade do trabalhador brasileiro recuou com o fim da pandemia. Praticamente travada nos últimos 30 anos, em 2024 ela era equivalente a menos de um quarto, em termos de riqueza, do que é produzido por um colega norte-americano, de acordo com dados do Conference Board.

Em ranking com 131 países compilado pela instituição, liderado por Luxemburgo, Noruega e Dinamarca, o Brasil ocupava o 78º lugar em 2024. O país fica atrás de outras economias do continente, como Uruguai (48º), Argentina (56º) e Chile (59º).

Por outro lado, está uma posição à frente da China (79º lugar, quando analisada separadamente de Hong Kong, que está na 21ª posição) e de outro companheiro de Brics, a Índia (101º).

Segundo Daniel Duque, especialista em mercado de trabalho do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia), a produtividade do trabalho é o maior indicador de desenvolvimento do país.

"Algumas das medidas para aumentar a produtividade já são conhecidas, como melhorar a qualidade da educação, para que a população tenha maior capacidade de aprendizado e consiga manipular máquinas e ferramentas."

A produtividade do Brasil estava, até 2015, acima da média mundial. Naquele ano, cada trabalhador brasileiro gerava, por hora trabalhada, cerca de 20 dólares internacionais a preços de 2022 (em PPC, Paridade do Poder de Compra, que evita distorções na comparação entre países).

Em 2020, novamente voltamos a encostar na média dos demais países analisados, no que os analistas consideram ter sido uma espécie de "soluço" no período mais crítico da pandemia, quando os trabalhadores menos produtivos foram afastados de suas funções e os mais produtivos passaram a ter maior peso nas estatísticas.

O indicador brasileiro voltou a ficar abaixo da média global no ano seguinte e, em 2024, era de 21,44 dólares PPC — patamar parecido ao de dez anos atrás.

Hoje, a produtividade do trabalhador brasileiro fica atrás daquela observada em outros países com menor carga laboral. Reportagem de novembro da Folha, a partir de dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho), mostrou que o Brasil tem média semanal de 39 horas de trabalho.

Com relação aos países do G20, o Canadá aparece com a menor média de carga de trabalho, com 32,1 horas por semana. Mas cada canadense gera cerca de 68 dólares PPC por hora trabalhada.

A carga horária, porém, não reflete a produtividade de cada país, que leva em conta fatores como tecnologia e escolaridade. Do lado dos trabalhadores, os especialistas veem lacunas na formação; do lado das empresas, dificuldade para renovar estruturas.

A baixa produtividade é apontada como um dos entraves para a redução da carga de trabalho no Brasil, uma discussão que ganhou fôlego no ano passado.

Uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da deputada Erika Hilton (PSOL-SP), apresentada em maio, propõe o fim da escala 6x1 (seis dias de trabalho e um de descanso semanal) e a adoção de uma jornada de 36 horas semanais, dividida em quatro dias.

O pesquisador Naercio Menezes Filho, do Insper, diz que países ricos altamente produtivos conseguem diminuir a jornada de trabalho, mas esse passo também depende de características locais.

"Nos Estados Unidos, mesmo sendo um país produtivo, se trabalha muito, por ter uma cultura de trabalho. Na Dinamarca, a cultura é terminar o trabalho cedo."

Para Clemente Ganz Lúcio, coordenador do Fórum das Centrais Sindicais, é importante considerar que o Brasil teve em 2024 seu segundo ano consecutivo de crescimento industrial, e que isso coloca o país em condições de dar um salto na produtividade.

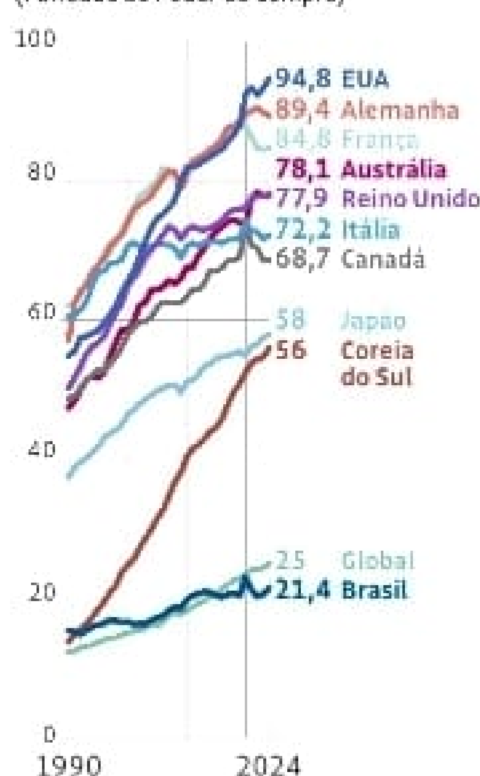
Segundo Duque, um ponto importante é reduzir a rotatividade do mercado de trabalho. "As pessoas ficam pouco tempo em um mesmo trabalho e isso impede severamente o aprendizado."

Duque acrescenta que a legislação rígida e a alta carga tributária sobre salários dificultam contratações, promovendo a informalidade.

As medições internacionais comparam dados do PIB com o número de trabalhadores empregados. Países mais populosos e com industrialização tardia acabam aparecendo em posições piores, embora estejam melhorando seus indicadores.

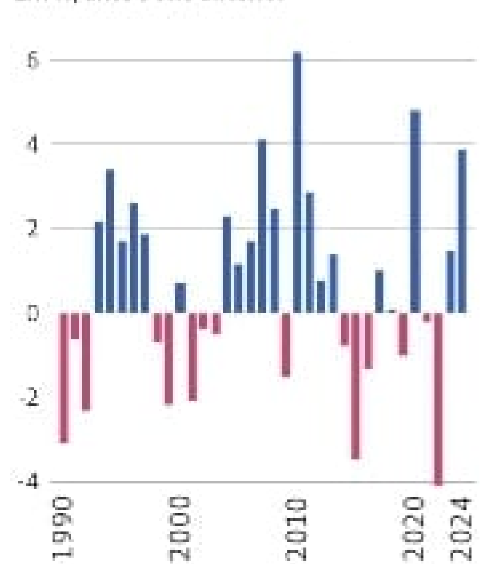
Produtividade do trabalho por hora trabalhada

Em dólares internacionais de 2022, convertidos usando PPC (Paridade do Poder de Compra)



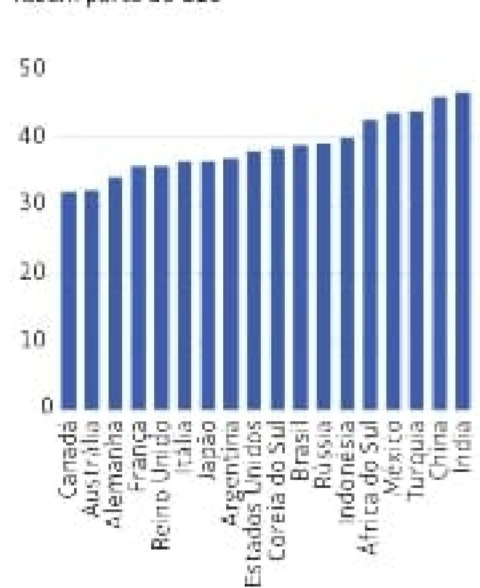
Variação da produtividade do trabalho por pessoa ocupada no Brasil

Em %, ante o ano anterior



Média semanal de horas trabalhadas por empregados

Os países apresentados no gráfico fazem parte do G20



Fonte: TCB Total Economy Database

Extrema direita na cadeia e 2026

Extrema direita precisa de crise para mudar Ficha Limpa ou aprovar anistia

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

A Polícia Federal acusa Jair Bolsonaro de liderar uma quadrilha golpista. Entre outras atividades, a organização criminosa tentava levar as Forças Armadas para o golpe. Tinha apoio de uma célula de terroristas militares. Coordenava acampados diante do Quartel General do Exército e contatos com gente que promoveu tumultos, incêndios e ataques em dezembro e no 8 de Janeiro.

O capitão das trevas e comparsas devem ser denunciados por essas acusações ainda em fevereiro pela Procuradoria-Geral da República. Em abril, o Supremo daria início ao processo. Em novembro, essa gente poderia estar condenada.

Deputados do PL, bolsonarista, querem mudar a Lei da Ficha Limpa. Mas, caso condenado por golpe, Bolsonaro continuaria inelegível mesmo aprovada essa lei para limpar outras de suas barras sujas.

Embora desesperada, a estratégia bolsonarista tem algum sentido. Caso a mudança na Lei da Ficha Limpa fosse aprovada e não fosse barrada por Executivo e Judiciário, não teria efeito prático, eleitoral, a condenação de Bolsonaro no TSE, de 2023, por abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação. Ao menos por um momento nome de novo viável para 2026, o capitão das trevas teria algum combustível extra para atacar o processo de golpe no STF.

Outra contraofensiva é a anistia dos condenados do 8 de Janeiro, que poderia beneficiar, no caso de terra em transe, também Bolsonaro. São hipóteses remotas, embora menos do que em fevereiro de 2024, quando a campanha foi lançada.

A chance dos golpistas é remota. Mas a política pode mudar de água para vinho ou vinagre em meses (vide 2013, 2015, 2019). Atraso no processo do golpe e bulir com a estabilidade econômica podem despertar monstros

A discussão foi reavivada por Hugo Motta (Republicanos-PB), não se sabe por inadvertência ou como ameaça velada. O novo presidente da Câmara disse que condenações da turba do 8 de Janeiro são exageradas, assim como o tempo de inelegibilidade previsto pela Lei da Ficha Limpa.

Motta e Davi Alcolumbre (UB-AP) reiteraram querer paz com governo e STF; que não pretendem pautar projetos de leis divisivos e tumultuários; que vão ouvir os colégios de líderes do Congresso.

Primeiro, Alcolumbre e Motta querem acertar as contas — receber as emendas. Negociam novo acordão com STF e governo, embora Flavio Dino, do STF, tenha marcado audiência, para o dia 27, a fim de cobrar vergonha na cara. Segundo, o centrão discute como apoiar Lula em 2025, em troca de cargos, sem se comprometer com apoio em 2026 — ao contrário.

São negociações de risco para o governo e, pois, fresta de esperança para a extrema direita. Uma baixa maior da popularidade de Lula teria efeitos dúbios. Por um lado, diminuiria a força política do governo e favoreceria debandadas perigosas. Mas, por isso mesmo, criaria oportunidades para várias direitas em 2026. Haveria, pois, candidaturas interessadas em ver Bolsonaro fora do páreo.

Por ora, não há ambiente para anistiar a cúpula golpista, seja por qual meio for. Tais projetos implicam conflito ainda maior entre Congresso e STF. A maior parte da elite econômica não embarcaria, sem mais, em turbulência. De resto, essa elite pega mais carona na política do que a determina e, em caso de fraqueza de Lula, poderia entrar em outra canoa direitista, sem precisar de Bolsonaro.

Ainda assim, a política no Brasil pode mudar de água para vinho ou vinagre em meses (vide 2013, 2015, 2019). Atrasos do STF no processo do golpe e brincadeiras com a estabilidade econômica podem despertar monstros.

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Ana Paula Vescovi / Marcos Lisboa / Candido Bracher **SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo, Michael Viriato** TER. Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon QUA. Bernardo Guimarães / Lorena Hakak, Vinicius Torres Freire, Jerson Kelman QUI. Cida Bento / Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire SÁB. Marcos Mendes / Rodrigo Zeidan, Laura Muller Machado



Leilão Judicial Eletrônico

Imóveis com deságios de até 50% sobre o valor de avaliação. Aproveite!



Lances a partir de **R$ 15.000.000,00** | Avaliação R$ 30.000.000,00

Terreno Urbano

Terreno com área de 92.815 m². Localizado ao lado da Rod. Anhanguera e próximo do centro de Cajamar/SP.

1º Leilão ~~10/12 - 10:00hs~~  2º Leilão 21/02 - 10:00hs

Juiz: Exmo. Dr. Igor Fonseca Rodrigues
TRT da 1ª Região do Rio de Janeiro/RJ



Cajamar/SP

Lances a partir de **R$ 7.023.697,40** | Avaliação R$ 14.047.394,79

Complexo Industrial e Prédio

Terreno com 7.887 m² de construção sobre terreno com área de 21.977 m². Composto por 3 barracões, 3 casas e 1 rancho. Localizado a 14 min do centro da cidade.

1º Leilão ~~04/02 - 09:30hs~~  2º Leilão 25/02 - 09:30hs

Juiz: Exmo. Dr. Claudio Luis Pavão
4ª Vara Cível de Rio Claro/SP



Rio Claro/SP




Lances a partir de **R$ 412.144,66**

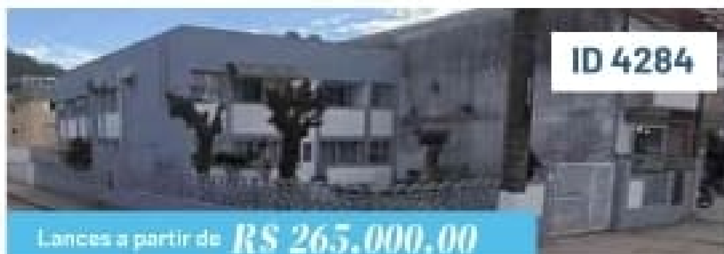
Avaliação R$ 588.778,09

Sala Comercial – Bairro Vila Mariana/SP

Imóvel comercial com 53 m² no Condomínio Business Center. Localizado a poucos metros da Av. 23 de Maio e a 7 min. do Metrô Ana Rosa.

Juíza: Exma. Dra. Antonia Maria Prado de Melo
2ª Vara Cível de Jabaquara - São Paulo/SP

1º Leilão 14/02 - 09:00hs  2º Leilão 14/02 - 10:00hs




Lances a partir de **R$ 265.000,00**

Avaliação R$ 530.000,00

Apartamento – Ubatuba/SP

Unidade Condominial designada apartamento no Edifício Procon X. Localizado a 3 min. do Center Shopping Rosário.

Juiz: Exmo. Dr. Paulo de Tarso Bilard de Carvalho
2ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

1º Leilão 14/02 - 10:30hs  2º Leilão 06/03 - 10:30hs




Lances a partir de **R$ 242.553,12**

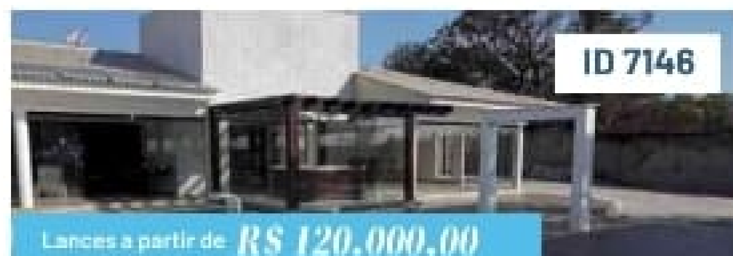
Avaliação R$ 242.553,12

Imóvel Residencial – Aparecida do Norte/SP

Imóvel no loteamento Parque Residencial Itaguaçu com 70 m² de construção e terreno com 250 m². Composto por sala, 2 dorms, banheiro, cozinha e área de serviço.

Juiz: Exmo. Dr. Luís Maurício Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

1º Leilão ~~22/11 - 16:00hs~~  2º Leilão 17/02 - 16:00hs




Lances a partir de **R$ 120.000,00**

Avaliação R$ 300.000,00

Terreno Rural – Itaboraí/RJ

Imóvel denominado Chácara Calundu construída sobre terreno com área de 5.000 m². Localizado a 9 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. Igor Fonseca Rodrigues
TRT da 1ª Região do Rio de Janeiro/RJ

1º Leilão 24/02 - 11:00hs  2º Leilão 25/02 - 11:00hs




Lances a partir de **R$ 1.800.000,00**

Avaliação R$ 4.500.000,00

Prédio e Terreno – Bairro Bonsucesso/RJ

Imóvel e seu respectivo terreno com área de 420 m². Localizado a 5 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. Igor Fonseca Rodrigues
TRT da 1ª Região do Rio de Janeiro/RJ

1º Leilão 24/02 - 11:00hs  2º Leilão 25/02 - 14:00hs




Lances a partir de **R$ 131.467,47**

Avaliação R$ 184.334,34

Apartamento – Campinas/SP

Imóvel com 43 m² no Cond. Residencial Parque da Mata V, localizado a 10 min. da Rod. dos Bandeirantes e a 23 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. Fábio Varlese Hillal
4ª Vara Cível de Campinas/SP

1º Leilão ~~04/02 - 09:00hs~~  2º Leilão 25/02 - 09:00hs




Lances a partir de **R$ 318.652,06**

Avaliação R$ 637.304,12

Terreno Rural – Água Branca/AL

Imóvel denominado Sítio Boa Vista com área de 654 tarefas ou aprox. 230 hectares. Localizado a 24 min. de Delmiro Gouveia.

Juiz: Exmo. Dr. Thiago Augusto Lopes de Morais
Vara do Único Ofício de Mata Grande/AL

1º Leilão ~~04/02 - 09:00hs~~  2º Leilão 25/02 - 09:00hs




Lances a partir de **R$ 986.123,34**

Avaliação R$ 1.643.538,90

Imóvel Rural – Claraval/MG

Sítio denominado Nossa Senhora Aparecida com área de 6,7210 hectares. Composto por plantação, casa e barracão/depósito. Localizado próximo da Rod. MG 344.

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
2ª Vara Cível de Franca/SP

1º Leilão 25/02 - 10:00hs  2º Leilão 17/03 - 10:00hs




Lances a partir de **R$ 328.347,21**

Avaliação R$ 656.694,41

Imóvel Residencial – Jandira/SP

Imóvel com 163 m² de construção e terreno com área de 1070 m². Composto por 3 dormitórios, 2 cozinhas, 2 banheiros, sala, área de serviço e garagem.

Juiz: Exmo. Dr. Bruno Paes Straforini
1ª Vara Cível de Barueri/SP

1º Leilão 25/02 - 10:00hs  2º Leilão 26/02 - 11:00hs




Lances a partir de **R$ 264.624,28**

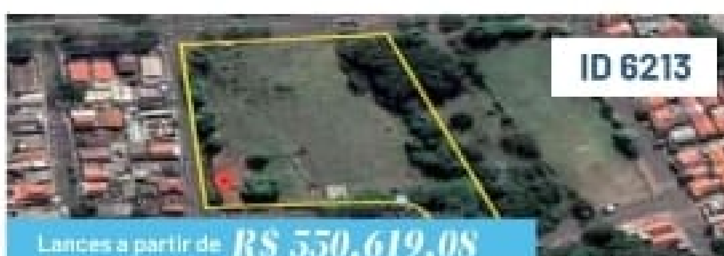
Avaliação R$ 529.248,56

Terreno Urbano – Santana de Parnaíba/SP

Lote de terreno com 420 m² no Cond. Residencial e Comercial Serra do Sol - Altavis Aldeia. Localizado a 11 min. da Estrada dos Romeiros e a 23 min. da Rod. Presidente Castelo Branco.

Juiz: Exmo. Dr. Guilherme Lucca de Camargo
1ª Vara Cível de Santana de Parnaíba/SP

1º Leilão ~~09/10 - 11:00hs~~  2º Leilão 25/02 - 11:00hs




Lances a partir de **R$ 550.619,08**

Avaliação R$ 917.698,48

Imóvel Residencial e Terreno – Iepê/SP

Casa com edícula de 213 m² em terreno com área de 9.520 m². Localizado a 4 min. do centro e a 5 min. da Rod. Brg. Eduardo Gomes.

Juiz: Exmo. Dr. Bruno Paes Straforini
1ª Vara Cível de Barueri/SP

1º Leilão 25/02 - 15:00hs  2º Leilão 25/02 - 16:00hs




Lances a partir de **R$ 352.777,32**

Avaliação R$ 587.962,20

Terreno Rural – Sarapuí/SP

Terreno rural denominado "Fazenda Boa Vista - Gleba B-6" com 146.570 m² de terreno e demais benfeitorias.

Juiz: Exmo. Dr. Miguel Alexandre Correa Lessa
2ª Vara Cível de Itapetininga/SP

1º Leilão 06/03 - 09:00hs  2º Leilão 27/03 - 09:00hs




Lances a partir de **R$ 261.311,51**

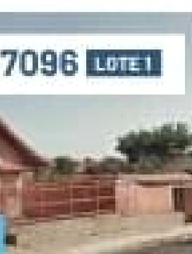
Avaliação R$ 435.519,19

Imóvel Residencial – São José do Rio Preto/SP

Imóvel com 60 m² de construção e terreno com área de 200 m². Localizado a 5 min. da Rod. Assis Chateaubriand e a 20 min. do Aeroporto de São José do Rio Preto.

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Resende
1ª Vara de São José do Rio Preto/SP

1º Leilão 06/03 - 09:00hs  2º Leilão 27/03 - 09:00hs

Lances a partir de **R$ 949.763,25**

Avaliação R$ 1.899.526,51

Imóvel Residencial – Mococa/SP

Imóvel com 541 m² de construção e terreno com área de 1.447 m². Localizado a 4 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. José Oliveira Sobral Neto
Setor de Execuções Fiscais de Mococa/SP

1º Leilão 06/03 - 14:00hs  2º Leilão 06/03 - 15:00hs




Lances a partir de **R$ 1.124.553,08**

Avaliação R$ 2.249.106,16

Prédio Comercial – Mococa/SP

Imóvel com 1.600 m² de construção e terreno com área de 1.399 m². Localizado a 5 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. José Oliveira Sobral Neto
Setor de Execuções Fiscais de Mococa/SP

1º Leilão 06/03 - 14:00hs  2º Leilão 06/03 - 15:00hs

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 | 11 95577 1200 | leje.com.br | @lejeoficial | Leilão Judicial Eletrônico

Eufrázio



Operários trabalham na construção de gasoduto no campo de Azulão, da Eneva, no estado do Amazonas Lalo de Almeida - 13.ago.24/Folhapress

Embate entre Joesley Batista e Carlos Suarez é pano de fundo na guerra pelo gás natural

Disputa por fatia de mercado no setor é travada não só no mundo dos negócios, mas também nos bastidores da política e envolve outros grandes grupos, como Cosan, de Rubens Ometto, e Eneva, de André Esteves

Alexa Salomão e Nicola Pamplona

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO Em meio a uma disputa judicial envolvendo térmicas no Amazonas, dois dos principais empresários do mercado brasileiro de gás natural, Joesley Batista e Carlos Suarez, tiveram um encontro para tentar aparar arestas. A conversa não durou cinco minutos, segundo relatos de pessoas próximas, e só serviu para acirrar os ânimos.

Suarez escalou a briga na Justiça e quer ser ouvido sobre a mudança de contratos das térmicas que a Eletrobras vendeu à Âmbar Energia dos irmãos Batista. Esses, por sua vez, passaram a acusar o concorrente, em comunicados à imprensa, de "tentar criar dificuldades para obter vantagens".

O embate tem como pano de fundo uma corrida do setor privado para aproveitar o que pode se a última janela de investimentos em gás em um cenário de transição energética e de redução da participação do Estado.

A Petrobras ainda é forte no setor, mas sua saída em alguns segmentos abriu espaço para outros competidores. Essa guerra é travada não só no mundo dos negócios mas especialmente nos bastidores da política, no Congresso e nos governos federal e estaduais.

O lobby em si nem chega a ser o problema. É do jogo, e várias entidades defendem interesses setoriais legítimos. O problema é que avança no setor de energia de forma geral o lobby pontual, que beneficia interesses individuais em detrimento do ganho coletivo, o que leva inúmeros especialistas a temer pela qualidade e pela sustentabilidade do planejamento energético de longo prazo.

"Nos últimos anos, tivemos o Gás para Crescer, no governo Michel Temer, o Novo Mercado de Gás, com Bolsonaro, e agora o Gás para Empregar, de Lula, mas o preço não cede, e o da energia elétrica não para de subir porque temos o lobby do cada um por si", diz Lucien Belmonte, presidente da Abividro (Associação Brasileira das Indústrias de Vidro).

Além de Suarez e dos Batistas, esse mercado é disputado por outros pesos-pesados do capital privado: Rubens Ometto, do conglomerado Cosan, André Esteves, do banco BTG, e a família Botelho, forte em distribuição de energia elétrica com a Energisa, que estendeu os negócios para o gás.

A musculatura é essencial para enfrentar embates regulatórios de monta, que não são poucos. O grupo de Ometto é exemplo disso. Investiu quase R$ 500 milhões num gasoduto na subida da serra, em São Paulo, ligando um terminal de importação de gás na Baixada Santista, que construiu, à região metropolitana, onde tem também a Comgás, maior distribuidora da país. O projeto é estratégico, porque ter o próprio gás é um trunfo.

A ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis), no entanto, avaliou que o projeto feria a desverticalização prevista na Lei do Gás e ameaçou exigir a venda. Enquanto o grupo argumenta que é duto de distribuição para uso da empresa, a agência diz se tratar de gasoduto de transporte para longa distância e, por isso, não pode ser um ativo exclusivo.

O governo paulista entrou no embate a favor de Ometto. Hoje o tema é alvo de conciliação no Supremo, e há quem avalie que um meio-termo pode vingar. O grupo ficaria com o duto, abrindo espaço para a passagem de um percentual de gás de terceiros.

Ometto foi o maior doador de recursos para campanhas políticas nas últimas quatro eleições. Em 2022, investiu R$ 7,4 milhões, com grande apoio ao PSD do ministro Alexandre Silveira (Minas e Energia). Mas perdeu influência sob Lula por ter apoiado aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro.

A Cosan diz que as doações de Ometto seguem a legislação vigente e reforça que o duto entre o litoral e a capital foi autorizado como gasoduto de distribuição pelo regulador paulista em 2019.

O setor observa com atenção a Eneva. Criada a partir da fusão de negócios de Eike Batista, ela é uma das maiores produtoras de gás e energia térmica do país e foi fortalecida pela ampliação da presença do BTG, de Esteves. A percepção é que, se o banqueiro aposta na empresa, ela vai crescer.

No início do ano, a Eneva teve um revés. Foi anunciado um leilão de potência, para contratar, entre outros produtos, térmicas a gás, em que é forte. As regras, porém, impediam sua participação. As ações chegaram a sofrer um tombo de quase 10% no primeiro pregão do ano por causa dessa exclusão. Na volta do fim de semana, porém, saíram regras novas, viabilizando a sua participação.

O BTG afirmou à **Folha** que a Eneva procurou o Ministério de Minas e Energia e soube explicar a desvantagem da proposta original, que privilegiava a construção de novas térmicas, mais caras, e deixava de fora seus ativos — que, por serem amortizados, poderiam oferecer preços melhores.

À reportagem o ministério afirmou que a retificação ocorreu porque a pasta "entendeu ser oportuno ampliar a possibilidade de participação de fontes no leilão, aumentando sua competitividade, em prol da redução de custos aos consumidores".

O governo ainda não definiu o montante de energia do leilão de potência, e o valor ainda pode deflagrar novos questionamentos.

Continua na pág. A19



Gás natural não substitui as fontes renováveis

O gás natural, assim como o petróleo, é formado pela decomposição de matéria orgânica em condições particulares. Combustível fóssil e poluente, tem forte impacto nas mudanças climáticas por ser formado principalmente por metano, um potente gás de efeito estufa. Ainda assim, foi eleito nos países desenvolvidos como combustível da transição energética, por emitir menos que fontes como carvão mineral na geração de eletricidade e processos industriais, ou o diesel no transporte.

Eufrázio

Quem é quem na guerra do gás

Como cada grupo empresarial se posiciona no setor

- Exploração e produção de gás
- Distribuição de gás
- Transporte em gasoduto
- Geração de energia elétrica com térmica a gás
- Regaseificação para conversão



André Esteves
Banco BTG

Áreas de negócios



Empresa(s): Eneva

Onde BTG tem 48,5% de participação; a companhia opera 15 campos nas bacias do Parnaíba (MA), Amazonas (AM), Solimões (AM) e Paraná (MS/GO), tem 7 térmicas a gás e uma unidade de regaseificação flutuante em Barra do Coqueiros (SE)

Localização dos ativos: AM, RR, MA, CE, SE e ES

Térmicas Em MW

Complexo Parnaíba*	1.800
Hub Sergipe 1 (SE)	1.600
Fortaleza (CE)	327
Luiz O. Rodrigues (ES)	300
Viana (ES)	212
Jaguatirica 2 (RR)	141
Povoação (ES)	75

*5 usinas

Joesley e Wesley Batista
J&F Investimentos

Áreas de negócios



Empresa(s): Fluxus e Âmbar Energia

A Fluxus explora três blocos na Bolívia (Tacobo, Tajibo e Yacuiba) e um na Argentina (Centenário). A Âmbar Energia tem 16 térmicas a gás

Localização dos ativos: AM, MT, RJ, PR, RS, Argentina e Bolívia

Térmicas Em MW

Uruguaiana (RS)	640
Mauá 3 (AM)	591
Cuiabá (MT)	529
Santa Cruz (RJ)	500
Araucária (PR)	484
Rio Negro (AM)	188,2
Aparecida (AM)	166
Jaraqui (AM)*	156,6
Tambaqui (AM)**	155,8
Cristiano Rocha (AM)	96,2
Ponta Negra (AM)	95,8
Manauara (AM)	95,8
Codajás (AM)	5,4
Anori (AM)	4,5
Anamã (AM)	2,1
Caapiranga (AM)	2,1

*Gás e óleo diesel | **Gás natural e óleo diesel

Carlos Suarez
Termogás

Áreas de negócios



Empresa(s): Termogás

Tem participações, por meio de ações ordinárias, em distribuidoras do Norte, Nordeste e Centro Oeste – Cigás (49%), Gasmar (49%), Gás do Pará (49%), CEB Gás (43,75%), Goiasgás (49%), Gasap (49%), Gaspisa (49%), Rongás (49%) e Gasap (49%, em estágio pré-operacional), e em transporte

Localização dos ativos: AM, AP, RO, PA, MA, PI, DF e GO

Família Botelho
Nova Gipar Holding

Áreas de negócios



Empresa(s): Energisa

Pelo braço EDG (Energisa Distribuição de Gás), atua no setor com a ES Gás e a Norgás (51%), holding com participação em distribuidoras no Nordeste, Cegás (29,4% do capital total), Algás (29,4%), Copergás (41,5%), Sergas (41,5%) e Potigás (83%)

Localização dos ativos: RN, CE, AL, SE, PE e ES

Rubens Ometto
Grupo Cosan

Áreas de negócios



Empresa(s): Compass Gás e Energia

Controla Edge (atua em comercialização de gás, regaseificação no Porto de Santos, em São Paulo, e tem 51% Biometano Verde Paulínia), Comgás (99,1% da distribuidora de São Paulo) e Commit (51% da empresa que tem participações nas distribuidoras do Centro-Sul, MSGás (49%), Necta (100%), CEG-Rio (37,4%), SCGás (41%), Compagas (24,5%) e Sulgás (49%). A Compass também é acionista direta da Sulgás (51%) e Compagas (51%)

Localização dos ativos: SP, RJ, PR, SC, RS e MS

Fontes: empresas

Continuação da pág. A18

No Congresso, o jogo regulatório é ainda mais pesado. Não existe uma bancada do gás, mas quem circula por lá identifica que os parlamentares do Norte e do Nordeste estão entre os mais sensíveis ao tema, em parte porque há reservas e um bom conjunto de térmicas nessa parte do país.

O gás está por trás de alguns dos mais questionados "jabutis" inseridos em projetos de lei nos últimos anos. O mais famoso está na Lei da Eletrobras, determinando a construção de 8 GW de térmicas em locais sem gasodutos —o que obrigaria construir as redes.

O primeiro leilão mostrou que a maioria das usinas não tinha viabilidade, mas o tema ressurgiu no projeto que tratava das eólicas offshore, em meio a uma série de medidas estranhas à matéria —incluindo benefício ao carvão.

"Como fênix, o 'jabuti' do gás ressurgiu das cinzas, não só para onerar o consumidor mas para desorganizar ainda mais o setor de energia", diz Luiz Eduardo Barata, presidente da Frente Nacional de Consumidores de Energia, uma das entidades mais combativas contra subsídios.

Todos os "jabutis" foram vetados no início do ano por Lula, sob justificativa de que teriam impacto nas tarifas de energia, mas a presença deles representou mais uma vitória de lobbies no Congresso, que favoreceriam especialmente a Termogás, de Suarez.

A empresa tem participação em distribuidoras de gás natural nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, algumas ainda inoperantes por falta de insumo. Tem também um braço pré-operacional com autorização para 8.600 quilômetros de gasodutos.

Conhecido como "rei do gás", um título de que não gosta, Suarez é considerado um dos empresários mais influentes no Congresso. Seus principais antagonistas hoje, os Batistas, são vistos como mais próximos do Planalto, principalmente após iniciativas que, na leitura do mercado, beneficiaram o grupo. A que provocou mais barulho foi a MP 1.232, que ajuda a viabilizar a recuperação da Amazonas Energia, distribuidora daquele estado. À beira de quebrar, precisa ser transferida para um novo investidor.

Um dos itens do texto transferiu para todos os consumidores do Brasil a conta das térmicas que vendem energia para essa distribuidora, que haviam sido compradas, dias antes, pela Âmbar, braço do setor elétrico da J&F. Detalhe: a mesma J&F é a interessada em assumir a distribuidora.

Quase uma dezena de empresas avaliou a compra das térmicas. Executivos do setor dizem que houve espanto geral quando a MP alterou o tipo de contrato delas. Com isso, um ativo complicado foi automaticamente valorizado. A partir daí, Suarez e Batista entram em rota de colisão pública. A Cigás (distribuidora de gás em que Suarez é sócio no Amazonas) afirma ter débitos que precisam ser esclarecidos antes que os negócios troquem de mãos.

"Nada disso estaria acontecendo se o governo não tivesse mudado a regra no meio do jogo", diz Roberto Podval, advogado que acompanha as causas judiciais de Suarez. "Aqui, o Estado se envolveu, e a briga não é privada. O governo que trate o caso com a devida importância e seriedade e consiga uma solução."

A J&F, em nota, negou o favorecimento. Diz que todas as alterações da MP eram de conhecimento dos concorrentes no leilão das térmicas e rebate a Cigás.

"O pedido da Cigás para interferir na transação e adquirir um direito de anuência sobre o negócio é apenas uma tentativa de Suarez de criar dificuldades para obter vantagens após perder o processo competitivo privado e acirrado pelas usinas da Eletrobras. A Âmbar não cederá às seguidas pressões de Suarez para extrair benefícios de um negócio que não lhe diz respeito."

A pasta reforça a crítica. "O MME (Ministério de Minas e Energia) refuta ilações sobre favorecimento a qualquer empresa do setor e entende que a desinformação propagada é consequência de uma guerra comercial", destacou em nota à reportagem. Disse ainda não interferir em questões judiciais entre empresas.

Segundo o ministério, a MP trouxe equacionamento para a grave situação econômico-financeira da distribuidora amazonense, elaborado por um grupo de trabalho.

A desconfiança do setor, porém, não para aí. Outras medidas incomodaram, como o protagonismo dado pelo governo à Fluxus, empresa de petróleo dos Batistas. Em julho passado, em visita de Lula à Bolívia para tratar, dentre outros temas, de investimentos da Petrobras e da compra de gás mais barato para empresas brasileiras, o presidente da Fluxus anunciou a compra de campos de gás no país vizinho e foi um dos únicos a falar, entre os 300 representantes do setor empresarial que integravam a comitiva.

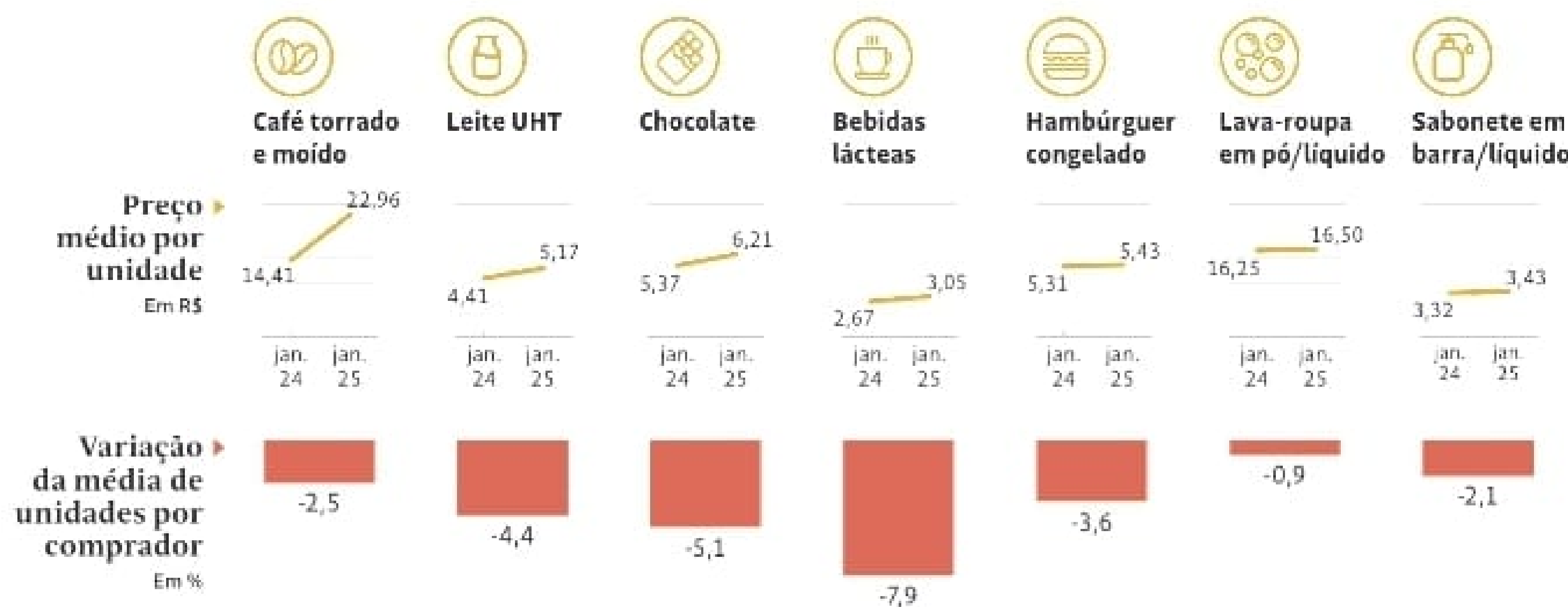
Os relatos são que a reunião para tratar especificamente da oferta do insumo mais barato foi esvaziada. O porta-voz da YPFB (Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos) não deu garantias, disse que retornaria com informações mais detalhadas, mas até hoje a negociação não rendeu nada às indústrias brasileiras.

Sobre a visita na Bolívia, o MME diz que a Fluxus não esteve nas reuniões que a pasta coordenou, que ficaram a cargo da Apex. Em nota, a Apex informou que já fez 12 encontros empresariais associados a visitas oficiais do presidente. "A definição sobre quem vai falar é sempre feita após ouvirmos as organizações dos setores econômicos presentes, o que ocorreu no caso mencionado."

Para especialistas, tantas disputas nos bastidores minam a capacidade do governo de planejar e regular o setor. "Esse conflito entre agentes econômicos de maneira tão brutal e direta ocorre pela ausência de planejamento energético e pela perda de credibilidade da capacidade do Estado para mediar esses conflitos", diz o presidente do Instituto Pensar Energia, Marcos Cintra.

"Do modo em que está sendo feito hoje, com todo o mundo pensando individualmente, o sistema pode colapsar."

Redução no consumo



Fonte: Levantamento da empresa de pesquisa de mercado Varejo 360 com 600 mil visitas em supermercados nos primeiros 21 dias de janeiro

Brasileiro já tira produto do carrinho do mercado para driblar inflação

Levantamento mostra redução no volume de compras de produtos como café, leite e chocolate e substituição de marcas mais caras por mercadorias de grandes varejistas

Joana Cunha

SÃO PAULO A ideia sugerida por Lula em uma entrevista na quinta (6), quando instou os brasileiros a evitarem comprar produtos caros nos supermercados para ajudar a conter a inflação, parece ter chegado com atraso. Na prática, os brasileiros já começaram a recuar no consumo de alguns itens para tentar escapar da carestia.

O freio na demanda faz parte de uma série de mudanças no comportamento do consumidor que acontecem nos períodos inflacionários: redução da compra de itens que são protagonistas da cesta básica, moderação nos artigos considerados mimos supérfluos e até um racionamento nos produtos de higiene e limpeza.

Tais movimentos já aparecem em um levantamento realizado nos primeiros 21 dias de janeiro pela empresa de pesquisa de mercado Varejo 360, que monitora tendências de consumidores nos pontos de venda.

A média de unidades de leite UHT compradas por cliente caiu aproximadamente 4,5% no período, se comparado ao mesmo intervalo de 2024. A compra do café torrado e moído, por sua vez, recuou cerca de 2,5% por consumidor, conforme a pesquisa.

Fernando Faro, diretor da Varejo 360, afirma que as variações surpreendem porque os indicadores de comportamento do consumidor costumam apontar estabilidade ao longo do tempo.

Embora o preço do café tenha subido mais do que o do leite, a proporção da queda em seu volume de compras parece menor em janeiro. Isso acontece porque a disparada no preço do café já havia começado a espantar o consumidor desde o ano passado, um movimento que também aconteceu com o azeite meses antes.

O mesmo ocorre com alguns produtos que são conhecidos no varejo como pequenas indulgências. O chocolate registra queda superior a 5% em unidades compradas neste início de ano, assim como os biscoitos, que recuaram 3,7% no carrinho. O leite condensado e o creme de leite caíram em torno de 2,5% em unidades.

O que chama a atenção é a categoria de produtos de limpeza. Embora não tenham sofrido alta de preço significativa, alguns itens como lava-roupas líquido ou em pó também apresentam uma leve variação negativa no volume de compras por consumidor. Foi também o caso dos produtos de higiene pessoal, como os sabonetes líquido ou em barra (-2%) e os desodorantes (-0,6%).

Para Faro, isso significa que os preços dos produtos da cesta de alimentos estão pressionando estas outras categorias. O cenário indica que indústrias de limpeza e perfumaria podem ter dificuldade maior em repassar custos.

"As pessoas estão tendo que fazer escolhas e estão priorizando a alimentação. Para garantir a xícara do café, que está muito caro, elas estão abrindo mão de outra coisa. O cobertor está curto. Estamos falando de classe média para baixo, principalmente baixa renda, que é o consumidor que tende a replicar esse movimento", diz Faro.

Outra mudança típica de tempos inflacionários, a troca de marcas mais caras por outras mais em conta já começou a aparecer desde o último trimestre do ano passado, segundo Ricardo Cobacho, diretor do GoodBom, rede de supermercados paulista.

"Quando isso acontece, nós, do lado do varejista, também sentimos uma perda de margem, porque não conseguimos repassar os aumentos que vêm da indústria. E agora, com o reajuste do diesel, vamos ter dificuldades", afirma.

Uma das tendências do consumidor que está mais sensível aos preços é abandonar os produtos de fabricantes que representam algum status —as chamadas marcas aspiracionais— e partir para aqueles conhecidos como marcas próprias, que são linhas de mercadorias de varejistas, geralmente com preços mais baratos.

Em janeiro, os itens de marcas próprias registraram crescimento total em torno de 20% em relação ao mesmo mês de 2024, segundo Antônio Sá, sócio da Amicci, empresa que desenvolve esse tipo de produto.

Para Renato Meirelles, do Instituto Locomotiva, o processo de adaptação do consumidor ao cenário inflacionário é gradual. Segundo ele, também é possível observar um fracionamento das compras, postergando a aquisição de alguns itens.

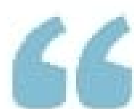
"Ele pode levar um café melhor para servir no domingo e outro para o dia a dia. Conforme a programação mensal do orçamento, se vai aparecer um bico, uma renda extra, ele vai jogando com uma lógica de ponderar as contas. No caso dos produtos de limpeza, pode ter uma diluição. Aquele sabão que durava dez lavagens passa a durar 12", diz Meirelles.

Segundo José Rafael Vasquez, CEO do Sam's Club e Carrefour Varejo, desde o ano passado, já é possível perceber uma crescente busca por marca própria nas lojas. "Notamos uma mudança no perfil de consumo, com os clientes priorizando itens essenciais e produtos de menor custo, o que reflete a adaptação à situação econômica atual. Essa estratégia de oferecer opções mais econômicas e de qualidade tem se mostrado eficaz, especialmente em regiões com maior concentração de consumidores de classe média e baixa", afirma.

Para a companhia, o caso das indulgências alimentares, de higiene e beleza ainda não trouxe impacto tão significativo, mas já se observa uma redução na compra de outra categoria vendida nas grandes redes, que são os bens semiduráveis, como TVs e linha branca, principalmente no começo do ano.



Movimentação em supermercado na zona leste da capital paulista Adriano Vizoni - 24.set.24/Folhapress



Para garantir o café, estão abrindo mão de outra coisa. O cobertor é curto

Fernando Faro
diretor da Varejo 360

Eufrázio

Governo Lula avalia cenários e se prepara para possíveis tarifas impostas por Trump

Pasta de Alckmin elabora mapeamento de setores mais afetados por guerra comercial; ministério nega levantamento sobre o tema

Adriana Fernandes e Nathalia Garcia

BRASÍLIA A pedido do vice-presidente Geraldo Alckmin, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior elabora um mapeamento dos setores mais afetados pela guerra comercial deflagrada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. A análise elenca medidas que o Brasil poderá adotar, caso a caso, para reagir a uma possível elevação das tarifas pelos norte-americanos.

O levantamento leva em consideração efeitos colaterais que uma reação em um determinado setor pode gerar para outras áreas de exportação e até mesmo para o mercado interno. Paralelamente, o governo quer acelerar o processo de busca de novos mercados como contraponto ao tarifaço global de Trump.

Procurada, a pasta negou que esteja realizando "qualquer levantamento sobre o tema".

A estratégia dos gabinetes em Brasília que tratam de relações comerciais tem sido a de cautela e silêncio, mas o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse publicamente mais de uma vez que o Brasil reagirá caso Trump imponha tarifas sobre o país.

Entre os técnicos ouvidos pela **Folha**, ninguém duvida que o Brasil poderá virar alvo de Trump em um segundo momento. A ordem agora é não atrair atenção para "não ser lembrado" pelo novo governo dos EUA.

Além de medidas de elevação das tarifas, o relatório preparado pelo time do vice-presidente avalia os instrumentos que o Brasil pode mobilizar para orientar a sua ação, como salvaguardas e suspensão do regime chamado ex-tarifário, que reduz temporariamente o Imposto de Importação para determinados produtos.

No cenário mais adverso, técnicos do governo avaliam ainda que o Brasil também terá de traçar novas estratégias, usar o seu mercado interno para absorver produtos, além de ampliar o diálogo com países dos Brics, sobretudo China, Rússia e Índia.

Há uma percepção que Pequim vai buscar o fortalecimento da sua indústria e, ao mesmo tempo, tentar estimular as relações com seu principal parceiro comercial na América Latina.

Com o estudo, o Brasil pretende mensurar de antemão o impacto de medidas de retaliação e de um eventual contra-ataque dos Estados Unidos. A ideia é avaliar, por exemplo, se eventual retaliação pode acabar tendo um custo maior para as empresas brasileiras.



O vice-presidente e ministro da Indústria, Geraldo Alckmin, durante reunião do CDESS, conhecido como conselhão Gabriela Biló-12.dez.24/Folhapress

Um técnico reconheceu que fazer o levantamento dessas correlações de forças é um trabalho complexo. Todos os cenários estão sendo avaliados pelo governo.

Um exemplo: com o nível de capacidade instalada da indústria nacional em patamar mais elevado, o Brasil precisa investir em máquinas e equipamentos. Nesse caso, qualquer ação que impeça a entrada de máquinas e insumos dos EUA pode atrapalhar a indústria nacional.

Os setores de aço, máquinas e equipamentos, carne e combustíveis estão na lista dos que podem ser mais prejudicados. O Brasil exporta petróleo bruto aos EUA e importa petróleo refinado, além de ser muito dependente das empresas americanas de semicondutores.

O ex-secretário de Comércio Exterior do Brasil, Welber Barral, recomenda prudência. Ele lembra que o Brasil já atuou contra os EUA em 2009 em uma disputa no setor de algodão. "Naquele momento foi muito difícil para o Brasil aplicar a retaliação justamente porque grande parte da importação dos EUA é importante para a indústria brasileira", afirma o sócio da consultoria BMJ.

No dia 1º de fevereiro, Trump assinou uma ordem executiva impondo tarifas de 25% sobre produtos importados do México e do Canadá, além de 10% sobre produtos da China. Depois o país suspendeu por um mês a taxação contra mexicanos e canadenses.

Em resposta à tarifa adicional, Pequim impôs na última terça (4) tarifas sobre importações dos EUA, renovando a guerra comercial entre as duas economias.

O ex-secretário destaca que a retaliação chinesa a Trump até agora foi muito pontual. Ele explica que Pequim fez retaliação direcionada a certos minerais críticos, muitos dos quais são usados na produção de armas e de produtos de alta tecnologia.

"Caso a China adote retaliações em outras áreas que o Brasil seja competitivo, isso poderia aumentar a exportação brasileira para a China", prevê.

Para Barral, Trump sinalizou que o próximo alvo será a União Europeia, e o fato de o Brasil ter acumulado déficits em seu comércio com os EUA mantém o país fora da mira em um primeiro momento, diz.

Os EUA são o segundo maior parceiro comercial do Brasil, mas seguem como principal destino para as vendas de produtos com maior valor agregado.

Os principais produtos exportados pelo Brasil para os EUA são petróleo bruto, produtos semi-acabados de ferro e aço, e aeronaves. Entre os importados, os principais itens comprados são motores e máquinas não elétricos, óleos combustíveis de petróleo e aeronaves.

No acumulado de 2024, as exportações para os EUA cresceram 9,2% e atingiram US$ 40,33 bilhões, já as importações tiveram avanço de 6,9%, totalizando US$ 40,58 bilhões.

US$ 40,33 bi

Foi o valor de produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos no acumulado de janeiro a dezembro do ano passado

Lula irá apertar os botões?

Maior risco para 2025 é a reação do presidente aos impactos da alta do juro

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Leio na internet que o ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Wellington Dias, planeja elevar o valor do benefício do programa Bolsa Família em razão da alta da inflação de alimentos. Aparentemente, trata-se de uma medida em avaliação, e o Ministério da Fazenda já se manifestou contrariamente. No final de sexta-feira (7), a Casa Civil desmentiu.

Há pelo menos três problemas com a medida. O primeiro é que temos uma economia que opera a pleno emprego. O aumento do gasto público com programas sociais, por mais meritório que seja, colocará mais lenha na atividade econômica e, consequentemente, na inflação.

O segundo problema é que há muitas evidências de que há falta de foco no programa Bolsa Família. Em coluna publicada nesta **Folha** em 25 de janeiro, Laura Machado lembrou que "o orçamento necessário para erradicar a pobreza é de R$ 76 bilhões por ano. Para 2025, o governo tem disponíveis R$ 167 bilhões, mais que o dobro do valor necessário caso tivéssemos focalização perfeita".

Segundo a Síntese de Indicadores de Políticas Sociais do IBGE, a taxa de pobreza —medida pela linha de pobreza de US$ 6,85 por dia— caiu de 34,7% em 2012 para 27,4% em 2023, um recuo de 6,3 pontos percentuais. Nesse período triplicamos o gasto, como proporção do PIB, com o programa Bolsa Família. Era para a queda ter sido muito maior.

O balão de ensaio do aumento do benefício do programa Bolsa Família sinaliza que há uma predisposição do presidente de apertar os botões, como Dilma fez nos anos de 2012 até 2014

Evidentemente, a focalização nunca é perfeita, mas parece haver muito espaço para melhorar a eficiência. Por que apostar somente na agenda quantitativa?

O terceiro problema reflete aquilo que considero a maior fonte de risco doméstico para o equilíbrio macroeconômico em 2025. A inflação, muito elevada, obrigou o Banco Central a implementar um novo ciclo de alta dos juros. Tudo sugere que a taxa Selic irá até algo próximo de 15% ao ano. Diferentemente do que ocorreu no ano passado, em 2025 a política monetária deve vencer o cabo de guerra com a política fiscal. Mesmo porque haverá desaceleração da taxa de crescimento do gasto primário real.

O ciclo de política econômica produzirá desaceleração da economia à frente. No segundo semestre, devemos observar elevação do desemprego. Não será surpresa se a taxa atingir 7,5% ou 8% no final do ano.

A maior fonte de risco para 2025 é a reação do presidente Lula aos impactos do ciclo monetário sobre a economia. O presidente Lula irá apertar os botões, como Dilma fez nos anos de 2012 até 2014? O balão de ensaio do aumento do benefício do programa Bolsa Família sinaliza que há uma predisposição do presidente de apertar os botões.

*

Com o novo Censo Demográfico, há alterações na população dos estados. É natural que a representação na Câmara se altere. Estados cuja participação na população do país diminuiu perdem deputados, e aqueles nos quais a proporção da população aumentou ganham. O novo presidente da Câmara sugere que a Casa passe a ter 14 cadeiras a mais para que não seja necessário reduzir o número de deputados de nenhum estado. Nos supersalários do Judiciário, é impossível mexer.

Às vezes é difícil achar que há qualquer possibilidade de conseguirmos construir um contrato social minimamente funcional.

China avança em testes de 'trem voador' de 1.000 km/h

Modelo poderá concorrer com aviões comerciais na próxima década

Nelson de Sá

PEQUIM A tecnologia maglev, de levitação magnética, tem mais de um século. Dezenas de iniciativas comerciais foram lançadas e abandonadas desde então, da Europa à Ásia. A mais bem-sucedida e persistente, uma linha entre o centro de Xangai e o aeroporto de Pudong, completou 20 anos em 2024, porém sua ampliação até Hangzhou veio sendo adiada pelo avanço do trem-bala.

As pesquisas não pararam, desenvolvendo e integrando duas outras tecnologias-chave para viabilizar o que Wang Peng, da Academia de Ciências Sociais de Pequim, chama de "trem de ultra-alta velocidade" —e vem sendo popularizado como "trem voador". Outro nome é "hyperloop", lançado por Elon Musk num estudo da Tesla em 2013, para trem semelhante, hoje abandonado.

Os testes realizados com o "trem voador" ao longo do ano passado pelos engenheiros da Casic (Corporação de Ciência e Indústria Aeroespacial da China) "causaram sensação em escala global por causa das inovações", segundo Wang —destacando que seus direitos de propriedade intelectual estão vinculados ao país.

São duas: a tecnologia supercondutora de alta temperatura, não baixa como buscada até então, e a tecnologia de tubulação a quase vácuo.

Após o teste mais recente, num túnel de 2 quilômetros completado no final de 2023 em Datong, na província de Shanxi, a Casic evitou divulgar a velocidade atingida. Anunciou apenas que havia superado os 623 km/h de fevereiro passado e que tem capacidade para 1.000 km/h, equivalente ou pouco acima da velocidade na aviação comercial.

A estatal acrescentou que, com o tempo, o veículo pode chegar a 4.000 km/h.

Em parte pela trajetória de altos e baixos da tecnologia maglev, há dúvidas quanto ao prazo para o projeto da Casic sair dos testes. O especialista David Feng, que acompanhou a ascensão ferroviária da China nas últimas décadas, prevê a entrada em operação comercial só daqui a dez anos e com velocidade limitada.

Mas ele salienta que o projeto levará adiante uma "revolução urgentemente necessária na era da crise climática: se você pode chegar lá de trem, acabam-se os voos poluidores".

O engenheiro brasileiro Daniel Xie, diretor de uma empresa criada em Zhongguancun, o distrito tecnológico de Pequim, também avalia que, "na prática, por custo e segurança, haverá limite na velocidade", como aconteceu com o trem-bala.

Também duvida do impacto sobre a aviação comercial. "Pelo grande investimento em infraestrutura e manutenção e pela dificuldade de engenharia, é para interligar as cidades grandes da China."

O Conselho de Estado, equivalente ao ministério na China, e o Comitê Central do Partido Comunista aprovaram em setembro de 2019 o "Esboço para a Construção de uma Potência de Transporte", que passou a fortalecer a pesquisa em eventuais tecnologias disruptivas no setor.

Investiu desde então não só no desenvolvimento da "ferrovia de ultra-alta velocidade em tubo de baixo vácuo", para 1.000 km/h, como em levar o trem-bala atual a uma velocidade de 400 km/h. Também voltou a insistir na tecnologia maglev tradicional, para alcançar 600 km/h.

O trem-bala mais veloz é que o está mais avançado. Foram apresentados em dezembro os protótipos do CR450, que alcançam 450 km/h, mas devem ter velocidade operacional restrita a 400 km/h. "Este será o novo carro-chefe", diz Feng. "Seus novos recursos são incríveis. Espero embarcar no primeiro, se puder."

Como a China quer viabilizar o trem mais rápido que avião

A tecnologia maglev usa o campo magnético gerado por materiais supercondutores em baixas temperaturas para que o trem alcance levitação

Divulgação/Casic



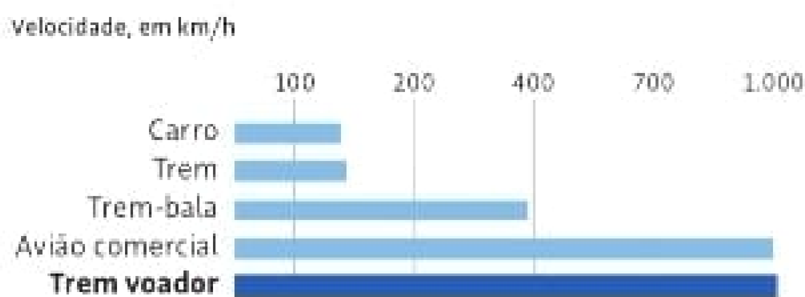
1 A tecnologia maglev não é nova, mas seu desenvolvimento para ultra-alta velocidade é um salto. O avanço chinês se deve, primeiro, à aplicação de **tecnologia supercondutora de alta temperatura**, de custo menor que a baixa

Reprodução/Weibo



2 Segundo, a tecnologia de tubulação a vácuo reduz a resistência do ar, permitindo velocidades mais altas em ambiente de pressão extremamente baixa

3 A primeira **tubulação de baixo vácuo** em grande escala foi construída em Datong, para testes, com dois quilômetros de comprimento e seis metros de diâmetro



Fontes: Casic (Corporação de Ciência e Indústria Aeroespacial da China), Academia de Ciências Sociais de Pequim, Delft Hyperloop

GUARIGLIA LEILOEIRO OFICIAL
LEILÃO QUINTA-FEIRA - 13/02/2025 - 09h00 - APROXIMADAMENTE 180 VEÍCULOS
PRESENCIAL E ONLINE
VEÍCULOS DE BANCOS E FINANCEIRAS
VEÍCULOS EM CAÇAPAVA/SP E CANDEIAS/BA | LOCAL PREGÃO: CAÇAPAVA/SP
VISITAÇÃO: 12/02/2025, das 12 às 17h e 13/02/2025, das 07 às 09h | Avenida Henry Nestle - 1500 - CAÇAPAVA/SP
VISITAÇÃO: 12/02/2025, das 09 às 16h e 13/02/2025, das 07 às 09h | Rodovia BA - 522, KM 5 - Caroba - CANDEIAS/BA
•MODELOS: SCANIA/R540 A 6X4 2022/2022 - D5 SEMI-REBOQUE LIBRELATO 2022/2022 - CHEVROLET/ONIX 10 MT HB 2022/2023 - FORD/KA SE 1.0 SD B 2017/2018 - RENAULT/LOGAN LIFE10MT 2019/2020 - FIAT/TORO FREEDOM AT9 D 2018/2019 - HYUNDAI/HB20S 1.6A PREM 2018/2019 - JEEP/RENEGADE LNGTD AT 2015/2016 - FIAT/UNO ATTRACTIVE 1.0 2021/2021 - VOLKSWAGEN/GOL MPI 2022/2023 - NISSAN/KICKS ACTIVE CVT 2023/2024 - HONDA/CG 160 START 2022/2023 - HONDA/CG 160 FAN 2023/2024 - HONDA/PCX DLX 160 ABS 2024/2024 - YAMAHA/YBR 150 FACTOR ED 2023/2023 - HONDA/BIZ 110I 2022/2023 - FIAT/ARGO DRIVE 1.0 2017/2018 - RENAULT/KWID OUTSID 10MT 2019/2020 - RENAULT/DUSTER ICO16 CVT 2021/2022 - FIAT/MOBI LIKE 2019/2020 - FIAT/STRADA WORKING CD 2015/2016 - FIAT/SIENA ATTRACTIV 1.4 2017/2018 - VOLKSWAGEN/UP XTREME TSI MD 2019/2020 - MITSUBISHI/PAJERO 4X4 HPE D 2015/2016 - NISSAN/FRONTIER LEATX4 2017/2017 - JEEP/COMPASS SPORT F 2018/2019 - LAND ROVER/RANGE ROVER EVOQUE DYNAMIC 5D 2014/2014 - FORD/FUSION AWD GTDI 2014/2014 - PEUGEOT/2008 GRIFFE AT 2017/2017. | MÓDULOS FOTOVOLTAICOS E EQUIPAMENTOS DIVERSOS.
Consulte relação completa de veículos no site. Condições de venda e pagamento constarão no catálogo próprio.
Visite nosso site: www.GUARIGLIALEILOES.com.br
Informações: (12) 3654-1000 /GUARIGLIALEILOES ANTONIO LUIZ GUARIGLIA - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 415
bradesco Santander BANCO PAN omni STELLANTIS Safra Sicredi SESI SENAI ITAPEVA

FRAZÃO Leilões
EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
Itaú

FREITAS LEILOEIRO OFICIAL
CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES NO SITE:
WWW.FREITASLEILOEIRO.COM.BR
Central de informações: (11) 3117.1000
Acesse nossas mídias sociais:
YOUTUBE.COM/FREITASLEILOEIRO
INSTAGRAM.COM/FREITASLEILOEIRO
FACEBOOK.COM/FREITASLEILOEIRO
ATENÇÃO: PARA COMPRA EM LEILÃO O ARREMATANTE PRECISA ESTAR EM REGULARIDADE FISCAL PERANTE A RECEITA FEDERAL
175 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE
Dia: 11.02.2025 - 3ª FEIRA - 10h00
AV. DOS ESTADOS, 584 - PORTÃO 2
UTINGA - SANTO ANDRÉ/SP
VISITAÇÃO: 11.02.2025, a partir das 08h00
verificar informações no site
VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS
SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS
300 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE
Dia: 12.02.2025 - 4ª FEIRA - 10h00
AV. JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA, 1360
SANTA BÁRBARA D'OESTE/SP
VISITAÇÃO: 12.02.2025, a partir das 08h00
verificar informações no site
VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS
SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS
350 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE
Dia: 14.02.2025 - 6ª FEIRA - 10h00
AV. DOS ESTADOS, 584 - PORTÃO 2
UTINGA - SANTO ANDRÉ/SP
VISITAÇÃO: 14.02.2025, a partir das 08h00
verificar informações no site
VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS
SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS
ALFA BV omni Mitsui Sumitomo Seguros azul Itaú bradesco Porto creditas Votorantim BANCO PAN Allianz TOKIO MARINE SEGURADORA ITAPEVA BancoDaycoval Santander
Dia 24/02/2025 - 2ª feira | 17h00 | SOMENTE ON-LINE
SMARTPHONE MOTOROLA MOTO G8 PLAY
Dia 27/02/2025 - 5ª feira | 14h00 | SOMENTE ON-LINE
APPLE MACBOOK PRO A2338 256GB
Dia 27/02/2025 - 5ª feira | 17h00 | SOMENTE ON-LINE
FERRAMENTAS ELÉTRICAS - TELESCÓPIOS - OUTROS
VISITAÇÃO: VERIFICAR INFORMAÇÕES NO SITE
SERGIO VILLA NOVA DE FREITAS - Leiloeiro Oficial - JUCESP nº 316
DEMAIS INFORMAÇÕES CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES: www.FREITASLEILOEIRO.com.br

BIASI Leilões
EDITAL ÚNICO DE LEILÃO | PRESENCIAL E ON-LINE
1º Leilão: dia 18/02/2025 às 10h 2º Leilão: dia 20/02/2025 às 10h
Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

Agro vê oportunidade para substituir o diesel

Uso integrado de energia solar e baterias permite estabilizar suprimento elétrico e reduzir combustível fóssil

Letícia Fucuchima

SÃO PAULO | REUTERS O agronegócio brasileiro vem ampliando a geração própria de energia solar para reduzir custos e começa a testar a integração da fonte renovável com baterias, uma nova fronteira tecnológica que permite estabilizar o suprimento elétrico nas fazendas, avançar com ampliações de capacidade produtiva e reduzir o consumo de diesel.

A busca do agro por baterias pode ajudar a impulsionar o nascente uso da tecnologia no Brasil, tanto em grandes projetos, com a expectativa de um leilão para integração no setor elétrico, quanto em pequena escala, com a regulamentação pela Aneel para uso de baterias por consumidores.

Empresas que fornecem soluções de energia, como a WEG, afirmam que o interesse de produtores rurais por sistemas de armazenamento se intensificou nos últimos meses e deve se consolidar neste ano, com projetos começando a sair do papel após a forte queda recente dos custos das baterias.

A classe rural responde hoje por aproximadamente 14% de toda a potência solar instalada no Brasil, com 4,8 GW distribuídos em pequenas instalações fotovoltaicas, muitas vezes construídas em telhados ou terrenos sem uso.

A capacidade solar no agro cresceu mais de sete vezes desde 2020, quando a fonte renovável deslanchou em todo o país, enquanto o número de unidades consumidoras atendidas no meio rural saltou de 54 mil naquele ano para 471 mil ao final de 2024, conforme levantamento da Absolar (Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica).



Módulos fotovoltaicos em área rural de Campinas, em SP
Eduardo Knapp - 17.ago.23/Folhapress

São várias aplicações para a energia solar no campo, como suprimento para irrigar lavouras, climatização e iluminação de granjas, bombeamento de água para reservatórios e alimentação de câmaras frias.

Se antes a solar era visada principalmente pela economia considerável na conta de luz, em função dos incentivos tarifários, agora os agricultores estudam sofisticar suas instalações, agregando baterias como backup para estabilizar o suprimento de energia em áreas onde a rede elétrica é mais precária.

O grupo Bom Futuro, importante produtor de grãos em Mato Grosso, é um dos que avaliam a adoção da nova tecnologia, apostando na redução de perdas produtivas causadas por falta de energia, entre outras vantagens.

O grupo investe há anos em geração própria de energia, por ter consumo mais elevado em processos como secagem e armazenagem de grãos e beneficiamento de algodão.

O parque gerador da empresa soma cerca de 200 MW (megawatts) de capacidade, principalmente em pequenas usinas hídricas, mas a solar vem ganhando espaço nos últimos anos.

A aplicação das baterias como backup também tem potencial para reduzir o consumo de diesel nas fazendas, que usam geradores movidos ao combustível fóssil para manter irrigação ou máquinas em áreas onde a rede elétrica das distribuidoras não chega.

A WEG vem buscando negócios no nicho do agro para seus sistemas de armazenamento de energia fabricados no complexo de Jaraguá do Sul (SC), aproveitando que muitos produtores já são clientes em motores e outros equipamentos, conta Harry Schmelzer Neto, diretor de negócios Solar & Building.

Entre os locais com maior aderência para esse tipo de solução, produtores e especialistas citam principalmente o "Matopiba", fronteira agrícola que compreende Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

"O Pará ainda tem bastante instabilidade [da rede elétrica], no interior da Bahia tem áreas com muitas fazendas e algumas inclusive 100% com gerador a diesel. Aqui em Mato Grosso, a maioria das fazendas tem geradores a diesel para suprir qualquer necessidade de queda de energia", apontou Alexandre Sperafico, um dos fundadores da Enerzee, empresa de soluções de energia que se especializou em atender clientes do agro.

Sindminérios Santos

Edital de Convocação - Assembléia Geral Extraordinária

O Sindicato dos Trabalhadores no Comércio de Minérios, Derivados de Petróleo e Combustíveis de Santos e Região - Sindminérios Santos, convoca os trabalhadores do regime de turno ininterrupto de revezamento e do semi turno da empresa **Ultracargo Logística S.A.** unidade sito **Rua Doutor Alberto Schwedtzer, 600 - Alemoa - Santos/SP.** No dia **13 de fevereiro de 2025** às **07h30min.** Ocasião em que poderão deliberar e votar sobre a seguinte ordem do dia: Discussão e deliberação sobre a pretensão da ULTRACARGO em alterar as escalas nos turnos ininterruptos de revezamento e semi turno dos trabalhadores do Terminal de Santos/SP; Nomear o SINDMINÉRIOS SANTOS, na qualidade de entidade sindical dos trabalhadores, para que possa negociar exclusivamente junto à pretensão da empresa em alterar as escalas dos turnos ininterruptos de revezamento e semi turno, em respeito ao §2º, da cláusula trigésima sexta do Acordo Coletivo de Trabalho em vigor, podendo receber eventual proposta patronal, analisá-la, negociar e agir no exclusivo interesse de todos os trabalhadores, inclusive assinar Acordo Coletivo de Trabalho específico, bem como suscitar greve e/ou paralisações, pleitear mediação ou instaurar dissídio coletivo no Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região, tudo em favor dos trabalhadores.

Santos, 09 de fevereiro 2025. **Adilson Carvalho de Lima - Diretor Presidente - Sindminérios Santos**

FRANCO LEILÕES

LEILÃO DE IMÓVEL

Av. Barão Homem de Melo, 2222 - Sala 402
Bairro Estoril - CEP 30494-080 - BH/MG

ONLINE

inter

1º LEILÃO: 11/03/2025 - 10:10h - 2º LEILÃO: 13/03/2025 - 10:10h

EDITAL DE LEILÃO

Fernanda de Mello Franco, Leiloeira Oficial, Matrículas JUCEMG nº 1030 e JUCESP nº 1261, devidamente autorizada pelo credor fiduciário abaixo qualificado, ou sua Preposta registrada na JUCEMG, **Cássia Maria de Melo Pessoa,** CPF: 746.127.276-49, RG: MG-2.089.239, faz saber que, na forma da Lei nº 9.514/97 e do Decreto-lei nº. 21.981/32 levará a LEILÃO PÚBLICO de modo **online** o imóvel a seguir caracterizado, nas seguintes condições. **IMÓVEL**: Apartamento nº 23, localizado no 2º andar ou 3º pavimento do Condomínio Edifício Amoaras, situado na rua José Bonifácio, nº 257, São Vicente/SP, com a área útil de 75,770m², área comum de 28,251m² e área construída de 116,521m², pertencendo-lhe tanto no terreno como nas demais coisas de uso comum, uma fração ideal de 1,3983% do todo. É de propriedade exclusiva do apartamento e ao mesmo fica vinculada, a garagem nº 12, situada no sub-solo do edifício. Imóvel objeto da Matrícula CNM 123612.2.0125508-85 trasladada da Matrícula nº 125.508 do Registro de Imóveis da Comarca de São Vicente/SP. Dispensa-se a descrição completa do IMÓVEL, nos termos do art. 2º da Lei nº 7.433/85 e do Art. 3º do Decreto nº 93.240/86, estando o mesmo descrito e caracterizado na matrícula anteriormente mencionada. Obs.: Imóvel ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30, caput e parágrafo único da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. **DATA DOS LEILÕES**: **1º Leilão: dia 11/03/2025, às 10:10 horas, e 2º Leilão dia 13/03/2025, às 10:10 horas. LOCAL: Av. Barão Homem de Melo, 2222 – Sala 402 – Estoril – CEP 30494-080 – Belo Horizonte/MG. DEVEDORES FIDUCIANTES** MARCOS ROBERTO MORAES DE JESUS, brasileiro, bancário, nascido em 18/05/1968, C.I: 18.273.781-5 SSP/SP, CPF: 062.264.838-14 e MÔNICA DE CARVALHO MEDEIROS JESUS, brasileira, professora, nascida em 08/03/1974, C.I: 24.325.295-1 SSP/SP, CPF: 160.525.128-88, casados entre si sob o regime da comunhão parcial de bens, residentes e domiciliados à Rua José Bonifácio, nº 257, Apto 23, Bairro Centro, São Vicente/SP, CEP: 11310-080. **CREDOR FIDUCIÁRIO**: Banco Inter S/A, CNPJ: 00.416.968/0001-01. **DO PAGAMENTO**: O pagamento integral da arrematação deverá ser realizado em até 24 horas, mediante depósito via TED, na conta do comitente vendedor a ser indicada pelo leiloeiro. **DOS VALORES**: **1º Leilão: R$ 660.884,88 (seiscentos e sessenta mil, oitocentos e oitenta e quatro reais e oitenta e oito centavos) 2º leilão: R$ 330.442,44 (trezentos e trinta mil, quatrocentos e quarenta e dois reais e quarenta e quatro centavos)**, calculados na forma do art. 26, §1º e art. 27, parágrafos 1º, 2º e 3º da Lei nº 9.514/97, com a redação dada pela nº 14.711/2023. Os valores estão atualizados até a presente data podendo sofrer alterações na ocasião do leilão. **COMISSÃO DO LEILOEIRO**: Caberá ao arrematante, o pagamento da comissão do leiloeiro, no valor de 5% (cinco por cento) da arrematação, a ser paga à vista, no ato do leilão, cuja obrigação se estenderá, inclusive, ao(s) devedor(es) fiduciante(s), na forma da lei. **DO LEILÃO ONLINE:** O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) das datas, horários e local da realização dos leilões para, no caso de interesse, exercer(em) o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27 da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão cadastrar-se no site **www.francoleiloes.com.br** e se habilitar acessando a opção "Habilite-se", com antecedência de 01 hora, antes do início do leilão, enviando os documentos de identificação, inclusive do representante legal, quando se tratar de pessoa jurídica, com exceção do(s) devedor(es) fiduciante(s), que poderá(ão) adquirir o imóvel preferencialmente em 1º ou 2º leilão, caso não ocorra o arremate no primeiro, na forma do parágrafo 2º-B do artigo 27 da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023, devendo apresentar manifestação formal do interesse no exercício da preferência, antes da arrematação em leilão. **OBSERVAÇÕES**: O(s) interessado(s) deverá(ão), sob pena de desfazimento do negócio: (i) estar com seu CPF/CNPJ em situação regular junto à Receita Federal do Brasil; (ii) não possuir restrições de crédito; (iii) ter conhecimento e observar os ditames da Lei nº 9.613/1998, que dispõe sobre os crimes de "lavagem" ou ocultação de bens, direitos e valores, bem como dos normativos do Banco Central do Brasil que tratam do assunto, inexistindo em seu nome qualquer restrição relativa à matéria. O arrematante será responsável pelas providências de desocupação do imóvel, nos termos do art. 30, caput e parágrafo único da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. O(s) imóvel(is) será(ão) vendido(s) no estado em que se encontram física e documentalmente, em caráter "ad corpus", sendo que as áreas mencionadas nos editais, catálogos e outros veículos de comunicação são meramente enunciativas e as fotos dos imóveis divulgadas são apenas ilustrativas. Dessa forma, havendo divergência de metragem ou de área, o arrematante não terá direito a exigir do VENDEDOR nenhum complemento de metragem ou de área, o término da venda ou o abatimento do preço do imóvel, sendo responsável por eventual regularização acaso necessária, nem alegar desconhecimento de suas condições, eventuais irregularidades, características, compartimentos internos, estado de conservação e localização, devendo as condições de cada imóvel ser prévia e rigorosamente analisadas pelos interessados. Correrão por conta do arrematante, todas as despesas relativas à arrematação do imóvel, tais como, taxas, alvarás, certidões, foro e laudêmio, quando for o caso, escritura, emolumentos cartorários, registros etc. Todos os tributos, despesas e demais encargos, incidentes sobre o imóvel em questão, inclusive encargos condominiais, após a data da efetivação da arrematação são de responsabilidade exclusiva do arrematante. **A concretização da Arrematação será exclusivamente via Ata de Arrematação. Sendo a transferência da propriedade do imóvel feita por meio de Escritura Pública de Compra e Venda. Prazo de Até 90 dias da formalização da arrematação. O arrematante será responsável por realizar a devida due diligence no imóvel de seu interesse para obter informações sobre eventuais ações, ainda que não descritas neste edital.** Caso ao final da ação judicial relativa ao imóvel arrematado, distribuída antes ou depois da arrematação, seja invalidada a consolidação da propriedade, e/ou os leilões públicos promovidos pelo vendedor e/ou a adjudicação em favor do vendedor, a arrematação será automaticamente rescindida, após o trânsito em julgado da ação, sendo devolvido o valor recebido pela venda, incluída a comissão do leiloeiro e os valores comprovadamente despendidos pelo arrematante a título de despesas de condomínio e imposto relativo à propriedade imobiliária. **A mera existência de ação judicial ou decisão judicial não transitada em julgado, não enseja ao arrematante o direito à desistência da arrematação.** O proponente vencedor por meio de lance on-line, terá prazo de 24 horas, depois de comunicado expressamente do êxito do lance, para efetuar o pagamento, exclusivamente por meio de TED e/ou cheques, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro, conforme edital. O não pagamento dos valores da arrematação, bem como da comissão do(a) Leiloeiro(a), no prazo de até 24 (vinte e quatro) horas contadas da arrematação, configurará desistência ou arrependimento por parte do(a) arrematante, ficando este(a) obrigado(a) a pagar o valor da comissão devida o(a) Leiloeiro(a) (5% - cinco por cento), sobre o valor da arrematação, perdendo a favor do Vendedor o valor correspondente a 20% (vinte por cento) do lance ou proposta efetuada, destinado ao reembolso das despesas incorridas por este. Poderá o(a) Leiloeiro(a) emitir título de crédito para a cobrança de tais valores, encaminhando-o a protesto, por falta de pagamento, se for o caso, sem prejuízo da execução prevista no artigo 39, do Decreto nº 21.981/32. Ao concorrer para a aquisição do imóvel por meio do presente leilão, ficará caracterizada a aceitação pelo arrematante de todas as condições estipuladas neste edital. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. Maiores informações: (31)33604030 ou pelo e-mail: contato@francoleiloes.com.br. Belo Horizonte/MG, **05/02/2025**.

www.francoleiloes.com.br (31) 3360-4030

BIASI leilões

LEILÃO DE APARTAMENTO NO CAMPO BELO/SP
Dia: 28 de Fevereiro de 2025 às 11:00 horas - SOMENTE ONLINE

"Condominio Balkon Campo Belo" - Campo Belo - São Paulo/SP
DESOCUPADO. Imperdível! Confira e Aproveite!!! Somente à vista conforme edital.

Eduardo Consentino – Leiloeiro Oficial – JUCESP 616 – (João Victor Barroca Galeazzi – preposto em exercício).

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 27/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

REPARADOR GERAL PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 10/02/2025 às 14h do dia 14/02/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Certificado de Conclusão do **Ensino Fundamental**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir experiência comprovada na área de **Manutenção e Reparos em Construção Civil** ou na área de **Construção Civil (execução de obras)**.
• Para comprovar experiência, apresentar declaração em papel timbrado, descrevendo a atividade que exerceu, contendo CNPJ e assinatura do empregador com certificado digital ou firma reconhecida em cartório.

Taxa: R$ 10,00 (dez reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.

Salário: **R$ 2.334,59**
(dois mil, trezentos e trinta e quatro reais e cinquenta e nove centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 28/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO UROLOGISTA PARA AMÉRICO BRASILIENSE (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 10/02/2025 às 14h do dia 21/02/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **Medicina**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **Urologia** emitido por entidade credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) ou Título de Especialista em **Urologia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 12h/semanais.

Salário: **R$ 5.117,81**
(cinco mil, cento e dezessete reais e oitenta e um centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 27/02/2025 até as 17h do dia 28/02/2025 no site www.faepa.br

Os candidatos habililados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREVISTA *ON LINE*
(somente para os candidatos classificados)

DATA: 11/03/2025 às 14h

Os candidatos realizarão a **ENTREVISTA** por videoconferência por meio da plataforma utilizada para tal finalidade cujo link será enviado pela Unidade de Recursos Humanos e deverão acessá-la pelo menos **10 (dez) minutos** antes da hora marcada.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

mercado

Serviço online do PlayStation fica fora do ar, e usuário sofre para jogar

TEC

Ana Paula Branco
e Gustavo Soares

SÃO PAULO A PlayStation Network (PSN), serviço online dos consoles de videogame da Sony, apresenta instabilidade desde a noite desta sexta-feira (7). A página oficial de status da PSN confirma que os serviços de gerenciamento da conta, acesso a jogos e redes sociais, PlayStation Video e PlayStation Store estão com falhas.

Até o momento, a Sony, responsável pela PSN, não divulgou explicações sobre a causa da falha ou prazo para a normalização completa do serviço.

No site Downdetector do Brasil, que monitora o funcionamento de serviços online, o pico de reclamações foi às 20h50, com mais de 2.000 queixas.

Apesar de uma queda, relatos foram registrados ao longo deste sábado (8), principalmente sobre conexão com o servidor. O padrão se repete em países como EUA, França e Japão.

Os efeitos da interrupção são sentidos especialmente para quem tenta jogar online em títulos populares como "EA Sports FC 25", "Call of Duty", "Fortnite" e "Marvel Rivals".

Muitos recorreram às redes sociais para compartilhar suas experiências negativas. No X (ex-Twitter), o termo PlayStation Network tem mais de 200 mil posts. Só a publicação do suporte da PlayStation tem mais de 50 mil respostas e foi visualizada 20 milhões de vezes.

A Sony divulgou dados mais detalhados sobre o serviço pela última vez em maio de 2023, quando registrou 47,4 milhões de assinantes. A PSN contempla três níveis de assinatura: Essencial (R$ 34,90 ao mês), Extra (R$ 52,90) e Deluxe (R$ 59,90).

O pagamento é exigido para jogar pela internet e receber jogos gratuitos mensalmente. Nos dois níveis mais caros, há um catálogo mais amplo de títulos disponíveis, como em plataformas de streaming de filmes. No nível Deluxe é possível acessar jogos dos consoles PS1 e PS2.

A PSN já enfrentou diversas quedas nos últimos anos. Em 2011, uma falha de segurança deixou a PSN offline por 23 dias, a maior pane de sua história.

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL E ON-LINE

itaú

1º Leilão: dia 20/02/2025 às 14h30 2º Leilão: dia 06/03/2025 às 14h30

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A** [illegible] **VENDEDOR** [illegible] **MARIA REGINALDA DE LIMA** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **R$ 475.000,00** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible] **Banco Central do Brasil.** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL E ON-LINE

itaú

1º Leilão: dia 20/02/2025 às 14h30 2º Leilão: dia 06/03/2025 às 14h30

Eduardo Consentino, [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

EDITAIS DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES

MÉDICO I

JORNADA: 20H SEMANAIS

ÁREAS:

❖ **GINECOLOGIA REPRODUÇÃO HUMANA**
Ed. Nº 04/2025 - (1 VAGA)

❖ **HEMODINÂMICA E CARDIOLOGIA INTERVENCIONISTA**
Ed. Nº 05/2025 - (1 VAGA)

❖ **ENDOCRINOLOGIA E DOENÇAS DO METABOLISMO ÓSSEO E ENERGÉTICO**
Ed. Nº 06/2025 - (1 VAGA)

❖ **NEFROLOGIA PEDIÁTRICA**
Ed. Nº 07/2025 - (1 VAGA)

❖ **ÁREA DE ONCO-NEFROLOGIA**
Ed. Nº 08/2025 - (1 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:

As inscrições serão efetuadas através da Internet no site www.hcrp.usp.br no período entre: **00:00h do dia 10/02/2025 às 14:00h do dia 28/02/2025.**

Valor da Taxa Inscrição: R$ 122,17

Os Editais na integra encontram-se no site www.hcrp.usp.br

CONVOCAÇÃO PARA AS PROVAS
(somente para os candidatos inscritos)

DATA: 18/03/2025 - 18h00m
LOCAL: ANFITEATRO DO CEAPS - 2.º ANDAR do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da FMRP-USP - Campus Universitário s/n - Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP.

(Aguardar na Portaria Principal do Hospital).

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA
EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente Edital, o **Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários do Vale do Paraíba e Região** por seu Presidente, e com estrita observação do previsto no Estatuto Social da Entidade (artigo 4º, alíneas b, c, d e h; artigo 14º, parágrafo único; artigo 15º, artigo 17º parágrafo único), convoca todos os trabalhadores representados por esta Entidade Sindical, conforme descritos no artigo 2º, §1º do Estatuto Social, que se ativem em quaisquer setores da economia, abrangidos na base territorial do Sindicato, conforme municípios descritos no artigo 3º do Estatuto Social, para participarem da Assembleia Geral Extraordinária, a serem realizadas nos seguintes dias, horários e locais: **CARGAS E DIFERENCIADOS, dia 13/02/2025, às 09:00hs e às 15:00hs,** S. J. Campos - Sede - Av. São José, nº 488, Jd. Bela Vista; Jacareí - Subsede - R. General Carneiro, nº 522, Centro; Caçapava - No Estacionamento do Terminal Rodoviário; Taubaté- Subsede- R. Getúlio Vargas, 47, Centro; Guaratinguetá- Subsede - R. André Alkimin, nº 65, Centro; Cruzeiro - Subsede -R. Cap. Avelino Bastos, nº 212, Centro, e de forma itinerante, com horários variados, na frente das dependências das empresas do setor de cargas e diferenciados; **TRANSPORTE DE PASSAGEIROS POR FRETAMENTO E TURISMO - dia 14/02/2025, às 09:00hs e às 15:00hs,** Jacareí - Subsede - R. General Carneiro, nº 622, Centro; S. J. Campos - Sede do Sindicato - Av. São José, nº 488, Jd. Bela Vista; Taubaté- Subsede - R. Getúlio Vargas, nº 47, Centro; Pindamonhangaba - Sindicato dos Metalúrgicos - R. Sete de Setembro, nº 232, Centro; Guaratinguetá - Subsede - R. André Alkimin, nº 65, Centro; Caçapava - No Estacionamento do Terminal Rodoviário. As assembleias seguirão os ditames contidos no Estatuto Social, sendo em primeira convocação com quórum estatutário de 15% (quinze por cento) dos sócios e não sócios, em segunda convocação, com qualquer número de presentes, com intervalo mínimo de meia hora entre a primeira e segunda convocação (artigo 14º, parágrafo único), para discutir sobre a seguinte ordem do dia: a) Discussão e votação das Pautas de Reivindicações a serem entregues às empresas e Sindicatos Patronais das respectivas categorias; b) Autorização para a diretoria do Sindicato encetar negociações, formalizar acordos ou convenções coletivas de trabalho com as empresas/ou Sindicatos Patronais, e na impossibilidade de Acordo, propor Dissídio Coletivo ou decretação de greve; c) Discussão, votação, aprovação ou não da contribuição solidária no importe de 2% (dois por cento) do salário fixo de cada empregado, com direito a oposição no prazo de 10 (dez) dias a partir da assinatura da ACT ou CCT; d) Demais assuntos pertinentes às negociações coletivas.

São José dos Campos, 09 de fevereiro de 2025.

RONALDO APARECIDO FRANCO DA COSTA
Presidente

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

EDITAL DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES:

TÉCNICO DE ENFERMAGEM
Ed. HCRP nº 10/2025 (1 VAGA)
Jornada: 30 hs semanais

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:

As inscrições serão efetuadas através da **Internet** no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: **00:00h do dia 10/02/2025 às 14:00h do dia 28/02//2025**

Valor da Taxa Inscrição: R$ 81,44

CONVOCAÇÃO PARA PROVA:

Data prevista: 23/03/2025, maiores informações serão disponibilizadas no site do Hospital.

O Edital na íntegra encontra-se no site www.hcrp.usp.br

FRAZÃO leilões

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

itaú

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A** [illegible] **AILTON FREIRE DA ROCHA** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e Online** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible]

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL E ON-LINE

itaú

1º Leilão: dia 20/02/2025 às 14h30 2º Leilão: dia 06/03/2025 às 14h30

Eduardo Consentino, [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL E ON-LINE

itaú

1º Leilão: dia 20/02/2025 às 14h30 2º Leilão: dia 06/03/2025 às 14h30

Eduardo Consentino, [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

EDITAL ÚNICO DE LEILÃO | PRESENCIAL E ON-LINE

GVC

1º Leilão: dia 18/02/2025 às 10h 2º Leilão: dia 20/02/2025 às 10h

EDUARDO CONSENTINO, Leiloeiro Oficial, matrícula JUCESP nº 616 (**João Victor Barroca Galeazzi** – preposto em exercício), devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **LUIZA ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS LTDA**, CNPJ sob nº 60.250.776/0001-91, faz saber que, nos termos do artigo 27 da Lei 9.514 de 20 de novembro de 1997 e regulamentação complementar do Sistema de Financiamento Imobiliário, que institui alienação fiduciária de bem imóvel, fará realizar: **Primeiro Leilão: dia 18 de Fevereiro de 2025 às 10:00 horas. Segundo Leilão: dia 20 de Fevereiro de 2025 às 10:00 horas.** Local do Leilão: Avenida Fagundes Filho, 145 – conj. 22 – Vila Monte Alegre – São Paulo/SP e pela internet no site: www.biasileiloes.com.br. As demais condições de venda constarão no catálogo que será distribuído no leilão ou pela internet. **Descrição do Imóvel: UM TERRENO** constituído por **PARTE do LOTE 24, da QUADRA 43, GLEBA 03**, do loteamento denominado **CIDADE MIGUEL BADRA**, perímetro urbano deste Município e Comarca de Suzano/SP, assim descrito e caracterizado: Mede 7,00m de frente para a Rua Emília Sarradas Simões, 38,50m do lado direito de quem da rua olha para [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

As regras e a responsabilidade compartilhada

Nossas escolhas sobre as regras e procedimentos construíram um equilíbrio perverso

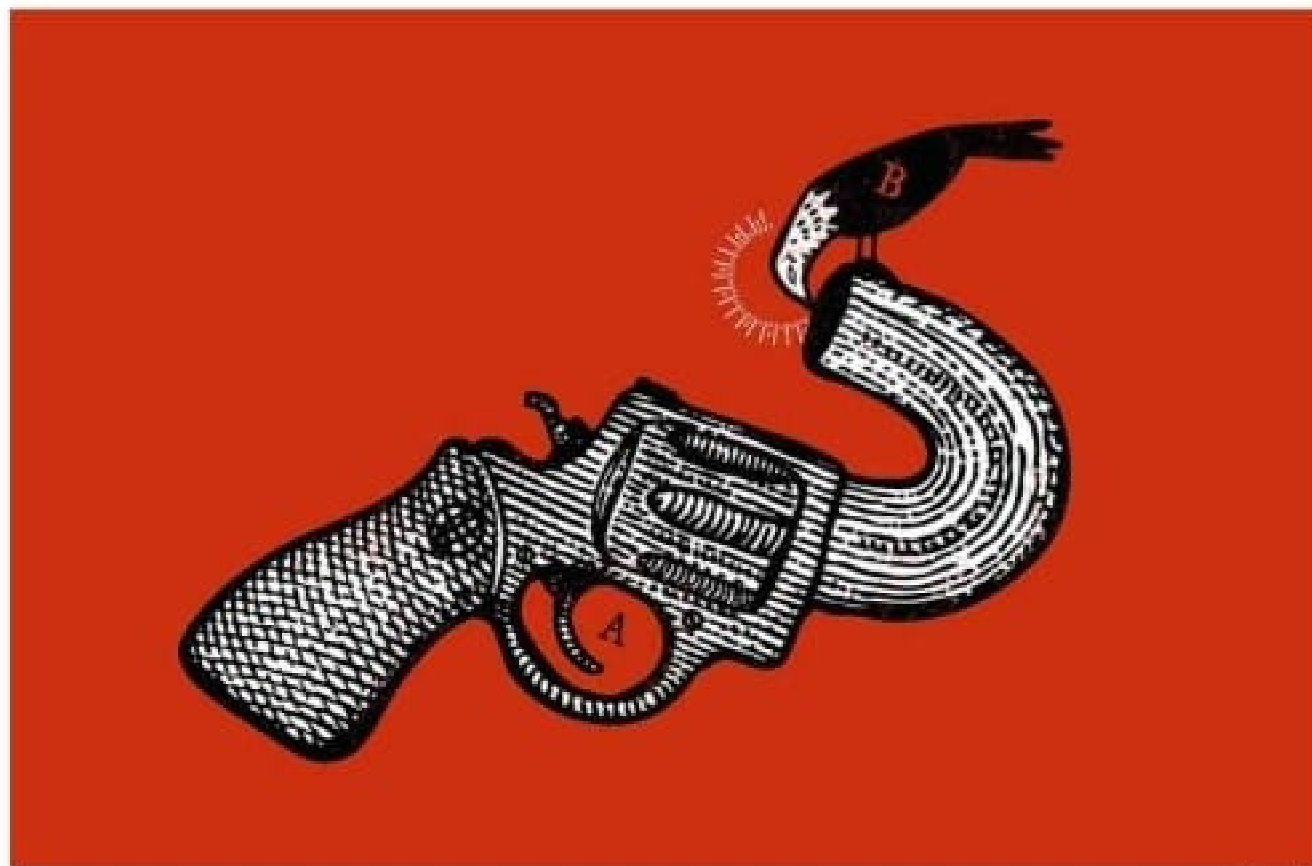
Marcos Lisboa
Ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (2003-2005) e doutor em economia

Na coluna de janeiro, ilustrei como o descontrole fiscal é obra de muitas mãos. Sistematizei muitos exemplos de grupos de pressão que conseguem obter tratamentos privilegiados, como ocorreu na reforma tributária.

Meu amigo e cientista político Carlos Pereira escreveu sobre a coluna em seu artigo semanal no jornal O Estado de S. Paulo.

"Lisboa diagnostica com precisão que 'muitos grupos denunciam as regras que favorecem os demais. Ao mesmo tempo, defendem com virulência os seus próprios privilégios'".

"Essa interpretação", segundo Pereira, seria "fundamentalmente moral", carecendo de "uma análise das estruturas de incentivo institucional e político que geram tais comportamentos irresponsáveis e oportunistas."



Edson Ikê

Não se trata, contudo, de uma questão apenas moral. As crenças e a moralidade estão associadas às práticas e às sanções adotadas.

Instituições, na definição clássica de Douglass North, são as regras do jogo que delimitam as interações sociais. Essas regras podem ser formais ou tácitas e devem ser coerentes com a moralidade e as crenças dominantes.

Se a crença dominante é que a imensa maioria dos motoristas dirige pela direita, a escolha racional é igualmente dirigir pela direita, para reduzir a chance de acidentes.

As regras, por vezes, apenas criam penalidades adicionais para comportamentos coerentes com o que a Teoria dos Jogos denomina Equilíbrio de Nash: cada um faz o que acredita ser o melhor possível dadas as suas crenças sobre as consequências dos seus atos.

Equilíbrio, nesse jargão, significa apenas a coerência entre as crenças e os resultados.

A abordagem institucionalista em economia desaguou em uma agenda de pesquisa aplicada que procura testar conjecturas que analisam o impacto dos detalhes das regras sobre o comportamento dos indivíduos e os resultados nos mercados.

No caso do mercado de crédito, por exemplo, a existência de garantias críveis de que a dívida será paga reduz a taxa de juros e aumenta o acesso ao mercado, como documentam pesquisas com dados de diversos países ao longo de muitos anos.

No caso do Brasil, Assunção, Benmelech e Silva, no artigo "Repossession and the democratization of credit", publicado em The Review of Financial Studies, estimam o impacto de modificações na alienação fiduciária para automóveis, que reduziram o custo da inadimplência, para a queda das taxas de juros e ampliação do acesso ao crédito.

Coelho, Mello e Funchal documentam resultado semelhante decorrente da introdução do crédito consignado, no artigo "The Brazilian payroll lending experiment", publicado na Review of Economic and Statistics.

Regras formais, contudo, não são suficientes. A pesquisa aplicada identifica a importância da credibilidade das reações esperadas.

Os mecanismos e sanções que induzem o comportamento dos grupos devem ser críveis para serem eficazes, como analisa Avner Greif no seu clássico artigo "Reputation and coalisions in medieval trade", publicado no Journal of Economic History.

Joel Mokyr, no livro "The Enlightened Economy", detalha o papel das ideias e do confronto entre grupos organizados na implementação de reformas institucionais que permitiram a revolução da economia moderna, na Inglaterra durante os séculos 18 e 19.

O intricado jogo entre ideias, instituições e o comportamento dos diversos grupos tem sido um tema central da pesquisa em desenvolvimento econômico nas últimas décadas.

A historiografia da América Latina, desde os trabalhos de Engermann e Sokolov, destaca como o processo de colonização resultou em instituições extrativistas, para usar o jargão disseminado por Daron Acemoglu e coautores, que receberam o Prêmio Nobel em 2024.

Zeina Latif e eu escrevemos sobre algumas das peculiaridades institucionais que convalidam o comportamento extrativista dos grupos organizados no Brasil, no livro "A Via Democrática", organizado por Simon Schwartzman. O volume de crédito subsidiado, entre outros indicadores, revela a extensão de captura da nossa política pública.

Os protocolos e as regras que norteiam a política pública no Brasil legitimam a ação discricionária que concede benefícios a grupos organizados. E que são convalidados por uma moralidade que sanciona os privilégios

Breno Vasconcelos e coautores documentam, em trabalho disponível no site do Insper, a extensão do contencioso tributário no Brasil, mais de 200 vezes o observado nos países da OCDE. Resultado das muitas exceções e casos particulares que caracterizam as nossas regras.

Luciano da Ros tem publicado seguidos trabalhos documentando o maior custo do Judiciário no Brasil em comparação com os dados de outros países. Marcos Mendes e Hélio Tollini fizeram o mesmo sobre a magnitude das emendas parlamentares ao Orçamento.

Paulo Furquim coordenou um trabalho que analisou mais de 9 milhões de processos no INSS em apenas 4 anos, "A Judicialização de Benefícios Previdenciários e Assistenciais".

Os dados sistematizados ilustram o tamanho do descontrole.

Os protocolos e as regras que norteiam a política pública no Brasil legitimam a ação discricionária que concede benefícios a grupos organizados. E que são convalidados por uma moralidade que sanciona os privilégios.

Em outros países, há maior parcimônia na intervenção do poder público. O Judiciário respeita as decisões das agências reguladoras. O Legislativo tem protocolos rígidos para aprovar leis e, maior ainda, emendas constitucionais. O Executivo respeita as regras da contabilidade.

Carlos Pereira é mais otimista do que eu e acredita que um Executivo comprometido em construir um governo de coalizão possa pôr ordem na balbúrdia.

Temo que não. Ocorreram significativas mudanças institucionais que fragilizaram a possibilidade de coordenação: regras sobre medidas provisórias, disseminação das emendas parlamentares, fundos para partidos e intervenções discricionárias do Executivo, como no caso do setor elétrico.

Concordo com Carlos que o Executivo deveria liderar a agenda. Mas não será fácil.

Nossas escolhas sobre as regras e procedimentos, nos poderes públicos e no setor privado, construíram um equilíbrio perverso. Serão necessárias muitas reformas, regras de autocontenção e mecanismos críveis para superar a armadilha em que nos metemos.

Agenda ESG é positiva para o banco, diz Itaú após onda antidiversidade

Júlia Moura

SÃO PAULO Na contramão da recente onda antiwoke, o Itaú Unibanco diz não abrir mão da agenda ESG (sigla em inglês para boas práticas ambientais, sociais e de governança). "Não tomamos medidas e decisões por moda. Tomamos por convicção, independentemente da tendência. Temos convicção de que a agenda ESG é positiva para o banco", disse Milton Maluhy, CEO da instituição, na quinta-feira (6), ao comentar o lucro de R$ 41 bilhões do banco em 2024.

Segundo o executivo, a instituição continuará dedicada às agendas de transição climática e de diversidade e aprimorando sua governança. Ao fim de 2024, dois episódios envolvendo a governança do banco ganharam o noticiário: a demissão do chefe de marketing da instituição por suposto mau uso do cartão corporativo, e a acusação de desvio contra o ex-CFO do banco, Alexsandro Broedel, que saiu do Itaú para ocupar uma vaga na matriz do Santander, na Espanha. Os executivos negam as acusações.

Segundo Maluhy, ambos os casos foram descobertos graças aos procedimentos de governança do banco.

No caso do ex-diretor financeiro, o banco acusa Broedel de embolsar parte de pagamentos a serviços contratados por ele para a instituição financeira por meio de uma sociedade com Eliseu Martins, reconhecido como um dos maiores contadores do país, que prestava serviços ao banco há anos.

"Na medida em que você vai subindo na organização, temos uma relação de confiança com o executivo, que tem que fazer declarações anuais, onde ele, de boa-fé, declara quais são suas relações de conflito, para que possamos endereçá-las. Esse é o primeiro problema, o executivo, na posição que tinha, não fazer as declarações de boa-fé no relatório, no formulário do compliance, já é um indício claro de má-fé", disse Maluhy.



Não tomamos medidas e decisões por moda (...) Temos convicção de que a agenda ESG é positiva para o banco

Milton Maluhy
CEO da instituição

O CEO também disse que, no Itaú, as regras são as mesmas para todos os níveis hierárquicos e lembrou do caso de um executivo que foi demitido por supostamente fraudar reembolsos do plano de saúde.

Eufrázio

Tenho guarda de 20 crianças, afirma pastor evangélico que acolhe brasileiros nos EUA

Rufo Souza vai à Justiça americana a pedido de pais com temor de serem deportados que querem garantir segurança de filhos

Julia Chaib

WASHINGTON O pastor evangélico Rufo Souza, 37 anos, viu uma onda de medo se alastrar pela igreja Assembleia de Deus na qual trabalha, na região de Washington, capital dos Estados Unidos.

"Eu tenho hoje a guarda de mais de 20 crianças comigo pelo medo dos pais de serem deportados", conta à reportagem. O pastor diz que, desde que Donald Trump tomou posse como presidente no último dia 20, o receio de blitze do ICE, o serviço de imigração dos EUA, tem levado famílias a temerem serem separadas.

"No pânico, falaram: 'pastor, o senhor tem documento, pode ficar com a guarda do meu filho?'", relata. "É uma questão de pânico, porque dificilmente o pai e a mãe vão ser deportados juntos, no mesmo voo e na mesma hora."

Rufo diz que, desde o final de janeiro, tem ido quase todos os dias a tribunais no estado de Maryland para participar de audiências que garantem a guarda compartilhada da criança ou adolescente de até 18 anos ao pastor.

Diz que juízes são claros ao dizer aos pais que, com autorização, Rufo poderia até mesmo sair do país com as crianças —mas as famílias têm escolhido confiar. Rufo, por sua vez, se compromete a promover o reencontro de pais e filhos caso o pior aconteça e a criança ou adolescente fique nos Estados Unidos se os responsáveis forem deportados.

A lei dos EUA protege pessoas em situação migratória irregular até os 21 anos de idade que os impedem de ser deportadas. A questão da separação de família foi um escândalo no primeiro mandato de Trump, de 2017 a 2021.

O presidente adotou na época a prática de "tolerância zero" contra a entrada de imigrantes em situação irregular, tendo como política separar pais e mães dos seus filhos ao cruzarem a fronteira sul dos EUA como tentativa de dissuadir pessoas de fazerem a viagem. Maiores de idade eram enviados a presídios para aguardar julgamento enquanto as crianças ficavam no país sob a guarda do governo.

Em 2018, o judiciário dos EUA proibiu Trump de fazer a separação de famílias. Mas, de acordo com a União Americana pelas Liberdades Civis (ACLU, na sigla em inglês), 3.900 crianças foram separadas dos pais nos quatro anos de governo de Trump. A entidade representou as famílias separadas em um processo na Justiça.

Agora, os planos são ainda mais graves. Trump já disse que, se for o caso, deportará famílias inteiras. Reportagem da emissora NBC News desta semana mostra que o ICE caminha para adotar essa política, o que poderá levar à detenção de adultos e crianças.

O temor da separação continua assombrando famílias que estão hoje bem distantes da fronteira, como na região de Washington.

Uma das razões é que Trump escolheu o linha-dura Tom Homan para comandar o ICE. Homan comandou o serviço de migração no início do primeiro mandato de Trump e foi um dos defensores da separação de famílias para dissuadir os migrantes.

A tributarista Caroline Knight, que mora em Maryland há 18 anos, atende à comunidade de imigrantes com serviços como declaração de imposto de renda e ajuda para obter uma espécie de identidade fiscal que permite que a pessoa pague impostos mesmo sem estar regularizada no país.

Caroline conta que tem recebido muitas ligações de pais que buscam reconhecer em cartório documentos atestando que a criança ficará sob a guarda de uma pessoa específica caso sejam deportados. Só no dia que a Folha conversou com ela na semana passada foram 11 ligações nesse sentido. Caroline tem encaminhado essas famílias para as igrejas, que têm se mobilizado para atuar em conjunto nesses casos.

"As pessoas estão com medo de serem removidas e terem suas crianças deixadas para trás", diz.

Ela atribui parte do que está ocorrendo a uma estratégia bem-sucedida de Trump de aterrorizar a população de imigrantes. Maryland, onde a tributarista atua, é um dos estados que mais protegem e dão incentivos à população de estrangeiros.

Agentes de imigração relatam ter detido mais de 7.000 pessoas no total desde a posse de Trump. A maioria não tem antecedentes criminais. Ainda assim, perfis do ICE postam retratos daqueles que têm ficha na polícia, descrevendo nas postagens os crimes pelos quais foram condenados.



Comício de bloco ultradireitista da UE celebra retorno de Trump

Encontro em Madri neste sábado (8) teve o slogan 'tornar a Europa grande novamente', em alusão ao 'make America great again' do republicano; acima, o líder do partido espanhol Vox, Santiago Abascal Ana Beltran/Reuters

Sheinbaum se revela pragmática ante Trump

Presidente do México evita arroubos verborrágicos e aposta na diplomacia

Sylvia Colombo
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Londres e em Buenos Aires, onde vive

Que Donald Trump ia querer chacoalhar o xadrez da geopolítica regional, nós já sabíamos. Que o fizesse de modo tão ruidoso e veloz foi uma surpresa que deixou muitos governos em estado de alerta.

O anúncio das tarifas de 25% a produtos canadenses e mexicanos, com a justificativa de que esses países não colaboravam para impedir a entrada de migrantes em situação irregular e de drogas como o fentanil em solo americano, foi o primeiro susto.

Para o Canadá, o impacto seria importante, mas não incontornável. Para o México, porém, seria gravíssimo, com consequências se expandindo ao sul das Américas, uma vez que os cartéis mexicanos hoje atuam em vários países abaixo da linha do Equador.

Mas eis que a recém-empossada presidente do México, Claudia Sheinbaum, mostrou-se como uma chefe de Estado digna, firme, dissolvendo ressalvas e dúvidas que existiam a respeito dela antes das eleições: falta de carisma e de pulso firme para enfrentar a pressão exercida pelo governo dos EUA.

Porém, não tem sido assim.

Logo depois do anúncio da imposição das tarifas por parte do republicano, Sheinbaum afirmou que agiria com "calma" e "cabeça fria", por meio do diálogo. E funcionou. Por ora, a medida foi suspensa.

Sheinbaum foi eleita com 59,76% dos votos e assumiu comprometida com seu estilo de discurso formal e direto. Nestas últimas semanas, o México e a região puderam entender melhor como ela irá buscar governar o país.

Sheinbaum concordou com algumas concessões, como reforçar com 10 mil soldados a fronteira entre os dois países. Ressaltou que os EUA também tinham que conter a venda ilegal de armas

Mais do que isso, os mexicanos embarcaram numa onda de orgulho de sua presidente, que exibe estilo sóbrio e apresentação autêntica, marcada pelo modo pausado de falar, por vestimentas com toques da cultura originária e o sempre presente rabo-de-cavalo.

Viralizou nas redes um episódio curto, porém significativo, em que Sheinbaum aparece desvencilhando-se de um governador que tentava segurar seu braço, num gesto machista, e falar-lhe ao pé do ouvido.

Hoje, Sheinbaum exibe marcas singulares de aprovação, com uma cifra ao redor dos 80% de aprovação.

Como isso foi possível? Seguem algumas respostas.

Antes de mais nada, apostar na diplomacia antes de arroubos verborrágicos como os de Javier Milei (Argentina) ou Gustavo Petro (Colômbia).

Sheinbaum concordou com algumas concessões, como reforçar com 10 mil soldados a fronteira entre os dois países. Ressaltou que os EUA também tinham tarefas —por exemplo, a de conter a venda ilegal de armas, uma vez que 75% do armamento utilizado pelos carteis mexicanos vem do norte.

Como mulher vinda da área das ciências, propôs a Trump uma avaliação das políticas de saúde pública dos EUA, de onde vem a principal demanda por drogas ilícitas. No mais, anunciou medidas para acolher os imigrantes devolvidos por Trump por meio de planos de assistência e promoção do emprego.

O governo dos EUA afirma ter havido queda de 94% na entrada de migrantes em situação irregular a seu território. "Os números que o presidente Trump está mostrando são o resultado de uma estratégia montada pela minha equipe", disse a líder mexicana.

Diferenciando-se de seu antecessor e padrinho, Sheinbaum tem mostrado pragmatismo e resultados, e conteve uma crise sem precedentes. Resta saber se continuará tendo esse tipo de reação firme ante os desafios vindouros. Por ora, ponto para ela.

DOM. Sylvia Colombo **SEG.** Bianca Santana
QUA. Rui Tavares QUI. Lúcia Guimarães SAB. Igor Patrick

Deportados dos EUA falam em alívio de voltar

Segundo voo sob nova gestão Trump com brasileiros removidos chegou ao aeroporto de Confins na sexta (7)

Artur Búrigo, Victor Lacombe e Guilherme Botacini

BELO HORIZONTE, SÃO PAULO E BRASÍLIA Os deportados que chegaram ao Brasil nesta sexta-feira (7) no segundo voo do novo governo Donald Trump relataram alívio de voltar ao país depois de período detidos pelas autoridades dos EUA e agradeceram o governo brasileiro pela acolhida recebida em território nacional.

O voo com 111 brasileiros pousou primeiro em Fortaleza (CE), onde 16 desembarcaram. Outros 95 seguiram para o destino final, o Aeroporto Internacional de Belo Horizonte, em Confins (MG). Esse último trecho foi realizado pela Força Aérea Brasileira (FAB).

Cesar Diego, 39, de Caldas Novas (GO), ajoelhou-se e beijou o chão quando chegou ao Brasil. Ele afirmou que os deportados receberam água e comida durante o voo, e que as algemas foram retiradas ainda dentro do avião após a chegada em Fortaleza.



Brasileiros deportados dos EUA desembarcam no aeroporto de Confins Washington Alves - 7.fev.25/Reuters

"A nossa riqueza está no Brasil, isso eu digo por experiência própria. O governo [brasileiro] nos deu 100% de ajuda e agradeço", disse Diego. "Agora quero reencontrar a esposa, os dois filhos. Não vejo há seis meses."

Outro repatriado, João Vitor Batista Alves, 26, afirmou após desembarcar que a recepção no Brasil foi boa, com todo o apoio necessário e tratamento digno. Motoboy, ele disse que "lá fora, por mais que seja financeiramente melhor, o calor humano, o acolhimento, isso só o Brasil tem", ressaltando que poucos brasileiros migram para os EUA em comparação com outros países da América Latina.

Questionado sobre que mudanças no tratamento das autoridades americanas com os migrantes detidos houve após a posse do novo governo em janeiro, João Vitor disse que "um dia depois que Trump assumiu, já mudou tudo".

"Não ficávamos dois dias em um lugar só, não tinha direitos básicos, não conseguíamos mais conversar com os agentes. A gente era mais acolhido no governo anterior [de Joe Biden]".

Outros migrantes relataram que a situação piorou com a troca de governo. Um dos exemplos citados é a mudança constante do local onde estavam detidos antes da deportação.

Rafael Marciano, carpinteiro de 27 anos que viveu dez anos nos EUA, disse que o voo de deportação "foi só sofrimento", com comida podre e algemas apertadas até mesmo ao usar o banheiro. Segundo Rafael, um dos migrantes desmaiou durante o voo depois que os agentes de imigração americanos se recusaram a buscar remédios de que precisava.

Ele descreve o centro de detenção onde ficou preso antes de ser deportado: "era como um chiqueiro, muito sujo, e não nos davam itens básicos de higiene. Nos trataram muito mal". "Nunca mais fale comigo de Estados Unidos, senão vai arranjar briga."

O relato do migrante desmaiado foi corroborado por outro deportado, Gilmar Mesquita, 43. "A comida era horrível, salame podre, água quente". Segundo Gilmar, o governo Trump "está massacrando os imigrantes".

"Estávamos numa ala [do centro de detenção] onde cabiam 24 pessoas, mas éramos 60. Dormimos três noites no chão, com o ar-condicionado desligado de dia e só ligado à noite. Desumano, muita covardia", acrescentou.

A esposa de Gilmar, Rute Mesquita, estava com a filha esperando pela chegada dele. Ela afirmou que ele gastou US$ 7.000 (cerca de R$ 40 mil) para a travessia e foi detido antes de entrar nos EUA. Após a chegada de Gilmar, a família retornou a Governador Valadares, cidade conhecida no estado pela emigração de seus moradores aos Estados Unidos.

> **Estávamos numa ala [do centro de detenção] onde cabiam 24 pessoas, mas éramos 60. Dormimos três noites no chão, com o ar-condicionado desligado de dia e só ligado à noite. Desumano, muita covardia**
>
> **Gilmar Mesquita**
> brasileiro trazido em voo de deportação dos EUA

Ao mesmo município retornou Moisés Coelho, 19, que se entregou à imigração assim que entrou no país norte-americano, em 6 de dezembro. Ele, que fez a travessia junto da esposa, descobriu na prisão que ela estava grávida. "Não pude voltar para dar um abraço nela", afirmou. O migrante disse esperar que sua esposa retorne ao Brasil como deportada no próximo mês.

O governo Lula (PT) destacou equipes do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania para receber os repatriados tanto no Ceará quanto em Minas Gerais por meio de postos de acolhimentos nos dois aeroportos.

Dados da pasta dos Direitos Humanos mostram que 64% dos migrantes no voo eram homens desacompanhados, enquanto 25% eram famílias e 10%, mulheres desacompanhadas. No total, 76% dos deportados eram homens e 23%, mulheres.

A ministra Macaé Evaristo disse à imprensa que o voo dessa sexta foi "mais tranquilo" que o anterior, quando houve acusações de agressões por parte dos agentes de imigração americanos.

O uso das algemas, condenado pelo governo brasileiro, foi autorizado como parte de acordo de 2021 entre Brasília e Washington, e a decisão sobre sua utilização continua sendo do governo americano.

Trump tem cumprido mesmo as promessas mais radicais sobre migração. Ampliou estrutura da base de Guantánamo, na ilha de Cuba, para enviar cerca de 30 mil migrantes em situação irregular.

Justiça bloqueia acesso de equipe de Musk a sistemas do Tesouro

REUTERS E AFP Neste sábado (8), um juiz federal dos EUA emitiu uma ordem de emergência para bloquear o acesso do Doge, sigla em inglês para Departamento de Eficiência Governamental, ao controle do sistema de pagamentos do Tesouro americano.

Comandado pelo bilionário Elon Musk, o Doge é um comitê criado pelo presidente Donald Trump para coordenar o corte de gastos federais e reestruturação do governo.

A ordem judicial diz ainda que qualquer pessoa que tenha acessado esses registros desde que Trump assumiu o cargo, em 20 de janeiro, deve destruir imediatamente todas as cópias dos materiais baixados.

Válida até o dia 14 de fevereiro, para quando está marcada uma audiência, a decisão do juiz Paul A. Engelmayer proíbe "todos os indicados políticos, todos os agentes especiais do governo e todos os funcionários do governo indicados para uma agência fora do Tesouro" de ter acesso aos sistemas de pagamento.

Musk, em publicação na rede social X, chamou a decisão de "absolutamente maluca" e disse que "algo muito estranho está acontecendo para proteger aqueles que aplicam golpes", sem entrar em detalhes.

"Como é que vamos impedir a fraude e o desperdício do dinheiro dos contribuintes sem olhar para a forma como o dinheiro é gasto?", disse Musk em sua plataforma de mídia social. Ele afirmou que o magistrado do caso é um "ativista se passando por juiz".

A decisão é consequência de ação judicial movida na sexta (7) por uma coalizão de estados americanos majoritariamente liderados por democratas que buscava impedir que o Doge tivesse acesso aos sistemas governamentais usados para processar trilhões de dólares em pagamentos.

Liderados pelo escritório da procuradora-geral de Nova York, Letitia James, os 19 estados afirmavam que o Departamento de Eficiência Governamental de Musk não tem poder legal para acessar os sistemas do Departamento do Tesouro dos EUA, que contêm informações pessoais de milhões de americanos.

A ação judicial no tribunal federal de Manhattan afirmava que Musk e sua equipe poderiam interromper o financiamento para clínicas de saúde, pré-escolas, iniciativas climáticas e outros programas, e que Trump poderia usar as informações em prol de seus objetivos políticos.

Na decisão, Engelmayer avaliou que, sem medidas cautelares como o bloqueio do acesso do Doge aos sistemas, os estados dos EUA enfrentariam danos irreparáveis. "Isso se deve tanto ao risco representado pela nova política de divulgação de informações sigilosas e confidenciais quanto ao risco maior de que os sistemas em questão estejam mais vulneráveis a hackers do que antes", escreveu.

Trump indicou Musk para liderar o Doge com o objetivo declarado de identificar fraudes e desperdícios no governo federal, mas o bilionário tem utilizado seu poder para retirar verba de programas que considera "de esquerda" e a favor de iniciativas de diversidade.

As medidas anunciadas por Musk alarmaram democratas e grupos de defesa dos direitos civis, que dizem que ele está abusando de sua autoridade ao tentar desmantelar agências responsáveis por programas governamentais cruciais e demitir servidores federais em massa.



Trump corta assistência à África do Sul

O presidente Donald Trump ordenou o corte da assistência financeira à África do Sul na sexta (7).

Ao justificar a medida, Trump mencionou que desaprova a política sul-africana de expropriação de terras e a acusação de genocídio que o país apresentou na Corte Internacional de Justiça contra Israel.

Eufrázio

Dan McClellan Cristãos apoiadores da gestão Donald Trump escolhem interpretação excludente da Bíblia

De acordo com estudioso americano da religião, todo fiel precisa negociar com o texto bíblico, mas nacionalistas o fazem em nome de uma ideologia radical

ENTREVISTA

Victor Lacombe

SÃO PAULO Embora não seja uma pessoa especialmente religiosa, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, voltou à Casa Branca em 2025 de mãos dadas com cristãos fervorosos que se preparam para refazer o governo da maior economia do mundo à sua imagem e semelhança.

Mas a ideia de que a Bíblia é inequívoca a respeito de temas modernos como aborto e homossexualidade é incorreta e desonesta, afirma o cientista da religião e estudioso bíblico americano Dan McClellan — e o que nacionalistas cristãos fazem é escolher uma interpretação da Bíblia e utilizá-la para excluir minorias.

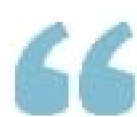
*

O senhor argumenta em seus vídeos que a interpretação da Bíblia usada por nacionalistas cristãos para autorizar discursos anti-LGBTQIA+ e anti-imigração é desconectada do texto bíblico. Por quê? Para cada versículo que apoia sua ideologia, há outros que a desautorizam. Para utilizar a Bíblia como um todo para justificar a ideologia, precisam negociar com o texto, dando prioridade para alguns versículos em detrimento de outros.

Isso significa dizer que eles não querem entender a Bíblia como uma coleção de vozes e se baseiam na ideia de que cada palavra do texto vem de Deus e deve refletir a perspectiva única, inerrante e perfeita Dele sobre tudo. É daí que vem a desconexão.

A Bíblia não tem significado inerente, ela é um texto. Ela só tem significado quando um leitor o atribui em um determinado contexto. Quando as pessoas a utilizam para apoiar suas ideologias nacionalistas, misóginas e supremacistas brancas, isso só revela quais são as prioridades dessas pessoas que buscam justificativa para suas políticas identitárias. E ninguém está imune a isso, mas muita gente finge que está.

A expressão "políticas identitárias" é utilizada pelo senhor em um contexto diferente daquele que é mais comum. Por quê? Muita gente utiliza essa expressão para se referir exclusivamente ao que fazem as minorias. Mas de um ponto de vista acadêmico e da ciência cognitiva da religião, isso nunca fez muito sentido para mim, porque todo mundo faz política identitária. Somos animais sociais, temos um monte de identidades sociais que fazem de nós quem somos. Então utilizo a expressão para significar todo tipo de motivação, objetivos e dogmas ancorados nessas identidades sociais.



É só questão de tempo para que a maioria dos cristãos decida que chegou a hora de mudar de opinião [a respeito da homossexualidade]

O senhor parece acreditar que existem negociações mais ou menos válidas da Bíblia. Por que a negociação feita por nacionalistas cristãos para apoiar suas posições é mais problemática do que aquela feita por uma igreja pró-LGBTQIA+, por exemplo? Quando você ignora ou finge que não está negociando com o texto, quando você tenta utilizá-lo como a palavra pura e inequívoca de Deus, você comete um erro. Se o objetivo é a estruturação de poder contra os interesses de pessoas marginalizadas ou oprimidas, eu acho isso inválido. Se o objetivo é proteger e preservar os interesses e identidades dos marginalizados e oprimidos, é mais válido.

E se nos voltarmos para a Bíblia hebraica, os judeus foram oprimidos ao longo dos séculos. O cristianismo se tornou a religião do Império Romano, e desde então vem sendo utilizado da perspectiva do opressor com o objetivo de demonizar o oprimido.



Dan McClellan, 44

1980, Virgínia Ocidental Estudioso da Bíblia e cientista da religião formado em estudos do Oriente Médio antigo pela Universidade Brigham Young, com mestrados em estudos judaicos pela Universidade de Oxford e estudos bíblicos pela Trinity Western University e PhD em teologia e religião pela Universidade de Exeter. É conhecido tiktoker, com mais de 900 mil seguidores

Porque se você quer se identificar com o oprimido, você precisa de um opressor. E se você é o opressor, você não pode apontar para mais ninguém a não ser para os oprimidos.

Se todos os grupos precisam interpretar a Bíblia da forma que mais faz sentido para eles, por que ainda existe tanta briga sobre o que o texto diz? Isso tem a ver com política identitária. Há algumas gerações, as pessoas decidiram que a escravidão era errada. Para chegar a um novo acordo moral de que a escravidão era maligna, foi necessário que os cristãos renegociassem sua relação com a Bíblia. Sempre vai ser necessário negociar com o texto para remover coisas.

Muitos grupos cristãos apoiam pessoas LGBTQIA+ hoje porque conseguiram negociar e remover as leituras homofóbicas da Bíblia. Por outro lado, muita gente que utiliza esses versículos homofóbicos nem percebe que já está negociando com o texto ao escolher quais partes da Bíblia querem priorizar e quais partes não querem. Mas elas fazem isso porque [a homofobia] é um marcador identitário que ancora suas identidades sociais. É só questão de tempo para que a maioria dos cristãos decida que chegou a hora de mudar de opinião [a respeito da homossexualidade].

Por que o nacionalismo cristão atrai tantos evangélicos brancos nos EUA? À medida que nos tornamos uma sociedade mais plural e secular, à medida que cristãos brancos veem sua influência se erodir [nos EUA], eles se sentem mais ameaçados e acham que estão perdendo terreno, como se fosse um jogo com perdedores e vencedores.

É uma combinação de fatores que têm a ver com política identitária. As pessoas querem acesso ao poder, e muitas têm medo que mais igualdade signifique opressão contra o seu grupo. Aí reagem, sem se importar com quem se machuca no meio do caminho.

Hamas entrega mais três reféns israelenses à Cruz Vermelha em Gaza

GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

SÃO PAULO | REUTERS E AFP O Hamas entregou neste sábado (8) três reféns israelenses à Cruz Vermelha em Deir Al-Balah, no centro de Gaza, em evento televisionado ao vivo. A entrega é parte da quinta troca de reféns por prisioneiros palestinos, possibilitada pelo acordo de cessar-fogo entre o grupo terrorista e Israel.

O grupo palestino libertou Ohad Ben Ami, 56, e Eli Sharabi, 52, ambos feitos reféns do kibutz Be'eri durante o ataque terrorista liderado pela facção em 7 de outubro de 2023, e Or Levy, 34, sequestrado no mesmo dia no festival de música Nova, que acontecia ao lado da Faixa de Gaza.

Os reféns foram conduzidos a um pódio por homens armados. Ao redor deste pódio, membros da organização terrorista, com rostos cobertos e uma faixa verde na cabeça, formavam um cordão, e havia uma área com fotos de blindados israelenses destruídos, bandeiras do Hamas e imagens de soldados mortos nos bombardeios israelenses. Em libertações anteriores, a facção fez demonstrações de força semelhantes.

Os três homens estavam magros, fracos e pálidos, e em pior condição do que os 18 reféns que haviam sido libertados anteriormente sob a trégua acordada no mês passado. A Cruz Vermelha entregou Ami, Sharabi e Levy ao Exército israelense.

"Ele parecia um esqueleto, foi horrível de ver", disse Michal Cohen, sogra de Ohad Ben Ami, ao canal 13 News enquanto assistia à cerimônia de entrega dirigida pelo Hamas, na qual reféns foram forçados a uma espécie de entrevista, respondendo a perguntas feitas por um homem mascarado enquanto militantes armados com fuzis os acompanhavam.

O estado de saúde de dois dos reféns israelenses libertados — Or Levy e Eli Sharabi — é "ruim", de acordo com o hospital Ramat Gan, perto de Tel Aviv, para onde foram levados após saírem do cativeiro. O terceiro refém, o teuto-israelense Ohad Ben Ami, apresenta um "quadro nutricional grave", segundo o hospital Ichilov, também da capital.



Ohad Ben Ami, 56, israelense sequestrado no 7 de Outubro, é solto em Deir el-Balah, na Faixa de Gaza Hatem Khaled/Reuters

Por meio do X, o gabinete do premiê israelense, Binyamin Netanyahu, se manifestou contra a cerimônia feita pela organização terrorista e as condições dos reféns. "As imagens chocantes que vimos hoje não ficarão sem resposta. O governo, juntamente com todas as autoridades de segurança, acompanhará eles [os reféns] e suas famílias."

Em troca, Israel libertou 183 prisioneiros palestinos, parte deles com envolvimento em ataques que mataram dezenas de pessoas, sendo 18 que cumpriam penas de prisão perpétua, 54 que estavam condenados a penas elevadas e 111 detidos em Gaza durante a guerra Israel-Hamas.



Daniel Noboa, 37
Eleito para um mandato-tampão há um ano e meio, presidente adotou políticas linha-dura contra o crime Karen Toro - 6.fev.25/Reuters



Luisa González, 47
Derrotada por Noboa em 2023, a representante da esquerda e herdeira de Rafael Correa tenta revanche Henry Romero - 6.fev.25/Reuters

Com violência e apagão, Equador tem 3º pleito presidencial em quatro anos

Favorito, Daniel Noboa é desafiado por Luisa González, herdeira de Rafael Correa

Mayara Paixão

BUENOS AIRES Neste domingo (9), o Equador irá às urnas para eleições presidenciais e legislativas pela terceira vez em apenas quatro anos, em cenário sem precedentes para o país da América do Sul que se tornou rota estratégica de escoamento do narcotráfico.

No poder há menos de um ano e meio para exercer um mandato-tampão, o milionário Daniel Noboa é o atual favorito e pode garantir sua reeleição. Tudo indica, porém, que o cenário mais provável seja o de um segundo turno contra Luisa González, nome da esquerda e pupila do ex-líder Rafael Correa (2007-2017).

Não bastasse o agravamento da violência, que fez a taxa de homicídios intencionais quintuplicar em apenas três anos, de 7,8 crimes por 100 mil habitantes em 2020 para 46,2 em 2023, no ano passado o país se tornou palco de uma crise energética histórica.

Com matriz elétrica que depende de mais de 70% de suas centrais hidrelétricas —outrora a menina dos olhos de ouro na região em busca de uma fonte renovável mas hoje um modelo diretamente afetado pela emergência climática—, o país viu o suprimento de energia ruir com a seca. Por meses, a população vivenciou apagões diários de 4 a 14 horas.

É diante desses dois desafios principais que dois candidatos se destacam para tentar devolver aos equatorianos a ideia de que esse é, sim, um país onde ainda há perspectiva de construir a vida.

Por um lado, Daniel Noboa, herdeiro de uma fortuna que provém do setor bananeiro, e eleito em 2023 para governar por um ano e meio após o então presidente Guillermo Lasso, acusado de corrupção, implodir o governo e chamar eleições.

Linha-dura, Noboa se dizia de centro-esquerda, mas na prática governou à centro-direita no curto mandato, em meio a acusações de guinada autoritária na gestão.

Por outro, Luisa González, ex-deputada e pupila de Rafael Correa, o político que vive asilado na Bélgica e foi condenado por corrupção. Se surpreendesse e conseguisse chegar ao cargo, a líder de esquerda seria a primeira mulher a fazê-lo no Equador.

Na última pesquisa em domicílio da consultoria Cedatos, realizada em 30 de janeiro, Noboa liderava com 48,3% das intenções de voto válido, atrás de González, com 32,2%. A margem de erro é de 2,2 pontos.

É um raro levantamento que sugere que o hoje presidente poderia ganhar em primeiro turno. Para fazê-lo, é preciso obter mais de 50% dos votos ou, então, ao menos 40%, neste caso com uma diferença mínima de dez pontos em relação ao segundo colocado.

Noboa adotou política rígida de combate ao crime e apostou na militarização da segurança pública. Completou-se recentemente um ano desde que o presidente decretou situação de conflito armado interno, figura jurídica que amplia as capacidades de seu governo de agir. Diferentes partes do país ainda vivem sob regime de estado de exceção. Os resultados vieram, mas de forma tímida.

O número geral de homicídios intencionais apresentou redução de 16% no ano passado, até que o último mês de janeiro trouxe um lembrete aterrador: o mês foi o mais violento ao menos desde 2014, com 750 homicídios, 56% a mais do que em janeiro de 2023.

Junto a isso, escalaram denúncias de violação de direitos humanos diante da estratégia de militarizar tarefas de segurança que outrora cabiam a policiais civis. Entidades de direitos humanos e familiares calculam que houve 16 casos de desaparecimentos forçados de pessoas que haviam sido detidas por patrulhas militares ao longo de todo 2024.

Nesta década, o Equador se tornou ainda mais importante para o envio de cocaína dos vizinhos Colômbia e Peru.

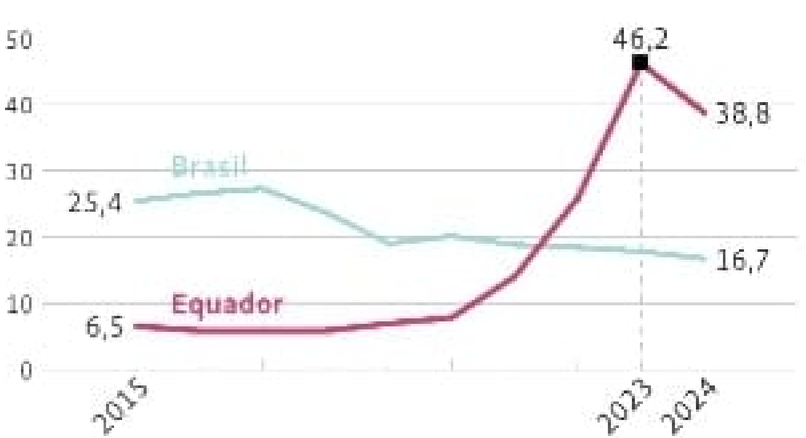
Equador vai às urnas

O que mais preocupa o equatoriano
% de respondentes que falou em cada um desses temas



Fonte: Pesquisa Ipsos de novembro com mil maiores de 18 anos

A violência virou protagonista do país
Número de homicídios dolosos por 100 mil habitantes



Fontes: Ministério do Interior do Equador via Statista e Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública do Brasil

Raio-X do Equador



Área: 256 mil km² (semelhante à do Piauí)

População: 17,9 milhões (pouco mais que a do estado do Rio de Janeiro)

PIB: US$ 118,8 bilhões (ante US$ 2,1 trilhão no Brasil)

PIB per capita*: US$ 16 mil (ante US$ 21,1 mil Brasil)

IDH: 83º entre 193 países (Brasil é o 89º)

* Considerando paridade no poder de compra. Fontes: Governo do Equador, IBGE e ONU

Noboa abriu guerra ao crime e flertou com autoritarismo em mandato-tampão

BUENOS AIRES Jovem, formado por Harvard e herdeiro de um magnata cujo império provém da venda de bananas, Daniel Noboa, 37, chegou à Presidência do Equador há 15 meses como um novato que prometia oxigenar a gestão de um país assolado pelo narcotráfico.

O centro-direitista manteve popularidade elevada e tem chances de se reeleger neste domingo (9), mas não sem controvérsias. Sua passagem pelo poder foi marcada por acusações de analistas, ONGs e opositores de que ele não é afeito às regras da democracia.

Foi uma lista ampla de irregularidades acumuladas. A começar pela mais recente, quando se recusou a se licenciar da Presidência na campanha à reeleição, como dita a lei. Noboa seguiu exercendo o cargo mesmo enquanto participava de atos de campanha.

Os imbróglios domésticos não são isolados. No ano passado Noboa protagonizou uma das maiores tensões geopolíticas da região ao invadir a embaixada do México em Quito para prender o ex-vice-presidente Jorge Glas, oposicionista investigado por corrupção.

O episódio levou a condenações de vários países, o Brasil incluso, e ao rompimento das relações com o México.

Dias antes do primeiro turno a presidente que será realizado neste domingo (9), Noboa ainda anunciou, de supetão, imposição de tarifas de 27% para todos os produtos mexicanos.

Outra bandeira vermelha em meio ao atual processo eleitoral foi a inabilitação do agora ex-candidato Jan Topic, um nome visto com potencial para enfrentar Noboa nas urnas.

O Tribunal Eleitoral afirmou que o empresário da área de segurança e ex-membro da Legião Estrangeira Francesa tinha conflito de interesses por supostos contratos com empresas municipais.

Um dos juízes da corte depois revelou que a decisão foi baseada em um informe confidencial da autoridade tributária, levantando suspeitas de interferência do governo.

O presidente também é acusado de negligenciar violações de direitos humanos cometidas em meio a sua estratégia de militarizar a segurança pública do país sul-americano.

Noboa tem uma base social considerável, em especial de camadas cansadas e desesperançosas que apostam em seu populismo penal e linha-dura na segurança pública.

Mas começa a ganhar força um anti-noboismo. "Gente que o acha abusivo, irresponsável e soberbo, por exemplo", afirma o analista Manuel Macías Balda, chefe do departamento de ciência política da Universidade de Guayaquil. MP

Eufrázio


Serviço de transporte aquático da SPTrans na represa Billings, na zona sul de SP Danilo Verpa/Folhapress

Plano hidroviário prevê R$ 8 bi e até 30 anos para mudar uso da água em SP

Projeto municipal quer estimular o transporte de passageiros e de cargas pelos rios

Tulio Kruse

SÃO PAULO Pela primeira vez, a cidade de São Paulo terá um plano para orientar a maneira como seus rios, córregos e represas são usados. Deve levar ao menos 30 anos para que seja totalmente implementado e custar mais de R$ 8 bilhões para viabilizar o que hoje é raridade na capital: o transporte, o lazer, os esportes e atividades econômicas ligados à água.

A ambição por trás do plano é mudar a relação entre os paulistanos e os rios. Há décadas eles são canais de esgoto a céu aberto e usados de forma utilitária —para abastecimento de água ou de energia elétrica. A intenção é transformá-los em vias de tráfego e multiplicar os tipos de ocupação das orlas. A versão final do plano deve ser apresentada até a metade deste ano.

Já estão praticamente alinhados, porém, os locais onde serão construídos parques, estações fluviais, pontos de recolhimento de carga, atracadouros de barcos e equipamentos educacionais na maior parte do território onde se pretende intervir.

"Navegação urbana no Brasil, do modo que a gente está defendendo aqui hoje, não existe", diz o arquiteto e urbanista Pedro Fernandes, presidente da SP Urbanismo, empresa municipal responsável pelo plano. "A navegação em canais estreitos e rasos [como os de SP] é mais parecida com as cidades europeias que têm canais artificiais."

O plano prevê 33 pontos de embarque de passageiros, 16 novas pontes, 4 estaleiros e 6 marinas. A frota municipal teria até 154 embarcações. A extensão de hidrovias —hoje com quatro barcos e uma linha de 17,5 quilômetros— seria expandida para 180 quilômetros. Se o cronograma for cumprido, a maior parte do plano será vista até 2035.

Em seguida, começariam os estudos para a fase mais desafiadora, que prevê duas partes: a adaptação do rio Tamanduateí para que volte a ser navegável e as obras no extremo leste do Tietê. A meta é que esses trechos sejam entregues para o aniversário de 500 anos da cidade, em 2054.

A cada ano, o equivalente a 1.120 piscinas olímpicas de sedimentos se depositam naturalmente no fundo dos corpos d'água, fazendo com que a dragagem seja uma tarefa contínua. Ela é um dos pontos mais importantes para viabilizar o projeto.

A prefeitura pretende escavar o Tietê e o Pinheiros, que hoje têm laminas d'água de espessuras variadas, para que eles cheguem à profundidade média de 1,20 metro. Isso significa dragar 1,8 milhão de metros cúbicos. O ideal seria cavar ainda mais para chegar a 2,30 metros, para permitir embarcações maiores, mas essa opção elevaria o valor do projeto —o custo da dragagem pode passar de R$ 1 bilhão.

Como mostrou a **Folha**, o governo Tarcísio de Freitas (Republicanos) descumpriu a meta de limpeza do rio Tietê no ano passado. De 1,6 milhões de metros cúbicos previstos, foram retirados 1,4 milhões, 12,5% abaixo do prometido, segundo a SP Águas.

O serviço é importante não só para garantir navegação: ele afeta os alagamentos, especialmente quando há construções no mesmo nível do rio —como é o caso do Jardim Pantanal, na zona leste, que passou vários dias com as ruas alagadas na última semana.

Tarcísio tem um plano de R$ 5,6 bilhões até 2026 em ações para despoluir o Tietê, principalmente com obras de saneamento. No entanto, a última medição mostrou que a poluição no maior rio paulista cresceu pelo terceiro ano consecutivo em 2024.

A espinha dorsal do plano está nos ecoportos, equivalentes às estações de metrô. Servem de atracadouros para embarque e desembarque de passageiros, recolhimento de cargas e pontos de entrega de lixo reciclável.

Dentro da cidade, a intenção é que o estímulo ao transporte de cargas hidroviário tome o lugar de caminhões, reduzindo o trânsito e a emissão de poluentes. O plano só prevê barcos elétricos. Com canais de 1,20 metro de profundidade, seria possível usar uma embarcação com capacidade equivalente, em peso, à carga de três caminhões.

Está prevista uma série de reformas nas orlas do Tietê e do Pinheiros. Novas pontes só para pedestres ligariam parques fluviais nas duas margens, e aquelas que já existem seriam reformadas.

Ainda falta detalhar como será o financiamento. A SP Urbanismo deve fazer estudos de viabilidade econômica ao longo do ano. Parte das ações previstas já começaram, segundo a gestão Ricardo Nunes (MDB). O serviço Aquático na represa Billings é o protótipo do projeto. A SP Urbanismo diz que já foi viabilizada a construção de três ecoportos, um ecoparque, uma marina e um estaleiro.

O Plano Hidroviário de São Paulo

Fase	Local	Data de entrega	Custo estimado
1	Represas Billings e Guarapiranga	2031	R$ 2,8 bilhões
2	Rio Pinheiros	2033	R$ 2,7 bilhões
3	Rio Tietê central e trecho leste 1	2035	R$ 3 bilhões
4	Rios Tamanduateí e Tietê trecho leste 2	2054	Sem estimativa

1 **Ecoporto** Estação para passageiros e atracadouro de carga, com ponto de descarte de lixo reciclável

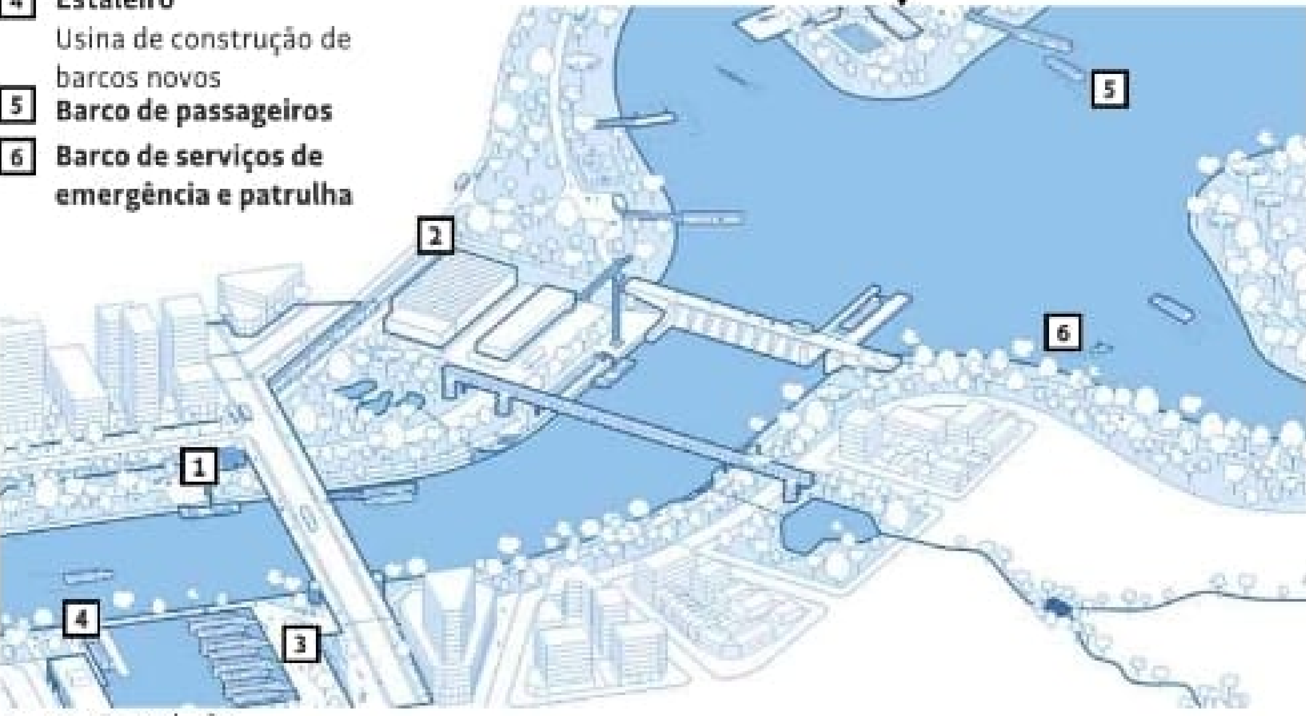
2 **Ecoparque** Porto e centro de triagem, processamento e destinação de lixo

3 **Marina** Local para guarda e manutenção de embarcações

4 **Estaleiro** Usina de construção de barcos novos

5 **Barco de passageiros**

6 **Barco de serviços de emergência e patrulha**


Imagem Reprodução

Fonte: SP Urbanismo/Prefeitura de SP

Alerta da Defesa Civil envolve previsão rápida e atuação de profissionais de várias áreas

Equipe que envia novos avisos por celular busca minimizar danos das chuvas em SP; reportagem acompanha um dia em gabinete de crise



Gabinete de crise da Defesa Civil de São Paulo criado devido às fortes chuvas Felipe Iruatã/Folhapress

VIDA PÚBLICA

Victoria Borges

SÃO PAULO Por volta das 15h de 24 de janeiro, uma sexta, o meteorologista da Defesa Civil estadual Cleber Souza identificou uma instabilidade se formando na região de Jundiaí, a cerca de 60 km da capital. A chuva era intensa e, com os ventos soprando de leste para oeste, avançava em direção à Grande São Paulo.

"Eu estava monitorando aqui [região de Jundiaí, a noroeste da capital] e observei que estava chovendo muito nessas cidades. Depois, outra instabilidade começou a se formar aqui na parte norte [da cidade de São Paulo]", conta, enquanto aponta imagens de satélite e modelos meteorológicos exibidos em duas telas a sua frente. Cerca de 40 minutos depois, o temporal chegou à capital.

Souza alertou a equipe técnica da Defesa Civil, que confirmou a necessidade de emitir o alerta severo via cell broadcast —tecnologia de envio de mensagens para celulares em áreas específicas, sem cadastro prévio— pela primeira vez na cidade.

É o meteorologista de plantão quem fica responsável por selecionar as áreas que vão receber o aviso e disparar o recado por meio da Interface de Divulgação de Alertas Públicos (Idap).

Outros três alertas via SMS tinham sido enviados entre 15h10 e 15h40. Esse tipo de aviso é emitido quando o volume de chuva em uma região ultrapassa os 40 mm. A diferença é que, ao contrário do cell broadcast, apenas pessoas cadastradas no sistema da Defesa Civil o recebem.

Às 16h, os paulistanos começaram a receber mensagens nos celulares. "Chuva forte se espalhando pela capital paulista com rajadas de vento e risco de alagamento. Mantenha-se em local seguro", dizia a notificação.

No domingo passado (2), a reportagem acompanhou os trabalho no gabinete de crise do Centro de Gerenciamento de Emergências (CGE), instalado no Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi, zona sul. A equipe, formada por hidrólogos, meteorologistas e bombeiros, foi montada para tentar fornecer pronta resposta em casos de emergência.

"Nosso grande desafio é prever com antecedência o que vai acontecer", afirma o coronel Henguel Pereira, coordenador estadual da Defesa Civil. Na frente da sala do gabinete, voltado para as mesas dos profissionais, um telão exibe imagens dos radares em tempo real.

Em janeiro deste ano, o governo do estado anunciou a criação do Cepram (Centro Paulista de Radares e Alertas Meteorológicos), que unifica informações de sete radares instalados no estado, incluindo os da iniciativa privada, além de dados de outros instrumentos de previsão do tempo.

> **“ As pessoas saíram do trabalho mais tarde [depois do alerta]. A ideia é criar uma cultura de autocuidado, semelhante ao que ocorre no Japão**
>
> **Tatiana Rocha**
> diretora da Defesa Civil de São Paulo

Quando a formação climática é detectada, o órgão tem de uma a duas horas para emitir o alerta. No estado, é usado o modelo de previsão de chuva horária, que antecipa a precipitação nas horas seguintes e tende a ser mais preciso do que as previsões a longo prazo —em especial no verão, quando os eventos climáticos podem se formar rapidamente.

"É um trabalho de toda a equipe, que tem como objetivo proteger as pessoas. E, quando falo disso, incluo a minha própria proteção e a dos meus familiares. A responsabilidade é nossa também, porque moramos e vivemos aqui em São Paulo", diz o coronel.

Ele conta que, antes dos alertas, equipes de bombeiros, geólogos e engenheiros das unidades municipais da Defesa Civil são acionadas para realizar vistorias e intervenções nas áreas de risco mapeadas.

"Quando a gente manda o alerta, o sistema da Defesa Civil já está operando faz tempo. São mais de 5,4 mil agentes em campo, em praticamente todos os municípios do estado", explica.

Segundo a major Tatiana Rocha, diretora da Defesa Civil de São Paulo, os alarmes ajudam a população a saber como agir.

"As pessoas saíram do trabalho mais tarde. A ideia é criar uma cultura de autocuidado, semelhante ao que ocorre no Japão, onde os cidadãos adotam uma postura responsável e preventiva em situações de emergência", diz.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

TERTULIANO DE MELO NETO (1957 - 2025)

Apaixonado por arqueologia, criou museu no sertão do CE

Pedagogo se especializou em psicoterapia e desde pequeno colecionava objetos históricos

Adriano Alves

JUAZEIRO (BA) Ao pé da Serra Azul, no distrito de Pedra e Cal de Ibaretama (CE), o casarão amarelo da fazenda Coité é sede do Museu Tertuliano de Melo desde 2013. O espaço cultural foi fundado por Tertuliano de Melo Neto, que nasceu na mesma fazenda em 1957, à época no município de Quixadá. Herdou o nome do avô e desde pequeno colecionava objetos históricos —"cacarecos", chamava.

A paixão de menino por pedras o fez aprofundar-se na arqueologia, já após os 50 anos. Primeiro com pesquisas autônomas, depois com ajuda de especialistas e cursos na área. Começou a encontrar muitos artefatos na região e recebia doações de outros moradores. Por isso, dizia que o projeto começou com ele, mas era do povo. Ficou conhecido como Homem das Pedras.



Arquivo pessoal

De sua coleção nasceu o primeiro museu arqueológico do sertão central do Ceará. Montou os mostruários e catalogou peça por peça. Na parte pré-histórica, há 462 cerâmicas de tradição tupi e 120 líticos, termo arqueológico para fragmentos de rochas ou minerais.

"Ele é o grande guardião de memórias de um tempo. Nunca recebeu apoio de ninguém, sempre fez com verbas dele", diz o documentarista Roberto Bonfim, 55.

Neto teve uma infância difícil, de poucas condições financeiras para uma família muito grande. Foi criado pelo avô, que produzia algodão. Quando menino, vendia sobras da produção, comprava pequenos animais e começou a ganhar dinheiro.

Era ele quem pagava o próprio colégio, para onde muitas vezes ia a pé, pelos 4 km até Quixadá.

Na juventude, foi morar em Fortaleza. Do casamento de 15 anos com Isabel, teve três filhos. Montaram uma pequena fábrica de artesanatos que vendiam no mercado central da cidade e depois uma escola particular. Depois dos 50, se formou em pedagogia e se especializou em psicoterapia. Continuou estudando e fez uma especialização em arqueologia social em Nova Olinda.

Há anos, vivia com problemas no coração e tomava muitos remédios. Mas foi nos últimos anos que viveu grandes sonhos. Passou a ter coisas que sonhava quando criança e a viajar para conhecer outros lugares. "Era uma pessoa da paz, não queria confusão com ninguém", afirma o amigo.

Morreu após um infarto fulminante, aos 67 anos, no dia 5 de janeiro.

Deixa os três filhos, Davi, Sara e Samuel, e seus seis netos, além do museu, que segue como espaço de memória de sua comunidade.

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE

Serviço Funerário Municipal de São Paulo
Central 156
Tel. (11) 3396-3800; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha
Tel. (11) 3224-4000.
Seg. a sex.: 10h às 20h.
Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito
folha.com/mortes. Até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos).



A esposa Eloisa Helena, as filhas, filho e netos do querido

JOSÉ BIBIANO DA SILVA

comunicam com pesar o seu falecimento ocorrido dia 08 de fevereiro.

Cupins causaram desabamento, diz restaurador

Falta de manutenção é outro fator apontado pelo especialista para a queda do teto de igreja em Salvador

Biaggio Talento

NATAL Uma infestação de cupins nas estruturas de madeira e a ineficiência dos órgãos governamentais que tratam da conservação do patrimônio histórico são apontados pelo restaurador José Dirson Argolo como responsáveis pelo desabamento do forro do teto da secular Igreja de São Francisco, no centro histórico de Salvador. Uma pessoa morreu e cinco se feriram no acidente.

A equipe de Argolo, um dos mais experientes em atividade na Bahia, fez recentemente, a restauração da Igreja de Santana, do século 18, também tombada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Ele criticou a falta de vistorias regulares dos órgãos fiscalizadores nos monumentos baianos.

"Espera-se os monumentos artísticos chegarem a quase um estágio de ruína para depois pensar na restauração. São tragédias anunciadas", disse Argolo. "Há quanto tempo se sabe que a estrutura do teto e dos altares de São Francisco e tantas outras igrejas estão com problemas?"

Questionados, o escritório regional do Iphan e a Arquidiocese de Salvador não se manifestaram. A arquidiocese divulgou nota lamentando o acidente e expressando solidariedade às vítimas e suas famílias.

O restaurador defende revisão do madeiramento dos tetos. "Os monumentos precisam de vigilância constante num país tropical como o nosso, que chove muito, com índice alto de ataque de insetos xilófagos e eventuais goteiras nos telhados."

Nem todas as igrejas do centro histórico, diz, estão em situação ruim, pois muitas passaram por reformas recentemente como a Catedral Basílica, as Igreja do Passo, Boqueirão, Santana e São Domingos. Existem, ao menos, outras 15 igrejas tombadas no Pelourinho e vizinhanças que necessitam de intervenção.

Uma das mais importantes, a Igreja da Conceição da Praia, do século 18, tem uma obra raríssima que corre risco: a pintura do forro do teto de autoria de José Joaquim da Rocha feita em perspectiva ilusionista, entre 1773 e 74. Várias fissuras podem ser vistas no tabuado onde o painel está pintado.

A situação precária dos monumentos históricos baianos é resultado de um processo de desmonte dos órgãos do patrimônio do país que começou há alguns anos, na opinião do professor Luiz Alberto Freire, doutor em história da arte pela Universidade do Porto, Portugal. Ele é autor da tese "A Talha Neoclássica na Bahia".

"O governo atual até que está tentando alterar essa situação, mas não trata do salário dos técnicos da área, que está muito defasado em relação aos outros órgãos", disse. Ele afirma que as verbas no geral para o patrimônio vêm sendo reduzidas.



Igreja de São Francisco de Assis, na região central de Salvador Alexandre Santos - 5.fev.25/Folhapress

Segundo Argolo, a importância da Igreja do Ouro, como é conhecida São Francisco (cuja talha de madeira, em estilo barroco, que cobre as paredes é revestida com películas douradas), impõe que se façam campanhas de recuperação.

"Era para o Iphan convocar os melhores profissionais da área para, em mutirão, restaurarem a igreja da melhor forma e mais rápido possível", afirmou.

O teto em caixotões (divisão quadrada, ornada de relevos), guardava pinturas do frei Jerônimo da Graça, do século 18.

O diretor-geral do Defesa Civil de Salvador, Sosthenes Macedo, disse que a tragédia da igreja poderia ter sido evitada se o órgão municipal fosse avisado do risco.

"Nossa missão é fazer vistorias. Temos um plano de contingência do centro histórico de Salvador com cerca de 3.000 imóveis cadastrados dos quais 451 com risco de desabamento e sempre os estamos fiscalizando com regularidade", declarou, explicando que, como o órgão não foi acionado antes, a prefeitura não pode agir.



Iphan já teve uma condenação para reformar igreja

Em relação à Igreja do São Francisco, o Iphan foi condenado em 2021 pelo juiz federal Ávio Mozar José Ferraz de Novaes, da 12ª vara Cível da Seção Judiciária da Bahia, a realizar obras de recuperação, conservação e manutenção, após ação. O Iphan não recorreu e informou que vem procurando cumprir a sentença.

Em visita ao local da tragédia, o presidente do Iphan, Leandro Grass, disse que, quando assumiu o órgão, já encontrou a condenação do juiz Ávio, explicando que nos últimos meses o instituto realizou na igreja a restauração dos azulejos e o tratamento do pináculo (estrutura decorativa no ponto mais alto do templo).

Segundo ele, apesar do alerta dos frades sobre os problemas na estrutura do forro, não havia nenhum laudo sobre a ameaça de desabamento, inclusive da Defesa Civil de Salvador. O Iphan investiu R$ 1,2 milhão no projeto de restauração do templo, ano passado, que está sendo elaborado.

classificados
classificados@grupofolha.com.br
Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados ou ligue 11 3224-4000

IMPACTO
Pessoas com Deficiência
Para as regiões Sul, Oeste, Centro e Leste.
Contrata-se para as áreas operacionais e administrativas.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br

Estamos contratando:
IMPACTO
jovem APRENDIZ
Atuação em áreas diversas da empresa, visando o desenvolvimento e qualificação profissional em seu primeiro contato com o mercado de trabalho.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br

AUXILIAR DE LIMPEZA
LOCAL DE TRABALHO: Todas as regiões de São Paulo.
Oferecemos: Vale transporte, vale alimentação e vale refeição.
Ensino fundamental, regime de contratação CLT. Não é necessário experiência na função.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br
IMPACTO

Empresa de ônibus, localizada na Zona Sul de SP, contrata:
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
Vagas Para:
Motorista
Manobrista
Fiscal
Ajudante Geral
Desejável experiência e disponibilidade de horário.
Enviar currículo para o e-mail: treinamento2@wolffsp.com

EMPREGOS
EMPREGADOS PROCURADOS
P
PCD - ÁREAS DIVERSAS
NEGÓCIOS
ADVOCACIA
#siga a folha

FALTA DE LUZ "DANOS MORAIS"
Se a demora superar 4 hs. pode gerar DANOS MORAIS com processo no Juizado Especial, porque a responsabilidade é da ENEL, de acordo com Resolução da ANEEL. Atendimento gratuito, porque quem deve pagar a indenização por danos morais é a ENEL.
Fale com Jair Leal, tel. (11) 97137-0937
e-mail: j.leal@aasp.org.br

MENSAGENS RELIGIOSAS
AGRADECIMENTO
ACOMPANHANTES
AMANDA

ASSINE A FOLHA
folha.com/assine

IMÓVEIS
SÃO PAULO
IMÓVEIS COMERCIAIS VENDA e ALUGUEL
GRANDE SÃO PAULO

Aluga-se Galpão AAA em São Paulo
(Linha 9 Esmeralda)
Infraestrutura alto padrão (AAA)
(Ideal para Amazon, Mercado livre, Correios)
robustas para empresas que buscam localização
Entre em contato e agende uma visita!
11 99599- 2349

PROCURO
CHÁCARA OU SÍTIO
Para alugar na grande São Paulo que precisa de reforma ou esteja parado.
Tel: 11 94773-6989 c/ Wagner



'Samba da Volta', que acontece aos domingos no centro do Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

Rodas de samba no Rio ampliam o público e ganham mapeamento oficial

Prefeitura da capital fluminense tem ao menos 150 grupos cadastrados na cidade; eventos diários atraem até quem não é fã do gênero, mas gosta de festas de rua

Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO A ainda insuficiente historiografia do samba registra ao menos duas passagens fundamentais para o surgimento do gênero no início do século 20.

Primeiro vieram os encontros com música, candomblé e comida na casa das tias baianas, no centro do Rio de Janeiro dos anos 1910 e 1920. Fazia-se um samba amaxixado. Depois, os encontros de compositores no Estácio de Sá resultaram num estilo mais moderno de compor e cantar, como os sucessos das décadas de 1930 e 1940 interpretados por Francisco Alves. Houve ainda uma última revolução do gênero, surgida no bloco Cacique de Ramos na década de 1970.

Hoje, se não há grandes revoluções no jeito de fazer samba, as rodas do Rio vivem fase de ouro, com eventos em espaços abertos, muitos gratuitos, lotando todos os dias. Ruas desertas e praças esquecidas se tornaram pontos de encontro.

Foi assim com o Samba da Volta, que começou em 2021, quando a pandemia arrefeceu —vem daí o "da Volta"— e se tornou um dos maiores movimentos culturais da cidade.

"O samba nasceu na rua do Ouvidor, no centro, de uma roda entre amigos, e deu certo com divulgação e comunicação. A gente se comunica muito com o público, e aprendi isso com o meu pai", afirma o músico Eryck Quirino, um dos fundadores, filho e neto de uma linhagem de percussionistas.

> **O que mais gosto é cantar as músicas que ouço e as que componho, mas tenho que entender que, em alguns momentos da roda, é necessário cantar o que o público espera**
>
> **Lucas Machado**
> compositor e líder do Samba da Aurora, em Campo Grande

A Prefeitura do Rio criou um edital de credenciamento de rodas de samba, uma espécie de circuito com os eventos mapeados por localização e dias da semana. Atualmente, 150 rodas de samba estão cadastradas e são tratadas como oficiais, recebendo atenção das subprefeituras.

Para fazer parte do circuito os produtores precisam apresentar portfólio de atuação cultural e comprovar que a roda tem, no mínimo, dois anos de atividade. Há dezenas de outras sem status de oficiais.

O Rio tem rodas de samba todos os dias, de segunda-feira a domingo, de manhã até a noite. Tantas que Mateus Alves, 27, resolveu dedicar seu tempo a divulgá-las, criando a página Onde Tem Samba, que é também uma lista de transmissão diária, via WhatsApp, para avisar horário e endereço de cada uma.

"As pessoas sempre me perguntavam onde tinha samba bom. Era um momento de pós-pandemia, alguns sambas tinham acabado e tinha pouca informação nas redes sociais. Foi uma época em que estouraram muitas páginas sobre o que fazer no Rio, o que comer. Criei um espaço para informar onde tem samba."

Às segundas lotam as rodas de samba do Trabalhador, já famoso evento liderado por Moacyr Luz no Clube Renascença, na zona norte, e a Pedra do Sal, no centro, preferida dos mais jovens e turistas pelo clima de paquera e uma espécie de caos organizado, com barraquinhas de comida e bebida na rua.

As noites de terça são do Pagode da Garagem, na praça Tiradentes, no centro. Às quartas, o Tô No Trabalho, Amor, reúne grande time de músicos em Madureira. Na quinta, o Amendoeira, bar de esquina em Maria da Graça, zona norte, recebe o samba Rangell e Batucada.

Outras dezenas de rodas pipocam em diferentes partes do Rio de quinta a domingo. São eventos em feiras, bares, quadras de grêmios recreativos e ruas. Quase todas as rodas usam uma lona colorida para proteger músicos e público do sol e da chuva.

Tijuca e centro reúnem mais de 60 rodas. O subúrbio da zona norte tem ao menos 41 rodas de samba, a zona sul 14 e a zona oeste outras 31 —entre aquelas cadastradas na prefeitura.

Essa mobilização não chega a ser novidade neste século. Na década de 2000, um movimento fez surgir redutos como o bar Semente, na Lapa, o Candongueiro, em Niterói, e o Trapiche Gamboa, na zona portuária, onde nomes como Grupo Semente, Teresa Cristina, Eduardo Galotti e Moyseis Marques apareceram.

A diferença da atual pequena revolução, segundo produtores e músicos, está na quantidade de eventos, na localização e no comportamento do público.

Antes, a maioria das rodas era dedicada aos fãs do gênero, que muitas vezes pediam os mais raros sambas. Hoje os eventos recebem todo tipo de frequentador, que prefere aproveitar um evento na rua a um espaço fechado.

"Quando você aprende um samba, quer conhecer outro", afirma Quirino. "É legal ver o público do samba crescendo e cada vez mais jovem. Isso é o que mantém o samba comunicando."

A mudança no perfil do público altera também o repertório de algumas rodas, que incluem mais sucessos arrasa-quarteirão e seguram a mão em sambas "lado B".

"O que mais gosto é cantar as músicas que ouço e as que componho, mas tenho que entender que, em alguns momentos da roda, é necessário cantar o que o público espera. É uma relação de troca", afirma o compositor Lucas Machado, líder do Samba da Aurora, em Campo Grande.

O público muda a partir da geografia da cidade, dizem os organizadores. Bruno Bené, um dos fundadores da roda de samba e centro cultural Fruta do Pé, em Inhoaíba, extrema zona oeste do Rio, afirma que seu evento atrai frequentadores de maioria negra e gente que gosta de samba. Ele diz haver um desequilíbrio: apesar de o evento receber frequentadores até de outros estados, cariocas do centro e da zona sul evitam se deslocar à zona oeste.

"A gente explodiu na internet e vem gente de todas as partes do Brasil, mas ainda assim tem aqueles que não querem vir. Falam do bairro como se fosse perigoso, mas não tem nada disso. Existe um pouco, sim, de preconceito."

NICOM
LUGAR DE GENTE MUITO, MUITO FELIZ!
Colorgin-Oleo Multiuso Sw3 Premium 777 De: 29,90 Por: 23,90 -20%
Farben-Aguarrás Mineral 900ml De: 24,90 Por: 19,90 -20%
Fortaleza-Cimentcola Acii 20kg De: 31,90 Por: 24,90 -21%
Blumenau-Painel Embutir Quadrado Aluminio 30cm 24w 6500k De: 48,90 Por: 38,90 -20%
Tigre-Rolo Lã 23cm (1312) S/C 031312230 De: 12,49 Por: 9,49 -24%
Portobello-Porcelanato 20x120 Canela Dourada Natural Ret Cx1.19m De: 139,90 Por: 109,90 -21%
Otto-Espuma Expansiva Pu 340g/500ml De: 37,90 Por: 29,90 -21%
ESTA BMW pode ser SUA!
TEL.:(11) 5033-2000
(11) 98200-1400
AMPLO ESTACIONAMENTO: 200 VAGAS / R. ÁTICA, 47 - BROOKLIN SÃO PAULO/SP
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:
VISA
SAC (11) 5033-2020
VISITE NOSSO SITE: www.NICOM.com.br

Eufrázio

Depilação decolonial

Onde antes havia uma tundra ralinha começou a nascer, depois dos 40, uma mata atlântica

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Os colonizadores vieram do norte. Brancos, evidentemente. Aos poucos, foram tomando o lugar dos nativos, retintos, na calota polar mais conhecida como cocuruto. Quando se viram em maioria, rumaram ao sul —barba e bigode—, mesclaram-se às populações originárias, depois as exterminaram por completo.

Levou anos, mas conseguiram atravessar o Atlântico do pescoço e desembarcar nas Américas do meu peito. (Os últimos aborígenes sobrevivem escondidos nas grutas de minhas axilas). Meu temor, agora, é que os invasores cheguem às zonas equatorianas, onde a melanina ainda resiste como último reduto do vigor endógeno.



Adams Carvalho

Minto. Não é o último reduto. Enquanto todo o corpo entra no outono, uma região decidiu que é primavera: minhas orelhas. Onde antes havia apenas deserto, ou, no máximo, uma tundra ralinha, começou a nascer, depois dos 40, uma mata atlântica com densos cipoais. De uns tempos pra cá tenho ouvido um zumbido. Minha otorrino diz que é tinnitus, mas creio que são os gritos dos ácaros brincando de Tarzan. Como são minúsculos e têm a voz fininha, o "OOoooooooooo-oOOOOoooOOOOoooo" acaba soando como "twiiiiiiiiiiinnnnn".

A que se deve esta tardia adolescência auricular? Seria um prêmio de consolação? Num país em recessão, uma espécie de Zona Franca de Manaus? Uma Vale, uma JBS, uma Ambev, produzindo queratina enlouquecidamente? Ou, do contrário, em vez de representar uma vanguarda industrial, minhas orelhas são retardatárias, uma região do terceiro mundo com uma modernização tardia? Tigres asiáticos com hirsutos bigodes?

Perguntei ao meu dermatologista se não seria possível fazer um implante, tirando o tapete das orelhas e fixando-o no semiárido das minhas entradas. Infelizmente, não. Pensei numa alternativa. Torcer para que os fios cresçam mais e quando ficar careca, fazer um —comb-over aquela técnica de pentear as laterais pra cima, cobrindo a lustrosa calva.

> **Perguntei ao meu dermatologista se não seria possível fazer um implante, tirando o tapete das orelhas e fixando-o no semiárido das minhas entradas. Infelizmente, não**

Comb-over é sempre ridículo. Que tal, então, uma solução mais raiz: uns tererês? Se também essa opção for, digamos, esteticamente reprovável, vou botar uns bobes nesses pelos, comprar um terno preto, uma cartola de feltro e me converter num judeu ortodoxo. (Embora o mais correto, diante da "apropriação cultural", seria me identificar como judeu heterodoxo).

Paro diante do espelho com uma pinça na mão. Hesito. Deveria eu, reacionário, exterminar os revoltosos? Ou, quem sabe, numa atitude decolonial, pegar uma gilete e arrasar com os colonizadores? Terceira opção: negar a polarização, que tão mal tem feito a este mundo e apostar na convivência pacífica entre as duas populações pilosas? Seria eu um Netanyahu, um Toussaint Louverture (líder da revolução haitiana) ou um Martin Luther King?

No fim, dou uma de Kassab —nem de direita, nem de esquerda, nem de centro. Arranco os branquelos mais radicais —os Proud Boys que, como Elon Musk, saúdam-me em ângulo de 45 graus, em clara alusão a vocês sabem quem— e suprimo também os pelos mais grossos das orelhas.

Sinto vergonha da minha covardia, mas envelhecer não é fácil. A gente fica nessa gangorra, um dia casaquinho no ombro, no outro compra um skate —e no fim não fará a menor diferença a cor dos pelos ou dos olhos que essa terra há de comer. Vixi, que final de crônica mais triste. Não era a minha intenção.

DOM. Antonio Prata SEG. Becky S. Korich / Giovana Madalosso TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques QUI. Sergio Rodrigues SEX. Tati Bernardi SAB. Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho

Piloto pediu retorno imediato ao Campo de Marte, mostra áudio

Fábio Pescarini

SÃO PAULO O piloto Gustavo Medeiros pediu para retornar imediatamente ao aeroporto Campo de Marte, na zona norte de São Paulo, pouco antes de o avião que pilotava cair na manhã de sexta (7) em avenida na Barra Funda.

O pedido feito à torre de controle, sem declaração de emergência, aparece em áudio captado pelo site Aeroescuta e publicado no canal de aviação Golf Oscar Romeo no YouTube. Questionada sobre a gravação, a Força Aérea Brasileira, responsável pelo tráfego aéreo, não respondeu.

A aeronave, que seguia para Porto Alegre, decolou às 7h17 do Campo de Marte e caiu às 7h18, de acordo com os bombeiros.

Uma câmera de segurança registrou o momento. O vídeo mostra que o avião cai na avenida, explode e deixa um rastro de fogo e fumaça. Os corpos do advogado Márcio Louzada Carpena e do piloto foram encontrados carbonizados dentro da aeronave.

O pedido de retorno imediato aparece em conversa da controladora da torre do Campo de Marte com outros pilotos após ela dar uma instrução ao piloto da aeronave que cairia na sequência.

"Papa, serra, fox, echo, mike solicita retorno imediato", afirma a voz de um piloto, usando linguagem fonética para se referir ao prefixo de sua aeronave, PS-FEM.

A controladora responde "ciente" e dá instruções sobre vento e pista para pouso. Depois ela tenta se comunicar com o avião, sem sucesso, e pede que outro piloto faça o contato. Por diversas vezes eles chamaram pelo prefixo do King Air, mas não há resposta.

Outro piloto diz na sequência que há algum problema, pois via fumaça. Um comandante questiona se pode decolar, e a torre solicita que aguarde. "Que tragédia", afirma o piloto na fila.

A torre pede informações a helicópteros, e um piloto diz que tinha passado pelo local e que havia um ônibus em chamas.

Em outro áudio que circula em redes sociais, um piloto que estava na fila de decolagem repete que o comandante do King Air não declarou emergência. "A torre tentou chamar ele, mas nada."

Um especialista em aviação ouvido pela reportagem afirma que aparentemente o piloto tentava fazer um pouso de emergência na avenida.



Incêndio atinge fábrica na Ilha do Governador, no Rio

Um incêndio de grandes proporções atingiu fábrica da Moove, de óleos lubrificantes, neste sábado (8). Até a conclusão desta edição não havia informações sobre feridos. A empresa diz que estava inoperante na hora do acidente. As causas são investigadas José Lucena/Thenews2/Agência O Globo

Eufrázio



Mauro Hart, de óculos, segura a bandeira do Brasil ao desembarcar no país com outros brasileiros Pedro Ladeira - 9.fev.20/Folhapress

Cinco anos após repatriação de Wuhan, brasileiros contam como recomeçaram a vida

Voo da FAB que durou 50 horas chegou à Base Aérea de Anápolis (GO) em 9 de fevereiro de 2020, início da crise sanitária da Covid-19

Laiz Menezes

SÃO PAULO Há cinco anos, um grupo de 34 brasileiros e familiares vindos da China chegou à Base Aérea de Anápolis (GO) para cumprir quarentena devido a uma possível exposição a uma nova forma de coronavírus, que até aquele momento era desconhecida. Não havia nenhum caso confirmado no Brasil.

"Minha vida mudou drasticamente de rumo, interrompendo de repente a minha carreira", afirma o piloto de avião Mauro Hart, 64, um dos brasileiros que estavam em Wuhan, epicentro da pandemia da Covid-19, que foram repatriados em 9 de fevereiro de 2020.

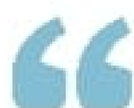
Pouco depois, no dia 25 daquele mês, o Brasil registrou o primeiro caso de Covid-19, um paciente vindo da Itália. Com isso, o país se tornou o primeiro da América Latina com um caso confirmado da nova doença, que, àquela altura, havia matado 2.708 pessoas no mundo.

Os brasileiros que estavam em Wuhan deixaram Anápolis às 11h40 do dia 23 de fevereiro, após 15 dias de quarentena, e seguiram para o Distrito Federal e outros oito estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Pará, Maranhão e Rio Grande do Norte.

Mauro Hart se estabeleceu em Parnamirim (RN) desde então e escreveu dois livros sobre sua experiência. Ficou desempregado por pouco mais de um ano ao chegar ao Brasil, sendo acolhido por familiares até conseguir um novo emprego.

"Foi um tsunami na minha vida e na vida de milhares de colegas pilotos e de outras pessoas. Muitos perderam tudo, inclusive entes queridos vitimados pela pandemia", relata.

Antes da emergência sanitária, Mauro trabalhava havia cinco anos na China como comandante de jatos comerciais para uma empresa de Wuhan. O contrato não foi renovado depois da repatriação, e por isso ele não voltou ao país. Além do alívio por ter saído de uma área de risco, ele destaca a frustração de ter que cancelar planos de vida.



Foi um tsunami na minha vida e na vida de milhares de colegas pilotos e de outras pessoas

Mauro Hart
piloto de avião

"Pairava a incerteza. O vírus não dava trégua, havia restrições de mobilidade no mundo inteiro. Foi um período de instabilidade emocional. Inevitavelmente, essa sensação de insegurança se refletiu no nosso cotidiano. Como iria ser dali para frente? Como iria suprir minha família sem um emprego?", relembra.

O ilustrador Pablo Lassalle, 49, também vivenciou momentos de angústia. Ele estava no Brasil quando Wuhan foi fechada, mas sua esposa, a chinesa Zhang Hui, 38, e a filha brasileira do casal, então com um ano, estavam de passagem pela cidade.

Pablo foi morar na China em 2011, quando conheceu a esposa. Passaram sete anos em Wuhan. Em 2018, se mudaram para o Brasil, e a filha nasceu em solo brasileiro. No segundo semestre de 2019, Zhang foi com a bebê para visitar os familiares.

"Elas passaram três meses em Wuhan, mas a cidade foi fechada faltando dois dias para o retorno delas ao Brasil. Já estava tudo certo, passagem comprada. Eu ia buscá-las em São Paulo e a gente ia para a praia", relata.

Zhang tinha medo do que poderia acontecer e disse ao marido que viu pessoas tentando fugir de Wuhan. "Quando soube que elas iriam retornar foi um alívio. Mas passamos uma semana em desespero", lembra Pablo. A repatriação só ocorreu após a inclusão da filha na lista de brasileiros resgatados.

Durante a pandemia, a família morou em Santa Catarina e não pegou o vírus. Em agosto de 2023, decidiram voltar para Wuhan. Segundo Pablo, Zhang não conseguiu se adaptar ao Brasil e o casal queria que a filha tivesse acesso à educação chinesa.

Pablo conta que também passou por um período de muita preocupação antes da confirmação do voo de repatriação. Isso porque, inicialmente, o então presidente Jair Bolsonaro havia dito que o governo não tinha intenção de buscar o grupo. A mudança ocorreu após a divulgação de um vídeo em que os brasileiros pediam pelo retorno.

Mauro e Pablo relatam que a assistência do governo brasileiro se limitou ao transporte até o Brasil e à viagem de retorno aos estados de origem.

A advogada especialista em relações internacionais Talita Fermanian diz que o país não possui programas estabelecidos para a reintegração de repatriados.

"A ajuda, quando existe, vem de familiares ou organizações não governamentais. Em emergências de saúde, pode haver suporte temporário, como transporte ou assistência consular, mas nada garantido", afirma.

Além dos brasileiros repatriados, a quarentena em Anápolis contou com 24 integrantes da equipe de apoio. Entre eles estava a infectologista Ho Yeh Li, do Hospital das Clínicas da FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), que acompanhou a missão.

Ela conta que o medo do vírus era tão grande que evitavam contato até mesmo com a aeronave. "As pessoas não queriam nem reabastecer o avião, o que atrasou a viagem."

O voo da FAB (Força Aérea Brasileira) durou 50 horas e decolou no dia 7 de fevereiro de 2020. No avião, o clima era de alívio. "Os passageiros estavam gratos e aliviados por sair da China. Em Anápolis, foram bem acolhidos, com boa comida e atividades de lazer", relembra a médica.

Documentos do Centro Provincial de Controle e Prevenção de Doenças de Hubei indicam que a China ocultou informações sobre o avanço da doença e cometeu erros de gestão.

"No início, o governo local minimizou o risco do contágio e as consequências do vírus", diz Mauro Hart. "Diziam que não havia perigo e que tudo estava sob controle. De repente, medidas drásticas foram tomadas, pegando a população de surpresa com a paralisação do transporte público e o fechamento do aeroporto."

O primeiro caso de Covid-19 foi notificado pela China à OMS (Organização Mundial da Saúde) em 31 de dezembro de 2019, descrito como uma "pneumonia de origem desconhecida". Duas semanas depois, o novo coronavírus foi identificado. Nos últimos cinco anos, a doença causou 7 milhões de mortes no mundo.



China contesta vazamento de laboratório

No último dia 27 de janeiro, a China rejeitou a hipótese de que a pandemia de Covid tenha sido iniciada por um vazamento do coronavírus de um laboratório em Wuhan. O posicionamento foi feito após a CIA, agência central de inteligência dos EUA, dizer que considera esta a suspeita mais provável para a origem da crise sanitária. "A equipe conjunta de especialistas da China e da OMS concluiu que é extremamente improvável que tenha ocorrido um vazamento de laboratório, com base em visitas a laboratórios em Wuhan", disse a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Mao Ning. A declaração da CIA ocorreu neste ano, após John Ratcliffe ser confirmado como diretor da agência no início do segundo mandato do presidente dos EUA, Donald Trump.

ambiente


Mulheres usam mordaças em protesto contra prisão de ativistas do grupo Just Stop Oil na Inglaterra Suzanne Plunkett - 29.jan.25/Reuters

Movimentos disruptivos são essenciais contra a crise climática, diz filósofo

Fundador da The School of Life, Roman Krznaric critica criminalização e prisão de ativistas que realizam protestos em museus e ruas pelo fim dos combustíveis fósseis

ENTREVISTA
ROMAN KRZNARIC

Cristiane Fontes

RIO DE JANEIRO De quadros de Van Gogh à lápide de Charles Darwin, ativistas do grupo Just Stop Oil têm usado táticas polêmicas e espaços inusitados no Reino Unido para protestar contra a inação de políticos e empresas diante da crise climática.

Em 2024, 16 ativistas do Just Stop Oil foram condenados a um total de 41 anos de prisão por ações de desobediência civil relacionadas ao bloqueio de infraestruturas petrolíferas e de estradas, entre outros protestos —as penas mais longas da história do Reino Unido por um protesto pacífico.

Na semana passada, centenas de manifestantes bloquearam as ruas em frente ao tribunal em Londres onde acontece o julgamento do recurso para a redução das penas, chamando os ativistas de "prisioneiros políticos".

É desses protestos disruptivos que respostas contundentes à crise climática podem ser impulsionadas, defende o filósofo Roman Krznaric, australiano radicado na Inglaterra. "Passei a maior parte da minha vida em bibliotecas, lendo e escrevendo livros. No entanto, devido ao que aprendi, acabei participando de protestos com minha filha adolescente, bloqueando vias em Londres, em frente ao Parlamento", conta ele, que veio ao Brasil no final de 2024 para lançar o livro "História para o Amanhã: Inspirações do Passado para o Futuro da Humanidade" (Difel).

Na obra, os movimentos pelo fim dos combustíveis fósseis que foram para as ruas nos últimos anos, enquanto a Terra registra recordes de calor, são descritos como uma das cinco razões para a esperança radical.

"Quando percebi que meus filhos poderiam estar vivos em 2100, pensei: 'esse futuro não é ficção científica, é o futuro deles'. Não importa onde você esteja no espectro político —à esquerda, à direita, no centro, verde ou não verde— todos temos jovens em nossas vidas que serão os cidadãos do amanhã. Como podemos ser bons ancestrais para eles? Essa é a pergunta que me faço todas as manhãs", diz, evocando o título de um dos seus best-sellers, "Como Ser um Bom Ancestral" (Zahar).

Durante encontros com filantropos, Krznaric tem defendido a necessidade de que apoiem movimentos disruptivos, citando o exemplo de Adam McKay, diretor do filme "Não Olhe para Cima" (2021), um dos financiadores de grupos como o Just Stop Oil.

Em entrevista à **Folha**, o cofundador da The School of Life, escola voltada ao desenvolvimento de inteligência emocional, discorre ainda sobre a importância de assembleias cidadãs e políticas pelo bem-estar das futuras gerações.

*

Quais são os melhores exemplos da história para inspirar a ação climática? O que realmente me chamou a atenção ao escrever este livro é que, na verdade, os movimentos disruptivos são absolutamente fundamentais para colocar uma crise na agenda política e mudar o que é considerado normal ou possível.

Se olharmos para o movimento pelos direitos civis nos EUA, não foi apenas o movimento em torno de Martin Luther King Jr., os protestos, as greves, mas o Malcolm X e os Panteras Negras que assustaram e moveram o "establishment" político.

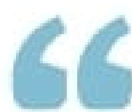
Precisamos dos aliados tradicionais como o [grupo ambientalista] Friends of the Earth ou outros fazendo o trabalho de "advocacy" junto aos políticos, mas não consigo ver como podemos fazer isso com rapidez sem os movimentos radicais como Ende Gelände, da Alemanha, ou Just Stop Oil e Extinction Rebellion, do Reino Unido.

Como mobilizar as pessoas para imaginar futuros melhores e redesenhar nossa democracia em tempos de crescimento do autoritarismo e de "podridão cerebral" [sensação causada pela sobrecarga digital, eleita a palavra do ano de 2024 pelo dicionário Oxford]? Você pode ter todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável do mundo, mas, se o seu sistema político ainda estiver preso a ciclos de curto prazo, não iremos longe.

Além disso, nenhum país está fazendo o que precisamos, na velocidade e escala necessárias, para um planeta com aquecimento abaixo de 1,5°C. E as nossas democracias estão falhando com as pessoas de outras formas, não assegurando direitos básicos como habitação, cuidados de saúde ou empregos estáveis.



Roman Krznaric
Sydney, 1970
Doutor em sociologia política, é pesquisador sênior no Centro de Eudaimonia e Florescimento Humano da Universidade de Oxford. Antes de "História para o Amanhã", escreveu "O Poder da Empatia" e "Carpe Diem: Resgatando a Arte de Aproveitar a Vida", entre outros



Não importa onde você esteja no espectro político —à esquerda, à direita, no centro, verde ou não verde— todos temos jovens em nossas vidas que serão os cidadãos do amanhã. Como podemos ser bons ancestrais para eles?

Por isso, o declínio sistemático da confiança nos partidos políticos e em instituições democráticas nos últimos 30 anos é, em parte, o porquê da ascensão da extrema direita. É importante envolver as pessoas, dar a elas participação, pertencimento, agenciamento.

As assembleias cidadãs, ao selecionarem pessoas de forma aleatória e assegurarem a diversidade social, étnica, etária e de gênero, têm sido uma das transformações mais significativas na democracia. Nos últimos anos, tivemos centenas de assembleias de cidadãos em toda a Europa, e Bruxelas agora conta com uma assembleia permanente de cidadãos sobre o clima.

No livro, o senhor menciona um evento no qual um executivo da Shell discorre sobre a necessidade da produção de petróleo e gás para financiar a transição energética. Estamos vendo algo semelhante no Brasil, com a Petrobras defendendo ampliar a exploração de petróleo nos próximos anos. O que teria a nos dizer sobre isso? Entendo que, por causa das desigualdades e outros problemas, países como o Brasil se preocupem em gerar renda para investir em educação e em outras áreas. Mas, nos últimos 25 anos, 40% do crescimento do PIB global foi concentrado no 1% mais rico da população, enquanto 50% das pessoas na base ficaram com apenas 2% desse crescimento.

O petróleo e o gás foram fantásticos no século 20, mas sabemos demais sobre seus impactos e como já estão a e irão prejudicar as pessoas. Não há outras formas de tirar as pessoas da pobreza, como a redistribuição da riqueza, por exemplo?

Poderia contar um pouco sobre o projeto que pretende apresentar na COP30 [conferência climática da ONU que acontecerá em Belém em novembro]? Em 2015, cofundei um museu chamado Museu da Empatia, onde as pessoas podem literalmente calçar os sapatos de outra pessoa, como o de um ativista ecológico, de um monge budista ou de uma criança de uma favela.

Estamos trabalhando com uma organização brasileira chamada Intermuseus, e o nosso plano é coletar sapatos e histórias da Amazônia, para que os delegados na COP30 possam se colocar no lugar e ouvir as histórias dessas pessoas.

Alguns cientistas e parte da sociedade civil têm criticado os fracassos das conferências do clima. Qual a sua opinião? As pessoas envolvidas com as COPs se concentram em detalhes e dizem: "Pelo menos agora temos uma redação que menciona os combustíveis fósseis". Uma loucura. Por que não se fala em reduzir a produção de combustíveis fósseis e em estabelecer metas vinculativas?

Não estou dizendo que deveriam parar, porque, de alguma forma, mudam a conversa. Ao mesmo tempo, precisamos trabalhar a nível municipal, com a descentralização da tomada de decisão. E seguir com as lutas pelos direitos das gerações futuras.

Eufrázio



Pesquisadores coletam amostra em perereca na cidade de Pacatuba (CE) Fotos Felipe Augusto Correia Monteiro/Divulgação

Cientistas registram no Ceará presença de fungo que sufoca sapos e pererecas até a morte

Pesquisadores temem que patógeno, identificado em uma grande quantidade de animais, possa estar se propagando silenciosamente

Giuliana Miranda

MADRI Os anfíbios são o grupo de vertebrados mais ameaçado do planeta, com 2 em cada 5 espécies ameaçadas de extinção. Além do desmatamento e da poluição, esses animais enfrentam ainda uma doença fatal: a quitridiomicose, atualmente a principal responsável pelo declínio dessas populações.

Os fungos do gênero *Batrachochytrium*, que causam a enfermidade, vêm se espalhando em ritmo acelerado pelo mundo. Agora, um grupo de cientistas registrou pela primeira vez a presença em larga escala desse patógeno no Brasil.

Por meio de análises genéticas — que envolveram um extenso trabalho de campo para realizar testes PCR nos animais— os pesquisadores identificaram fungos da espécie *Batrachochytrium dendrobatidis* (Bd) em uma grande quantidade de animais em áreas de caatinga e de floresta úmida no Ceará.

O trabalho se concentrou nos anfíbios anuros —ordem que inclui sapos, rãs e pererecas. Os resultados indicaram que 71% das espécies avaliadas tiveram resultado positivo, incluindo registros inéditos de infecção para 11 espécies endêmicas, o que representa um risco real para a biodiversidade local.

Algumas dessas espécies vivem em florestas úmidas de altitude, como a *Proceratophrys ararype* e a *Pristimantis relictus*, que já enfrentam pressões ambientais significativas.

Primeira autora do trabalho, publicado no fim do ano passado no periódico South American Journal of Herpetology, Mirian dos Santos Mendes diz que a dimensão da prevalência do fungo surpreendeu os cientistas, assim como a presença do patógeno em regiões mais secas.

"Pesquisando na literatura, nós víamos que os registros eram maiores em áreas altas, úmidas e chuvosas", disse Mendes, pesquisadora da Universidade de Kaust, na Arábia Saudita. "Para a nossa surpresa, os resultados dos testes mostraram muitas espécies [contaminadas], inclusive em áreas mais baixas e mais áridas durante o ano, como nas localidades de Farias Brito e Campo Sales [ambas no Sul do Estado]".



Sapo examinado na pesquisa; 71% das espécies avaliadas no estudo tiveram resultado positivo

Apesar da ampla presença do fungo, a maioria dos animais não tinha sinais externos visíveis da infecção. Segundo os pesquisadores, isso é particularmente preocupante, pois o patógeno pode estar se propagando silenciosamente na região do semiárido.

"Estar com o fungo não significa, necessariamente, ter a doença. Algumas espécies têm maior resistência. Depende de vários fatores, inclusive de como é a pele do animal", completa Mendes.

A presença disseminada da espécie Bd, contudo, amplia as chances de propagação da quitridiomicose, que já é considerada uma zoopandemia. Nela, os fungos atacam a epiderme, causando um aumento da queratinização e espessando a camada externa da pele, que é essencial para a respiração e a regulação da temperatura corporal desses animais.

"É uma morte horrível. O animal praticamente morre sufocado", explica a professora.

No trabalho de campo, um indivíduo da espécie *Boana raniceps* foi encontrado com sintomas visíveis de quitridiomicose: manchas brancas características na pele. Este foi o primeiro registro de cientistas de um exemplar com sintomas visíveis da doença na caatinga.

Os pesquisadores destacam ainda o impacto do desmatamento e das mudanças climáticas na disseminação do fungo e na imunidade dos anfíbios.

Eventos climáticos extremos, como secas prolongadas e períodos de altas temperaturas associados ao El Niño, podem enfraquecer a resposta imunológica dos anfíbios, tornando-os ainda mais suscetíveis à infecção pelo fungo.

"Nós vivemos uma época de mudanças climáticas que devem deixar as temperaturas cada vez mais altas e, portanto, mais favoráveis para que o fungo, e consequentemente a doença, consigam se alastrar ainda mais", alertou Felipe Monteiro, professor do Instituto Federal do Ceará e coautor do trabalho.

A perda de habitat e a fragmentação das florestas, muitas vezes impulsionadas por mudanças climáticas e ações humanas, também estão associadas ao aumento de infecções.

Professora da Universidade Federal do Ceará e orientadora da pesquisa, que nasceu como um mestrado na instituição, Denise Hissa destaca a importância de investir no monitoramento e no manejo das áreas afetadas.

Segundo ela, uma vez que o fungo está presente em um ambiente natural, as opções de tratamento são muito limitadas. O foco principal passa a ser prevenir a disseminação para novas áreas, monitorar as populações afetadas e realizar mais estudos para entender melhor o impacto e possíveis formas de mitigação.

Será esse o fim da big science americana?

Medidas de Trump ameaçam paralisar o ecossistema de pesquisas dos EUA

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

"A reeleição de Donald Trump agora dá a impressão de ser o pior ato de autodestruição americana desde a Guerra Civil." Se você acha a frase exagerada, coisa de ativista de esquerda sem ter o que fazer, vou contar um segredinho: ela vem de um sujeito que normalmente escreve sobre... descoberta e testes de novos medicamentos.

Com efeito, alguns dos posts mais recentes de Derek Lowe em seu blog no periódico Science falam de nerdices da biologia molecular. São coisas como receptores do hormônio feminino estrogênio, substâncias produzidas pelo metabolismo de bactérias e antídotos contra venenos de serpentes.

Mas Lowe é também um profundo conhecedor do ecossistema de pesquisa científica e inovação dos EUA. Um ecossistema que Trump e seu buldogue Elon Musk, ao que parece, estão tentando destruir, conforme o especialista explica em detalhes na sua página da Science. Acontece que, na semana passada, o governo Trump simplesmente mandou congelar, de uma hora para outra, praticamente todo o financiamento dos principais órgãos federais de financiamento à pesquisa dos EUA. E não se trata de dinheiro de pinga.

A ordem, se as liminares caírem e ela tiver de ser cumprida, impediria laboratórios de comprar insumos, de pagar técnicos e até de continuar repassando bolsas de estudo para alunos e pesquisadores

Somando o orçamento anual do NIH (sigla de Institutos Nacionais de Saúde, voltados para as mais diversas formas de pesquisa biomédica) e da NSF (Fundação Nacional de Ciência, que financia pesquisas em outras áreas), estamos falando de US$ 55 bilhões. Dá quase 19 vezes o orçamento do nosso Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação no ano passado.

O setor privado americano tem um papel consideravelmente mais robusto que o nosso nas áreas de pesquisa e desenvolvimento tecnológico, mas as áreas mais inovadoras e arriscadas da ciência, que fizeram os EUA assumirem a liderança em pesquisa no planeta, dependem do dinheiro público federal.

Com o congelamento de Trump, esse dinheiro corre sério risco de evaporar —o que ainda não aconteceu, por enquanto, graças ao equivalente americano de liminares de juízes. A ordem, se as liminares caírem e ela tiver de ser cumprida, impediria laboratórios de comprar insumos, de pagar técnicos e até de continuar repassando bolsas de estudo para alunos de doutorado e pesquisadores de pós-doutorado, a mão-de-obra altamente qualificada (e precarizada) que, lá como cá, é quem carrega o piano da geração de conhecimento.

A ameaça de fechar a torneira da noite para o dia foi acompanhada de um gentil memorando para os funcionários sugerindo que aquele talvez fosse um excelente momento para eles procurarem um emprego na iniciativa privada e que as condições para isso no futuro não seriam tão favoráveis. E, numa reunião dos funcionários da NSF, falou-se numa demissão de metade da equipe nos próximos dois meses.

É nessas horas que fica ainda mais claro que, por trás das críticas a uma suposta ideologização da ciência pelo pensamento "woke", o verdadeiro coquetel de ideologias malucas é aquele ingerido pela extrema direita. Ébrios com seu suquinho de Estado mínimo e "eficiência", doidos para aterrorizar inimigos reais e imaginários, Musk e Trump podem acabar enterrando uma das últimas hegemonias incontestáveis do país. E ainda dizem que esses são os verdadeiros patriotas.

DOM. Reinaldo José Lopes **SEG. Marcelo Leite, Mensageiro Sideral**
TER. Álvaro Machado Dias QUA. Marcelo Viana
SEX. Suzana Herculano-Houzel SAB. Marcia Castro

Eufrázio

NFL faz aceno a Trump em primeiro Super Bowl desde o seu retorno à presidência

Liga de futebol americano tira mensagem sobre racismo de seu gramado e recebe presidente para Chiefs x Eagles, em Nova Orleans





Os quarterbacks Patrick Mahomes e Jalen Hurts vão conduzir, respectivamente, os ataques de Kansas City Chiefs e Philadelphia Eagles, sob os olhares do presidente Donald Trump Denny Medley - 26.jan.25 e Bill Streicher - 19.jan.25/Reuters

**KANSAS CITY CHIEFS
PHILADELHIA EAGLES**
20h30, no Superdome, em Nova Orleans
Na TV: Rede TV!, ESPN e Disney+

Luciano Trindade

SÃO PAULO A NFL, a liga nacional de futebol americano dos Estados Unidos, terá neste domingo (9) seu primeiro Super Bowl desde o retorno de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos. O Superdome, estádio do New Orleans Saints, em Nova Orleans, Lousiana, será o palco do confronto entre Kansas City Chiefs e Philadelphia Eagles, que decide o campeonato.

A Casa Branca informou que o presidente republicano vai viajar ao local para acompanhar o jogo em um dos camarotes. Ele será o primeiro chefe de Estado em exercício a marcar presença na grande decisão do esporte mais popular dos Estados Unidos.

A aparição do republicano no evento está alinhada com a estratégia adotada ao longo da campanha na qual derrotou a democrata Kamala Harris e também com sua postura durante o primeiro mandato como presidente (2017-2021).

Trump usa o esporte como plataforma política para disseminar suas posições, sobretudo as ideológicas. Nesta semana, por exemplo, ele assinou um decreto para excluir meninas e mulheres transgênero de competições e equipes esportivas designadas para o sexo feminino.

"A mobilização política de Trump para o esporte se concentra em atitudes antagônicas, negativas e críticas em relação a grande parte da cultura esportiva contemporânea", disse à Folha David L. Andrews, doutor em sociologia do esporte e professor da Universidade de Maryland.

Autor do livro "Making Sport Great Again?: The Uber-Sport Assemblage, Neoliberalism, and the Trump Conjuncture" (Palgrave, 2019, sem versão em português), o pesquisador afirma que o republicano faz isso para moldar sua imagem e fazer acenos à sua base política. "Embora suas críticas esportivas pareçam de alguma forma apolíticas, elas promovem sua agenda política emotiva e divisiva."

De acordo com o jornal The New York Times, a linha mais radical que o republicano tem adotado neste início de mandato acendeu um alerta nas ligas americanas. A NFL, por exemplo, teme que alguns de seus atletas voltem a viver sob tensão com Trump, como ocorreu em sua primeira jornada na Casa Branca.

Na época, o político chamou de antipatrióticos os jogadores de futebol americano que protestaram contra a brutalidade policial contra pessoas negras, ficando de joelho durante a execução do hino nacional. Em resposta à crítica do republicano, esportistas se ajoelharam em massa.

A direção da NFL parece disposta a evitar atritos com o presidente. Pela primeira vez desde 2021, a mensagem "End Racism" (acabe com o racismo) não estará estampada no gramado, logo abaixo de um dos gols, no campo do Super Bowl.

Segundo o site The Athletic, em seu lugar, estará escrito "Choose Love" (escolha o amor), em uma ação que tem sido interpretada como um aceno ao governo.

Um dos protagonistas da partida, Travis Kelce, dos Chiefs, afirmou que a presença de Trump no jogo "é uma grande honra".

O jogador é o namorado da cantora Taylor Swift, que foi atacada por Trump durante a campanha eleitoral do ano passado, após ela ter declarado publicamente seu apoio à candidata democrata Kamala Harris.

"Acho que não importa quem seja o presidente. Estou animado porque é o maior jogo da minha vida, e ter o presidente lá seria muito legal", disse Kelce.

Independentemente de sua posição política, Travis e os Chiefs podem ter a torcida de Trump.

Nas finais de conferência que definiram os classificados ao Super Bowl, no fim de janeiro, Trump parabenizou o time de Kansas pela vitória sobre o Buffalo Bills e ignorou o triunfo do Philadelphia Eagles sobre o Washington Commanders.

"Parabéns ao Kansas City Chiefs. Que grande equipe, treinador, quarterback e praticamente tudo mais, incluindo aqueles fãs fantásticos que votaram em mim em números recordes", escreveu Trump nas redes sociais —no estado de Missouri, onde fica Kansas City, ele teve ampla vantagem sobre Kamala, com 57,2% dos votos.

Na única vitória de sua história até aqui no Super Bowl, em 2017, os Eagles tiveram a tradicional visita dos campeões à Casa Branca cancelada por Trump, após alguns dos principais jogadores terem afirmado que não compareceriam.

A reinvenção dos craques do futebol

Messi e Cristiano Ronaldo remodelaram seu jogo; Neymar poderia fazer o mesmo

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Na estreia, Neymar teve uma atuação melhor do que se esperava. Por outro lado, receio que ele repita a postura dos últimos anos, de se instalar em um espaço do campo, distante da área adversária, e receber um excesso de bolas para tentar um passe decisivo ou driblar vários jogadores até o gol. No caminho, será derrubado, com mais riscos de contusões.

Nos últimos anos, Messi reinventou seu talento ao passar a jogar em um espaço menor e mais perto da área, onde, discreto, como se estivesse fora do jogo, mapeia tudo o que acontece à sua volta e, sem pressa, tenta a jogada decisiva no momento certo.

Cristiano Ronaldo também se reinventou nos últimos anos. Antes, deslocava-se do lado para o centro, com velocidade, para receber a bola e finalizar. Agora, joga como um típico centroavante, onde espera, sem ansiedade, a bola certa no lugar certo para fazer o gol.

Dias atrás, Cristiano Ronaldo, com sua exacerbada autoestima, disse que é o melhor e o mais completo atacante do mundo de todos os tempos, pois faz muitos gols de todos os jeitos possíveis. Acha que o melhor é sempre o que faz mais gols. Messi, além de marcar um número extraordinário de gols, é mais completo e melhor porque possui inúmeras outras virtudes.

Penso que Neymar poderia também se reinventar sem diminuir o seu talento. Suspeito que Jorge Jesus, ao dizer que Neymar não tinha condições físicas para acompanhar os outros jogadores do time árabe, referia-se à marcação por pressão, característica do ex-técnico do Flamengo. Filipe Luís bebeu na sua fonte.

Messi passou a jogar em um espaço menor e mais perto da área, onde, discreto, como se estivesse fora do jogo, mapeia tudo o que acontece e, sem pressa, tenta a jogada decisiva no momento certo

É preciso separar a marcação por pressão em todo o campo, ainda pouco frequente nas equipes brasileiras, da marcação apenas na saída de bola do goleiro, cada dia mais habitual em todo o mundo. Um grande número de gols acontece por recuperação de bola perto do gol adversário, como o do Vasco contra o Fluminense, o do América contra o Cruzeiro e o do Corinthians contra o Palmeiras, todos no meio da semana.

Para funcionar bem uma marcação por pressão em todo o campo, é essencial ter times compactos, goleiros e zagueiros rápidos, excelente posse de bola e capacidade de recuperá-la rapidamente. O Manchester City, que encantou e ganhou tantos títulos, sempre teve tudo isso por um longo tempo e, recentemente, passou a sofrer derrotas seguidas, muitas goleadas. A equipe perdeu essas qualidades e jogadores importantes, especialmente Rodri, meio-campista que comandava a equipe, o elo entre os jogadores com passes precisos, além de ser o gatilho que iniciava a marcação por pressão.

O futebol, especialmente na Europa, evoluiu bastante nos últimos dez anos. Além da marcação por pressão, os times são mais compactos, intensos, mais capazes de defender e atacar com muitos jogadores e tantos outros detalhes. No Brasil, as partidas são intensas, emocionantes, mas as equipes continuam reféns dos zagueiros colados à grande área, dos volantes apenas marcadores e do excesso de bolas longas, têm também dependência do clássico meia, camisa 10, único responsável pela organização das jogadas. Isso tem mudado, lentamente.

É preciso acelerar essas transformações, assumir mais riscos e realizar um futebol mais prazeroso, bonito e eficiente.

DOM. Tostão, Juca Kfouri **SEG. Juca Kfouri**
TER. Sandro Macedo QUA. Tostão QUI. Juca Kfouri
SEX. No Corre/O Mundo é uma Bola SÁB. Marina Izidro

Eufrázio

ESPORTE AO VIVO Campeonato Paulista
20h30 Corinthians x São Bernardo, TNT, Max

Torcedores de Fortaleza e Ceará entram em confronto antes de clássico do Cearense

Governo diz que 115 pessoas foram encaminhadas a delegacias

SÃO PAULO E BELO HORIZONTE Torcedores de Fortaleza e Ceará entraram em confronto na tarde de sábado (8), em Fortaleza, antes do clássico entre as equipes, válido pelo Campeonato Cearense. A Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social estadual afirmou que 115 pessoas foram conduzidas a duas delegacias.

A confusão se deu em vários pontos da cidade quando as torcidas se encaminhavam para a partida, marcada para as 16h30, no estádio Castelão. Vídeos publicados na internet mostram um dos momentos em que os rivais se enfrentam na rua, com paus e pedras. Rojões são disparados em diferentes direções.

"Os suspeitos foram detidos horas antes do início da partida e encontram-se nas unidades da Polícia Civil, onde serão realizados os procedimentos cabíveis", disse a secretaria, em nota.

Um dos focos da confusão foi na avenida Osório de Paiva, no bairro Canindezinho. Um policial foi ferido na cabeça e encaminhado a uma unidade de saúde. Até a conclusão desta edição, não havia mais informações precisas sobre feridos.

O novo episódio de violência não mudou a programação da competição. As equipes entraram em campo normalmente, e a partida foi vencida pelo Ceará pelo placar de 2 a 1.

A Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social informou que três pessoas que tentaram entrar no estádio e que tinham mandado de prisão em aberto foram presas. Elas são investigados pelos crimes de homicídio, roubo e lesão corporal grave.

Um presidente de torcida organizada, que não teve nome divulgado, também estava com mandado de prisão aberto e foi detido na região de Porto das Dunas. A secretaria estadual afirmou que ele portava um documento de identidade falso.

A briga ocorre uma semana após outro dia violento no futebol brasileiro. No sábado anterior (1º), conflitos foram registrados em vários pontos do Recife, antes da partida entre Santa Cruz e Sport, com imagens chocantes.

Em um dos vídeos que veio à tona, um homem é espancado, arrastado pela rua e, em meio a socos, chutes e pauladas, tem suas roupas arrancadas e sofre violência sexual de homens que usam paus e barras de ferro.

Das 13 pessoas encaminhadas para o Hospital da Restauração, uma permanece internada. É o presidente da Torcida Jovem do Sport, João Victor Soares.



Torcedores detidos após as brigas registradas na cidade de Fortaleza na tarde de sábado SSPDS-CE/Divulgação

Presença de Yane Marques na chefia da missão Los Angeles-2028 entusiasma atletas mulheres

RIO DE JANEIRO Medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, no pentatlo moderno, Yane Marques, 41, assumiu recentemente a vice-presidência do COB (Comitê Olímpico do Brasil). A pernambucana vai acumular a função de chefe de missão da delegação brasileira nos Jogos de Los Angeles, em 2028.

A chegada de Yane à entidade, na chapa encabeçada por Marco Antônio La Porta, foi uma indicação da Cacob (Comissão de Atletas do Comitê Olímpico do Brasil), da qual ela era presidente até 2024. Com a vitória no pleito, ela precisou se afastar da prefeitura do Recife, onde esteve por oito anos à frente da secretaria-executiva de esportes da Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer.

"Minha experiência de vida como atleta, somada à minha experiência na gestão pública, à presidência da Comissão de Atletas, tudo isso me ajudou muito a entender de maneira melhor as áreas do COB. Somando isso tudo, eu tive coragem para encarar este desafio", disse Yane à Folha.

Um evento no Rio de Janeiro no último dia 30 reuniu atletas, ex-atletas e diferentes entidades para celebrar a nova diretoria do comitê. Na ocasião, a pernambucana usou seu discurso para convidar outras mulheres a ocupar espaços que "tradicionalmente são ocupados por homens".

A mensagem animou as atletas presentes. "Essa luta não começou hoje", disse a ginasta Jade Barbosa. "Estamos felizes."



Yane terá papel importante no caminho do Brasil aos Jogos de Los Angeles André Durão - 30.jan.25/COB

Os ecos de um Dérbi revelador

Empate entre Palmeiras e Corinthians mostrou mais defeitos que qualidades

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Choveu tudo o que são Pedro quis que chovesse, e até o gramado sintético ficou impraticável.

Como os paulistas já estão acostumados, tome adiamento do começo do jogo, tal qual, só com o Corinthians, já tinha acontecido contra o São Paulo e a Ponte Preta.

O que não impediu o Palmeiras de sufocar o rival durante todo o primeiro tempo, embora com atroz dificuldade em fazer gol. Fez um ainda antes do décimo minuto e nada mais, submetido a três avanços corintianos, um dos quais terminado no empate por 1 a 1 que perduraria até o fim na casa verde.

No segundo tempo, a história se repetiu como farsa, pois Yuri Alberto deixou o time dele na mão, e Estêvão se perdeu na de Hugo Souza, tão pegador de pênaltis como Cássio.

Disso já se sabia, e a revelação maior do Dérbi esteve na incapacidade alviverde de machucar o rival.

Mesmo dominante, o Palmeiras não foi capaz de fazer nada além de um gol, porque bola na trave não altera o placar e pênalti roubado não entra.

Do lado alvinegro, deu-se o segundo bom resultado seguido graças ao acaso, demonstração de que, talvez, os ares tenham mesmo mudado dentro de campo.

Porque tanto a vitória com o time C sobre o Novorizontino quanto o empate no clássico, ambos fora de casa, foram mais achados que conquistados, com más atuações individuais e pouco conjunto, situação agravada pela ausência ainda do cérebro do time, Garro.

Ao Palmeiras, mais que um centroavante, anda em falta a tal da eficácia que transforma domínio em resultado.

Abel Ferreira continua mal nas entrevistas. Botar na conta da arbitragem o empate em casa contra o rival acuado, e com dez jogadores na maior parte do segundo tempo, desonra sua indiscutível capacidade

O Planeta Bola está cansado de ver times sem o camisa 9 de ofício ganhar jogos e campeonatos —e não é de hoje, haja vista a seleção brasileira tricampeã mundial em 1970 com Tostão, além do próprio Palmeiras, cuja segunda Academia teve em Leivinha, meia de raro talento, brilhante solução para a suspensão de César Maluco.

Do lado dos treinadores, o clássico mais renhido entre os paulistas nada revelou.

Abel Ferreira continua mal nas entrevistas para explicar resultados insatisfatórios. Botar na conta da arbitragem o empate em casa contra o rival acuado, e com dez jogadores na maior parte do segundo tempo, desonra sua indiscutível capacidade.

Além do mais, a invasão na cobrança do pênalti, que disse ter visto na televisão dele, só foi vista nela.

Já Ramón Díaz continua na milonga do estar "contento", embora o time continue descontentando o fiel minimamente exigente.

É verdade que estamos em começo de temporada —e que o nível de cobrança deveria ser o de torneios de verão, não o das jornadas em alto-mar.

Campeonatos estaduais são traiçoeiros.

Valem mesmo na hora dos clássicos e das decisões.

Neymarmota

Impossível saber quanto tempo mais durará o inverno de Neymar.

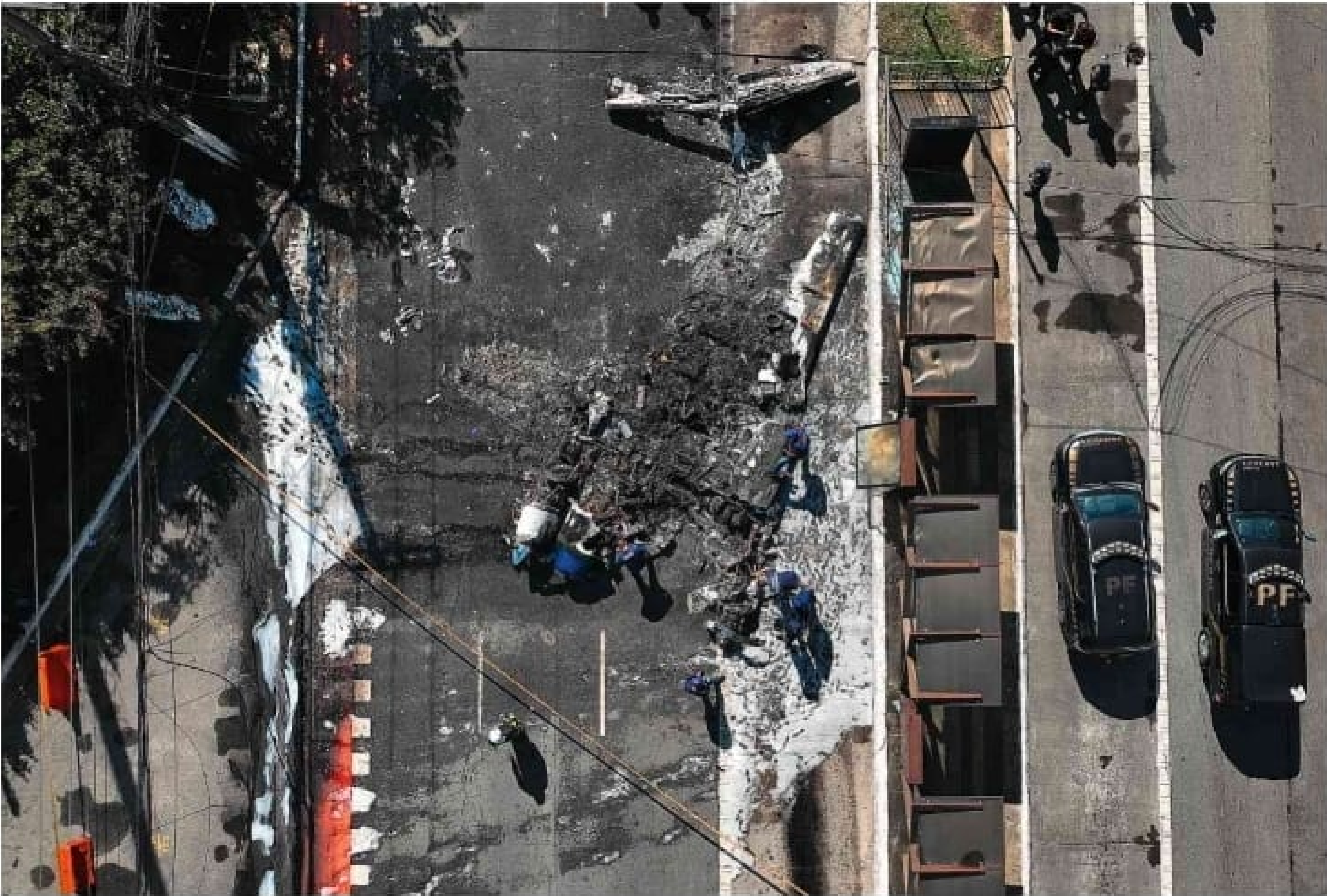
Os 45 minutos disputados na reestreia permitem olhar otimista. Mesmo caçado sem trégua, ele mostrou o talento que ninguém lhe nega.

Não fosse o goleiro estraga-prazeres do Botinha, João Carlos, Neymar teria marcado golaço de deixar os sauditas com um camelo atrás da orelha.

O comportamento tóxico com parças da qualidade de Pablo Marçal e Nikolas Ferreira, para não falar do velho da Havan, porém, desanima.

Sua falta de noção é pandêmica e disruptiva.

Mano Brown e Supla devem estar arrependidos.



Avião cai e explode na av. Marquês de São Vicente, na Barra Funda, em São Paulo

O piloto e um dos proprietários da aeronave, seu único passageiro, morreram no acidente, e seis pessoas sofreram ferimentos leves; o King Air F90 havia partido do Campo de Marte, na zona norte, pouco antes do impacto, que causou explosão e incendiou um ônibus Zanone Fraissat - 7.fev.25/Folhapress

DICAS DO EDITOR

Sérgio Dávila
Diretor de Redação

Falas e atos de Donald Trump dão o tom da semana

Deportações, tarifas e proposta para a Faixa de Gaza dominaram o noticiário mundial sobre presidente americano; em SP, promotores ganham penduricalho, e acidente choca a capital

Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

2ª

Governo Biden teve 2º maior fluxo de imigrantes expulsos do século

Reportagem da **Folha** mostra que uma norma de controle de fronteira acionada em 2020 no primeiro mandato do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e mantida por Joe Biden, fez com que a deportação de imigrantes em situação irregular no país atingisse milhares na gestão do democrata, um patamar que não era visto desde os anos pós-11 de Setembro.
Recomendo também texto de estreia da série História de Livraria, que fala sobre a cultura de sebos no Brasil. Conheça o funcionamento do Sebo do Messias, o maior de São Paulo que tem um estoque estimado em 3 milhões de produtos.

3ª

Pequim quer diálogo com EUA, mas comprará mais do Brasil, diz analista

De Pequim, o correspondente Nelson de Sá falou com Wang Huiyao, ex-conselheiro econômico do Conselho de Estado. O analista afirmou à **Folha** que, "embora a China tenha adotado algumas medidas retaliatórias, ela ainda quer conversar, discutir" com os Estados Unidos.
Destaco também reportagem sobre críticas da "Roliúde nordestina" ao artificialismo dos estúdios de "O Auto da Compadecida 2". Cabaceiras, cidade na Paraíba, ganhou apelido por ter servido de locação para dezenas de filmes desde o início do século passado.

4ª

Europeus e árabes rejeitam plano de Trump de ocupar a Faixa de Gaza

A proposta do presidente americano Donald Trump de retirar os palestinos da Faixa de Gaza e ocupar o território gerou reações de países europeus e árabes. França, Espanha e Arábia Saudita se manifestaram contra a fala.
Destaco também reportagem da revista piauí que mostra cartas escritas por exilados políticos na época da ditadura militar, entre eles o ex-deputado Rubens Paiva. As correspondências nunca chegaram aos destinatários.

5ª

MP-SP autoriza penduricalho de até R$ 1 mi a promotores

O Ministério Público de São Paulo autorizou o pagamento de um novo penduricalho aos salários dos promotores de Justiça paulistas, que pode resultar em uma verba extra de cerca de R$ 1 milhão. Foi determinado que cerca de 1.900 promotores e procuradores terão direito a receber, retroativamente, o equivalente a dez dias de salário para cada mês trabalhado, nos 103 meses contados no período de janeiro de 2015 a agosto de 2023.
De Buenos Aires, a correspondente Mayara Paixão explica como as deportações em massa realizadas pelo governo de Donald Trump impactam na economia da América Latina e do Caribe.

6ª

Avião de pequeno porte cai em avenida na zona oeste de São Paulo; 2 morrem

Destaco a cobertura da **Folha** sobre a queda de um avião na zona oeste de São Paulo nesta manhã. Duas pessoas morreram no acidente da aeronave de pequeno porte que tinha como destino Porto Alegre (RS) e foi comprada há seis semanas.
Recomendo reportagem de Eliane Trindade que relata denúncias de abusos, mentiras e filmagens clandestinas na família da rede de lojas Marabraz. A filha do controlador da empresa denunciou o pai por violências e obteve medida protetiva.

FRASES DA SEMANA

Estudei a ideia por muito tempo, e muitas pessoas gostam da ideia de que os EUA ocupem aquele pedaço de terra e criem empregos lá [na Faixa de Gaza]

Donald Trump
presidente dos EUA, na terça (4), após encontro com Binyamin Netanyahu, premiê de Israel

Você é o maior amigo que Israel jamais teve na Casa Branca

Binyamin Netanyahu
premiê israelense, na entrevista coletiva com Donald Trump

O presidente Mahmud Abbas e os líderes palestinos expressaram sua forte rejeição aos apelos para tomar a Faixa de Gaza e deslocar os palestinos de sua terra natal

Mahmud Abbas
presidente da Autoridade Nacional Palestina, em comunicado na quarta (5), após a fala de Trump

Tem fogo amigo, fogo inimigo, aqui tem fogo para todo gosto

Fernando Haddad,
em entrevista a Miriam Leitão (GloboNews), na quarta (5)

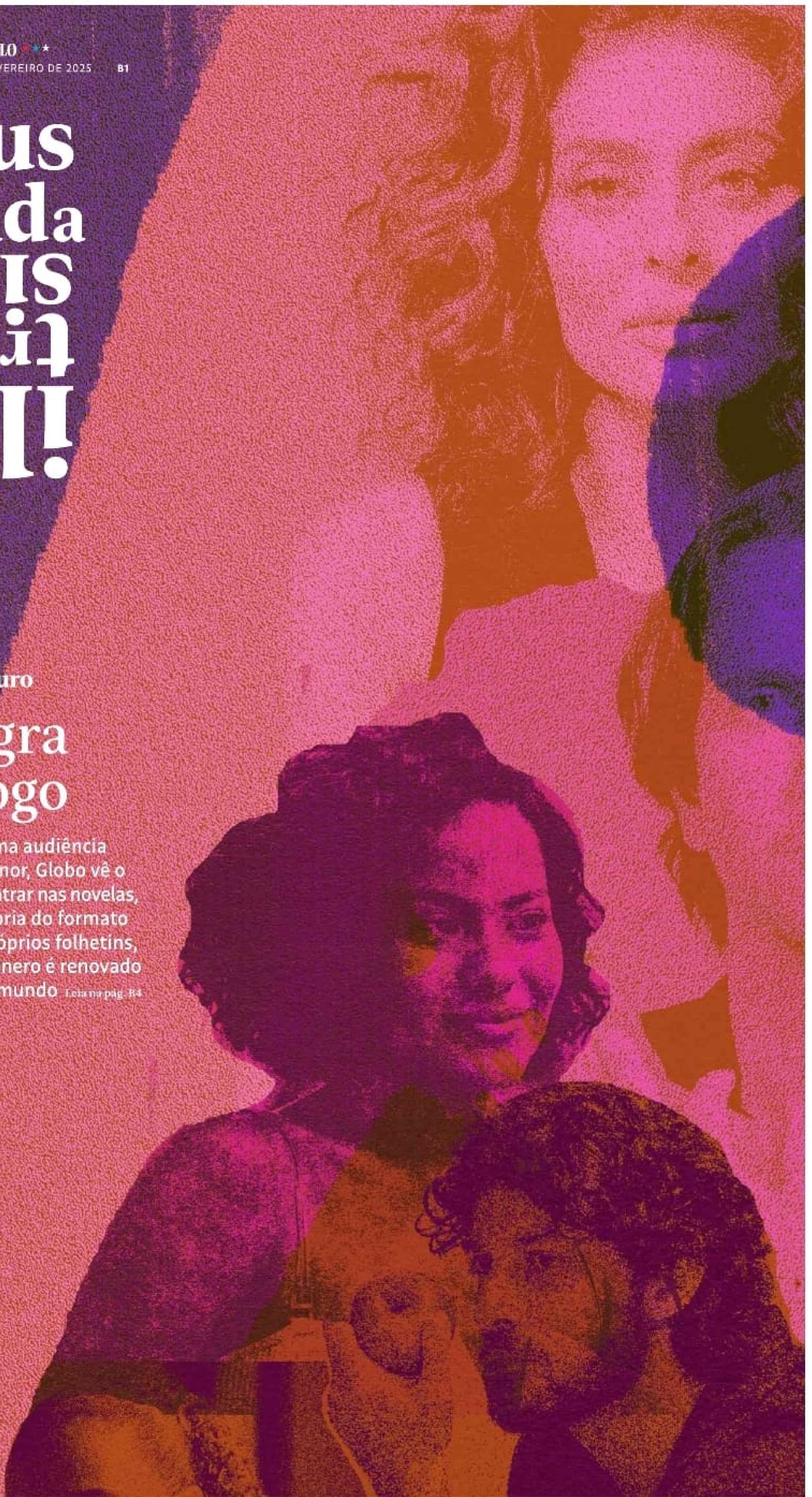
Se você vai num supermercado aí em Salvador e desconfia que tal produto está caro, você não compra. [...] Quem está vendendo vai ter que baixar [o preço]

Luiz Inácio Lula da Silva (PT)
presidente, às rádios Metrópole e Sociedade, da Bahia, na quinta (6), falando sobre inflação

Eufrázio

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 9 DE FEVEREIRO DE 2025 B1

ilustrada
ilustríssima



a tv do futuro

A regra do jogo

Diante de uma audiência cada vez menor, Globo vê o streaming entrar nas novelas, que se apropria do formato com seus próprios folhetins, enquanto gênero é renovado ao redor do mundo Leia na pág. B4

Ilustração
Silvis

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br



Fabi Bang e Myra Ruiz

Abdicamos dos egos e vaidades em nome da dupla

Protagonistas desde 2016 do musical "Wicked" no Brasil, atrizes se preparam para estrelar uma nova versão do espetáculo, que virou um fenômeno pop ao redor do mundo

Por **Karina Matias**



Myra Ruiz, pintada de verde como Elphaba, e Fabi Bang (no topo) se maquiam para as fotos de "Wicked" Lucas Seixas/Folhapress

Myra Ruiz ensaiava "Defying Gravity", canção que é um dos pontos altos de "Wicked", quando recebeu uma mensagem do diretor Charles Möeller, nome fundamental do teatro musical brasileiro. "Ele me mandou: 'Te ouvi cantando, você vai passar'."

☆

O ano era 2015. Myra estava no Rio de Janeiro em cartaz no musical "Nine", dirigido por ele e Cláudio Botelho. Ao mesmo tempo, ela e uma série de outras atrizes faziam testes em São Paulo para conseguir uma vaga na primeira montagem brasileira de "Wicked", já um hit na Broadway.

☆

Aos 23 anos, Myra duvidou do palpite de Möeller — ele tinha escutado a atriz cantando porque ambos estavam hospedados no mesmo prédio na capital fluminense, ela no 5º andar, e o diretor no 10º. Myra tentava conquistar o papel de Elphaba, a bruxa má do Oeste, principal personagem do espetáculo ao lado de Glinda, a bruxa boa. "Achava que não tinha a menor chance."

☆

Estava errada. Myra protagonizou não só aquela versão de 2016, como também uma segunda, em 2023, além de dublar Cynthia Erivo na adaptação para o cinema do musical, que estreou no ano passado e recebeu dez indicações ao Oscar, inclusive de melhor filme e melhor atriz para Erivo.

☆

Agora, ela se prepara para subir ao palco em uma quarta versão do musical. Ao seu lado como Glinda estará novamente Fabi Bang, sua parceira em 2016, 2023 e na dublagem do longa.

☆

Embora Fabi seja nove anos mais velha que Myra e já tivesse mais experiência em musicais quando fez o teste para "Wicked", a escolha das duas para a primeira montagem do espetáculo surpreendeu o meio artístico. "Todo mundo falava que [as protagonistas] seriam algumas das atrizes veteranas. E acabou sendo eu e a Fabi, duas novatas, que nunca tinham protagonizado nada", recorda a intérprete de Elphaba.

☆

Até então, as duas pouco se conheciam. Nos bastidores, foram se tornando amigas, parceria que se estendeu para outros projetos e para a vida pessoal: Myra é madrinha da filha de Fabi, a Bebel.

☆

Bailarina profissional, Fabi se encantou com o mundo dos musicais ao entrar para o elenco de dançarinos de "O Fantasma da Ópera", em 2005. "Olhei toda aquela engrenagem funcionando e pensei: 'Não vou sair daqui, quero viver disso'. Para mim, o dia triste era quando não tinha trabalho", conta.

☆

A partir daquele momento, passou a ter aulas de canto e a se dedicar ao universo do teatro. Uma década depois, quando começaram os testes para a montagem brasileira de "Wicked", Fabi já era conhecida no mercado por sua versatilidade como atriz.

Continua na pág. B3

Eufrázio

"É uma loucura, sou parada na rua quase todos os dias [por fãs]" Myra Ruiz

Continuação da pág. B2

Inicialmente, a produção sugeriu que ela fizesse teste para as duas personagens principais: Glinda e Elphaba. Mas ela preferiu mergulhar em apenas um dos papéis. Escolheu a "bruxa boa" seguindo conselhos das pessoas que estavam ao seu redor.

*

"Foi uma decisão difícil para mim, porque, sinceramente, não me imaginava no papel da Glinda. Mas resolvi dar um voto de confiança para as pessoas que estavam me cercando. E todas elas falavam assim: como você está em dúvida? Você é a Glinda! A gente não vê outra coisa em você que não seja esse movimento, essa agilidade, essa efervescência, essa alegria."

*

Para ambas, estrelar "Wicked" foi um divisor de águas na vida e na carreira. O espetáculo costuma atrair admiradores fervorosos ao redor do mundo, especialmente adolescentes e jovens adultos. E não foi diferente no Brasil. É comum que os mais fanáticos assistam mais de uma vez ao musical. Os produtores contabilizam que, em 2023, quase 40 pessoas viram 30 vezes a produção. Muitos desses espectadores se tornaram também grandes fãs das atrizes, que estão hoje entre os maiores nomes do teatro musical no Brasil.

*

Para Fabi, conquistar esses fãs é um dos principais legados que "Wicked" lhe proporcionou. "Me conectei com pessoas que movem a minha vida, a minha carreira. É uma herança preciosíssima saber que, qualquer que seja o projeto em que eu estiver inserida, há aquele público que me acompanha de forma fiel, porque de alguma forma se sentiu tocado pelo meu trabalho", diz ela.

*

Myra compartilha da mesma opinião. "É uma loucura, sou parada na rua quase todo dia [por fãs]", relata ela. "Me deixa muito feliz por ver o poder que o teatro pode ter. Não é TV, não é Hollywood. É uma peça de teatro em que as pessoas têm que sair da casa delas para consumir", destaca.

*

Prova disso foi a comoção que ambas causaram ao participar no ano passado da CCXP, principal feira de cultura pop que ocorre no Brasil. "Parecia nossa,...[que a gente era] Justin Bieber", lembra Myra.

*

O sucesso do filme "Wicked", na visão delas, só aumentou a popularidade da história sobre as bruxas da Terra de Oz. Com investimento em torno de R$ 19 milhões, a nova versão brasileira do musical tem estreia marcada para 20 de março, no Teatro Renault, em SP.

*

Para esta produção, o desafio, dizem elas, é não cair no lugar comum. "Quando acabou a temporada de 2023, eu pensei comigo: 'Nossa, acho que agora esgotei a minha fonte de criatividade para esse papel'. Mas quando chegou essa nova proposta, foi uma provocação para mim como atriz de conseguir trazer frescor para uma personagem que eu tenho tanta intimidade e que as pessoas já viram em outras versões", diz Fabi. "[A proposta] é conseguir fazer com que essa montagem seja tão inesquecível quanto as outras", completa.

*

Myra tem opinião semelhante e diz não querer ter medo de arriscar para não desagradar o público. "Acho que o desafio é a gente encontrar o balanço entre repetir o que é legal e criar coisas novas", afirma. "Para que a minha performance seja a melhor possível, preciso ter a coragem de fazer escolhas que eu posso não ter feito antes."

*

Para a atriz, esse é um dos ensinamentos mais importantes do filme e de Elphaba, a menina que sofre preconceito desde a infância por ter a cor da pele verde, mas que consegue encontrar dentro dela o poder que essa diferença proporciona.

*

Myra avalia que esse é um processo pelo qual as mulheres passam ao longo da vida. "O quanto a gente tem que abdicar quando a gente resolve bancar quem a gente é. E isso tem um peso, principalmente na vida da mulher. E vai dando raiva, vai sendo difícil não virar a 'bruxa má' quando você se sente, muitas vezes, incompreendida. Ou quando tudo o que você fala é levado para um lado pior."

*

"A personagem é tão forte porque ela inspira as pessoas a passarem por esse processo. Eu mesma ainda não tenho a coragem da Elphaba, mas estou criando cada vez mais." No caso de Fabi, ela afirma que Glinda foi a sua faculdade, pós-graduação e mestrado. "Ela é um prato cheio para qualquer atriz, porque tem comédia, tem drama, tem romance", enfatiza.

*

Da convivência proporcionada a partir do musical, elas também ficaram amigas. No início, porém, elas contam que tinham tudo para virar inimigas. Havia uma certa "fofoquinha" nos bastidores do espetáculo que tentava colocar uma contra a outra. "Parece que o mundo adora ver mulher brigando. A peça fala um pouco sobre isso, inclusive", diz Myra, em referência ao fato de que Glinda e Elphaba se estranham inicialmente na universidade.

*

Mas, assim como em "Wicked", elas contam que logo perceberam que precisavam se unir em vez de competir, já que ambas estavam em início de carreira, ainda muito inseguras e experimentando pela primeira vez o protagonismo. "Só eu sabia o que ela estava sentindo, e só ela sabia o que eu estava sentindo, porque era algo novo para nós duas", relembra Fabi.

*

"E aí a gente criou realmente um alicerce. É um casamento. Claro que temos as nossas diferenças, mas existe um cuidado uma com a outra para preservar esse bem comum, que é a nossa relação. Até as vaidades, os egos, a gente abdica em nome da dupla", completa a atriz..

Verdade e política

Para a filósofa Hannah Arendt, as duas nunca tiveram boas relações

Juliana de Albuquerque

Escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Quando, pela primeira vez, Donald Trump assumiu a presidência dos Estados Unidos, muitos recorreram à leitura de Hannah Arendt para tentar compreender o que estava acontecendo na política americana.

Foi assim que "Origens do Totalitarismo" passou a figurar nas listas de livros mais vendidos de lá, e que trechos dessa obra passaram a ser compartilhados nas redes sociais, motivando debates sobre as consequências políticas da solidão.

Outro texto de Arendt que também despertou o interesse dos leitores, e que merece ser relido no contexto do retorno de Trump à Casa Branca, foi o ensaio "Verdade e Política".

Inspirado na controvérsia desencadeada pela publicação de "Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal", quando o testemunho de Arendt sobre o caso Eichmann foi distorcido, "Verdade e Política" propõe uma reflexão sobre o lugar da verdade —principalmente do que a autora chama de verdade factual— no âmbito público, frisando tanto a sua relevância para a preservação da realidade que compartilhamos com outros seres humanos, como a sua fragilidade ante o poder político.

No ensaio, Arendt comenta que verdade e política nunca mantiveram uma boa relação. Assim, ela ressalta, não é de se surpreender que sempre tenhamos visto as mentiras como "ferramentas necessárias e justificáveis ao ofício não só do político ou do demagogo, como também do estadista".

Segundo Arendt, as verdades factuais estão sempre relacionadas a outras pessoas e fazem referência a eventos dos quais muitos participaram. Consequentemente, para que tomemos conhecimento delas, precisamos dos relatos das testemunhas e da sua comprovação. Isso, por sua vez, faz com que as verdades factuais sejam caracterizadas por um elemento de contingência. É esse elemento que faz com que tais verdades sejam especialmente frágeis, pois quando a maioria das pessoas desacredita de um fato, ele corre o risco de perder a sua relevância política.

As mentiras modernas lidam com fatos conhecidos, tendo por objetivo iludir a todos, incluindo os mentirosos

Arendt também destaca a diferença entre as mentiras políticas tradicionais e as suas equivalentes modernas. Para ela, as mentiras tradicionais tinham por alvo um inimigo específico e costumavam se referir tanto a segredos que jamais deveriam vir a público quanto a intenções que talvez nunca viessem a se realizar. Já as mentiras modernas lidam com fatos conhecidos, tendo por objetivo iludir a todos, incluindo os próprios mentirosos.

"Isso é óbvio no caso em que a história é reescrita sob os olhos daqueles que a testemunharam, mas é igualmente verdadeiro na criação de imagens de toda espécie, em que todo fato conhecido e estabelecido pode do mesmo modo ser negado ou negligenciado caso possa vir a prejudicar a imagem."

Arendt exemplifica esse tipo de mentira ao mencionar a ausência proposital do nome de Trotsky nos antigos compêndios soviéticos sobre a história da Revolução Russa: "Quando Trotsky escutou que nunca desempenhara nenhum papel na Revolução Russa, deve ter tomado consciência de que sua sentença de morte fora assinada (...) Em outras palavras, a diferença entre a mentira tradicional e a moderna acarretará, na maior parte das vezes, a diferença entre ocultar e destruir".

Mas, como questiona a própria Arendt, será mesmo que a verdade é essencialmente impotente diante do poder? Não exatamente, pois aqui vale a pena enfatizar que, embora o poder atente contra a verdade, ainda assim, precisa dela para se manter. Afinal, segundo Arendt, nada se sustenta por muito tempo na ausência da verdade: "Ela é o solo sobre o qual nos colocamos de pé e o céu que se estende acima de nós".

DOM. Bernardo Carvalho / Ailton Krenak / Juliana de Albuquerque / Vinicius Mota

A próxima vítima na avenida Brasil

[RESUMO] Telenovela brasileira, gênero dominado pela Globo, se vê diante do investimento de marcas internacionais, como a Warner e a Netflix, que apostam no folhetim para fisgar o público cansado da mesmice da televisão aberta, em crise de audiência

Por **Guilheme Luis**
Repórter da Ilustrada

Ilustrações **Silvis**
Designer gráfica e ilustradora

Novela é paixão nacional, dizem, mas já faz tempo que parece que não. Há mais de uma década o país não para por causa de uma delas, como no final de "Avenida Brasil", em 2012, e com "A Próxima Vítima", há 30 anos, e na década anterior, com "Vale Tudo", quando todos queriam saber quem matou Odete Roitman.

Para além das fronteiras, a telenovela também não vai bem no México, de "A Usurpadora". Na contramão, o filão ganha força na Turquia e na Coreia do Sul, que exportam melodramas aos montes.

Enfrentando uma crise de audiência, a novela do Brasil agora vê o streaming avançar no gênero. Warner e Netflix, por exemplo, vêm mudando a linguagem, com tramas curtas fora da lógica de exibição de dia e hora que rege o mercado.

Está em curso um chacoalhão de um império antes dominado pela Globo. Sinal disso é "Beleza Fatal", recém-lançada na Max, da Warner, que já está toda gravada. É uma obra fechada, sem mudanças no meio da trama, como ocorre na TV aberta, algo antes essencial nesse gênero.

Mais radical foi a Netflix com "Pedaço de Mim", que liberou os seus 17 episódios —só 17—, de uma tacada só. Ela e "Beleza Fatal" estão distantes dos 160, às vezes 200 capítulos, das novelas da Globo.

Tudo isso deu certo. "Beleza Fatal", que chega à sua terceira semana, virou febre —a novela teve mais horas vistas, em sua primeira semana, que qualquer outro conteúdo da Max, brasileiro ou não.

Em paralelo, a Netflix acaba de derrotar a Globo no prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte com "Pedaço de Mim", com Juliana Paes. Mas há quem questione se isso é novela. A plataforma evita o termo porque sabe que a obra se aproxima mais das séries. É uma minissérie de melodrama, a empresa afirma.

Não há consenso. Silvio de Abreu, um dos maiores dramaturgos do país, autor de "Rainha da Sucata" e "Guerra dos Sexos", diz que tamanho não é documento e o que define a novela são elementos narrativos —muito drama, linguagem popular e uma história contada em capítulos.

Já Mauro de Alencar, autor de "A Hollywood Brasileira", diz que nenhuma obra com menos de 20 capítulos é uma novela.

Isso é complexo. Telenovelas têm outros elementos, como reviravoltas, ganchos eletrizantes, vilões e mocinhos bem definidos, como nas clássicas "Vale Tudo" e "Avenida Brasil". Precisam emocionar, falar ao público. Está aí, dizem especialistas, o problema da atual novela das nove, "Mania de Você", de João Emanuel Carneiro, o mesmo de "Avenida Brasil".

Fracasso de audiência, a obra tem entediado com dramas estapafúrdios de gente rica, além de confundir o espectador —quem parecia mocinha ganhou traços de vilania, enquanto os malvados viram coitadinhos. "A psicologia dos personagens deve ser respeitada. Eles têm que ser claros em suas intenções para que o público não fique confuso", diz Silvio de Abreu.

"Mania de Você" foi descrita por Adriana Esteves, uma das protagonistas, como "The White Lotus", lembrando a série da HBO que ironiza a futilidade dos ricaços. Mas o público da Globo se interessa?

Números mostram que não. "Mania de Você" registrou até dezembro o pior índice da história do horário, antes de melhorar a média agora em janeiro.

No ano passado, "Renascer" terminou com audiência morna. Antes dela, "Terra e Paixão" também não empolgou, e "Travessia", de 2022, foi ainda menos vista. A exceção foi o remake "Pantanal", que bateu seus próprios recordes várias vezes.

Mas a queda de audiência não significa menos receita, afirma a Globo, que reitera a relevância comercial de sua novela das nove, obra que alcança mais de 60 milhões de brasileiros por semana.

Continua na pág. B5

Continuação da B4

No ano passado e no retrasado a trama dessa faixa foi vista por oito em cada dez brasileiros, em 93% das casas do país. É de se levar em conta ainda que o canal tem hoje uma audiência pulverizada, na TV aberta, nas redes sociais e no Globoplay, o streaming da emissora. As novelas correspondem a 65% do consumo ali.

Ou seja, a telenovela ainda é a galinha dos ovos de ouro da Globo. Para monetizar isso, portanto, o canal usa vários modelos comerciais. Um deles é quando a empresa paga para inserir seu produto na trama —como quando um personagem diz que uma margarina é muito gostosa.

Há ainda o patrocínio por faixa, vendido a uma única marca. Hoje é o banco Itaú, no início de "Mania de Você", de segunda a sábado. E existem os comerciais da novela, horário mais valorizado pelo mercado. Por isso, a Globo prefere novelas compridas, capazes de estender esse engajamento por sete ou oito meses.

"Não importa o número absoluto de telespectadores, mas a qualidade do engajamento. A novela transborda para redes sociais, e o banco analisa a soma da exposição e do engajamento", diz Thaiza Akemi, superintendente de comunicação do Itaú, sem dizer como essa análise é feita.

O cruzamento de TV aberta e streaming é hoje não só inevitável, como também desejado —a televisão ainda é vista como um canhão capaz de atingir milhões com um mesmo anúncio, enquanto os algoritmos online ajudam as marcas a atingir públicos específicos.

Para as novelas do streaming, a lógica é outra. "Beleza Fatal" até tem receita publicitária —a plataforma exibe anúncios em seu pacote mais barato—, mas o que interessa é fidelizar o novo assinante, atraído pela novela, fazer com que ele continue pagando após o fim da trama.

Mas como atrair o público da TV aberta? O elenco é fundamental. A Max entendeu que para emplacar "Beleza Fatal" precisaria de rostos conhecidíssimos, que não deixassem dúvida de que aquilo é novela, com cara de novela e ator de novela. Escalou Camila Pitanga, Camila Queiroz e Giovanna Antonelli, as três protagonistas, além de Marcelo Serrado, Caio Blat e Herson Capri, todos vindos da Globo.

Fez o mesmo nos bastidores, com a diretora Maria de Médicis, veterana da Globo. O roteirista Raphael Montes teve a supervisão de Silvio de Abreu, que, além de autor, foi chefe de dramaturgia na Globo.

Conhecida por séries de prestígio, como "Game of Thrones" e "Succession", a Max só decidiu fazer novelas por causa de um interesse comercial calculado. "Por serem maiores que séries, as novelas deixam o assinante mais tempo na plataforma. É um gênero que cria maior fidelização", diz Monica Pimentel, vice-presidente de conteúdo da Warner.

A ideia é que a Max tenha oito semanas, o tempo de "Beleza Fatal", para convencer um novo público a ver "Big Little Lies", um dramalhão americano, ou a minissérie "Pinguim", a depender do gosto.

A executiva não conta quanto custou "Beleza Fatal". Para manter os olhos na tela e a conversa quente nas redes, a Max pediu que Montes repetisse na novela o tom instigante dos seus livros de suspense. Na trama, ele discute o universo das cirurgias plásticas —Lola, a vilã de Camila Pitanga, tem uma clínica duvidosa.

Uma novela no streaming não tem tempo a perder. A trama precisa ser ágil, porque a empresa depende que o espectador dê "play" no próximo episódio.

É diferente da TV aberta, que exibe os capítulos de suas novelas diariamente independente da escolha do público —e, por isso, faz tramas esticadas, cheias de repetições, porque sabe que é difícil alguém ver a novela todos os dias.

Continua na pág. B6



Eufrázio



A próxima vítima na avenida Brasil

Continuação da pág. B5

Para criar "Beleza Fatal", Raphael Montes foi seguido de perto por Silvio de Abreu, à época contratado para chefiar o desenvolvimento de novelas da Max não só do Brasil, mas de vários países da América do Sul. Ele diz que deixou o cargo porque o setor perdeu força internamente.

Segundo o roteirista, o streaming representa, sim, uma ameaça à Globo, mas poderia não ser. Falta pulso firme na emissora, ele diz. "Vivemos uma crise. Se a TV aberta fizesse um produto à altura, conseguiria competir com o streaming. Mas ela está fazendo um produto que o povo não quer ver", afirma.

"Falta uma diretriz, especialmente para as novelas das nove. Os autores me parecem perdidos", ele diz, lembrando que João Emanuel Carneiro, autor de "Mania de Você", no passado fez as elogiadas "A Favorita" e "Avenida Brasil". Procurado, Carneiro não respondeu.

Abreu atribui a crise ainda às mudanças administrativas pelas quais o setor de novelas da Globo passou nos últimos anos, que o fizeram deixar a empresa. "O problema é o executivo achar que sabe mais que artista. Executivo não entende de arte, não cria. Ele tem ideias, pesquisa, mas uma obra artística pertence ao artista, que é quem raciocina."

José Luiz Villamarim, atual diretor de teledramaturgia da Globo, defende a emissora. "O executivo deve valorizar o criador, que, por sua vez, deve encantar o executivo. É dessa boa relação que a televisão vai continuar apresentando relevância", afirma ele, por email.

Villamarim, que assumiu a chefia das novelas da Globo há cinco anos, dirigiu novelas como "Avenida Brasil" e "Amor de Mãe". Foi durante a sua gestão que a Globo encerrou a maioria dos contratos que mantinha com grandes atores e autores, passando a assinar com os artistas por obra, sem oferecer um salário fixo. A mudança abalou a estrutura da emissora e, na sequência, de todo o ecossistema de audiovisual do país, com atores, antes tidos como medalhões da Globo, deixados à deriva no mercado.

Foi o caso de Juliana Paes, que ficou 21 anos contratada na emissora, e agora fez trabalhos com Netflix e Disney. Camila Pitanga, por sua vez, assinou como atriz e produtora da Max — e neste ano volta à Globo para um trabalho pontual na novela "Dona de Mim", escrita por Rosane Svartman, de "Vai na Fé".

Uma das novas autoras mais queridas pela Globo, Svartman lembra que uma novela "não é necessariamente autoral porque tem muita gente envolvida". "Há um elemento industrial forte, segue um modelo de negócio que depende da audiência e da publicidade, no caso da TV aberta, e por isso vemos modelos cada vez mais híbridos."

Segundo Pitanga, isso significa a reoxigenação do gênero. "Ter concorrência é saudável, rico, e é o público quem sai no lucro", afirma. Murilo Rosa, seu colega de cena em "Beleza Fatal", tem uma visão mais pessimista. "O mercado poderia aproveitar melhor os talentos que hoje estão disponíveis para trabalhar."

Abreu reclama ainda das chamadas salas de roteiro, que hoje se espalham pela Globo. Nelas, vários escritores se reúnem para definir o desenrolar de uma trama — ele diz que bom mesmo era quando um folhetim era escrito por uma só pessoa, com ajudas pontuais.

"A renovação do quadro de autores é um processo natural", diz Villamarim, o diretor de teledramaturgia do canal. "A gente continua reverenciando os grandes mestres, mas com o olhar vivo no presente e no futuro de novos criadores. Sem falar no avanço fundamental da diversidade, que felizmente se reflete tanto nas salas de roteiro."

Continua na pág. B7



Continuação da pág. B6
Não à toa, "Mania de Você", "Garota do Momento" e "Volta por Cima", exibidas hoje às nove, às seis e às sete, marcam um feito inédito na Globo —as três novelas têm protagonistas negras.

Nos outros canais, a situação varia. Enquanto o SBT vem dando menos destaque às novelas mexicanas que sempre exibiu, a Band acaba de fechar acordo com a Max para exibir "Beleza Fatal". Já a Record tem surfado na onda das tramas turcas —"Força de Mulher", exibida às nove, virou fenômeno no país.

"A novela turca pegou no Brasil porque as protagonistas, sempre do bem, batalham para conquistar seus objetivos, incluindo o amor", diz Mauro Alencar.

Monica Albuquerque, executiva que trabalhou com novelas na Globo, e depois na Warner, atribui a penetração dos folhetins turcos ao investimento que o governo do país faz na exportação das tramas. "Houve o entendimento de que, para aumentar o comércio internacional, era importante que a Turquia se aproximasse culturalmente de outros países do mundo, e nada melhor do que conteúdo ficcional para isso."

Serviços de streaming lançam suas telenovelas e causam um chacoalhão nas arestas do gênero, erguidas pela TV Globo ao longo das últimas décadas

A mudança é no mundo todo. Com tramas turcas exibidas pela Record e doramas sul-coreanos no Globoplay, ficou muito difícil prever o futuro das novelas brasileiras

Albuquerque trabalha agora na Telemundo, rede de TV americana que produz conteúdo em espanhol para a população hispânica dos Estados Unidos. Quando saiu da Globo, ela foi contratada para cuidar da produção de novelas latinas da Warner e, por isso, teve de mergulhar na cultura do país para entender como anda o gênero por lá.

Produzida em ritmo industrial, a telenovela mexicana vive também suas crises. Reportagens apontam quedas notáveis de audiência, e críticos reclamam da falta de criatividade nas tramas.

"O México vem tentando entender qual é o melhor formato de novela para a TV aberta", diz Albuquerque. "Lá, a população abraçou o streaming, e isso inevitavelmente muda hábitos de consumo."

A mudança, então, é mesmo mundial. Com novelas turcas na Record, doramas sul-coreanos no Globoplay, a audiência de mal a pior, fica difícil vislumbrar o futuro da novela brasileira. Vale tudo nesse jogo, cada vez mais sem regras?

"As novelas brasileiras eram capa de revista, estampavam as primeiras páginas, e hoje sou chamado o tempo todo para falar de novelas de outros países", afirma Alencar. "Me preocupo com o andar da economia criativa da teledramaturgia brasileira. É nisso que as empresas deveriam prestar atenção."



Os rumos da telinha são o tema da série A TV do Futuro

Como a ascensão do streaming, a saída de cena de grandes apresentadores da TV aberta e a crise do humor tradicional na era do cancelamento está mudando a mídia de um país? Este é o primeiro capítulo desta nova série da **Folha**, que terá reportagens quinzenais sobre o assunto

Noivas largadas, crianças trocadas

[RESUMO] Tramas mirabolantes, maniqueístas e catárticas das novelas mexicanas, turcas e sul-coreanas atendem aos desejos do público e alimentam a indústria nacional desde os anos 1980, quando Silvio Santos apostou no gênero considerado antiquado

Por **Mauro Alencar**
Doutor em teledramaturgia pela Universidade de São Paulo e autor de 'A Hollywood Brasileira: Panorama da Telenovela no Brasil'

Ilustração **Silvis**
Designer gráfica e ilustradora



A televisão brasileira está completando 75 anos exibindo um panorama de estilos que remete ao apogeu de décadas passadas. No turbilhão da teledramaturgia, vemos por todos os lados produções mexicanas, turcas, sul-coreanas e, agora, obras nacionais direto para o streaming.

Mas se a América Latina inventou a telenovela, Silvio Santos, o maior comunicador do Brasil, foi quem escancarou as portas do país para tramas de outras culturas importando produções mexicanas, até então desconhecidas por aqui.

Foi o caso da exibição no SBT de "Os Ricos Também Choram", com Verónica Castro e Rogelio Guerra, em 1982, cerca de um ano depois da inauguração da emissora. A obra é um marco importante da teledramaturgia mundial sob a batuta de Valentín Pimstein, um dos pais das novelas produzidas pela Televisa, o maior grupo de mídia mexicano.

Na trama, Mariana, a jovem heroína interiorana —"selvagem", ao estilo de Jean-Jacques Rousseau—, aprenderá no mundo urbano, para onde é levada depois da morte do pai e onde se apaixonará pelo filho de um milionário, que até os ricos choram. Mas a força do amor é redentora para com os bons e, ao final, os maus terão o castigo merecido.

É quando o vilão, sedutor, orgulhoso e que pensa ter o domínio de tudo, sucumbe ante o herói, provocando a catarse do público. Afinal, um ser malvado bem construído é indispensável, uma representação ficcional dos obstáculos da vida cotidiana, geralmente de comportamento egocêntrico e narcisista.

Com a novela, a emissora nascente da Vila Guilherme conquistou uma forte ligação emocional com um público receptivo a esse estilo de história, onde o sentimento humano à flor da pele assume o protagonismo e a moral da felicidade amorosa vence a injustiça.

São temas universais, não raro com situações mirabolantes —identidades duplas, noivas abandonadas no altar, crianças trocadas na maternidade— envoltas em dramas domésticos, suspense e mistério amarrados com ganchos de fácil entendimento que canalizam os anseios cotidianos do público.

A popularidade no país, porém, não coincidiu com a recepção da crítica, que preferia debochar do enredo das novelas exibidas pelo SBT. Há um contexto —esse maniqueísmo fundamental se somava à estética de programas sensacionalistas, como O Homem do Sapato Branco, ou a atração de variedades Show sem Limite, com J. Silvestre, ele mesmo um autor de radionovelas. A questão era a maneira objetiva com que abordavam arquétipos da tragédia e da comédia humana.

Uma raiz em comum interliga essa teledramaturgia. É o melodrama operístico do século 17 em comunhão com os romances de folhetim, sensação do século 19. De lá para cá, cabe a cada autor —desde Joaquim Manuel de Macedo, nome importante na compreensão da literatura para o povo com "A Moreninha", até Raphael Montes, com "Beleza Fatal", no streaming— o talento de repaginar o que já está alicerçado há séculos.

À época de "Os Ricos Também Choram", a concorrência seguia um caminho diferente. A Globo desfilava sucessos como "O Homem Proibido", inspirado em Nelson Rodrigues, "Elas por Elas" e "Sétimo Sentido", e abria espaço para as minisséries, com "Lampião e Maria Bonita", "Avenida Paulista" e "Quem Ama Não Mata". Obras que, de uma forma ou de outra, trabalhavam com um lastro de realidade nacional, com mais nuances que o melodrama idealizado.

O SBT, pelo contrário, apostava num gênero que já se julgava antiquado. Foi uma sequência de sucessos, que depois seriam reprisados —a venezuelana "Topázio", com Grecia Colmenares; a trilogia das Marias —"Maria Mercedes", "Marimar" e "Maria do Bairro", com a mexicana Thalía; seguida de "A Usurpadora" e a colombiana "Café com Aroma de Mulher". Tramas, no geral, em que as mulheres protagonistas lutam em busca da felicidade contra injustiças pessoais e vencem em nome do amor. Sem esquecer os sucessos infantis, outra marca registrada da emissora, a mexicana "Carrossel" e a argentina "Chiquititas", que teriam remakes ao longo das décadas.

Depois, o núcleo nacional do SBT resgataria uma prática que esteve na base da novela brasileira ao longo dos anos 1960, adaptando produções estrangeiras como "Destino", a partir do original mexicano de Marissa Garrido. Com apenas 55 capítulos e ação centrada em um grupo restrito de personagens, a obra de 1982 já adotava um formato que o streaming, hoje, alardeia estar inaugurando.

Vieram outras. "Conflito", "Acorrentada", "A Ponte do Amor" e "A Justiça de Deus". Eram tramas que giravam em torno de amores impossíveis que atravessavam classes sociais, tinham gêmeas, figuras de dupla personalidade e outros distúrbios psicológicos que temperavam o drama familiar. Depois chegaram obras inéditas nessa tradição, a exemplo de "Meus Filhos, Minha Vida", em 1984, com a atriz Mirian Pires. Na autoria, Crayton Sarzy —assessor de Silvio Santos na área dramática—, Henrique Lobo e Ismael Fernandes. Foi um momento de ampliação do mercado de trabalho.

Continua na pág. B9



Continuação da pág. B8

Já no início dos anos 1990, o SBT tentava correr atrás do nacionalismo. Foi quando o diretor Nilton Travesso produziu uma adaptação de "Éramos Seis", que se tornaria um grande sucesso com Irene Ravache e Othon Bastos a partir do romance de Maria José Dupré.

Daí derivaram títulos como "As Pupilas do Senhor Reitor" e "Sangue do Meu Sangue", que não repetiram o mesmo sucesso do primeiro investimento no setor. "Eu falei para o Silvio que nós temos mais audiência com produções mexicanas do que com as brasileiras", me confidenciou Crayton Sarzy à época, quando eu ainda trabalhava no Vídeo Show.

Uma década depois, em 2008, atuando como consultor na Globo, aceitei um convite de Silvio Santos para uma experiência em sua casa, no Morumbi —por dois meses, lia, fazia observações e recebia os capítulos em vídeo daquilo que seria "Revelação", a primeira novela de Íris Abravanel, fartamente inspirada nos elementos-chave de folhetim. Uma vivência valiosa, ainda que não tenha ido adiante porque Octávio Florisbal, diretor-geral da Globo, lembrou as restrições de meu contrato de exclusividade.

Nos anos 2010, seria a vez da Band e da Record identificarem uma coqueluche mundial. Títulos como "Mil e Uma Noites", "Fatmagul: A Força do Amor" e "Força de Mulher", a última febre entre os brasileiros, estão em crescente sucesso.

O melodrama é universal, mas as obras turcas partem de outro lugar. A base psicossocial das histórias gira em torno de mulheres oprimidas que, por esforço próprio, superam as adversidades da vida e encontram o amor romântico. Como em uma gangorra, temos a mulher entre o trauma e a superação.

Tanto no México como na Turquia, o fator religioso é muito latente. O sucesso do caso turco, porém, é mais curioso, já que esse drama é envolto por um fator moral baseado em dogmas que contrastam com a realidade nacional.

Nesse embalo, estão aí agora as novelas e séries da Coreia do Sul. "Rainha das Lágrimas", "Descendentes do Sol", "O Rei da Porcelana" e "A Joia do Palácio" são apenas alguns dos destaques que vemos em plataformas como a Netflix e o Rakuten Viki, dedicado ao gênero.

Seu diferencial é mostrar aproximações da Coreia do Sul tradicional, antiga, e a moderna potência, bebendo tanto na fonte mexicana quanto na brasileira —muito disso graças ao sucesso do Telenovela, importante canal a cabo asiático que exibe obras de ambos os países.

Nessa toada, chegamos à China, que ainda não tem repercussão no Brasil. Mas, lá fora, pela primeira vez, em 2021, uma produção chinesa foi eleita como a melhor telenovela do ano no Emmy Internacional. O drama histórico "A Canção da Glória" arrebatou a audiência com seus 53 capítulos. Em paralelo, títulos como "Aposta de Gigantes" e "Bela Juventude" refletem a abertura da China a partir do "boom" econômico.

Refletir os anseios do povo, preencher seus vazios existenciais, valorizar personagens de diversas faixas etárias, promover um equilíbrio étnico e racial de forma sensata e transmitir valores morais é um desafio cada vez maior em tempos tão fragmentados como hoje.

Para embaralhar ainda mais o "jogo do faz de conta" —como diria a cronista Helena Silveira, aqui neste jornal—, só falta a gigantesca China se arvorar e estender seus tentáculos ficcionais pelo mundo. Pois, como ensinava Mayra Sierra, minha mestra cubana de teledramaturgia latina, "os americanos se metem com todo mundo, menos com os chineses". "Ninguém pode com os chineses." ←

Os super-ricos em questão

[RESUMO] Em entrevista, Ingrid Robeyns, da Universidade de Utrecht (Holanda), comenta sua proposta de reviravolta ética para deter o libertarianismo que chacoalha o mundo com os ultrarricos Trump e Musk: o limitarianismo, centrado na proposta de um teto para a riqueza pessoal. Com os recursos assim arrecadados, seria possível enfrentar a desigualdade e a crise do clima que o neoliberalismo vem agravando, o que a filantropia sozinha nunca vai resolver

Por **Marcelo Leite**
Jornalista de ciência e ambiente, colunista da Folha, é autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

ENTREVISTA
INGRID ROBEYNS

Desde Platão filósofos são conhecidos por levantar questões incômodas e provocadoras para o seu tempo. Ingrid Robeyns, professora de ética de instituições na Universidade de Utrecht (Holanda), escreveu um livro corrosivo contra a ideologia neoliberal que ameaça o mundo com oligarcas bilionários e desastre climático.

Ela se fez três perguntas: Pode uma pessoa ser rica demais? A riqueza excessiva tem consequências negativas? Se a resposta for sim para as duas primeiras, o que se deve fazer a respeito?

A obra se chama "Limitarianism: The Case Against Extreme Wealth" (limitarianismo, o argumento contra riqueza extrema). Sua linha de raciocínio e pesquisa conduziu-a a formular a proposta quixotesca de fixar um limite de 10 milhões de euros ou dólares (cerca de R$ 58 milhões) para o patrimônio de qualquer habitante da Terra [leia resenha nesta edição].

Como boa filósofa, Robeyns nada tem de ingênua —ela sabe que a viabilidade política da proposta é quase nula, ao menos no presente. Trata-se de uma ideia reguladora, explica, que envolve muitas iniciativas e precisava ganhar expressão numérica para deslanchar o debate, embora a cifra em si seja o menos importante.

Robeyns sabe também que se interrogar sobre isso nunca foi tão crucial, com Elon Musk comandando ao mesmo tempo o X-Twitter e a cozinha do governo Donald Trump. "É um coquetel muito perigoso, e estamos vendo agora mesmo nos EUA que, se a riqueza extrema leva a um poder quase absoluto, coisas muito ruins podem acontecer muito rapidamente."

Na entrevista abaixo, a filósofa rebate as objeções mais comuns a suas propostas, como as de que um teto para a riqueza individual é ideia de invejosos que vai sufocar a inovação e a criação de empregos. Ou, então, que a ascensão da direita radical nos Estados Unidos e alhures tem menos a ver com o poder de bilionários como Trump e Musk e mais com progressistas fixados em políticas identitárias, como as questões de gênero ora censuradas pelos ultrarricos a mandar no país mais poderoso do mundo.

"No final, queremos um mundo em que todos possam florescer e viver pacificamente dentro dos limites de ecossistemas planetários sustentáveis —e isso requer mudanças tanto na frente econômica quanto na cultural."

*

Nas últimas décadas ocorreu uma mudança categórica entre os imoralmente ricos (decamilionários) e os indecentemente ricos (decabilionários). Vê alguma diferença aqui? Certamente há diferenças nos riscos ou desvantagens sociais que diferentes níveis de riqueza causam, e isso pode nos forçar a traçar uma linha categórica entre diferentes níveis de riqueza. É bastante plausível que apenas os ultrarricos sejam capazes de comprar plataformas inteiras de mídia social que podem então usar para influenciar a esfera pública, como Elon Musk fez quando comprou o Twitter.

Eles são, certamente, os ricos mais poderosos e, portanto, potencialmente perigosos. Mas não é preciso ser bilionário para influenciar a política: se, em um país democrático, alguém pode doar, por exemplo, US$ 1 milhão (cerca de R$ 5,8 milhões) para um partido político, isso faz diferença no acesso que tem a esse partido, e haverá pressão por mudanças legais que o beneficiem.

E mesmo em níveis mais baixos de concentração há razões para traçar uma linha. Por exemplo, o nível de riqueza em que não se pode realmente melhorar a qualidade de vida, exceto por meros bens de status, é um nível muito mais baixo —riqueza acima desse nível é "desperdício" para essa pessoa.

Uma pesquisa na Holanda em 2018 sugeriu que esse nível pode ser em torno de 1 milhão de euros (R$ 6 milhões) por pessoa no contexto holandês, com vários bens públicos e um Estado de Bem-estar Social, incluindo aposentadoria básica para todos.

É claro que, se alguém tivesse, digamos, 2 milhões de euros, seria improvável que conseguisse influenciar a política sozinho. Mas ainda seria uma quantidade de riqueza desperdiçada, dadas todas as necessidades urgentes não atendidas no mundo.

E também argumentei no livro que seria moralmente imerecido, já que sorte e fatores externos desempenham um papel tão grande na criação de fortunas.

O alcance da interferência na democracia mudou em nível e qualidade com o poder das plataformas de mídia social —basta olhar para a influência de Elon Musk, Mark Zuckerberg e Jeff Bezos na eleição e no governo de Donald Trump. Entramos em uma era de manipulação exponencial, muito além do poder ao alcance de Rupert Murdoch no passado recente? A análise no meu livro "Limitarianism" foi principalmente sobre qual poder desproporcional seria criado pela riqueza nas mãos de uma pessoa. Mas agora vemos dois efeitos adicionais. Primeiro, o poder adicional que se cria se os ultrarricos trabalharem juntos para assumir o controle absoluto da esfera política.

Segundo, ainda que eles tenham o mesmo nível de riqueza expresso em termos monetários, nem todos os ultrarricos são igualmente poderosos. Aqueles com plataformas de mídia social ou mídia tradicional (como Bezos, dono do jornal Washington Post) têm riqueza que decorre do tipo específico de negócios que eles possuem.

Continua na pág. B11

Eufrázio



O bilionário Elon Musk na cerimônia de posse de Donald Trump à Presidência dos EUA, na rotunda do Capitólio em Washington
Chip Somodevilla-20.jan.25/Pool/AFP

Continuação da pág. B10

É um coquetel muito perigoso, e estamos vendo agora mesmo nos EUA que, se a riqueza extrema leva a um poder quase absoluto, coisas muito ruins podem acontecer muito rapidamente. A democracia sempre foi frágil, precisa de defesa, e parece que aqueles interessados em destruí-la estão na dianteira agora.

Como alcançar a mudança cultural e ética necessária quando a formação de mentalidades ocorre em circuitos não mais governados pelo valor de evidências, fatos e argumentos racionais, mas sim pela estridência da opinião e seu sucesso em apelar às emoções? Por que escrever livros quando a viralização de memes e vídeos prevalece? Acredito fortemente que precisamos de algo como um ecossistema de argumentos e ações para resistir a danos e ao mal e tentar tornar o mundo um lugar melhor para todos. Um livro sozinho claramente não será suficiente —mas muitos livros foram escritos que destacam algum aspecto de como a concentração maciça de riqueza e a crescente desigualdade são ruins para as pessoas, as sociedades, as democracias e o planeta.

Também certamente não é verdade que um livro não possa fazer a diferença. Para dar um exemplo concreto: na semana passada uma multinacional holandesa decidiu doar 30% de suas ações para uma organização sem fins lucrativos, na qual os dividendos das ações serão usados para atender necessidades sociais urgentes. Eles mencionaram na entrevista ao jornal holandês que também são inspirados pelo limitarianismo.

Da mesma forma, o grupo ativista Milionários Patrióticos está agora fazendo campanha pela ideia de uma linha de riqueza extrema. Acho que o limitarianismo precisará de algum tempo para encontrar seu caminho no discurso convencional, porque ouvimos há meio século que a ganância é boa e que o céu é o limite. Mas vejo alguns sinais muito encorajadores de como a ideia do limitarianismo, e os argumentos a seu favor, estão se espalhando.

Há quem culpe a esquerda por desencadear retrocessos políticos ao insistir na visão identitária da sociedade, gerando um suposto excesso de poder cultural, baseado em cancelamentos e não em riqueza. No Brasil, há pobres de direita que defendem a ideologia neoliberal com ainda maior virulência. Vê necessidade de mudar o foco do pensamento progressista? O pensamento progressista deve se concentrar tanto em questões culturais e identitárias quanto em questões econômicas. Não acho que algumas sejam anteriores ou mais importantes que as outras.

Tome a existência de pessoas não binárias. A ciência nos mostrou que há muito mais variedade na espécie humana do que simplesmente homens ou mulheres heterossexuais. Não tornaremos o mundo seguro para gays, não binários ou trans insistindo que todos os eixos de injustiça são econômicos.

Mas vemos que os oligarcas estão atacando as pessoas trans, o feminismo, o movimento Black Lives Matter e outros grupos que lutam por justiça social, porque querem desviar a atenção das grandes injustiças que existem em nossos sistemas econômicos. Os progressistas devem permanecer alertas e fazer a análise das injustiças culturais e econômicas.

No final, queremos um mundo em que todos possam florescer e viver pacificamente dentro dos limites de ecossistemas planetários sustentáveis —e isso requer mudanças tanto na frente econômica quanto na cultural.

Ao mencionar numa coluna seu trabalho sobre o limitarianismo, houve muitos comentários negativos nos acusando de invejar os super-ricos. Por que essa é a primeira crítica que vem à mente das pessoas, ricas ou não? Acho que a acusação de inveja é uma reação visceral, uma reação de pessoas que não estão dispostas ou não conseguem analisar os argumentos. Na verdade, é interessante que, à medida que o debate sobre os danos e riscos da concentração extrema de riqueza se tornou muito mais intenso na Europa, não ouvimos mais essa acusação.

O debate mudou para a análise dos argumentos genuínos na base do limitarianismo: que a riqueza extrema é frequentemente contaminada com dinheiro obtido de maneiras ilegítimas (como a escravidão), que ela enfraquece a democracia, que é incompatível com viver dentro dos limites dos ecossistemas do planeta, que não pode ser moralmente merecida, que é um desperdício porque o dinheiro poderia ser alocado de uma maneira muito melhor, em que muito mais necessidades humanas seriam atendidas, e que muitas vezes também não torna os muito ricos mais felizes.

Nada disso tem a ver com inveja. Portanto, devemos ignorar essa acusação, pois é uma estratégia para tentar interromper o debate sobre desigualdade e riscos e danos da concentração extrema de riqueza.

O livro diz que o povo de Davos evita discutir desigualdade, tendo como foco a redução da pobreza por meio da filantropia. Um argumento pró-capitalista amplamente usado é que houve muito progresso material com ele e uma redução na violência durante sua hegemonia, em linha com o que defende Steven Pinker, aliás convidado a falar em Davos neste ano. Seu trabalho pode rivalizar com o dele e o de outros em atrair a atenção dos ricos e poderosos? Um grupo de milionários e bilionários ativistas, liderados pelos Milionários Patrióticos e outros, ofereceu uma carta aos delegados em Davos que afirmava: devemos traçar a linha. Eles estão levando o pensamento limitariano a Davos.

Mas o Fórum Econômico Mundial e sua reunião em Davos são exemplos primordiais do pensamento neoliberal: todas as suas soluções são apolíticas, nunca questionam as desigualdades de poder e nunca perguntam como seriam as estruturas sociais justas. Em vez disso, eles têm uma crença ideológica de que a melhor maneira de abordar os problemas do mundo é aplicar soluções empresariais às questões sociais.

Continua na pág. B12



Ingrid Robeyns, 52
Filósofa belga-holandesa, professora de ética das instituições na Universidade de Utrecht (Holanda). Doutora em economia pela Universidade de Cambridge (Reino Unido), com estudo sobre desigualdade de gênero.

Limitarianism: The Case Against Extreme Wealth
AUTORIA: Ingrid Robeyns. **EDITORA:** Astra House. **QUANTO:** R$ 115,40 (336 págs.); R$ 60,17 (ebook), na Amazon

Eufrázio



Jeff Bezos (à esq.), fundador da Amazon, e Mark Zuckerberg, CEO da Meta, conversam na posse de Trump, em Washington Evelyn Hockstein-20.jan.25/Reuters

Os super-ricos em questão

Continuação da pág. B11

O Fórum Econômico Mundial nunca esteve realmente disposto a abordar o problema da desigualdade econômica ou de estruturas econômicas justas, então não acho que devemos esperar que essa mudança surja desse campo.

Seu livro dá alguns exemplos de pessoas super-ricas que doam parte de suas fortunas, limitam heranças e imploram para ser tributadas, mas elas parecem ser a exceção que confirma a regra. No mundo corporativo real, não há escolha para reduzir a lucratividade, porque empresas que pagam menos dividendos tendem a perder valor de mercado. Nenhum CEO ficaria no comando por muito tempo fazendo isso, certo? Não é verdade que as corporações não têm liberdade para fazer escolhas. Por exemplo, é uma escolha da liderança tentar ter como objetivo um pagamento excessivo e não pagar mais aos seus trabalhadores, e isso já teria um efeito de amortecimento na desigualdade econômica.

Mas também é verdade que é muito mais fácil para uma empresa familiar como a Patagonia decidir doar todos os lucros futuros para boas causas do que uma corporação listada publicamente fazer o mesmo. No entanto, a estrutura legal atual para corporações não é a que tivemos ao longo da história, então também podemos decidir mudá-la. É uma questão de vontade política.

Isso será difícil e exigirá cooperação internacional, então concordo que não acontecerá rápido. Mas o primeiro passo é começar a questionar alguns dogmas que foram tomados como certos ao longo do último meio século. É onde estamos agora.

Além disso, devemos destacar os bons exemplos, como a Patagonia ou o trabalho de Chuck Feeney —que, apesar de ter administrado a empresa que criou sua riqueza de uma forma muito capitalista, fazendo uso de estratégias de evasão fiscal, decidiu doar toda sua fortuna antes de morrer. Se todos os ex-CEOs fizessem isso, não teríamos resolvido todos os nossos problemas, mas, ainda assim, estaríamos vivendo em um mundo muito diferente.

Se tivesse de escolher uma medida de política pública para iniciar a discussão política sobre limitarianismo, por onde começaria? Renda básica universal, por exemplo? Teria de ser uma medida de política que atacasse a evasão tributária, como a existência de paraísos fiscais, ou qualquer coisa que ajudasse a limitar o poder da chamada indústria de defesa da riqueza —advogados, contadores e assim por diante, que constantemente buscam brechas na legislação fiscal para ajudar seus clientes ultrarricos a evitar o pagamento de impostos.

Além disso, acho que deveríamos discutir mais detalhadamente a proposta de Gabriel Zucman de um imposto global de 2% sobre a riqueza dos bilionários. Todos esses são pequenos passos na direção da redução das desigualdades e da contenção dos riscos de riqueza extrema, mas já ajudariam.

> **"É um coquetel muito perigoso, e estamos vendo agora mesmo nos EUA que, se a riqueza extrema leva a um poder quase absoluto, coisas muito ruins podem acontecer muito rapidamente. A democracia sempre foi frágil, precisa de defesa, e parece que aqueles interessados em destruí-la estão na dianteira agora"**

Em muitos países prevalece agora uma rejeição ao papel de liderança do Estado, à globalização, ao multilateralismo, aos direitos das minorias, às reparações históricas pelo colonialismo, à tributação dos ricos e das multinacionais, e à luta contra mudanças climáticas e a desigualdade. Especialmente após o retorno de Trump ao poder, ainda há algum motivo para otimismo com a perspectiva ética oferecida pelo limitarianismo? É duro acreditar que haja motivos para otimismo, mas devemos permanecer esperançosos. Esperar é um verbo: requer que tomemos medidas e lutemos pela boa causa. Portanto, a coisa mais importante é abraçar nosso papel como cidadãos e tentar contribuir com o que é necessário para tornar o mundo um lugar melhor para todos.

Não podemos mais ser complacentes e pensar que, se cumprirmos nossos papéis na esfera econômica, bem como na esfera privada, teremos feito o que precisa ser feito. Há também nosso papel na esfera pública, como cidadãos. Como disse Michelle Obama na campanha presidencial dos EUA: Faça alguma coisa! ←



Virada ética para salvar o mundo

[RESUMO] Filósofa elenca em livro dados objetivos e argumentos éticos para apontar os danos que a acumulação ilimitada de fortuna vem causando ao mundo, como o aumento da desigualdade e o enfraquecimento da democracia

Para a filósofa Ingrid Robeyns, o mundo criado pela hegemonia das doutrinas neoliberais precisa de um freio de arrumação. E o breque na carreira desenfreada da injustiça socioeconômica e da devastação ambiental virá da ética: "Nada pode justificar a desigualdade sem limites", princípio norteador do limitarianismo.

Essa perspectiva revitalizadora da moralidade, contrária ao vale-tudo de Donald Trump, Elon Musk e Javier Milei, materializou-se em sua proposta de limitar patrimônios pessoais a US$ 10 milhões (cerca de R$ 58 milhões). Foi o bastante para a professora de ética de instituições na Universidade de Utrecht (Holanda) ser tachada de invejosa ou, pior, de comunista.

O rótulo simplista objetiva tão somente desfocar o debate. Serve para não enfrentar as 336 páginas de dados e argumentos que ela enfileirou em "Limitarianism: The Case Against Extreme Wealth" (limitarianismo, o argumento contra riqueza extrema), ainda sem edição no Brasil.

Eis um resumo de suas justificativas para estabelecer um teto patrimonial: a riqueza extrema costuma ser contaminada com dinheiro de fontes ilegítimas (escravidão, comércio injusto, evasão fiscal); enfraquece a democracia (excesso de poder dos ricos); é incompatível com limites dos ecossistemas; nunca é merecida; desperdiça recursos que poderiam ser alocados para satisfazer mais necessidades humanas; acima de certo limite, não tem como tornar mais felizes os muito ricos.

A tríade ideológica de desregulamentação, globalização e diminuição de impostos, dominante na economia a partir dos anos 1980, acelerou o uso de recursos naturais até produzir os recordes de calor e desastres da última década. Isso todos podem ver e sentir na própria carne, tornando risível o negacionismo ainda há pouco financiado por grandes grupos capitalistas.

Menos óbvios são os efeitos da crença de que a riqueza acumulada por alguns indivíduos remunera sua inventividade de maneira justa e imprescindível para manter a geração de empregos e renda. Poucos conseguem enxergar que essa produção de riqueza se faz sobre um aumento exponencial da desigualdade.

Ideólogos se fixam na redução da pobreza para fazer apologia do capitalismo atual como melhor dos mundos. Trombeteiam que a parcela da população mundial vivendo em miséria caiu de quase 90% em 1820 para menos de 10% em 2015, segundo as estatísticas Our World in Data.

Robeyns desinfla o otimismo interessado destacando que a linha de miséria por trás da ótica panglossiana é extremamente baixa, para não dizer impiedosa: US$ 1,90 (R$ 11) por pessoa por dia. Ela cita Robert Allen, segundo o qual essa renda corresponderia à qualidade de vida de um escravizado nos EUA do século 19.

Se o limiar de pobreza extrema fosse US$ 10 diários per capita, a proporção de desvalidos subiria para dois terços dos habitantes da Terra. Sim, a miséria pode ter diminuído aqui e ali, conforme o critério usado, mas não a desigualdade (e, em verdade, o grosso da eliminação se deu na China, que não se encaixa no conceito neoliberal de capitalismo).

Outro dado compilado pela filósofa: entre outubro de 2020 e outubro de 2022, para cada dólar pingado a mais para um indivíduo nos 90% da base da sociedade, bilionários amealharam US$ 1,7 milhão cada um. Juntos, os ultrarricos detêm mais recursos que metade da população planetária.

Os ricos grasnam dia e noite contra a carga tributária, secundados por muitos pobres sem noção. A gritaria tem servido para reduzir a pó o princípio da progressividade nos impostos, ou seja, maior taxação dos mais ricos: nos anos 1960 e 1970, havia alíquotas que não raro alcançavam 60% a 80% da renda em países da OCDE, informa Robeyns. Hoje estão abaixo de 50%.

No senso comum, contudo, predomina a noção de que a riqueza acumulada decorre de méritos pessoais e não deve ser tolhida. Ora, não é preciso ler outro filósofo, John Rawls, para perceber que o sucesso de cada gênio empresarial depende de coisas sobre as quais não tem controle, como aptidões inatas e ter nascido numa família com recursos ou numa sociedade com bons sistemas de educação e saúde.

Além disso, como calculou o Nobel de Economia Herbert Simon, citado por Robeyns, 90% da riqueza produzida em países no noroeste da Europa e nos Estados Unidos derivam do que chama de "capital social": instituições coletivas (leia-se: Estado), como as voltadas para tecnologia. Musk não criou a internet, e sim o governo dos EUA; ele só se aproveitou dela para chegar à Casa Branca.

Contra a ficção de que o limitarianismo é movido a inveja, Robeyns traz o exemplo de duas centenas de multimilionários que assinaram carta ao Fórum Econômico Mundial (Davos) em favor de maior taxação dos muito ricos. Por lógico, não poderiam ser motivados por ciúme da riqueza alheia.

Yvon Chouinard, fundador da marca de roupas esportivas Patagonia, decidiu transferir a propriedade de sua empresa para uma organização sem fins lucrativos. Os dividendos passam a ser investidos em ações para combater o aquecimento global e os impactos da mudança do clima sobre os mais pobres.

Um teto para a riqueza, portanto, não precisa necessariamente tomar a forma de um imposto de 100% sobre a riqueza excessiva. Cabe a cada sociedade decidir qual seria esse limite e a maneira de efetivá-lo.

Robeyns, pessoal e eticamente, defende 1 milhão de euros ou dólares como o suficiente para uma vida digna. Mas propôs US$ 10 milhões por lhe parecer politicamente mais propício a destravar a discussão.

Pensando bem, há alguma ingenuidade na ideia. Mas é assim que começa a filosofia, dando um passo atrás, aquém dos limites impostos ao pensamento pelo status quo, para começar a fazer as perguntas que realmente importam. ←

QUADRÃO | Jan Limpens

PEPITA, COMO É BELO ESTE MUNDO!
CRÁBUM!







DOM. Jan Limpens, **João Montanaro**, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte, Leandro Assis e Triscila Oliveira

SUDOKU texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

	1		4		8		2	
				1	3	4	6	
							5	
		2	3			6		
				6				
		7			9	5		
	6							
	9	8	2	5				
	5		7		6		1	

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

5	1	6	4	7	8	9	2	3
8	2	9	5	1	3	4	6	7
4	7	3	6	9	2	1	5	8
9	8	2	3	4	5	6	7	1
1	4	5	8	6	7	3	9	2
6	3	7	1	2	9	5	8	4
7	6	1	9	8	4	2	3	5
3	9	8	2	5	1	7	4	6
2	5	4	7	3	6	8	1	9

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. A Coutinho jornalista e apresentadora / Satélites **2.** A banda rock de "Pescador de Ilusões" / Dudu Nobre, sambista **3.** Conselho Regional de Medicina / O meio de transporte usado pela Air France **4.** O símbolo químico do hólmio / Queixa proferida em altas vozes **5.** Pé-frio **6.** Particularidade, pormenor **7.** Elemento de composição: igual / Sigla da associação que congrega escritores do Brasil **8.** Que tem visão ou compreensão muito limitada **9.** Demonstração excessiva de luxo **10.** Droga alucinógena que pode levar a reação psicótica / O paisagista Marx (1909-1994) **11.** (Fig.) Inércia moral ou intelectual / Meio + meio **12.** A mim / A voz da ovelha **13.** Plantação de mate / Traves, travessão e rede.

VERTICAIS

1. Cortar os chifres / Grande quantidade de projéteis **2.** Pode ser de carreteiro ou de cuxá / (Ingl.) Um estilo de moda, comportamento e cultura jovem **3.** (Mús.) A sigla para jazz after midnight, sessões de improviso / Aceito legalmente como filho **4.** Um automóvel da VW / Cozimento espesso / A liga de basquete profissional dos EUA **5.** Do céu da boca e dos beiços **6.** (Gír. esp.) Vitória por larga margem de pontos / Presente, deste tempo **7.** Aquele que sacrifica uma vítima / Instituto de Geografia **8.** (Bíbl.) Personagem que foi o primeiro homem / Famoso canal de filmes da TV paga / Espécie de jogo em que se usam dados **9.** (Ingl.) Um equipamento de mergulho / (Mús.) Uma alteração das notas.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1					■				
2							■		
3				■					
4			■						
5								■	
6		■							
7	■					■			
8									■
9								■	
10				■					
11							■		
12			■						
13						■			

HORIZONTAIS: 1. Maju, Luas, **2.** O Rappa, DN, **3.** CRM, Avião, **4.** Ho, Clamor, **5.** Azarado, **6.** Detalhe, **7.** Homo, ABL, **8.** Bitolado, **9.** Aparato, **10.** LSD, Burle, **11.** Atonia, Um, **12.** Me, Balido, **13.** Erval, Gol.
VERTICAIS: 1. Mochar, Balame, **2.** Arroz, Hipster, **3.** Jam, Adotado, **4.** Up, Cremor, NBA, **5.** Palatolabial, **6.** Lavada, Atual, **7.** Imolador, IG, **8.** Adão, HBO, Ludo, **9.** Snorkel, Bemol.

Identitarismo no mundo neoliberal

[RESUMO] No livro "O que É Identitarismo?", Douglas Barros insere-se no campo das críticas progressistas ao conceito, sustentando-o como epifenômeno do neoliberalismo, que se aproveita de particularismos irredutíveis de forma a impedir a ação social comum

Por **Francisco Bosco**
Doutor em teoria literária pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e ensaísta.
Autor, entre outros livros, de "O Diálogo Possível: Por uma Reconstrução do Debate Público Brasileiro"

O identitarismo é um dos fenômenos mais relevantes da última década, tanto na dimensão social, quanto na cultural e na política institucional. Mas é também um dos fenômenos mais ambíguos e controversos —a começar pelo fato de que sua própria existência é posta em dúvida por uma parte importante do debate público.

Para certa esquerda progressista, o "identitarismo" não existe. Existe tão somente luta de minorias e, sob as aspas, o que se revela é um espantalho criado por conservadores, esquerdistas retrógrados (os jurássicos e os "esquerdomachos") ou pseudoprogressistas —no fundo, liberais de estratos privilegiados— assustados com uma ameaça de democratização efetiva.

Essa perspectiva, a meu ver, é falsa. O identitarismo existe e não se confunde com a luta por direitos de minorias, que pode ser exercida por métodos e premissas teóricas diferentes. Mas é verdade que as críticas ao identitarismo têm sentidos muito diversos, a depender da perspectiva ideológica de onde partem.

Com efeito, para os conservadores —não para os de boa cepa, minoritários, mas para os de direita radical ou extrema, hoje grande maioria—, identitarismo é mesmo um termo mobilizado para fins reacionários. E há, outrossim, um setor da esquerda para o qual o conceito de classe social deveria seguir tendo centralidade. Para essa esquerda, a política de minorias é constitutivamente divisiva, sobretudo no que diz respeito aos fins eleitorais.

Entretanto, nos últimos anos foram surgindo inúmeros críticos ao identitarismo, em diversos países, que se identificam com os valores fundamentais da esquerda progressista, formando, portanto, uma crítica de esquerda progressista à política identitária na sua forma atual. Esses autores não são, como alguns insistem em dizer —por ignorância ou, mais provavelmente, demagogia—, "homens brancos" (categoria, diga-se, ela mesma identitária, quando mobilizada em sentido essencialista).

Ato Sekyi-Otu, Olúfémi Táíwò, Kwame Appiah, Susan Neiman, Elisabeth Badinter, Elizabeth Roudinesco, Laura Kipnis, Benjamin Zachariah, Asad Haider, Wilson Gomes, Lygia Maria, entre muitos outros, se somam a intelectuais "homens brancos" em críticas indiretas ou, no mais das vezes, diretas ao identitarismo de esquerda. (A crítica ao identitarismo de direita —o nacionalismo, o racismo, o colonialismo— é bem mais antiga, ampla, e reconhecida mesmo entre autores de direita.)

Pois bem, o novo livro do filósofo e psicanalista Douglas Barros, "O que É o Identitarismo?", situa-se nesse campo mais amplo das críticas de esquerda ao identitarismo, mas de maneira incomum. Seu argumento central é que o identitarismo é um epifenômeno do neoliberalismo, um sintoma da nova razão do mundo formulada no pós-guerra, sobretudo por Hayek, e implantada como programa político e ideologia na era Thatcher-Reagan-Friedman.

O livro de Douglas Barros é, parágrafo a parágrafo, denso e culto, mas me parece ser possível resumir ao mínimo o encadeamento desse argumento central. A razão neoliberal postula uma "dessocialização social": ela se opõe ao princípio socializante do comum e afirma, em seu lugar, o imperativo do indivíduo.

Desse modo, "horizontes crescentes de expectativas sociais cedem espaço para horizontes egocentrados". Essa ideologia "será a casa de máquinas de uma ideia que, ao suspender a noção de sociedade em nome do indivíduo e da família, abre caminhos para uma relação identitária mercadologicamente orientada".

Basicamente, portanto, o identitarismo, enquanto regime egoico da identidade projetado no campo social e na política, seria um sintoma da atomização social neoliberal. O argumento a essa altura já está bastante claro, porque, na parte anterior do livro, o autor faz uma crítica magistral do que chama de "delírio" identitário.

Mobilizando filosofia e psicanálise, Barros lembra que o sujeito da modernidade clássica —cartesiano, iluminista— foi descentrado por Freud. Para a psicanálise, a identificação é um movimento constitutivo do ser humano, que, em seu inacabamento fundamental, forma-se por meio do outro.

A identificação é uma abertura ao outro por meio da qual constituímos nosso eu, recorrendo a suportes culturais que nos ajudam a sustentar o vazio originário. Essa dinâmica, entretanto, está sujeita a cair na tentação de um eu plenamente identificado, logo fechado, para o qual a existência do outro é uma ameaça.

Eis o que Douglas Barros chama de "delírio" identitário, e que podemos encontrar em diversas formações —religiosas, políticas, culturais— ao longo da história humana. E que, convém lembrar, tem no racismo colonial seu grande ponto de irradiação na modernidade, sob cujos efeitos ainda vivemos: "O processo de identitarização da diferença se inicia com o colonialismo. É o colonizador europeu o primeiro identitário da história moderna".

Retomando o fio da meada, esse delírio do ego fechado em uma imagem comunitária qualquer ganha condições de ressurgimento com a razão neoliberal e, finalmente, adquire um meio técnico e social propício com o advento das redes sociais e sua lógica da imagem, do narcisismo, do imediato antirreflexivo.

Pensar o identitarismo como um fenômeno diretamente ligado às redes sociais é comum. Pensar a política identitária como tendo alcance limitado e, mais do que isso, impedindo, por meio dos particularismos irredutíveis, "a política no sentido radical da palavra", isto é, uma transformação profunda das estruturas sociais, isso também é comum (é a linha de Asad Haider, o crítico ao identitarismo de quem, a meu ver, Barros mais se aproxima).

Mas pensar que esse alcance limitado ou limitador é não apenas um sintoma como uma espécie de astúcia da razão neoliberal, uma gestão das identidades para canalizar o mal-estar social e controlar as insurgências —isso eu não me lembro de ter lido antes. Note-se, não se trata de afirmar que o capitalismo se apropria da política identitária e faz um jogo de inclusão mínima a fim de preservar a exclusão máxima. Mas de afirmar que essa dinâmica parte de uma gestão do Estado neoliberal, que organiza as identidades de forma a impedir a ação comum.

O novo livro do filósofo e psicanalista Douglas Barros situa-se nesse campo mais amplo das críticas de esquerda ao identitarismo, mas de maneira incomum. Seu argumento central é que o identitarismo é um epifenômeno do neoliberalismo, um sintoma da nova razão do mundo formulada no pós-guerra, sobretudo por Hayek, e implantada como programa político e ideologia na era Thatcher-Reagan-Friedman

Na, repito, hoje vasta bibliografia crítica ao identitarismo, o mais comum é interpretá-lo como tendo um desenvolvimento histórico próprio, no interior dos processos da esquerda. Maio de 68, o coletivo Combahee River, Said e a análise do discurso, o "essencialismo estratégico" de Spivak, a teoria crítica da raça, a análise do biopoder em Foucault etc.

Esses são geralmente alguns dos processos e autores que se considera terem fornecido premissas e métodos do identitarismo (às vezes à revelia das intenções originais dos próprios autores, como defende Yascha Mounk em seu "The identity trap").

O livro de Douglas Barros está alinhado num ponto essencial com as críticas da esquerda progressista ao identitarismo: apesar das boas intenções democratizantes, trata-se de uma atuação baseada em um fechamento da identidade que produz tribalismo e, paradoxalmente, ódio à diferença.

Mas o autor conta uma história em que os processos da esquerda nos últimos 50 anos parecem não ter muita agência (talvez por discordar de que o identitarismo, tal como o entende, é tributário dos autores supracitados —aqui haveria um debate a ser feito). O identitarismo, para Barros, "não é um ato consciente, deste ou daquele movimento social, não se trata de uma escolha", é antes o estado da arte da gestão política e social do neoliberalismo, na era das redes.

Por fim, considero relevante notar que há pouco Brasil na perspectiva do autor. Barros aborda o fenômeno por uma lógica mais global, condizente com a razão totalizante do neoliberalismo. O identitarismo, entretanto, adquire sentidos específicos no Brasil, uma vez que seu tribalismo entra em choque frontal com a autoimagem miscigenada e mestiça que vigorou entre nós durante todo o século 20, com muita força.

A substituição do projeto cultural do "só interessa o que não é meu" pela proposta do "samba é coisa de preto" e outras afins não é problema de pouca monta.

Nem tampouco Douglas Barros desconhece a contradição central que impulsiona essa transformação: "É factível que a identidade nacional, no impulso que organizava e dinamizava a passagem ao capitalismo, tenha suprimido a especificidade do racializado sem superar sua condição, ou seja, apagado a experiência racial sem apagar a racialidade como forma de gestão".

Entretanto, arremata, "como um negativo subjacente à ideia de nação, a racialização permanece organizando os lugares disponíveis na reprodução da vida social e construindo a noção de cidadania democrático-liberal".

Isso, contudo, é o que o livro não é. O que ele é: uma importante contribuição para a compreensão de um tema repleto de mal-entendidos. Especialmente, a meu ver, por sua explicação irretocável do identitarismo enquanto delírio em que o sujeito acredita ter encontrado a sua unidade impossível. ←

O que É Identitarismo?
AUTORIA: Douglas Barros. **EDITORA:** Boitempo. **QUANTO:** R$ 63 (208 págs.)

MULTITELA

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com

Super Bowl, com show de Kendrick Lamar, é destaque na televisão e no streaming

59º Super Bowl

ESPN, Disney+ e Rede TV!, 20h, livre

Os dois melhores times da temporada de futebol americano, Kansas City Chiefs e Philadelphia Eagles, se enfrentam na grande festa da NFL, a final chamada Super Bowl, direto da cidade de Nova Orleans. É a audiência mais alta do ano nos Estados Unidos, todo ano, há meio século. O show do intervalo fica por conta do cantor Kendrick Lamar, recém-premiado com cinco troféus no Grammy, e tem a participação de SZA.

Chiefsaholic

Prime Video, 16 anos

O documentário acompanha a história de um torcedor fanático do Kansas City Chiefs, Xaviar Babudar, o "Chiefsaholic", que ficou conhecido por sua fantasia de lobo e sua presença marcante nas redes sociais. Só quando ele foi preso no ano de 2022, sua vida secreta como assaltante veio a público.

Os Assassinatos de Åre

Netflix, 16 anos

Afastada do trabalho em Estocolmo e abandonada pelo namorado, a policial Hanna Ahlander resolve passar um tempo na casa da irmã na cidade de Åre. Ao saber do sumiço de uma jovem, Hanna não consegue se conter e começa a investigar. Série de suspense sueca.

Invejosa

Netflix, 14 anos

Vicky não sabe se deve se casar com Dani e formar uma família, ou se deve viver um relacionamento com Matías. Tem dias que a vida tranquila não parece mais tão interessante, mas a possibilidade de um novo amor a deixa em pânico. Vicky tem de tomar uma decisão e encarar as consequências. Segunda temporada da comédia argentina.





Peça por Peça

Lojas digitais, 14 anos

Quando foi procurado para realizar um documentário sobre sua vida, Pharrell Williams disse não querer participar de um filme tradicional, mas, sim, contar a sua história de uma forma que libertasse a imaginação do público e que fosse acessível para qualquer idade. Disso surgiu 'Peça por Peça', um documentário autobiográfico dirigido por Morgan Neville e que desafia o gênero. É uma produção totalmente animada com peças do brinquedo Lego. Williams narra a sua trajetória desde a infância vibrante no estado americano de Virgínia, passando pelo primeiro emprego em uma gravadora até seu processo criativo que estabeleceu na música e na moda. Há participações de Kendrick Lamar, Gwen Stefani, Jay-Z, Busta Rhymes, Snoop Dogg e até Justin Timberlake — todas feitas em Lego

Alberto Express

Reserva Imovision, livre

O jovem Alberto vai se tornar pai, mas seguindo uma tradição familiar, deve devolver a seu pai todo o dinheiro gasto com ele desde que nasceu. Se não o fizer, sofre uma maldição. A comédia de 1990 é dirigida por Arthur Joffé.

Domingão com Huck

TV Globo, 17h30, livre

Depois da performance e vitória no Grammy no último domingo, Shakira canta e dança no Rio de Janeiro no Domingão. Sua turnê "Las Mujeres Ya No Lloran" se inicia no dia 11, em São Paulo. O programa ainda tem a nova temporada do quadro "Batalha do Lip Sync", com os apresentadores de outras emissoras Luciana Gimenez e Rodrigo Faro.

Gone

USA, 21h50, 16 anos

Kit Lannigan, uma sobrevivente de um sequestro infantil, se junta ao agente do FBI que a salvou para resolver casos de pessoas desaparecidas. O que o agente Frank Novak, papel de Chris Noth, mais valoriza nela é sua capacidade de decifrar a mente de um sequestrador. Série de drama.

Obra

TV Cultura, 22h, 12 anos

Às vésperas do nascimento de seu primeiro filho, um arquiteto encontra um cemitério clandestino na obra que está prestes a iniciar, e a descoberta desestabiliza sua vida. O drama dirigido por Carlos Graziosi foi filmado em diversos cartões-postais de São Paulo.

Canal Livre

Band, 0h30, livre

O professor Salem Nasser, da Fundação Getúlio Vargas, e o professor Daniel Feldmann, da Universidade Federal de São Paulo, discutem o conflito entre Israel e Palestina, os impactos das declarações do presidente americano Donald Trump sobre a Faixa de Gaza e o cessar-fogo.

CINEMA

'Ainda Estou Aqui' perde a estatueta do Critics Choice Awards para 'Emilia Pérez'

SÃO PAULO "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, não ganhou o Critics Choice de melhor filme em língua estrangeira, perdendo para o francês "Emilia Pérez". Os vencedores do evento, organizado pela maior associação de críticos dos Estados Unidos e do Canadá, foram anunciados nesta sexta, depois da cerimônia ter sido adiada após os incêndios na Califórnia.

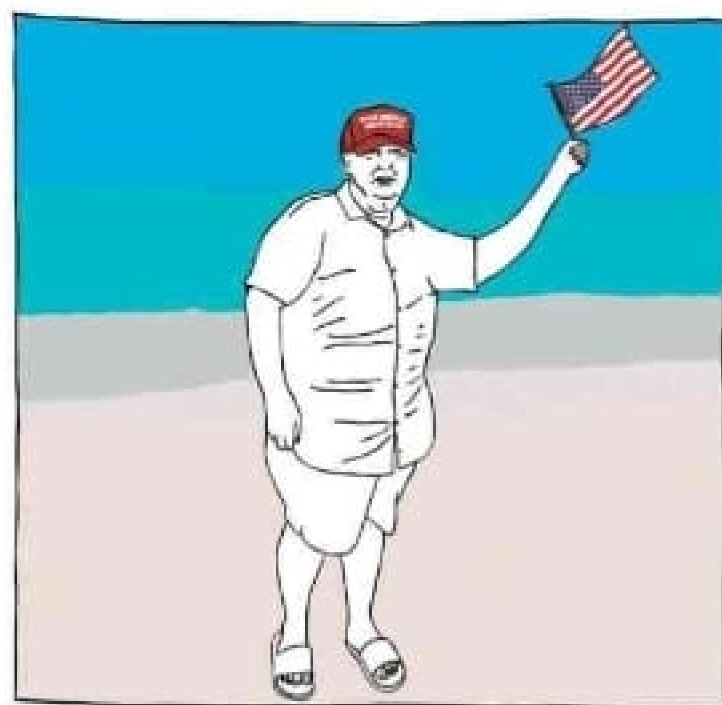
As votações foram encerradas antes das controvérsias envolvendo a atriz Karla Sofía Gascón, protagonista da produção francesa, que teve uma série de publicações preconceituosas expostas nas redes sociais. Ela foi apagada da campanha do filme e não esteve na cerimônia.

"Emilia Pérez" levou ainda o prêmio de melhor atriz coadjuvante, pelo trabalho de Zoe Saldaña, e de melhor canção, por "El Mal". "Anora", de Sean Baker, levou o prêmio principal da noite, de melhor filme. Demi Moore saiu com o prêmio de melhor atriz em "A Substância", enquanto Adrien Brody foi considerado o melhor ator por "O Brutalista".

A brasileira "Senna" concorria a melhor série em língua estrangeira, mas perdeu para "Round 6". "Xógum" e "Hacks" levaram os prêmios de melhor série dramática e de comédia, nesta ordem.



Zoe Saldaña recebe o prêmio de melhor atriz coadjuvante no Critics Choice Awards pelo filme francês 'Emilia Pérez' Mario Anzuoni/Reuters



Luiza Pannunzio

O presidente-agente imobiliário Trump

Americano está ocupado demais com a teoria para lidar com os fatos concretos

Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

A minha tia Alice tem um hábito encantador. Ela propõe uma ideia absurda e, quando alguém reage, ela procede como se o comportamento absurdo fosse o de quem contesta. Funciona assim: "Para mim, quem matou o presidente americano John F. Kennedy foi a cantora Carmen Miranda".

"Como é que isso seria possível, tia, se a Carmen Miranda morreu anos antes do assassinato dele?"

"Eu sei lá!"

O mais fascinante neste "eu sei lá!" é o desdém com que é dito. Significa: "Eu fiz o trabalho pesado, que é formular uma teoria, e logo uma teoria tão sofisticada que nunca ninguém, até hoje, pensou nela. Lancei uma hipótese, que é o primeiro passo do método científico. Estou ocupada com formulações teóricas, atividade a que só as mentes mais dotadas para a abstração costumam se dedicar. E vocês vêm com pormenores comezinhos como incongruências práticas. Eu sou das grandes ideias. Não me aborreçam com os prosaicos fatos concretos."

Donald Trump é como a minha tia Alice. Lançou a ideia de fazer da faixa de Gaza a "riviera" do Oriente Médio.

Donald Trump se limita a lançar propostas de reflexão. Os aspectos práticos ficam para quem, não sendo tão inteligente, não tem alternativa a não ser lidar com a realidade de fato concreta

Até aqui, tudo certo. Quem nunca testemunhou uma tragédia e pensou: "Olha só o cenário paradisíaco desta sangrenta catástrofe. Que lugar magnífico para um Club Med"?

Mas depois alguém teve a ousadia de perguntar: como vai ser construído esse luxuoso resort com vista para o mar sem tropas nem dinheiro dos americanos? Foi então que Trump e a sua administração responderam: "Eu sei lá!".

Trump se limita a lançar propostas de reflexão. E se removêssemos 1,8 milhão de pessoas da sua terra para construir lá um complexo turístico agradável? Os aspectos práticos ficam para quem, não sendo tão inteligente, não tem alternativa a não ser lidar com a mesquinha realidade concreta.

Outro exemplo: durante a campanha, Trump disse repetidamente que acabaria com a guerra na Ucrânia em 24 horas. Como é óbvio, um pelotão de gente limitada começou a olhar para o relógio e a perguntar se havia novidades sobre este assunto.

Elas não compreendem dois pontos essenciais. Primeiro, Trump nunca especificou que período de 24 horas seria esse e quando ligaria o cronômetro. Depois, o mais atento percebe que a solução já existe, tão óbvia que Trump nem precisa a verbalizar. Basta construir um resort de luxo em Donetsk.